KRISHNAMURTI

VIAGEM POR UM MAR DESCONHECIDO

KRISHNAMURTI

ÍNDICE

MADRASTA:
A mutação da mente

Temos numerosas questões para considerar juntos, muitos problemas que nos estão desafiando todos os dias. E, para esse exame em conjunto, certas coisas se tornam obviamente necessárias. Em primeiro lugar, deve estabelecer-se entre nós a comunicação correta e, graças a ela, a correta relação, pois, de contrário, nenhum problema poderá ser examinado racional e equilibradamente. Por conseguinte, cumpre haver cooperação de vossa parte com o orador, a fim de podermos, juntamente, refletir sobre as diferentes questões. Não estais meramente a ouvir o que se está dizendo, porém, na realidade, participando no exame; isso requer intensa cooperação por parte de todos, no mesmo nível e ao mesmo tempo. Só dessa maneira poderá haver entre nós a verdadeira comunicação.

Não sei se já notastes que, em todas as relações, quando ambas as partes se acham intensamente cônscias do problema que se está considerando, estabelece-se uma comunicação que, com efeito, é uma verdadeira comunhão, na qual se transcendem as palavras. Mas, primeiramente, é necessário compreender a palavra, antes de tentar transcendê-la. Igualmente necessário me parece que, de parte a parte, não só ouçamos a palavra, mas também escutemos o conteúdo da palavra, seu significado e importância. Isso, porque uma palavra pode ser interpretada diferentemente, quando a intenção do orador é dar-lhe um sentido especial, um significado diverso.

Assim, deve o ouvinte estar também cônscio da interpreta-

ção que dá à palavra, do preconceito com que considera uma sentença, o respectivo significado. E, também, deve estar naturalmente cônscio de como reage ao que se está dizendo. Tudo isso exige muito trabalho de vossa parte, porquanto estas palestras seriam de todo inanes, pouco significativas, se ficásseis meramente a ouvir o que diz o orador, concordando ou discordando dele e voltando a casa com certos conceitos, que vós mesmo podeis formular, com eles concordando ou deles discordando. Eis, pois, a tarefa que incumbe a cada um de nós: o orador não vai fazer sozinho todo o trabalho, enquanto vos limitareis a ouvi-lo.

Julgo importantíssimo compreender isso, porquanto estamos aqui verdadeiramente interessados em promover uma revolução radical em todas as relações humanas. As relações constituem a essência mesma de nossa existência, não só a exterior, mas também, e muito mais, a interior. E urge efetuar uma mutação radical na estrutura das relações da sociedade em que vivemos — relações entre indivíduos, entre famílias etc. A vida é toda de relações; e enquanto não compreendermos claramente o problema das relações, em nossa vida, em qualquer nível que tentemos viver, a pleno ou fragmentariamente, nos veremos sempre num estado de conflito, confusão e aflição. O que vamos, pois, investigar, juntos, em todas estas palestras, é a maneira de promover uma mutação radical em nossas relações, no sentido econômico, social, político, etc., e também em nossas relações com *nós mesmos*, com as *imagens* que criamos a respeito de nós mesmos e de acordo com as quais estamos vivendo. A menos que haja uma alteração em relação à imagem que cada um tem a respeito de si próprio, da sociedade, dos valores que temos atribuído à vida; a menos que consideremos claramente todos esses problemas, a mera mudança produzida pelo comunismo, pela guerra ou pelas grandes invenções, será muito pouco significativa. Porque a imagem interior que temos de nós mesmos e segundo a qual vivemos, sempre se projetará. Se não ocorrer uma mutação em relação a essa imagem, se ela não for completamente destroçada, nenhuma possibilidade teremos de estabelecer relações corretas e, por conseguinte, uma maneira de vida totalmente diferente da atual.

Mas, para investigar estes problemas, temos também de

compreender que ninguém vai ser persuadido a aceitar alguma coisa, algum conceito ou fórmula. A propaganda é uma coisa terribilíssima, porquanto visa a influir nas pessoas, fazendo-as pensar de determinada maneira; não é isso o que pretendemos aqui. O que queremos é compreender a existência total, a totalidade da vida, e não um mero fragmento dela. Portanto, fica entendido, desde já, que aqui não existe nenhuma autoridade, nenhum desejo de vossa parte ou da parte do orador, de ser persuadido a pensar de maneira diferente ou a desfazer-se de coisas velhas para adotar novas. Pois, quando se vê um fato com toda a clareza — e tal é a finalidade destas reuniões: ver as coisas muito claramente — esse próprio ato de ver é ação.

Ver é agir. Quando não se vê com muita clareza, toda ação se torna naturalmente confusa e, por conseguinte, procuramos outra pessoa para nos ensinar o que devemos fazer. Como não podemos ver por nós mesmos o que cumpre fazer, vê-lo clara e precisamente, a todas as horas, em todos os dias de nossa vida, vamos pedir a outrem que nos ajude a ver claramente. Ninguém pode ajudar outrem a ver claramente: isto deve ficar bem entendido entre o orador e vós. Por conseguinte, vossa responsabilidade, como ouvinte, se torna altamente significativa, porque tendes de descobrir, não um método, porém se é possível mudarmos radicalmente, para vivermos uma vida completamente diferente.

Vamos, pois, amigavelmente, examinar um problema, sem que qualquer de nós procure persuadir quem quer que seja a aceitar ou rejeitar alguma coisa. E, num exame feito em conjunto, ambas as partes devem *escutar*, e esta é que vai ser a dificuldade.

Escutar é uma das coisas mais difíceis. Nós nunca escutamos. Estamos sempre a *escutar* nossos próprios pensamentos, nossas próprias idéias, nossos próprios conceitos, as normas que devem reger nosso comportamento. Estamos interessados em nossas ocupações, nossos problemas, nossas aflições, e temos soluções e explicações próprias ou as explicações e os ditos de outra pessoa, que respeitamos ou tememos — que é a mesma coisa.

O ato de escutar — tal como o de ver — é, com efeito, uma das coisas mais difíceis que há. O ver uma coisa muito

claramente exige-nos toda a atenção — ver uma árvore delineada contra o crepúsculo, ver claramente cada um dos seus ramos, sua beleza, sentir a intensidade da luz que bate na folha, a forma do ramo, do tronco, ver e sentir a totalidade da árvore e sua beleza. Para ver, é preciso estar-se altamente vigilante, atento. Mas, se a mente estiver ocupada, não se poderá ver a árvore em toda a sua excelência; ou, se a mente estiver a interpretar, a dar-lhe uma denominação botânica, estará então distraída. Por conseguinte, não se estará vendo muito claramente. De modo idêntico, não sereis capaz de ouvir, de escutar muito claramente se vossa mente não estiver profundamente interessada, não estiver participando no que se está dizendo, de maneira completa e não parcial. E, não é possível aplicar toda a atenção, quando se diz: "Concordo com *isto* e discordo *daquilo*"; ou quando se compara o que se está dizendo com o que já sabe; ou se traduz o que se ouve segundo a própria experiência, os próprios conhecimentos; ou a "cultura" de que o indivíduo faz parte.

Assim, o homem que escuta deve estar perfeitamente cônscio de tudo o que se diz; e não poderá estar atento se se limitar a ouvir palavras e a opor-se a elas, ou se pretender apenas confirmar sua opinião pessoal. Nós não estamos examinando opiniões; isso é dialética, coisa sem nenhum valor. O que vamos fazer nestas palestras, do começo ao fim, é olhar de frente os fatos — não vosso fato particular, ou o fato do orador. Só há *fatos,* e não vosso fato favorito ou meu fato favorito, que traduzimos conforme nossa fantasia. Vamos ocupar-nos exclusivamente de fatos, com o que realmente *é,* para daí partirmos, penetrarmos profundamente. Mas, se não virdes o fato como fato, não teremos possibilidade de prosseguir juntos.

Agora, feito esse preâmbulo, passemos às questões que pretendemos examinar juntos. Dissemos que se faz necessária, dentro em nós mesmos e em nossas relações, uma grande mudança, porquanto como entes humanos não podemos continuar a viver como estamos vivendo: numa batalha contra nós mesmos. A sociedade é *vós,* e vós sois a sociedade. A estrutura psicológica da sociedade foi criada por cada ente humano, e nessa estrutura psicológica cada ente humano se vê aprisionado. E enquanto o ente humano não quebrar, dentro de si mesmo, completa e total-

mente, essa estrutura psicológica, não será capaz de viver pacificamente, com intensa percepção da realidade. Interessa-nos, pois, promover essa mutação em nós mesmos, como entes humanos (não isoladamente, porém em nossas mútuas relações, as quais constituem a sociedade), porquanto necessitamos de paz. A paz e a liberdade são uma necessidade absoluta, porque nada pode florescer, funcionar plena e completamente, a não ser na paz, e a paz não é possível sem a liberdade. Há milhões de anos que vivemos em conflito, não só interiormente, mas também exteriormente. Nos últimos cinco mil e quinhentos anos travaram-se catorze mil e tantas guerras — quase três guerras em cada ano, durante a história escrita do homem — e aceitamos tal maneira de viver, aceitamos a guerra como norma da vida. Mas, nada pode funcionar ou florescer no ódio, na confusão, no conflito. Como entes humanos, temos de encontrar uma diferente maneira de viver — de viver neste mundo sem conflito interior. Então, esse sentimento interior de paz poderá expressar-se, em ação, na sociedade.

Cumpre, portanto, a cada um averiguar por si próprio se, vivendo em relação com o mundo, como ente humano, é capaz de encontrar aquela paz — não uma paz imaginária, mítica ou mística, fantástica; se é capaz de viver sem nenhuma espécie de conflito interior e de ser totalmente livre, não imaginariamente livre, num certo mundo místico, porém realmente livre, interiormente — pois então esse estado se expressará exteriormente, em todas as suas relações. Eis as duas questões principais.

Cumpre-nos descobrir se o homem — vós e eu — tem possibilidade de viver e atuar neste mundo de maneira diferente, sem conflito de espécie alguma, tornando-se, assim, capaz de criar uma estrutura social não baseada na violência. Neste país pregou-se a "não violência" durante trinta, quarenta anos, ou mais, e todos vós aceitastes esse "ideal da não violência", e incessantemente repetíveis essa frase. Durante milhares de anos vos disseram que não deveis matar. De repente, da noite para o dia, tudo isso desapareceu. Isso é um fato, e não uma opinião minha. E é bem estranhável que não hajam aparecido indivíduos capazes de dizer: "Não quero matar" — e dispostos a enfrentar as conseqüências. Tudo isso — isto é, viver "verbalmente", aceitar facilmente ideais e com igual facilidade abandoná-los —

denota uma mente sem nenhuma seriedade, nenhuma gravidade, uma mente leviana e não uma mente interessada a sério nos problemas mundiais.

Um dos principais problemas do mundo é a guerra — não importa se ofensiva ou defensiva. Enquanto existirem Estados soberanos, nacionalidades separadas, governos separados, com seus exércitos, fronteiras, nacionalismos, tem de haver guerra. Serão sempre inevitáveis as guerras, enquanto o homem estiver vivendo entre as fronteiras de uma ideologia. Enquanto o homem existir dentro dos limites do nacionalismo, dentro dos limites religiosos ou dos limites dos dogmas — cristão, hinduísta, budista ou maometano — haverá guerras. Porque esses dogmas, essas nacionalidades, essas religiões separam os homens. E, escutando o que se está dizendo, naturalmente direis: "Que posso eu, como ente humano, fazer quando minha pátria me chama às armas?". Tendes de ir para a luta, inevitavelmente. Isso faz parte desta estrutura social, econômica e política. Mas, dessa maneira não se resolve problema algum. Como já disse, houve nos últimos cinco mil e tantos anos quase três guerras em cada ano. Urge, pois, encontrarmos uma diferente maneira de viver — não no céu, porém sobre a terra — uma diferente norma de comportamento, um valor diferente. E isso não será possível se não compreender o problema da paz, que é também o problema da liberdade.

Por conseguinte, a primeira necessidade é de descobrirmos se é possível a cada um de nós, nas suas relações — no lar, no trabalho, em todos os setores da vida — acabar com o conflito. Isso não significa isolar-se, tornar-se monge, refugiar-se num certo recesso da imaginação, da fantasia; significa, sim, viver neste mundo com compreensão do conflito. Porque, enquanto houver conflito de alguma espécie, nossa mente, nosso coração, nosso cérebro, não poderão funcionar com o máximo de eficiência. Só podem funcionar a pleno quando não há atrito, quando há clareza. E só há clareza quando a mente, que é o todo — o organismo físico, as células cerebrais — quando essa totalidade que se chama "mente" se encontra num estado de "não conflito", funcionando sem atrito algum; só então pode haver paz.

E, para compreendermos esse estado, temos de compreender o nosso diário e crescente conflito, a batalha que todos os

dias está a travar-se dentro de nós mesmos e com nossos semelhantes — conflito no emprego, no lar, conflito entre um homem e outro, entre o homem e a mulher; temos de compreender a estrutura psicológica desse conflito, o foco do conflito. Compreender — tal como ver e escutar — é também uma das coisas mais difíceis. Quando se diz "Compreendo", isso, com efeito, significa, não só que se apreendeu o inteiro significado do que se disse, mas também essa própria compreensão é ação. Quer dizer, não compreendeis primeiro e depois agis, porém a compreensão é ação. Não podeis compreender se estais apenas a perceber intelectualmente, verbalmente, o que se está dizendo aqui; se só escutais intelectualmente, isto é, verbalmente, isso decerto não é compreender. Ou, se apenas estais percebendo emocionalmente, sentimentalmente, isso também não é compreensão. Só compreendeis verdadeiramente quando todo o vosso ser compreende, isto é, quando não olhais uma coisa fragmentariamente, ou seja intelectual ou emocionalmente, porém quando a olhais totalmente.

Por conseguinte, a compreensão da natureza do conflito exige, não a compreensão de vosso conflito individual, porém a compreensão do conflito total, vosso conflito como ente humano, esse conflito total, que inclui o nacionalismo, as diferenças de classes, a ambição, a avidez, a inveja, o desejo de posição e prestígio, o desejo de poder, de domínio, o sentimento de medo, de culpa, de ansiedade (que também inclui a morte), a meditação — a totalidade da vida. E, para compreender o todo da vida, não devemos ver e escutar fragmentariamente, porém olhar o vasto mapa da vida. Uma de nossas dificuldades é que funcionamos fragmentariamente, cada um numa só seção ou parte — como engenheiro, artista, cientista, negociante, advogado, físico — como entidade dividida, fragmentária. E cada fragmento está em guerra com outro fragmento, desprezando-o ou sentindo-se superior a ele.

Sendo assim, a questão, é: Como olhar a vida em sua totalidade, e não fragmentariamente? Está claro? Quando olhamos a totalidade da vida — não como hinduísta, muçulmano, comunista, socialista, católico, professor ou indivíduo religioso; quando vemos esse extraordinário movimento da vida, que abarca todas as coisas — a morte, o sofrimento, a aflição, a confusão, a total

ausência de amor, e a imagem do prazer que há séculos nutrimos e que dita nossos valores e atividades — quando olhamos essa vastidão, globalmente, totalmente, então nossa reação a essa totalidade é completamente diferente. Essa reação é que produzirá uma revolução em nós mesmos. Essa revolução é absolutamente necessária. Os entes humanos não podem continuar a viver como têm vivido, a matar-se e odiar-se reciprocamente, a dividir-se em nações, em atividades triviais, estreitas, individualistas, porque por esse caminho o que se encontra é mais aflição, mais confusão e mais sofrimento.

É possível ver-se a totalidade da vida, a qual semelha um rio, a rolar infinitamente, sem descanso, cheio de beleza, impelido pelo enorme volume de suas águas? Pode-se ver totalmente essa vida? Pois só vendo totalmente uma coisa, a compreendemos; mas não podemos vê-la totalmente, completamente, se há alguma atividade egocêntrica a guiar, a moldar a nossa ação e os nossos pensamentos. É a imagem egocêntrica que se identifica com a família, com a nação, com conclusões ideológicas, com partidos — políticos ou religiosos. É esse centro que, dizendo-se em busca de Deus, da Verdade, impede a compreensão do todo. da vida. E o compreender esse centro, tal como realmente é, necessita uma mente que não esteja repleta de conceitos e conclusões. Devo conhecer realmente, e não teoricamente, o que sou. O que penso, o que sinto, minhas ambições, minha avidez, inveja, meu desejo de sucesso, de preeminência, de posição, prestígio, ganho, minhas aflições — tudo isso constitui o que eu sou. Posso pensar que sou Deus, que sou "outra coisa', mas isso faz ainda parte do pensamento, parte da imagem que se "projeta" através do pensamento. Assim, a menos que se compreenda essa coisa, não segundo Sankara, Buda ou outro mais, a menos que vejais o que realmente sois, em cada dia — vossa maneira de falar, de sentir, de reagir, não só consciente, mas também inconscientemente — a menos que seja lançada essa base, que possibilidade tereis de ir muito longe? Podeis ir longe, mas isso será imaginação, fantasia, ilusão, e sereis um hipócrita.

Esta base vós tendes de lançar: Compreender o que sois. Mas só sereis capaz de compreender o que sois pela auto-observação, não tentando corrigir ou moldar o que observais, não dizendo que *isto* é certo ou errado, porém vendo o que de fato se

passa. Isso não significa tornar-se mais egocêntrico. Pelo contrário, uma pessoa só se torna egocêntrica quando está a corrigir o que vê, a traduzi-lo de acordo com seus gostos e aversões. Mas, quando simplesmente se observa, não há fortalecimento do *centro*.

E o ver a totalidade da vida requer grande afeição. Estamonos tornando entes insensíveis, e pode-se ver porquê. Num país superpovoado, num país interior e exteriormente pobre, num país que sempre viveu de idéias e não de realidades, que sempre venerou o passado e sempre seguiu a autoridade radicada no passado — num tal país, naturalmente, os entes humanos são indiferentes aos fatos reais. Se observardes a vós mesmo, vereis o pouco que tendes de afeição, da afeição que é zelo. Afeição significa percepção da beleza e não unicamente da "decoração" exterior. Mas, a percepção da beleza só pode existir quando há brandura, consideração, zelo — a essência mesma da afeição. E, se está seca essa fonte, nosso coração também seca e, por conseguinte, tratamos de enchê-lo com palavras, idéias, citações; e, tornando-nos cônscios dessa confusão, tentamos ressuscitar o passado, cultuamos a tradição: retrocedemos. Não sabendo clarificar a confusão da presente existência, dizemos "Voltemos atrás, volvamos ao passado, vivamos em conformidade com uma certa coisa morta". Eis porque, quando nos vemos frente a frente com o presente, nos refugiamos no passado ou numa certa ideologia ou utopia, e, estando vazio o nosso coração, tratamos de enchê-lo de palavras, imagens, fórmulas e *slogans*. Observai-vos, e sabereis de tudo isso.

Assim, para se promover, natural e livremente, essa mutação. Mas nós não desejamos prestar atenção, porque temos medo do que possa acontecer se realmente começarmos a pensar nos fatos reais, diários, de nossa vida. E, porque temos medo de examiná-los a sério, preferimos viver como cegos, sufocados, aflitos, desditosos, triviais. Por conseguinte, nossas vidas se tornam vazias, sem significação. E, sendo a vida sem significação, tratamos de inventar uma significação para ela. Mas a vida *não tem* significação. A vida é para ser vivida, pois nesse próprio viver é que se descobre a realidade, a verdade, a beleza da vida. Para descobrir a verdade, a beleza da vida, é necessário com-

preender o seu movimento total. E, para compreender esse movimento total, temos de cessar todo o nosso pensar fragmentário e nossas maneiras de vida; tendes de deixar de ser hinduísta, não apenas no título, porém interiormente; tendes de deixar de ser muçulmano, budista ou católico, abandonar todos os vossos dogmas, porque essas coisas estão separando os entes humanos, dividindo vossa própria mente e coração.

E — fato estranho — após terdes escutado uma hora inteira o que se esteve dizendo, voltareis a casa para repetir o mesmo padrão. E a repeti-lo continuareis, infinitamente, esse padrão que se baseia essencialmente no prazer.

Tendes, pois, de examinar vossa própria vida, voluntariamente, e não por influência do governo ou de alguém. Tendes de examiná-la voluntariamente, sem dizer que *isto* está certo ou que *isto* está errado: tendes de *olhá-la!* E se olhardes dessa maneira, vereis que o fareis com olhos cheios de afeição; não com condenação, com julgamento, porém com zelo e, por conseguinte, com imensa afeição. Só quando há grande afeição e amor pode-se ver o movimento total da vida.

22 de dezembro de 1965.

MADRASTA:
Viver em nova dimensão

CONTINUEMOS com o assunto que estávamos considerando outro dia. Dissemos então: O homem, em sua história escrita, já sustentou guerras sem conta e, nem no exterior, nem em seu interior o homem ainda encontrou a paz. Nesta ou naquela parte do mundo está sempre a travar-se uma guerra, entes humanos estão a assassinar-se mutuamente, em nome de nacionalidades, etc. E aceitamos a guerra como a norma da vida, tanto exterior como anteriormente. O conflito interno é muito mais complexo do que o conflito externo. E o homem ainda não foi capaz de resolver esse problema. Há séculos as religiões vêm pregando a paz — não matar! — entretanto nenhuma delas pôs cobro à guerra! Como entes humanos — não como indivíduos — não temos enfrentado esse problema e precisamos ver se não há possibilidade de resolvê-lo totalmente.

Considero necessário diferençar entre o indivíduo e o ente humano. O indivíduo é "localizado", uma entidade "local", com seus peculiares costumes, hábitos, condições, com seu estreito condicionamento — geográfico, religioso etc. Mas o homem, com seu condicionamento, seus temores, seus dogmas, pertence ao mundo inteiro. Tanto na Índia, como na Rússia, na China ou na América, o homem ainda não foi capaz de resolver esse problema. E trata-se de um problema da maior importância, problema que cada um de nós, como ente humano, tem de resolver.

Para resolver um problema, temos de vê-lo muito claramen-

te. Cumpre haver clareza e observação. Para observar uma coisa, necessita-se de claridade, de luz — artificial ou solar. No exterior, se desejais ver claramente uma folha, necessitais de luz, pois tendes de observá-la visualmente. É relativamente fácil observar objetivamente uma folha, desde que haja luz — artificial ou outra. Mas o ato de observar torna-se muito mais complexo quando nos voltamos para dentro, onde também necessitamos de claridade — se de fato desejamos observar por inteiro o fenômeno humano: o homem com seus pesares, suas dores, suas aflições, seu perpétuo conflito interior: avidez, desespero, frustrações, problemas crescentes, não apenas mecânicos, porém humanos. Aí também necessita-se de claridade, de luz, para ver esse mecanismo em funcionamento no ente humano. E, para observar, não há necessidade de escolha. Quando vedes uma coisa muito claramente, assim como vedes este microfone, ou aquela árvore, ou o vosso vizinho de cadeira, não há necessidade de escolha, nem de conflito. O conflito exterior e interior verifica-se quando não vemos claramente, quando nossos preconceitos, nossas nacionalidades, nossas peculiares tendências, etc., nos vedam a claridade, a luz. Quando há luz, pode-se observar.

A observação e a luz se completam; de contrário, não é possível *ver*. Não se pode apreciar uma árvore, ver-lhe o tronco, de todos os lados, sua natureza, suas curvas, sua beleza e características, a menos que haja luz em abundância. E a observação deve ser atenta. Podemos olhar aquele tronco indiferentemente, e passar adiante. Mas, para observar-lhe os detalhes, temos de olhá-lo atentamente, com carinho, afeição, ternura. Só assim há observação.

Essa observação, na claridade, não exige nenhuma espécie de escolha. Isso precisa ser compreendido muito claramente, porquanto vamos considerar problemas ou questões que exigem detida observação, clara percepção dos detalhes — *ver, escutar*. Em geral, só nos interessamos pelos sintomas — tal a guerra, que é um sintoma.

E pensamos que, examinando, compreendendo a causa, compreendemos os sintomas. Ficamos, assim, perpetuamente, a oscilar entre o sintoma e a causa, sem saber o que fazer em relação à causa; e, mesmo se o sabemos, surgem-nos obstáculos e influências sem conta, que nos impedem a ação.

Nosso problema, portanto, se torna muito simples: para vermos, claramente, necessitamos de muita luz; e essa luz só nasce da observação — quando somos capazes de ver minuciosamente cada movimento de pensamento e de sentimento. Outrossim, para vermos com clareza, não pode haver conflito, nem escolha. Por conseguinte, temos de encontrar uma maneira de viver na qual a guerra — interior e exteriormente — tenha sido completamente abolida. É um fato, um fenômeno bem estranho este, que em nosso país, onde há milênios se prega a paz — não matar, não odiar, ser brando, "não violento" — não tenha aparecido um só indivíduo disposto a defender o que considera correto — não matar — disposto a nadar contra a corrente e, se necessário, a ir para a prisão ou ser fuzilado. Pensai nisso, nesse fato extraordinário, que não houve um só dentre vós que dissesse "Eu não matarei. A guerra é um mal" — não aos ouvidos de outrem, porém em altos brados, mesmo que fosse parar na prisão, fuzilado, morto. Mas, direis: "Que é que isso resolverá?" — Não resolverá nada, mas pelo menos indicará que sabeis comportar-vos, que vossa conduta é ditada pela afeição, pelo amor, e não por uma idéia. Pensai nisso, nas vossas horas de lazer, no por que nada fizestes em prol de uma coisa que sentíeis em vosso coração. Vossas Escrituras, vossa civilização, etc., vos têm preceituado: "Sede brandos, não vos mateis mutuamente!" Isso indica, não é verdade? — que vivemos de idéias e de palavras. Mas a palavra ou a explicação não constitui o fato. O fato é que há conflito no interior e guerra no exterior. Houve quase três guerras por ano, na história da humanidade! A primeira mulher a chorar deve ter esperado que "aquela" fosse a última guerra; entretanto, continuamos a guerrear! Aqui, no sul, sentindo-vos em segurança, podeis dizer: "Eles que lutem, lá no Norte; que lutam no Vietname; os outros que chorem" — contanto que continueis em segurança! — Mas este problema vos concerne também, porque é um problema humano: Como promover uma transformação da mente e do coração do homem?

Como dissemos, este problema, como qualquer outro, nunca será resolvido se não entrarmos num diferente território, numa esfera completamente diversa. Compreendeis? Interiormente, os entes humanos se vêem presos a essa roda de perpétuo sofrimento, conflito, aflição, e sempre tentaram resolver esse proble-

ma em relação ao presente, em relação às condições sociais, ambientes, religiosas. Sempre cuidaram dos sintomas ou trataram de descobrir as causas. Isso significa resistência, e resistir é alimentar o conflito.

Ora, os problemas que tem todo ente humano, com seus sintomas e causas, só serão resolvidos se cada um de nós passar a uma dimensão completamente diferente, a uma investigação de diferente natureza. É isso que pretendemos fazer. Sabemos que há guerras. Sabemos que, enquanto houver governos soberanos, enquanto houver políticos, divisões geográficas, exércitos, nacionalismo, divisões religiosas — muçulmanos, hinduístas etc. — continuareis com vossas guerras, ainda que os computadores vos indiquem que não deveis fazê-las porque já não é lucrativo matar pela pátria. Os computadores, os cérebros eletrônicos irão ditar-vos o que deveis e o que não deveis fazer; mas vossa atividade é bem diferente quando ditada por uma máquina.

Nosso problema, por conseguinte, é este: Pode-se olhar, "viver" e compreender todos esses problemas, de uma esfera completamente diferente, de um diferente campo ou dimensão? Por favor, não tireis conclusões: Deus, Eu interior, Eu superior ou *Atman* — palavras totalmente sem significação! Já as tendes há milhares de anos, todas as vossas Escrituras as mencionam e, entretanto, como ente humano, continuais no conflito e na aflição, continuais num estado de guerra, interior e exteriormente. A guerra interior — competição, avidez, inveja, ganância — está a travar-se perenemente, e tentais resolver esses problemas, esses sintomas, buscando-lhes as causas e esperando eliminá-las, a seu tempo, à maneira comunista, à maneira socialista, à maneira religiosa. Mas o fato é que os entes humanos — com exceção talvez de um ou dois — jamais resolveram o problema do conflito.

Mas, para compreender esse problema, necessitamos de uma mente nova, diferente desta nossa mente desvigorada, morta. A mente sempre se ocupa com os sintomas, crendo que, resolvidos os sintomas, está resolvido o problema. Nós necessitamos de uma mente nova, uma mente capaz de ver. Para ver, a mente necessita de luz, quer dizer, não deve existir, em nenhuma parte dela, consciente ou inconsciente, nenhum resíduo de conflito. Porque o conflito interior é que é a causa da escuridão, e não a

falta de capacidade intelectual para observar. Todos vós tendes muita agudeza para observar: Sabeis quais são as causas da guerra, sabeis quais são as causas de vosso próprio conflito interior, as quais são muito fáceis de observar intelectualmente. Mas a ação não nasce do intelecto. A ação procede de uma dimensão completamente diferente. E nós temos de agir; não podemos continuar como estamos, com nosso nacionalismo, nossas guerras, conflitos, competição, avidez, inveja, aflição. Sabeis que esse estado de coisas existe há séculos e séculos. O computador vai aliviar o homem de todos os labores cansativos, nos escritórios e também na política, irá incumbir-se de todo o trabalho humano nas fábricas. Ficará assim o homem cheio de lazeres. Eis um fato; podeis não vê-lo, presentemente, porém, é uma realidade que se aproxima, como uma vaga tremenda, e tereis de escolher uma maneira de ocupar o vosso tempo.

Dissemos "escolher" — escolher entre diferentes formas de distração, de entretenimento, as quais incluem os fenômenos religiosos — os templos, a missa, a leitura das Escrituras. Tudo isso são formas de entretenimento? Não riais, por favor; estamos tratando de um assunto muito sério. Não há tempo para rir, quando nossa casa está a arder. Mas, simplesmente não queremos pensar no que está acontecendo. E vós tendes de escolher *isto* ou *aquilo*, e no escolher há sempre conflito. Isto é, quando se nos apresentam duas alternativas de ação, a escolha só produz mais conflito. Todavia, se pudésseis ver com toda a clareza o que se passa dentro de vós mesmo — como ente humano pertencente ao mundo inteiro e não apenas a um insignificante país, uma desprezível divisão geográfica ou divisão de classe (brâmane, não brâmane etc.) — se vísseis muito claramente o problema, não haveria escolha nenhuma. A ação livre de escolha não gera conflito.

Mas, para verdes muito claramente, necessitais de luz. Escutai com atenção! Ainda que o façais intelectualmente, já será bom, porque alguma coisa se enraizará em alguma parte. Não se pode ter claridade, quando não se percebe que a palavra, a explicação não é a coisa. A palavra "árvore" não é *a árvore!* Para se ver esse fato (a árvore), a palavra é desnecessária. Aponto-vos uma coisa objetiva; podeis tocá-la, apalpá-la, e vê-la muito claramente. Mas, interiormente, quando penetramos em

nós mesmos, os fatos são muito mais sutis, muito mais difíceis de apreender, de reter; para tanto necessita-se de muito mais clareza. Nasce a clareza quando se começa a perceber que a palavra não é a coisa, que ela produz a reação do pensamento, e o pensamento é reação da memória, da experiência do conhecimento etc.

A claridade, pois, é essencial à observação. Mas a claridade interior deve ser original, e não de empréstimo. Quase todos nós, entes humanos, só temos claridade emprestada, luz emprestada — a luz da tradição, a luz das Escrituras, a luz dos políticos, das influências ambientes, da doutrina comunista etc. — tudo puros ideais, luz artificial, por meio da qual procuramos viver. Por isso, há sempre contradição dentro de nós. Isto é, a idéia é completamente diferente do fato, assim como a palavra "árvore" não constitui a árvore, a palavra "avidez" ou a palavra "sofrimento" não constitui o fato. E, para se observar o fato, a palavra, que produz o pensamento e suas associações, lembranças, experiências, conhecimentos etc., não deve provocar reações. Examinemos esta matéria, para vermos claramente.

Estamos falando a respeito de uma vida completamente livre de conflito; de uma vida sobre esta terra e não no céu nem numa certa utopia; de um viver diário no qual não haja o mais leve sinal ou sombra de conflito. Porque é só na paz que a bondade pode florescer, e não quando estamos em conflito, quando estamos forcejando para ser bons ou cultivando a idéia de "ser bom". Havendo paz, há bondade. Quando há claridade, não há escolha e, por conseguinte, nenhuma ação da vontade. Porque, o que então se vê, vê-se claramente e não há necessidade de escolha ou da vontade. Vontade significa resistência, controle, repressão; e a repressão, o controle e a resistência dependem da escolha. Mas, não existindo escolha, não há nenhum esforço de vontade.

Assim, pode um indivíduo viver, como ente humano, neste mundo, sem nenhuma espécie de conflito, que se torna existente quando há escolha, quando há vontade?

Para se compreender isso, é necessário, em primeiro lugar, compreender, examinar, observar, não só a mente consciente, mas também a mente inconsciente. Estamos mais ou menos familiarizados com a mente consciente, os fatos diários: o que fa-

zemos, o que dizemos, o termos de freqüentar um escritório, dia por dia, nos próximos quarenta anos, tornando a mente cada vez mais embotada, pesada, entorpecida, "burocrática", dando continuidade a uma vida de rotina, uma vida mecânica. Essa consciência superficial, externa, é relativamente fácil de observar e compreender. Mas nós não somos constituídos apenas das camadas exteriores da consciência; nela (na consciência) há uma grande profundidade e, se não a compreendemos e tratamos meramente de estabelecer uma tranqüilidade superficial, não resolvemos o problema. Por conseguinte, cumpre-nos compreender a consciência total do homem; não apenas suas camadas superficiais, mas também as mais profundas.

Pela observação — sem ler os psicólogos, os Freuds, os Jungs e demais filósofos e psicólogos modernos — ficamos sabendo o que é o inconsciente: o resíduo racial, a experiência da raça, as condições sociais, o ambiente, a tradição, a cultura — política, religiosa, educacional — profundamente radicados no inconsciente.

Ora, pode-se olhar, observar o inconsciente, se não há luz? Compreendeis esta pergunta? Para observar, deve haver luz; para observar o inconsciente, necessitais de luz, de claridade. Como podeis ter clareza a respeito de uma coisa que desconheceis? Tendes uma idéia, um mero conceito e não a realidade. Sem a compreensão do inconsciente, o mero ajustamento superficial não traz a liberdade necessária para se viver pacificamente.

Vede, por favor, que não estamos tratando de nenhuma filosofia profunda, porém de uma coisa muito simples. "Consciência" é uma palavra, não? Mas, a palavra não é a coisa. Se observardes, vereis que a palavra "consciência" põe em ação o pensamento, e dizeis então que a consciência é *isto, aquilo, aquilo outro*. Se sois o que se chama uma mentalidade religiosa, direis que existe uma entidade espiritual etc. Se não o sois, direis que a consciência é puramente pensamento condicionado pelo ambiente, e nada mais. — Mas a palavra não é a coisa, tal como a palavra "árvore" não é o fato. Por conseguinte, a consciência, que é palavra, não é o fato. Atentai nisso!

Assim, para terdes clareza, deveis observar o fato, sem a palavra; isso significa observar sem que esteja funcionando o mecanismo do pensamento. Esse mecanismo do pensamento cons-

titui a consciência. Vede, senhores: afirma o orador que matar é uma iniqüidade. Que acontece? O orador fez uma asserção, e a essa asserção "respondeis" conforme o vosso condicionamento, conforme vossas necessidades presentes, conforme as pressões por parte de outros países etc. Por conseguinte, o mecanismo do pensamento está a funcionar por reação e, portanto, não estais vendo o fato: O pensamento está "reagindo". Exato? Isto é muito simples. Temos, pois, que a palavra *não é a coisa*. Consequentemente, a investigação do inconsciente se torna absolutamente desnecessária, sem nenhuma significação, se a palavra não é a coisa e estais, entretanto, observando; o que há então é total. A atenção total é a essência da consciência e a transcende. Isto é, só vos tornais consciente quando há atrito; de outro modo, não há consciência. Quer dizer, quando sois desafiado, "reagis". Se a reação é totalmente adequada ao desafio, não há conflito, não há atrito. Só quando inadequada a reação ao desafio, existe atrito. Esse atrito é que causa, que gera, a consciência.

Tende a bondade de observar-vos interiormente, e vereis que, se encontrasse um meio de evitar a morte (tomo-a para exemplo; falaremos sobre a morte noutra oportunidade), se se encontrasse um meio de vencer a morte — medicamente, cientificamente ou de outra maneira — nunca lhe sentiríeis medo. Não haveria, por conseguinte, conflito entre o viver e o morrer e, assim ficaríeis totalmente inconsciente da morte. Só quando há atrito — medo — gera-se a consciência e dizeis então: "Tenho medo de morrer".

Estamos falando de um estado em que o conflito foi de todo banido da mente — não mediante escolha ou ação da vontade, nem por força de alguma asserção ou aceitação de uma certa doutrina ou compromisso, que determine em vós a ausência de auto-identificação, fazendo-vos pensar que estais vivendo sem conflito — quando em verdade não estais, pois estais ainda a exercer resistência.

Perguntamos, pois, se podemos viver neste mundo, sabendo que não temos possibilidade de resolver os nossos problemas por meio da repressão, da aceitação, da obediência, do ajustamento, da imitação, como o homem vem fazendo há séculos. Temos possibilidade de viver de maneira completamente diferente? Agora, que a vós fazeis esta pergunta e reagis ao desafio,

que respondeis? É óbvio que, se sois deveras inteligente, vossa pronta resposta é: "Não sei". — Podeis também afirmar que isso não é possível, ou responder de acordo com vossa tradição, vossas idéias e, por conseguinte, vossa reação ao desafio é inadequada. Vós tendes de *escutar* a pergunta: É possível viver-se neste mundo, sem ser no isolamento, como monge num mosteiro, porém como ente humano, gozando de perfeita paz, tanto exterior como interiormente, em especial interiormente? Se pudermos viver com tranqüilidade interior, então todas as nossas ações serão pacíficas e, por conseguinte, não haverá guerra.

Assim, para descobrirmos se podemos viver sem conflito, temos primeiro de compreender o que é o conflito — não o sintoma. Entendeis? Pode-se-vos mostrar o sintoma e a causa, mas o conhecimento da causa ou do sintoma não dissolverá o sintoma ou a causa. É óbvio que temos de entrar diretamente em contato com o conflito — coisa que nunca fazemos. Eu me explico:

O homem sempre sofreu, sempre viveu num campo de batalha, por causa de sua atividade egocêntrica: Primeiro EU, depois os outros. Primeiro EU: *meus* interesses, *minha* segurança, *meu* prazer, *meu* sucesso, *minha* posição, *meu* prestígio. Primeiro EU — identificado com a pátria, a família, a doutrina. Por meio da identificação, esperamos dissolver o EU! Conhecemos a causa, que é o *egotismo;* a causa (para dizê-lo brutalmente) é nossa atividade egocêntrica. Conhecemos também o resultado de tal atividade, o que ela produzirá externamente, no mundo: a guerra. A guerra é a expressão final do conflito interior. Há guerra contínua: no mundo dos negócios, no mundo político, no mundo religioso, entre os vários *gurus*, as várias seitas, os vários dogmas. Sabemos disso. A inteligência nos mostra que isso é um fato e, todavia, não vivemos pacificamente!

Está visto, pois, que a paz não pode ser criada pela mera análise da causa ou do sistema. Por conseguinte, temos de penetrar num novo território, numa dimensão diferente..

Pois bem; se quiserdes ingressar agora, junto comigo, numa dimensão diferente, descobrireis por vós mesmo como alcançá-la. Ela não pode ser alcançada intelectualmente, nem emocionalmente, nem verbalmente; tudo isso já tendes feito, tendes exercido o intelecto, tornado vosso cérebro tão penetrante como uma

agulha — mas não resolvestes o problema. Assim, o intelecto, as emoções, a perene leitura do Gita, as absurdas práticas religiosas — nada disso tem impedido o homem de matar o homem. Mata-se, não apenas com baionetas e canhões, mas também com palavras, com atitudes, e quando competis uns com os outros em vossos empregos, quando sois agressivos, brutais, visando unicamente o vosso próprio sucesso. Tudo isso é guerra! Assim, o intelecto, as emoções, as idéias — que são palavras coordenadas — jamais resolveram um só dos vossos problemas. Tendes de descobrir uma diferente maneira de viver, com total ausência de conflito.

Como consegui-lo? Ora, o tempo, a qualquer respeito, é desordem. Se disserdes: "Amanhã *ou* na próxima vida consegui-lo-ei" — isso é completamente sem importância. O homem que sofre não pensa no amanhã ou na próxima vida; quer uma solução. E, se não achais tal solução, ficais vivendo de palavras, de crenças e dogmas, que se tornam vossos meios de fuga! Disso sabemos muito bem.

Como ingressar numa vida nova, *agora* e não amanhã, na qual o passado se desprenda completamente de vós? Sabemos que, quando nos vemos confusos, tratamos de cultuar o passado, de voltar ao passado, ou de cultivar uma utopia, na qual esperamos encontrar a solução! As revoluções econômicas, as revoluções sociais sempre nutriram a idéia dessa utopia que jamais se realizou nem na Rússia nem em parte alguma! Assim, as palavras já nada significam, e tampouco as idéias. A menos que expulseis tudo isso de vossa mente — palavras, idéias, emocionalismos, intelectualismos — não sereis capaz de compreender o que a seguir vamos dizer.

Que acontece quando não ficamos na dependência do futuro? Não há amanhã — exceto o amanhã em que teremos de ir ao escritório, a um encontro marcado etc. Psicologicamente, não existe amanhã. Vou explicar-vos intelectualmente, por miúdo, por que não existe amanhã. O amanhã não é uma realidade porque é uma invenção do pensamento, destinada a dar-nos, psicologicamente, uma certeza de continuidade, assegurar-nos o bem-estar. A realidade é *o agora*, presente viver. Mas não podeis viver *agora* se estais transportando a carga do passado.

Que é, pois, que operará a total mutação da mente? Com-

preendeis, senhor? Já vos mostramos o mapa da vida humana, embora desprezando os detalhes. Tendo-vos mostrado esse mapa, perguntamos: "Precisamos de uma nova mente, uma nova maneira de viver. Como surgirá ela? Como encontrá-la?" — Estais esperando que eu vo-lo diga? Não riais; isto é sério. Estais esperando que este orador vo-lo diga? Se estais, isso criará um novo atrito e, portanto, não ficareis livre de conflito. Mas, se compreenderdes que nem a palavra, nem a emoção, nem o intelecto vos dará solução alguma, que acontece então? Fecham se todas as portas que inventastes — as portas socialistas, comunistas, religiosas, psicológicas. Não há mais saída alguma. Quando sabeis disso, que acontece?

Começa aqui a verdadeira meditação. Entendeis, senhores? Vem à existência uma mente que já não é movida por nenhuma influência externa ou interna, que já não é controlada por nenhuma idéia, nenhum prazer, nenhum dos valores que a mente criou para sua própria guia. Todas essas coisas desapareceram; falharam lamentavelmente e já não têm significação alguma. Assim, se me estais acompanhando, que sucedeu? Nao mais tornareis a dizer: "Pensarei nisso amanhã", "Concordo", "Discordo" — pois dessa maneira não estamos em comunicação. Mas se, com efeito, compreendeis isto muito claramente, que sucede? Surge a luz, a claridade. A claridade, a luz é sempre negativa, pois a própria descrição dela ou a imitação da descrição, é *ação positiva* que veda a luz.

Espero que vós e eu estejamos trabalhando juntos. Que sucede quando escutais — não a palavra, não as vossas reações, não vosso concordar ou discordar de uma opinião? Quando estais *escutando*, estais quieto, aprendendo; vossa mente, todo o vosso ser está alertado, vigilante. Nessa atenção, nesse escutar, encontra-se a claridade.

26 de dezembro de 1965.

MADRASTA:
Existência repetitiva

CONTINUEMOS com o assunto de que estávamos tratando outro dia, ou seja o descobrimento de uma dimensão diferente, de um campo diferente que não pode ser descoberto pela mera atividade intelectual, sentimental ou emocional. Porque, como dissemos, nossa vida atual é (de fato, e não ideologicamente e sem darmos à existência um significado mais amplo e profundo) toda a agonia, confusão, ansiedade, sentimento de culpa, profunda frustração. E, em vista do tédio, da solidão, do medo existente na vida de cada dia, é óbvio que devemos descobrir uma maneira, um estado ou uma existência que não seja de mera repetição, como a atual.

Conforme temos assinalado, a palavra ou a explicação não representa o fato real. O fato é uma coisa, e a explicação, ou a idéia, ou a opinião, ou a filosofia relativa à idéia ou ao fato, é outra coisa. Muito importa compreender isso, porque a maioria de nós está enredada em palavras: 'Deus", "medo", "comunista", "socialista"... Palavras como "morte", "amor" estão "carregadas" de significado. Mas a morte, o amor e o ódio são coisas muito diferentes das respectivas palavras ou definições. E a maioria de nós, feliz ou infelizmente, desenvolveu o intelecto a um tão alto grau, que nos satisfazemos com palavras e explicações ou exposições minuciosas. Mas, com efeito, o que compreendemos são as palavras e suas significações, e não o fato. Temos

pois, de precaver-nos das explicações fáceis e das palavras "carregadas" de significação pela tradição e pelo uso. Porque palavras como "Deus", "cristão", "católico", provocam certas reações e estas reações impedem a compreensão do fato, a compreensão do que realmente *é*. A menos que estejamos cônscios desse processo de reação motivado pelas palavras, estas assumem uma importância tremenda — como, por exemplo, a palavra "hinduísta" ou "muçulmano".

O que vamos considerar nesta tarde exige que encontremos uma maneira de viver nossa vida de cada dia livres da contaminação do passado — sendo "o passado" não só o tempo, mas também, tradição, experiência, conhecimento, memória. Isso não significa que devamos viver com a mente "em branco" ou num estado de amnésia, porém, sim, que devemos compreender o processo "repetitivo", mecânico, de nossa atual existência. Pois nossa vida é, pela maior parte, imitativa. Nosso falar, nossos pensamentos, nossa maneira de vida, nossos atos, a totalidade de nossa consciência, tudo é resultado de imitação. Por favor, não rejeiteis nem aceiteis isto, porém, antes, escutai, a fim de descobrirdes o fato ou a falsidade do que se está dizendo. A menos que se compreenda esse processo altamente complexo da existência "imitativa" que estamos levando, não será possível a liberdade. E, não havendo liberdade, não pode ocorrer, é óbvio, o descobrimento de algo totalmente novo. Talvez muito de vós não tenham sequer pensado nestas coisas. E se pela primeira vez estais pensando nesta questão da imitação, não salteis a conclusões, porém, antes, examinemos juntos o problema.

Porque, como temos dito, a responsabilidade de escutar (se posso empregar a palavra "responsabilidade") pesa sobre vós. O orador poderá transmitir assinalar certos fatos. E "escutar fatos" é um trabalho muito árduo. Porque o *escutar* um fato, o observar um fato, exige que estejamos livres de opiniões; é claro. Se dizeis que não é possível viver sem imitação, já chegastes a uma conclusão e, por conseguinte, não podeis ir mais longe, para indagar se não existe um estado mental totalmente incontaminado pelo tempo. Se aceitais simplesmente a asserção de que tal estado existe, não tereis possibilidade de descobrir o fato por vós mesmo. Torna-se, pois, muito importante a vossa responsabilidade como ouvinte, uma vez que estamos trabalhan-

do juntos. Não estais meramente a escutar o que diz o orador; estamos, todos juntos, participando numa investigação, a fim de descobrimos, por nós mesmos, diretamente, se há ou não a possibilidade de uma mente nova. Uma "mente nova" não é meramente um resultado, uma coisa organizada pelo pensamento, ou seja uma mera idéia, uma conclusão, que procuramos imitar, praticar ou seguir: isso não é uma mente nova.

Conseqüentemente, temos de examinar juntos, passo por passo, o inteiro processo da imitação. Cumpre-nos descobrir se uma mente imitativa, que é o resultado do tempo, se um cérebro cultivado e desenvolvido através de séculos e séculos, através do processo do tempo e da tradição — se essa mente, esse cérebro, tem a possibilidade de quietar-se e de descobrir uma nova mentalidade, um novo espaço. É sobre isto que vamos falar nesta tarde.

Quando empregamos a palavra "imitação", entendemos: seguir, praticar, obedecer, ajustar-se a um padrão; ajustar-nos ao que nos parece correto, e evitar o que nos parece errado. Imitar é seguir, ajustar-se, submeter-se, obedecer à autoridade, à lei, e obedecer à autoridade interior, representada pela memória, a experiência, o conhecimento. Tende a bondade de escutar com a devida atenção; de contrário, cessará a comunicação entre nós.

Comunicação, em relação a estas coisas, significa, com efeito, estar em comunhão: com a natureza, com o pôr-do-sol, com aquela árvore desenhada sobre o fundo luminoso do crepúsculo; estar em comunhão uns com os outros e, em particular, neste momento, em comunhão com o orador, e este em comunhão convosco. Tal só é possível quando olhais (como olhais aquela árvore à luz do sol poente) com atenção, com zelo, com afeição. Não é possível comungar com alguma coisa quando a mente está noutra parte, não está prestando toda a atenção à beleza da luz, da árvore, da flor; quando não está em intimidade com a natureza. Mas a palavra "comunhão" não é o fato, e tampouco o é a descrição do estado de comunhão.

Necessita-se de um sentimento de *urgência*. Porque a casa está em chamas; vê-se, em todo o mundo, tanta aflição, caos, insensibilidade, guerra, indiferença, morticínio; sordidez, miséria, pobreza! Tudo isso está a bradar por uma solução. Não podemos quedar indiferentes; não podemos esconder-nos atrás de fór-

mulas, conceitos, deuses, teorias — que perderam toda a significação, se alguma vez a tiveram...

Assim, para estarmos em comunhão — como estamos agora tentando — precisamos desse sentimento de urgência. Tal sentimento implica intensidade; não, superficialidade, indiferença, porém uma intenção séria: *intensidade*. E deve também haver um certo estado de afinidade, de afeição, zelo. Ao olhardes para aquela árvore, podeis fazê-lo indiferentemente, e isso nada significa. Mas, se o olhardes sem permitir a interferência do pensamento ou das reações, se a olhardes com intensidade, com atenção, dessa atenção nasce o zelo. Então, não só vos deleitais com a árvore, mas também a zelais, lhe dais nutrição, a protegeis para que floresça, para que não seja danificada, destruída. Nosso trabalho aqui implica comunhão e não uma mera troca de hábeis argumentos, ou disputa em torno de opiniões; implica *intensidade*. Só o homem muito sério sabe o que é viver — e não os levianos, nem os que meramente se comprazem em exercer suas profissões.

A comunhão, pois, implica intensidade e o sentimento de zelo que a acompanha: ternura, afeição, amor. É isso que deve existir entre nós. Isso não significa aceitar o que o orador diz: isto não é afeição.

Nós vamos examinar, juntos — com afeição, com zelo, com intensidade.

Necessita-se de paz e de liberdade, neste mundo; não da paz política, nem da liberdade existente em certas democracias: precisamos de estar livres, interiormente, da ansiedade, do medo, do desespero, do incessante conflito, da interminável batalha que se trava dentro de nós mesmos. A menos que se estabeleça essa liberdade e essa paz, não teremos possibilidade de florescer — em bondade, beleza, afeição. O mundo não tem necessidade de mais filósofos, mais religiões organizadas e mais dogmas. O de que o mundo necessita é uma mente toda diferente, uma mente inteiramente livre do medo que em cada dia a atormenta. E nenhuma possibilidade tendes de encontrar com a velha mente essa mente nova. Nenhuma possibilidade tendes de encontrar aquela juvenilidade, se não compreenderdes integralmente o fenômeno da imitação — o qual vamos examinar.

O cérebro, como o sabeis, é resultado do tempo, de cópia

— imitação. A educação, a sociedade, a cultura, forçam o cérebro ao ajustamento. Não é fácil mostrar com palavras de diferença entre "mente" e "cérebro". Citamos essas duas palavras para ver se há diferença entre elas. Mas as palavras não são fatos, e tampouco as definições são fatos. A mente é a coisa que tudo abarca, a totalidade que observa, que existe através do cérebro. Assim, compreendendo-se a natureza do cérebro, da memória, da experiência, do conhecimento, essa compreensão revela-nos também o significado, a natureza da mente. Fizemos a divisão apenas por conveniência. Não se trata de duas coisas diversas, localizadas em diferentes compartimentos, divididas em fragmentos e conservadas coesas, estreitamente ligadas entre si pelos nossos conceitos.

Nossas reações resultam do processo de nosso viver, baseado no aceitar, no seguir, no obedecer à autoridade e ao medo. Tende a bondade de observar vossas próprias reações. Não estais escutando o orador, porém *escutando* o funcionamento de vosso próprio cérebro — suas reações ao que se está dizendo. O que se está dizendo é que o pensamento, reação da memória (que, por sua vez, é experiência, conhecimento) é sempre imitativo e, por conseguinte, não existe pensamento novo. Se aparece um pensamento que reconhecemos como "novo", esse reconhecimento vem do passado e, por conseguinte, trata-se de coisa velha; talvez num nível mais alto, porém sempre do passado. Vê-se, pois, que o pensamento jamais pode ser livre. Como poderia sê-lo, se está ligado à memória? O cérebro eletrônico e a ciência da cibernética, que produz essas máquinas admiráveis, baseiam-se nesse princípio de associação, memória etc.; e é assim que nós também funcionamos! O pensamento, por conseguinte, nunca é original.

Tende a bondade de observar-vos! Não aceiteis o que o orador está dizendo: observai vosso próprio pensar. Se o fizerdes, vereis que não há nada original. O pensamento é o resultado de uma série de imitações, ajustamentos, obediência, aceitação (a que chamamos "conhecimento"); com base nesse cérebro, funcionam o pensamento, as células etc. Considerai um simples exemplo (embora eu não goste de exemplos): Quando vos perguntam "Onde morais?" ou "Qual é o vosso nome?", vossa resposta é imediata; não há intervalo de tempo entre a

pergunta e a resposta, porque a pergunta vos é familiar, e sabeis o vosso nome e endereço. O mecanismo do pensamento funciona com extraordinária rapidez, quando estais bem familiarizado com a pergunta. Mas funciona mais lentamente quando a pergunta é mais complicada. Necessitais então de um certo tempo, de uma pausa entre a pergunta e a resposta. Mas, ao responderdes, vossa resposta baseia-se ainda no conhecimento, que é acumulação de experiência — vossa própria ou da sociedade, da "cultura" etc.

O pensamento, pois, é "repetitivo", nunca livre. E a mente que procura libertar-se por meio do pensamento, do exercício, da imitação, de uma dada forma de disciplina, jamais será livre e, por conseguinte, jamais descobrirá se existe alguma coisa original. Espero estar-me explicando com clareza. Isto é, o todo da consciência (tanto o consciente como o inconsciente, quer deste estejais cônscio quer não) resulta de imitação. Isso é bem evidente. E nós funcionamos dentro desse limitado espaço da consciência humana — que procede também do animal, uma vez que ainda resta muito do animal no ente humano. Dentro desse campo funcionamos. Isso não me parece requerer muita argumentação ou investigação; é um simples fato.

Assim, dentro do campo da consciência, tentamos resolver os nossos problemas — os problemas da guerra, da paz, dos indivíduos e dos entes humanos; os problemas de nossos próprios pesares e sofrimentos, da morte, da aflição, da confusão, do medo e agonia de nossa existência. E, por conseguinte, não parecemos em tempo algum resolver os nossos problemas. Isto é, dizem os cientistas que o homem vive há dois milhões de anos e mais. E o homem sempre lutou; para ele a vida se tornou um campo de batalha, não só exteriormente, mas também interiormente. Entretanto, o homem ainda não logrou ultrapassar as fronteiras do sofrimento, da ansiedade, do medo. Objetivamente, poderá não ter medo de feras, de serpentes etc., mas, em seu interior encontra-se o terror, a tortura.

Através dos séculos, o homem se tornou um ente torturado. Olhai a vós mesmos, por favor! Assim como vos podeis olhar a um espelho, podeis olhar-vos psicologicamente. Vereis então o que se está passando — ansiedades, temores, ambições, competição, avidez, inveja, brutalidade — na vida que estais levando. E o homem ainda não conseguiu resolver este problema da vida.

O que tem feito é fugir da vida — adorando a Deus, adotando dogmas, crenças, ritos, ideologias, fórmulas, o culto dos ancestrais — qualquer coisa, enfim, com que possa evitar sua presente agonia e ansiedade. Tal é o estado em que o homem vive há milhares de anos. Podemos hipnotizar-nos, lendo a Bíblia, o Gita etc. — tudo isso muito infantil. O fato é que nenhum de nós, como ente humano, resolveu este estado de coisas. Só poderemos resolvê-lo se descobrirmos uma mente nova, capaz de atacar e liquidar todos esses problemas.

Ora, para descobrirmos a mente nova, é necessário, não só que compreendamos as reações de nosso velho cérebro, mas também que esse velho cérebro se torne quieto. O velho cérebro deve manter-se ativo, porém quieto. Entendeis isto? Vede, senhor, se desejais descobrir diretamente, por vós mesmo (e não pelo que outro diz), se existe uma realidade, um Deus (a palavra "Deus" não é o fato), o vosso velho cérebro, nutrido numa certa tradição pró ou contra Deus, numa cultura, num ambiente de influências e de propaganda, de asserções sociais, multisseculares — esse velho cérebro deve quietar-se. Porque, do contrário, ele só irá projetar suas próprias imagens, seus próprios conceitos, seus próprios valores. Mas esses valores, esses conceitos, essas crenças resultam do que vos foi ensinado ou de vossas reações a esse ensino, de modo que, inconscientemente, dizeis: "Esta é minha experiência!"

Tendes, pois, de contestar a própria validade da experiência, tanto vossa como de outra pessoa, quem quer que ela seja. Então, pelo duvidar, pelo investigar, indagar, exigir, olhar, escutar atentamente, quietam-se as reações do velho cérebro. Mas ele não fica a dormir, porém muito ativo — e quieto. Essa quietude, ele a alcançou pela observação, pela investigação. Para investigar, observar, necessita-se de luz; essa luz é a vigilância constante.

Não vem a clareza, se não observais, se não escutais, se não examinais todas as vossas reações — o que dizeis, o que sentis, o que pensais. Quando começais a citar os *Upanishads*, a Bíblia, Sankara, Buda, isso são só palavras, palavras ditas por outros, e não representa um descobrimento feito por vós mesmo. Para descobrir se alguma coisa existe além dessa reação imitativa, copiadora, do cérebro, deve este compreender todas as

suas reações às inumeráveis influências que vos cercam — da influência de vossa avó à influência exercida pela imprensa moderna, da influência dos antigos instrutores à dos mais modernos *gurus*. Todos estão influenciando a todos, e cada um deve tornar-se cônscio disso. Só por meio dessa atenta observação, desse escutar, vem a claridade — claridade que traz ao cérebro a paz, a tranqüilidade e, por conseguinte, a atenção.

Estamos, pois, em presença do fato, e não de uma opinião, de uma idéia. Esse fato é que a totalidade de nossa consciência, e não uma simples parte dela, é o resultado de imitação — imitação de Sankara, de Buda, ou de quem quer que seja. Temos de descobrir o fato, a imitação — o ajustar-se, com base na autoridade, produto do medo.

Cumpre, aqui, compreender a autoridade da Lei e bem assim a autoridade que nos é imposta pela experiência, pelo conhecimento, ou pelo desejo de prazer. É claro que temos de obedecer à Lei — manter-nos do lado direito ou do lado esquerdo da estrada (conforme o país em que vivemos), pagar impostos, comprar selos etc. A compra de selos poderá ser um meio de contribuir para a guerra; pagando os vossos impostos, podeis estar patrocinando a guerra! Se sois pacifista, estais perdido. Se sois um ente humano, direis "Não matarei — não por causa de uma certa idéia ou conceito, porém, sim, porque tendes amor no coração; não matareis! Significa isso que não comprareis mais selos, que não pagareis mais impostos? Decerto que não. Deixar de pagar impostos, de comprar selos, deixar de viajar por via férrea e utilizar-se das pernas como meio de locomoção, nada disso resolverá o problema. O que origina o problema da guerra são as divisões nacionalistas, lingüísticas, geográficas; são as diferenças religiosas — vós hinduísta, eu muçulmano, vós com vossos dogmas e limitações, eu com os meus. A menos que transcendamos todas essas coisas, o mero fato de não pagar impostos, de não viajar de trem, não resolverá coisa alguma, não será mais que um mero capricho pessoal — exibicionismo! O que estou dizendo causa-vos um certo desconforto, porque não percebeis o problema inteiro. Vedes a vida fragmentariamente, e com esses fragmentos esperais encontrar uma solução. Mas, por meio de fragmentos não se encontra solução alguma para as agonias da vida.

Chegamos, pois, a um ponto em que vedes que tudo o que fazeis, interiormente, representa um processo de imitação. Naturalmente, tendes de freqüentar o vosso emprego, de cumprir pontualmente os vossos compromissos. Não estamos discorrendo acerca dessas coisas óbvias, como sejam o fator tempo e as atividades que temos de desempenhar. Estamo-nos referindo, sim, ao fato de nos ajustarmos e que tudo o que fazemos interiormente — controlar, reprimir, copiar, seguir — é um processo de imitação e, por conseguinte, a nossa ação se torna "repetitiva". Quer aprazível, quer não, a repetição representa um esforço para vencer o medo. Não sei se estais percebendo bem.

Assim, o que quer que façais, qualquer ação positiva que adotardes para superar a imitação, é ainda imitação. Não é um fato isso? Se dizeis "Quero viver livre de imitação", essa própria declaração indica que não compreendestes a questão, o problema. Se dizeis: "Quero descobrir um meio de libertar-me da imitação", então, nessa busca de um meio diferente, o motivo continua a ser *imitativo,* porquanto desejais fugir da imitação por meio de uma nova espécie de imitação, de um novo hábito. Vede, senhor: Se uma pessoa se disciplina de uma certa maneira, essa disciplina, esse ajustar-se a algum padrão ou norma, se baseia por certo no medo que essa pessoa tem de não fazer o que é correto, de não ser feliz, de não obter o que comer, de não encontrar Deus, etc, etc. Essa disciplina, por conseguinte, se baseia na imitação, e esta origina-se da reação ao medo. Isso é bem evidente. O que quer que se faça, em relação à imitação, é sempre um ato imitativo. Eis um fato; se examinardes bem, vereis que assim é. Que cumpre fazer, então?

Até aqui, viestes seguindo, mesmo verbalmente, intelectualmente, o que se esteve dizendo. Se ultrapassastes a palavra (*não* intelectualmente), apresenta-se-vos este problema: Sabendo que toda a vossa vida, do nascer ao morrer, consiste em ajustar-vos, imitar, obedecer, submeter-vos às leis sociais ou a uma certa idiossincrasia que faz parte de vosso caráter pessoal, sendo disso, percebeis que toda atividade oriunda do pensamento, de uma idéia, uma ideologia, uma fórmula, uma tradição ou alguma sugestão vinda do passado — é imitativa.

Que fazer então? Espero esteja clara esta pergunta. Nosso cérebro diz: "É preciso agir, é preciso fazer alguma coisa, para

resolver este imenso e tão complexo problema". Vossa reação, a reação do cérebro, é agir: pensar, procurar uma solução. Ora, procurar uma solução, fazer alguma coisa em relação ao problema, é o que chamamos "ação positiva". É sempre isso o que fazemos. Se sou medroso, quero encontrar uma maneira de sobrepujar esse estado, e trato, assim, de desenvolver certas características que denomino "coragem", para vencer o medo. É sempre assim que agimos. Quando nos vemos em presença de um problema de qualquer espécie, nossa reação instintiva é fazer alguma coisa em relação a ele, por meio do pensamento, do sentimento ou de uma determinada atividade, a qual é a atividade do velho cérebro. Exato? O velho cérebro é resultado do tempo, da experiência, do conhecimento do passado; por conseguinte, ele é imitativo, e sua reação a um problema será necessariamente imitativa.

Assim, que se deve fazer? Dissemos que a reação do "velho cérebro" é imitativa, que nada do que ele faz constitui uma solução. E a essa reação do passado é que chamamos "a atividade positiva da vida" — a qual só gera mais confusão e mais conflito. Vedes-vos, pois, em presença desta imensa questão: Que o velho cérebro é imitativo e suas reações sempre imitativas; por conseguinte, o pensamento, que inclui o sentimento e as emoções, etc., é também imitativo; dessarte, não se pode encontrar solução alguma por meio do pensamento. O intelecto não é a porta pela qual podemos fugir do passado; tampouco o é o sentimento. Em conseqüência, toda ação positiva tem de cessar de todo; isso significa que o velho cérebro tem de ficar num estado completamente negativo, quer dizer, completamente *quieto*. Estais-me acompanhando? O velho cérebro só pode quietar-se, observando suas atividades à luz de seu próprio percebimento. Entendeis? Vede, senhor: Eu posso ver aquela árvore porque há luz; do contrário, não poderia vê-la. Se há luz — artificial ou solar — posso observar. Se não há, por mais que eu tente observar, nada verei.

Tem, pois, o velho cérebro de ficar quieto, num estado negativo. Percebeis agora o que entendemos por "negativo" e "positivo"? Esse estado negativo, essa quietude, não se torna possível por meio de disciplina, de ajustamento, porém, tão-só, pela observação, por ele mesmo (o velho cérebro), do inteiro pro-

cesso de seu próprio pensar — pelo pôr-se num estado de observação. Estar quieto e observar significa ter luz, pois sem luz não é possível observar nada. Não se trata, pois, de nenhum artifício — de ficar sentado, imóvel, a meditar, a forçar. Todos esses artifícios que se vêm empregando há séculos e séculos, com o nome de "processos de meditação", são inteiramente sem valia. A meditação é coisa inteiramente diferente; se houver tempo, dela trataremos um dia destes. Em presença desse fato formidável, vereis que toda a vossa vida, inclusive vosso *Atman*, vossa alma, vosso Deus, tudo, enfim, é imitativo. Repetis o que se vos ensinou. Ao comunista ensina-se que não existe "essa coisa absurda chamada alma", e ele, portanto, repete: "Não existe essa coisa absurda chamada alma". Ele repete, todos repetem.

Como vemos, o todo da vida, cada canto de nossa consciência é "imitativo", reconhecível. Ora, quando se reconhece uma coisa, ela já é conhecida e, portanto, representa o passado; por conseguinte, é imitativa, e, sendo assim, está ainda dentro da esfera do *conhecido*. Deste modo, quando vos vedes em presença desse imenso problema, a solução dele está na total quietação do cérebro, a qual vem espontaneamente, por meio da observação à luz de seu próprio percebimento. E, conseqüentemente, nessa claridade nasce a mente nova. Só então pode-se descobrir a natureza e a estrutura do que é original — se existe alguma coisa original. Não traduzais isto segundo vossa particular teologia ou conceito pessoal. Porque é necessário acharmos alguma coisa nova, original, não contaminada pelo pensamento. Do contrário, continuaremos a ser uma mera máquina "repetitiva", citando este, seguindo aquele, discutindo "isto", disputando a respeito de palavras pertencendo a "tal" seita ou a "tal" sociedade, e denotando, assim, uma absoluta falta de madureza.

Cabe-nos também encontrar uma nova maneira de viver — o que não significa pôr-nos a dormir, ou fugir para os mosteiros ou as montanhas, ou fazer coisa semelhante, igualmente imatura. Mas só é possível encontrar-se, agora, uma maneira de viver isenta de conflito, se a mente libertar-se de seu presente conflito, que é essencialmente o conflito da imitação. Vereis, então, que o cérebro se torna altamente sensível. Só a mente sensível é vulnerável, permanece quieta e não a mente ou o cérebro que está sempre a reagir em conformidade com seu velho padrão. Só então

pode-se achar a nova maneira de viver. Não vos cabe achá-la, pois sois incapaz de achar o que quer que seja. A idéia de "buscar a Verdade" é de todo em todo absurda. Porque a busca de alguma coisa implica que queremos achá-la, descobri-la. Mas, como descobrir, com uma mente embotada, "repetitiva", uma coisa que não pode ser procurada, que é viva, que se move, que é totalmente nova? Não podeis procurá-la!

Sei que uma das coisas atualmente em voga, na religião, é "a busca da verdade ou Deus". Tendes de lançar ao mar essa palavra sem significação. O que tem significação é descobrir se o cérebro pode tornar-se altamente sensível, quieto, livre. Porque só em liberdade pode-se viver pacificamente neste mundo, e criar um mundo novo, uma nova geração, uma nova humanidade.

29 de dezembro de 1965.

MADRASTA: O tempo

PROSSIGAMOS, se o permitis, com o assunto de que estávamos tratando na última reunião.

Dizíamos quanto era importante que se operasse uma mutação da mente, não uma mera reforma ou melhoramento: uma transformação total. Conforme assinalamos, o homem vive, há muitos e muitos séculos, em sofrimento, aflição, confusão. E não parece o ente humano capaz de encontrar uma saída dessa situação. Vê-se enredado numa teia de circunstâncias por ele próprio criada, e incapacitado de se transformar totalmente. Tornou-se mais ou menos civilizado. A função da maioria das religiões tem sido esta de amansar nele o animal feroz. Entretanto, subsiste ainda muito do animal na maioria de nós. E, em vista de tanta degradação e corrupção — moral, espiritual, ética e também estética — como atualmente existe, torna-se bem óbvia a necessidade de promover, ou, melhor, de nos tornarmos cônscios dos fatores que reclamam uma radical transformação do nosso pensar e sentir.

Essa mutação faz-se necessária, em primeiro lugar, interiormente. Embora quase todas as sociedades e governos se mostrem empenhados em melhorar as circunstâncias exteriores, em tornar a vida um pouco mais confortável — proporcionando mais ali-

mentos, mais roupas, etc, etc. — há muito pouca gente interessada em realizar a revolução interior.

Nesta tarde, pretendemos falar sobre uma mudança que só pode operar-se instantaneamente. Toda mutação é instantânea. Não se pode pensar acerca de tal mudança, rodeá-la de andaimes ou planejá-la cuidadosamente, fase por fase. Já examinamos isso mais ou menos profundamente, da última vez.

Hoje gostaríamos de examinar, junto convosco, a questão do tempo. Mas, antes de fazê-lo, acho necessário considerarmos o que é aprender. Pois tanto vós como eu vamos aprender a respeito do tempo. E, se pudermos compreender o que está implicado nesta questão do tempo, perceberemos talvez que esta questão é inerente à de como operar a transformação.

Para a maioria de nós, aprender é acumular conhecimentos ou uma técnica, ou memorizar certas idéias adquiridas pela experiência ou mediante instrução; tal processo é o que chamamos "aprender": Cultivar a memória e, depois, com a experiência e os conhecimentos acumulados, armazenados, agir. É isso o que geralmente chamamos "aprender". Quer dizer, aprender e depois aplicar o que se aprendeu. Tendo acrescentado e armazenado informações, conhecimentos, experiência, desta base parto para agir; isto é, aprendi e com o conhecimento adquirido funciono.

Mas eu acho que há enorme diferença entre "aprender" e "ter aprendido": a primeira dessas coisas está sempre no presente ativo, e a outra sempre no passado. O processo de aprender se verifica continuamente, infinitamente. Mas, se uma pessoa aprendeu e a isso acrescenta o que está aprendendo, cessa o aprender Examinemos isso um pouco, para que o compreendamos claramente.

O aprender, que é o presente ativo, é *operar, agir*. O operar e o agir estão no aprender. A ação não está separada do aprender. Aprendo ao mesmo tempo que opero, que atuo — e não, "ter aprendido" e atuar. São dois estados completamente diferentes. Isso precisa ser percebido claramente, logo de início, a fim de podermos compreender a questão do tempo. Isto é, uma pessoa aprende uma técnica, estuda-a, guarda-a na memória; e, tendo-a armazenado, cultivado por meio da experiência, do estudo, da memória, a pessoa atua. Essa ação é de todo diferente da ação que nasce no ato de aprender. Atuo *enquanto* aprendo,

e não *depois* de ter aprendido, experimentado. Espero que isto esteja claro. São duas coisas inteiramente diferentes. Uma é mecânica; é a mesma coisa que fazem os computadores, os cérebros eletrônicos. Ao computador fornecem-se os dados necessários, relativos a um dado assunto; e, quando lhe fazem uma pergunta relativa a tal assunto, a máquina dá prontamente a resposta. E o mesmo fazemos nós. Por conseguinte, não há nisso, liberdade.

Começamos, pois, a descobrir que o conhecimento não nos dá liberdade. Só a faculta o aprender. Porque não se trata de um processo mecânico, aprende-se continuamente e, com esse aprender, atua-se seguidamente. Se, pois, está bem claro isto, passamos à questão do tempo.

Servimo-nos do tempo como meio de operar qualquer transformação. Referimo-nos ao tempo psicológico, e não ao tempo marcado pelo relógio. Este é necessário; de contrário, não poderíeis estar aqui, eu não poderia estar aqui; não pegaríeis o ônibus amanhã de manhã, à hora de irdes para o escritório. O tempo cronológico é absolutamente necessário, cria uma certa ordem e eficiência.

Mas, existe tempo psicológico? E que se entende por "tempo" nesse sentido? Sabemos o que significa "ontem", "hoje", "amanhã", segundo o calendário. Tenho de tomar um trem, um ônibus, um avião, num certo dia etc. Isto é bastante simples. Mas, ao falarmos de um tempo existente numa dimensão inteiramente diferente — isso é, do tempo psicológico — existe de fato essa coisa? Se existe, que é ela? Temos de compreender o tempo em relação com o que chamamos "mutação" — essa revolução tremenda, radical. Se não compreendermos, integralmente, a significação do tempo, jamais conseguiremos compreender o significado da mutação.

O tempo cronológico é um fato indubitável. Mas existe outra espécie de tempo? Se existe, como o entendemos? Para investigar esta questão, examiná-la a fundo, temos de considerar uma coisa de todo diferente, a saber: Existe uma divisão, uma separação, uma cisão entre o observador e a coisa observada. Vede, por favor, que isto não é um assunto abstrato e, portanto, não fiqueis a dormir ou num estado vago. Este assunto requer reflexão muito clara de vossa parte, sem concordar, nem dis-

cordar. A mente deveras esclarecida, que deseja descobrir a verdade, não concorda nem discorda: observa, examina, sem basear-se em preconceitos, gostos e aversões. Requer-se, pois, uma mente disposta a pensar a fundo, do começo ao fim. Só uma mente assim é verdadeiramente séria; e só a mente séria descobrirá a resposta — e não aquela que examina filosoficamente a questão do tempo.

Que entendemos, pois, por "tempo", se tal coisa existe? É possível pôr fim ao tempo? Estamos habituados a pensar em termos de gradualidade: Eu mudarei, serei bom, "devo ser", "não devo ser" etc. Tudo isso envolve tempo, ou seja, o futuro. A ação da vontade — "devo", "não devo" — implica tempo, porque há um intervalo entre *o que é* e o que *deveria ser*, e para se alcançar o que *deveria ser* necessita-se de tempo. Cronologicamente, requer-se tempo para irdes daqui a vossa casa. E, do mesmo modo, quando desejais alterar *o que é*, pensais em termos de tempo. O "devo", por conseguinte, implica tempo; isto é, depois de acumular experiência, depois de aprender, atuo. Vamos examinar isto. Talvez não vos esteja bem claro, por enquanto. Se não ficar claro, sinto muito. Esta questão precisa ser explicada com muito cuidado, examinada passo por passo; e vossa mente deve também estar alertada, vigilante, para seguir todas as suas implicações, senão perdereis o seu significado.

Assim, o tempo que conhecemos — o tempo psicológico — implica ação da vontade — "devo", "não devo" — que obviamente significa: movimento de um ponto a outro ponto, uma distância a percorrer no tempo. É assim que se inventa a desculpa do amanhã etc. Por conseguinte, onde há ação da vontade está implicado o tempo. E quando temos o tempo, entram em jogo outros fatores e influências, que modificam o que "deveria ser". A causa, pois, produz o efeito, e o efeito se torna causa. Senhores, permiti-me sugerir que não traduzais o que estais ouvindo em vossa própria terminologia, não traduzais o que estamos dizendo em termos sanscríticos ou de vossa própria língua; porque a vossa linguagem, as vossas palavras sânscritas estão "carregadas" e, por conseguinte, não compreendereis diretamente o que o orador quer dizer. Portanto, não interpreteis por vossas próprias palavras o que se está dizendo; ide-me seguindo, simplesmente, ainda que intelectualmente.

Como dissemos, se não compreendermos a questão do tempo, a mutação perderá seu total significado. Porque, então, estaremos apenas interessados no automelhoramento, — em tornar-nos melhores, mais nobres, mais bondosos (ou menos bondosos), etc, etc. — e isso requer tempo. Vemos, pois, que, se entra em ação o conhecimento como vontade, está envolvido o tempo. E quando entre o agente e a ação figura o tempo, tornam-se existentes outros fatores, de modo que a ação nunca é completa. Pretendo deixar de fazer uma certa coisa — quer dizer, *amanhã* deixarei de fazê-la. Que sucede entre agora e amanhã? Sucede que há um intervalo de tempo, uma demora. Nesse espaço surgem outros fatores, outras pressões, outras tensões. Por conseguinte o que *deveria ser* já está sendo modificado, e minha ação também. E, assim, a ação nunca é completa. Começarei amanhã a fazer uma certa coisa (interiormente): abandonar um hábito, praticar um certo ato, ajustar-me, imitar etc. — e outros fatores, outras pressões, ou tensões, ou circunstâncias intervêm e influem na ação; por conseguinte, entre o que *é* e o que *deveria ser*, a ação se está continuamente modificando e, por conseguinte, nunca se completa.

Então, também, por força do hábito, da tradição, da aquisição de conhecimentos técnicos, costumamos dizer, habituamo-nos a dizer: "Fá-lo-ei noutro dia", "Transformar-me-ei gradualmente". Aí temos, mais uma vez, a idéia da gradualidade, que envolve o tempo, que se torna a condição da modificação. Assim, cumpre investigar mais profundamente o que é o tempo.

Nós conhecemos o tempo cronológico. Vemos o tempo em ação como vontade. Vemos também que a mente — por preguiça, indolência — inventou o tempo, a fim de adiar a ação; temos, pois, a idéia, e a ação. Há a idéia baseada no pensamento organizado, conforme a tradição, o conhecimento, a cultura adquirida; e, em conformidade com essa idéia, temos a ação; aí está implicada a gradualidade. Ora, estamos ainda num nível muito superficial, e cabe-nos penetrar muito mais fundo na questão. Espero ter-me explicado, até aqui, com mais ou menos clareza.

Impede-nos descobrir se existe realmente o tempo. Porque, se pudermos compreendê-lo, se pudermos pôr-lhe fim, temos a ação imediata. A mente, então, o cérebro, já não é indo-

lente, já não é capaz de indolência. Se sei que amanhã morrerei, atuo imediatamente. Tenho, pois, de varrer da mente esta explicação superficial do tempo. Isso temos feito verbalmente. Mas se tratais esta explicação como uma mera explicação, meras palavras, ela não é então um fato. Que sucede, se assim fazeis? Acrescentais, simplesmente, a explicação aos conhecimentos que já possuis e, com base neles, ides agir; por conseguinte, nunca estais livre para aprender.

Existe o tempo? Porque, se não acabamos com o tempo, nunca teremos liberdade, nunca terminará o sofrimento; a vida será sempre uma série de reações contínuas etc. Assim, pode o tempo acabar? Se a mente puder descobrir isso, compreendê-lo, a ação terá então um significado totalmente diverso. Está certo? Senhor, se alguém vier dizer-vos que vossa casa está em chamas, não ficais sentado aqui! Se vos dizem isto, não há amanhã; ficais horrorizado! Cronologicamente, há um amanhã; mas, psicologicamente, não há amanhã. E se não há amanhã, isso representa uma tremenda revolução interior. Então o amor, a ação, a beleza, o espaço, a liberdade, têm um significado totalmente diferente.

Eis, pois, o que vamos descobrir; não ides ouvir e acumular informações dadas pelo orador, com elas concordando ou delas discordando. Ides descobri-lo, passo a passo, cautelosamente. E, então, estareis libertado do tempo. O sentimento não motivado pelo pensamento é todo diferente do sentimento produzido por um estímulo. Atentai nisto. O sentimento relativo ao espaço é completamente diverso da palavra "espaço", em relação com o que pensais, sentis ou sabeis acerca do espaço. Sabeis, senhores, o que é sentir uma coisa, olhar uma coisa? Sentir aquele pôr-do-sol, olhá-lo; e também aquela árvore, com sua folhagem; ver a intensidade daquela beleza, daquela luz maravilhosa! Esse sentir difere muito do mero estímulo que o ocaso vos proporciona; aí, sois dependente: dizeis que aquilo é um belo pôr-do-sol que vos desperta recordações, sentimentos, idéias etc. Mas o contemplar aquela beleza com imenso sentimento, não provocado por estímulo algum, é coisa completamente diferente.

Examinemos, pois, não verbalmente, esta questão do tempo. Para a comunicação, as palavras necessárias; do contrário, não podeis saber o que queremos comunicar. Vós e eu, suponho,

sabemos inglês. As palavras são necessárias, mas a palavra não é a coisa. Aquela luz — se vós não a sentis, não a vedes, a mera palavra "luz" ou "beleza" é inteiramente sem significação. Temos, pois, de penetrar, passo a passo, na questão que pretendemos examinar, ou seja a questão do tempo.

O tempo medido pelo relógio, esse nós sabemos que é um fato. Conhecemos o tempo como vontade — também um fato. Conhecemos, mais, o "processo gradual", quando pensamos: "Isso será feito amanhã" — também tempo. Sabemos ser isso, por igual, um fato. Pois bem; afora isso, que é o tempo? Existe tal coisa — tempo? Para o descobrir — não de maneira puramente teórica, intelectual ou emocional, mas penetrá-lo realmente, é necessário investigar a questão do "observador e coisa observada". Por exemplo, ao olhardes aquele pôr-do-sol, existe o observador e o fato, a coisa observada; há separação entre o observador e a coisa observada. Esta separação é o tempo.

Ora, o observador não é uma entidade permanente. Não digais que o observador já existia antes. Permiti-me prevenir-vos, aqui. Olhai esta questão como se nunca tivésseis lido um só livro sagrado; os livros sagrados, de qualquer maneira, são sem importância. Olhai-a, como se a estivésseis olhando pela primeira vez. Não a traduzais segundo o que disse Sankara ou outro qualquer: que existe o observador, a entidade original — o "observador silencioso"! Pode-se inventar uma porção de palavras e de teorias, mas não o façais, porque assim perdereis inteiramente o ponto essencial.

Quando se observa qualquer coisa — uma árvore, vossa esposa, vossos filhos, vosso vizinho, as estrelas, à noite, a luz brilhando n'água, a ave nos ares, qualquer coisa — há sempre o observador — o censor, o pensador, o experimentador, o que busca — e a coisa que se está observando: observador e coisa observada: pensador e pensamento. Há, portanto, sempre, separação. Essa divisão é que é o tempo. Essa divisão é a mesma essência do conflito. E quando há conflito, há contradição. Há "observador e coisa observada": uma contradição, uma separação. E, conseqüentemente, havendo contradição, há conflito. E, quando há conflito, há sempre a ânsia de transcendê-lo, de vencê-lo, superá-lo, fugir-lhe, de fazer alguma coisa em relação a ele. Toda essa atividade envolve tempo.

Assim, enquanto existe "observador e coisa observada" como duas entidades separadas, há sempre o tempo. Isso não significa que o observador deva identificar-se com a coisa observada; pois também nesse processo de identificação está compreendido o tempo. Se dizeis que credes em Deus — crença, e não a verdade — tratais então de identificar-vos com Ele. Essa identificação exige tempo, muito evidentemente, porque tendes de fazer esforços, renunciar a *isto*, fazer *aquilo*, etc, etc. Ou, cegamente vos identificais, e ides acabar num hospício.

Vamos, pois, que há essa divisão dentro de nós mesmos. E vemos que, enquanto ela existir, o tempo inevitavelmente continuará existente, jamais acabará. E é possível que deixe de existir essa divisão? — isto é, que o observador se torne a coisa observada, "o que busca" se torne a coisa buscada? Não traduzais isso conforme vossa própria terminologia: "o que busca" é Deus, entidade espiritual ou o que mais seja; e, por conseguinte, o pensamento diz: "Eu sou o *Atman*" — ou outra entidade semelhante. Se dizeis tais coisas, estais a enganar-vos, não seguis o caminho do descobrimento; estais meramente alegando ou afirmando uma coisa sem nenhuma validade.

Como poderá (note-se, mais uma vez, que, aqui, "como" não significa método; estamos apenas perguntando) — como poderá terminar esta separação entre o observador e a coisa observada? Enquanto continuar a existir esta divisão, o tempo continuará existente — e tempo é sofrimento. E o homem que desejar compreender como cessará o sofrimento, terá, primeiramente, de compreender isto, terá de descobrir e de transcender essa dualidade entre o pensador e o pensamento, o experimentador e a coisa experimentada. Isto é, quando há separação entre o observador e a coisa observada, o tempo existe e, por conseguinte, o sofrimento jamais cessará. Que cumpre fazer, então? Compreendeis esta pergunta? Vejo que, dentro de mim mesmo, o observador está sempre a observar, a julgar, censurar, aceitar, rejeitar, disciplinar, controlar, moldar. Esse observador, esse pensador é resultado do pensamento, evidentemente. O pensamento vem primeiro, e não o observador, o pensador. Se não houvesse pensamento, não existiria observador, pensador; haveria então, unicamente, atenção completa, total.

Assim, como terminará essa separação entre o pensador e

o pensamento, o observador e a coisa observada? Aqui não podemos depender do tempo. Entendeis? Se pratico certas coisas a fim de anular a separação, isso envolve tempo; estou, pois, a perpetuar, a dar continuidade à separação entre o pensador e o pensamento. Que fazer, pois? Fazei esta pergunta, não verbalmente, porém com um intenso sentimento de urgência. Só sentimos urgência quando sentimos uma coisa muito intensamente; quando vos enraiveceis, quando sentis uma dor física, atuais, porque há "intensidade". Existe o problema do sofrimento — não só do sofrimento individual, mas do sofrimento do homem, que vive há tantos milênios, a sofrer, a ser torturado, sem jamais achar solução. E o encontrar a solução é um problema urgentíssimo. Assim, temos de compreender esta questão muito profundamente; isto significa *escutar* a questão, *escutar* o que se disse.

Sabeis o que é "escutar"? Escutar o rumorejar da brisa entre as folhas, sem nenhuma resistência, sem interpretação, sem distração. Não existe "distração" quando estamos escutando. Quando escutais aquele rumorejar da brisa, estais escutando com toda a atenção e, por conseguinte, o tempo se torna inexistente. Estais escutando; não estais raduzindo, interpretando, concordando ou discordando, não estais dizendo: "Pensarei nisso amanhã". Estais no verdadeiro "estado de escuta"; estais verdadeiramente *empenhado* em escutar (se posso empregar tal palavra), porque sofreis. E, assim, vos aplicais de corpo e alma, com todos os nervos, com tudo o que tendes, a essa escuta.

Pois bem; se estivestes escutando dessa maneira, podemos passar a outro problema que nos ajudará a compreender a separação entre o observador e a coisa observada, e como poderá ela terminar. Nós precisamos de ordem, é preciso haver ordem — não apenas ordem social, mas também ordem exterior, ordem no nosso quarto, ordem na rua, asseio. Sem ordem, não se pode atuar adequadamente. Ordem é virtude, ordem é correção, e sem ela não se pode funcionar com eficiência. Assim, a ordem, tanto social como interior, é essencial. A sociedade e o ente humano não são duas entidades diferentes; quando há ordem no ente humano, tem de haver ordem no exterior. Porque em todos nós existe desordem, existe desordem no exterior. E se cuida-

mos meramente de "remendar" a ordem exterior, a ordem social (que é necessária), isso não resolverá a nossa desordem interior.

Como dissemos, a virtude é ordem, e a virtude, tal como a humildade, não pode ser cultivada. Cultivar a humildade é apenas encobrir a própria vaidade. A humildade é uma coisa que só pode florescer naturalmente. E — sem humildade não há aprender. A ordem, pois, é virtude, e a virtude não pode ser cultivada. Escutai: A virtude que se cultiva, já não é virtude. Não podeis cultivar a virtude — podeis? Podeis cultivar o ódio, a avidez, a inveja, tornar-vos mais cortês, mais gentil, mais afável, mais generoso, mas isso não é amor. O amor nada tem em comum com o tempo, nem com a memória. E essa excelência que chamamos amor é compaixão, a qual inclui a ternura, a bondade, a generosidade etc. Mas, generosidade não é amor, afabilidade não é amor. Assim como não se pode cultivar o amor ou a humildade, não se pode, de modo nenhum, cultivar a virtude. Entretanto, por hábito e tradição, empenhamo-nos em cultivar a virtude — e isso é, meramente, resistir ao fato. O fato é este: Apesar de tudo o que vindes dizendo há séculos, sois violentos. Podeis não esbordoar-vos mutuamente porque temeis ir para a cadeia. Mas sois violentos, porque sois ambiciosos, ávidos, invejosos, e quando vossa pátria é atacada, vos indignais e vos identificais com a pátria e ides matar-vos uns aos outros — sendo isso a violência do animal, inerente a cada um.

Ora, implantar a ordem, em meio à violência, é acabar com a violência, e isso deve acontecer imediatamente e não amanhã. O cessar da violência, ou seja a ordem, não envolve tempo. Compreendei isto, por favor. Se se requer o tempo, que é vontade, que é adiamento, que é gradualidade (livrar-me-ei da violência gradualmente, com a ajuda das idéias, pelo ajustamento etc.), não estais realmente libertado da violência. O libertar-se da violência tem de ser *agora,* e não amanhã.

Assim, há necessidade desse sentimento de virtude, de retidão, o qual nasce quando se compreende a natureza do tempo. Entendeis, senhores? Quando sois bom por temer punição ou desejar recompensa, há então um *motivo;* por conseguinte, isso não é bondade, porém medo. A virtude, pois, é sempre sem motivo. E nessa esfera das relações humanas, i.e., na esfera da virtude, não existe o tempo. Quando amais alguém, que signi-

fica isso? Quando amais uma pessoa, um animal, uma árvore, o céu, o ar livre, qualquer coisa — que significa isso? Decerto não significa ação intelectual, nem reação da memória, porém, sim, que existe uma "intensidade" entre dois indivíduos ou entre dois objetos, intensidade no mesmo nível e ao mesmo tempo; há então uma comunicação não verbal, não intelectual, não sentimental. O amor não é sentimento, o amor não é emoção, o amor não é devoção.

Assim, quando se compreende a natureza do tempo, o que nele se encerra, a virtude é então ordem, a qual é imediata. Quando se compreende esta virtude que é ordem, que é imediata, começa-se então a perceber que a separação entre o observador e a coisa observada é inexistente. Por conseguinte, o tempo cessou. E só então a mente pode conhecer o que é novo.

Vede, senhor, nós só conhecemos o espaço quando há o objeto que o cria em torno de si. Aqui está este microfone; por causa dele há o espaço que o circunda. Prestai atenção, por favor. Há espaço no interior da casa, por causa das quatro paredes, e há espaço do lado de fora, criado pela casa, como objeto. Assim, quando há o espaço criado por um objeto, há tempo.

Existe espaço sem nenhum objeto? Compreendeis esta pergunta? Vós tendes de descobrir isto. É um desafio. Não se trata de reagir ou não reagir, porém, sim, de descobrir. Porque nossa mente é tão trivial e limitada, funciona sempre dentro dos limites de suas atividades egocêntricas. Todas essas atividades estão dentro desse centro e ao redor dele, no espaço que o centro cria dentro e ao redor de si mesmo, como o faz este microfone.

Assim, quando há o espaço criado por um objeto, um pensamento ou uma imagem, esse espaço jamais pode dar-nos a liberdade, porque nele existe sempre o tempo.

O tempo, pois, só cessa, quando há o espaço sem objeto, sem centro, sem o observador e, portanto, sem o objeto. Só então a mente pode conhecer a Beleza. A beleza não é um estimulante; ela não é produzida ou formada pela arquitetura, pela pintura, pelo olhar um pôr-do-sol ou um belo rosto. A beleza é coisa inteiramente diversa; só pode ser compreendida quan-

do já não existe o experimentador e, por conseguinte, deixou de existir a experiência. Ela é como o amor; no momento em que dizeis, verbalmente, ou sentis, que amais, deixais de amar. Porque o amor é então um mero fenômeno mental, um mero sentimento, uma emoção, na qual está presente o ciúme, o ódio, a inveja, a avidez.

Tendes, pois, de compreender a natureza do tempo, não teórica ou intelectualmente, porém de fato, interiormente. Porque, quando se compreende a natureza e estrutura do tempo, a ação é imediata; por conseguinte, o sofrimento cessa — *agora,* e não amanhã. E, para compreender o tempo, tem-se de compreender também o espaço e a Beleza. Há muito pouca beleza neste mundo (o que há é muita decoração), e sem a beleza não há amor.

É necessário, pois, compreender todas estas coisas, e que é só o tempo que nos impede de viver. Se tiverdes penetrado tudo isto, muito profundamente, não verbalmente, porém de fato, enquanto estivemos examinando, falando, vereis que essa "atemporalidade" se torna existente sem ter sido solicitada. Torna-se existente porque estivestes escutando sem nenhuma resistência, nenhum conhecimento e não havia nenhum *vós,* na qualidade de ouvinte, mas tão só, o *escutar.* Então, uma vez detido o tempo, vereis que terá cessado todo sofrimento, conflito e contradição.

2 de janeiro de 1966.

MADRASTA:
A energia e a inércia

CERTO pregador costumava, todas as manhãs, pronunciar sermões aos seus discípulos. Uma certa manhã, ao subir ao púlpito, um passarinho veio pousar no peitoril da janela e começou a cantar. Depois, alçou vôo e foi-se. Então, o instrutor, voltando-se para os discípulos, disse-lhes: "Está concluído o sermão desta manhã", e retirou-se. Como seria bom se pudéssemos fazer a mesma coisa! (*O canto de um pássaro precedeu a palestra de Krishnaji*).

Hoje desejo falar sobre um assunto que me parece bastante importante. E a importância dessa questão reside, não na comunicação verbal porém, antes, em que cada um de nós se torne capaz de descobrir, de examinar e compreender a sua realidade, por si próprio. Todo homem, assim me parece, tende a satisfazer-se com meras explicações, a tomar a palavra pela coisa, e retirar-se com o sentimento de ter adquirido um certo conhecimento, uma certa compreensão. Ninguém pode adquirir compreensão de outrem; porque a compreensão, a verdade relativa a uma questão, só pode ser investigada, examinada e sentida pela própria pessoa. Por conseguinte, a comunicação verbal só tem importância par transmitir-nos um certo significado, levar-nos a uma certa profundidade. Mas cada um tem de examinar, com muita atenção, por si mesmo, o que se está dizendo, nada aceitando nem rejeitando. E, para um exame profundo, neces-

sita-se de uma certa atenção. A atenção parece ser uma das coisas mais difíceis, porque, quando queremos prestar atenção, vemo-nos distraídos — o pensamento interfere e, portanto, resistimos ao pensamento, à distração. Mas, em verdade, não existe, absolutamente, distração. A idéia de que estamos sendo distraídos quando queremos cencentrar-nos, só significa que estamos resistindo ao que chamamos "distração"; mas, efetivamente, não há distração. Sempre que o vosso pensamento começar a divagar, prestai-lhe toda a atenção, não o chameis distração.

Porque a atenção requer muita energia. O prestar toda a atenção a um assunto requer nossa energia total. Senhores, permitis-me rogar-vos que fiqueis escutando, sem tomar notas? Porque, quando uma pessoa está tomando notas, não está *escutando*, não está prestando atenção. Tem-se de prestar atenção *agora*, e não mais tarde, em casa, ao reler as notas. Isto aqui não é uma conferência; o orador não é um professor a dar uma lição, porém, ao contrário, estamos aqui procurando, juntamente, compreender este muito complexo problema do viver. E para compreendê-lo requer-se atenção, é necessária a plena intenção de compreender. E não é possível compreender, escutar atentamente, quando se está a tomar notas. Quando olhais o pôr-do-sol ou uma árvore, ou escutais o canto de um pássaro, isso não é distração. Faz parte da atenção total. Se cuidais meramente de resistir ao barulho que o pássaro está fazendo, para não serdes perturbado, ou se não quereis olhar o ocaso porque desejais prestar grande atenção a certas coisas que se estão dizendo nesse caso estais apenas procurando concentrar-vos e, portanto, resistindo. Mas se, ao contrário, estais escutando o pássaro, observando o pôr-do-sol, ouvindo aquele martelar do outro lado da rua, vendo o brilho de luz na folha, isso decerto faz parte da atenção total, não é uma distração. Para poderdes prestar atenção dessa maneira completa, necessitais de energia. É isto o que vamos considerar nesta tarde.

Energia é força. E pouquíssimos, dentre nós, possuem a energia necessária para promover em si próprios uma transformação radical. Essa força, essa energia, esse impulso, essa paixão, essa intenção profunda — quão poucos a possuem! E para acumularmos essa energia, possuirmos essa energia que inclui

aquela tremenda intensidade, paixão, impulso, força, pensamos ser necessário formar certos hábitos, estabelecer uma certa forma de conduta, de moralidade, uma certa resistência a uma sensação. É-nos bem familiar esse modo de pensar. Já vivemos através de tantas gerações, de tantos milhares de anos, e entretanto ainda não achamos aquela energia que transformará as normas do nosso viver, do nosso pensar e sentir. E, se o permitis, desejo entrar nesta questão porque me parece que necessitamos dessa energia — uma energia de espécie diferente, uma paixão que não seja provocada por estímulo, que não dependa do pensamento, não seja por ele criada.

E, para ser encontrada essa energia, temos de compreender a inércia; compreender, não a maneira de encontrar a energia, porém compreender a inércia que tão ocultamente existe em todos nós. Por inércia entendo "falta de energia intrínseca para agir" (energia inerente a si mesma). Observando-se bem, vê-se que existe em nós uma área de profunda inércia. Não quero dizer indolência, preguiça, que são coisas muito diferentes. Fisicamente, uma pessoa pode sentir preguiça e não estar inerte. Pode estar cansada, "com preguiça", sem disposição — mas isso é muito diferente. A pessoa pode estimular-se à ação, obrigar-se a sair da ociosidade, da indolência. Pode disciplinar-se para se levantar cedo, praticar certos atos regularmente, observar certas práticas, etc, etc. Mas não é a nada disso que nos estamos referindo. Este é um ponto fácil de considerar e de compreender; a ele podemos voltar mais adiante, se houver tempo.

O que nos interessa é a inércia, inerente a todos nós e que tão poucos são capazes de descobrir e, em relação a ela, fazer alguma coisa. Sabemos o que fazer em relação à preguiça, sabemos o que fazer quando nossa mente está embotada. Pode-se aguçá-la, aprimorá-la, estudá-la livremente. Mas não é disso que estamos tratando. Queremos considerar esta questão da inércia, ou seja a falta de energia para atuar, inerente a todos nós e profundamente oculta. Esta inércia é essencialmente resultado do tempo. A inércia resulta de acumulação. E o que se acumula é tempo. Necessita-se do tempo, não só para acumular informações, conhecimentos, experiência, mas também para agir em conformidade com essa experiência, esses conhecimentos e informações.

Temos, pois, esse processo de acumulação, do qual em geral estamos pouco conscientes. Tanto no inconsciente como no consciente esse processo de acumulação está continuamente em vigor. Enquanto estais a ouvir-me, estais a recolher, a aceitar, a acumular. Essa mesma acumulação redundará em inércia. Se observardes com um pouco de atenção, vereis que assim é. Estou aprendendo uma técnica; isso requer tempo — horas, dias, anos: acumulação. E, segundo esse conhecimento, essa técnica, funciono. Mas também um nível mais profundo mantém-se em vigor esse processo de acumulação — de conhecimentos, tradição, de minha própria experiência, ou das coisas que leio etc. Aí também está em ação o processo de acumulação e dele não estou consciente, absolutamente.

Deixai-me pedir-vos não fiqueis meramente a ouvir palavras, mas que experimenteis realmente o que se está dizendo, que abrais a porta, para verdes o desenrolar desse processo.

Vede: Se sois hinduísta, acumulastes consideráveis conhecimentos acerca de Deus, *disto* e *daquilo*. Vós os aceitastes, e isso por óbvias razões: medo, conformismo, opinião pública etc. Vós os aceitastes e eles lá estão, depositados no consciente e bem assim no inconsciente (isso não significa que haja separação entre ambos; trata-se de um movimento total). Essa acumulação é inércia, e esta inércia, tempo. Para acumular necessita-se de tempo, pois de outro modo não é possível acumular. Por favor, não digais: "Como posso ficar sem acumular?". Se o disserdes, estareis de novo acumulando — inevitavelmente! Vede que isso precisa ser pensado, investigado, com muita atenção e sutileza.

Essa inércia é sem a força da ação intrínseca. "Ação intrínseca" é ação não procedente do que se acumulou, como conhecimento, idéia, tendência, temperamento, como capacidade ou dom ou talento. Essencialmente, qualquer dom, talento, conhecimento, é inércia — inércia que fortalecemos por meio da resistência, em várias formas. Resisto a qualquer espécie de mudança, tanto exterior como interiormente; a ela resisto por causa do medo à insegurança etc. — não é necessário entrarmos em muitos pormenores a este respeito.

Há, pois, inércia, como resultado da acumulação, da resistência e da adoção de uma determinada norma de conduta.

Tende, por favor, mais um pouco de paciência para seguir o que estou dizendo. A inércia, que é a falta de energia intrínseca para agir, é também um resultado de termos *motivos*. Está certo? Isto é bastante simples. Vemos, pois, que a inércia é constituída, formada pela motivação, pela acumulação de conhecimentos, de informações, de tradição, tanto exterior como interiormente (como a aquisição de uma técnica), e também pelo comprometer-nos a executar uma certa série de atos. Há o comunista, o socialista, uma classe de pessoas que pensam de uma certa maneira; isso representa um compromisso que fortalece a inércia. Ainda que, exteriormente, a pessoa se mostre extraordinariamente ativa, "a subir e a descer a pista", a ocupar-se com toda espécie de reforma, a fazer coisas de toda ordem, trata-se, contudo, de uma atividade que está a fortalecer a inércia. E a inércia se forma também pela resistência: Gosto, não gosto, gosto de vós, não gosto de vós, gosto disto, disto não gosto. Há, pois, a inércia que se forma pelo ajustar-nos, pela atividade etc. Vede que isso está ocorrendo dentro em vós. Não estou dizendo nada de fantástico. Isso se está passando, a todas as horas, em todos nós.

Assim, ampliamos o campo da inércia por meio de formas variadas de conhecimento, compromisso, atividade, motivo, resistência. E, tornando-vos cônscio desse fato, dizeis: "Não me comprometerei a executar qualquer espécie de ação, ou "Tentarei pôr de lado os motivos", ou "Tentarei não resistir". Por favor, prestai atenção. No momento em que dizeis "Não quero" ou "Devo. . ." estais justamente fortalecendo a inércia. Isso é bem claro. Isto é, o processo positivo é o de fortalecer a inércia, como também o é o processo negativo. Temos, pois de perceber este fato que toda a nossa vida, toda a nossa atividade, todo o nosso pensar, fortalece a inércia. Segui o que estou dizendo. Não estais aceitando nenhuma teoria, não estais impugnando nenhuma idéia com vossa opinião. Trata-se de um fato, um fato psicológico que podeis observar se vos olhardes muito profundamente. Se não o podeis, não concordeis nem discordeis: examinai.

Que fazer, pois? Como pode ser quebrada essa inércia? Em primeiro lugar, tenho de estar consciente dela. Não posso dizer "Sou inerte" — pois isso nada significa. Podeis traduzi-la

como insuficiência de atividade física, de atividade mental ou de estímulo. Mas não é disso que estamos tratando. Estamos falando sobre uma coisa que se passa num nível muito mais profundo, ou seja, que o todo da consciência é inerte, porque o todo da consciência está baseado na imitação, no ajustamento, na aceitação, na rejeição, na tradição, no acumular e atuar em conformidade com essa acumulação — de conhecimento, técnica, experiência. Dez mil anos de propaganda formaram essa consciência. Ao perceber esse estado extraordinário, que deve a mente fazer?

Que pode a mente fazer, ao tornar-se cônscia dessa inércia, ao saber — não verbalmente, porém de fato que o todo da consciência é essencialmente inerte? Ela pode atuar dentro do campo de sua própria projeção, de seus próprios conceitos, de seus próprios conhecimentos e informações, de sua própria tradição, de sua própria experiência, que está a acumular-se. Esse acumular, que constitui a consciência, é essencialmente inerte. Está certo? Por favor, não estais aceitando o que se está dizendo. Se considerardes isso muito profundamente, vereis que assim é. Podeis inventar, dizer que existe um estado mental inatingível pela inércia — Deus ou que outro nome lhe derdes. Mas isso ainda faz parte daquela consciência. Que fazer, pois? Pode-se realmente fazer alguma coisa?

Ora, descobrir o que se pode fazer e o que se não pode fazer — é meditação. Vou tratar disto agora. Antes de mais nada, a palavra "meditação" está fortemente "carregada". Principalmente neste país e ao oeste dele, tal palavra provoca reações de toda espécie. Ao ouvi-la, a pessoa logo se põe mais ereta — como estou vendo acontecer aqui. Prestai mais um pouco de atenção; todos reagis de acordo com vossa tradição. Ou, tendo praticado o que quer que seja, durante anos, a refletir num *mantram* ou numa frase, no mesmo instante em que se profere aquela palavra (meditação), surgem todas aquelas reações e vos vedes na armadilha do pensamento. Para o orador, isto não é meditação, absolutamente; é uma espécie de prazer, uma maneira de adorar uma projeção de vossa própria mente, condicionada como hinduísta, budista ou cristã; e podeis deixar-vos empolgar por aquela maravilhosa visão, do Cristo, do Buda, ou de vossos próprios deuses. Isso de modo nenhum

é meditação. Podeis ficar sentado eternamente à frente de uma imagem, e jamais achareis nada, além dessa imagem. Só podeis inventar.

Conta-se uma história de certo patriarca que, uma vez, estava a sós, sentado em baixo de uma árvore. Eis que chega um de seus discípulos, um homem que andava a "buscar", e senta-se à sua frente, de pernas cruzadas, dorso ereto, etc, etc. Passados alguns instantes, pergunta-lhe o patriarca: "Que estás fazendo amigo?". Respondeu o discípulo: "Estou tentando alcançar um nível superior de consciência". Ao que retrucou o patriarca: "Continua". A breve trecho, o patriarca pega de dois pedaços de pedra e começa a esfregá-los um no outro, fazendo barulho. Diz então o discípulo: "Que estais fazendo, Mestre?" E o patriarca responde: "Estou esfregando estas pedras para fazer um espelho!". O discípulo ri-se e diz: "Mestre, podeis ficar mais mil anos a esfregá-las, e nunca fareis delas um espelho". Replica então o patriarca: "E tu podes ficar sentado aí, nessa atitude, por mais um milhão de anos. . .".

A meditação, pois, é coisa inteiramente diversa. Se desejardes mergulhar nela, tendes naturalmente de abandonar todos os vossos conceitos acerca da meditação, todas as vossas fórmulas, e práticas, e disciplinas, e métodos de concentração, porque estareis ingressando numa esfera totalmente nova. Mas as vossas práticas, as vossas divisões, as vossas disciplinas são todas o reultado de "atividade acumulada" e, por conseguinte, conduzem, essencialmente, a uma inércia mais profunda. Assim, o que nos interessa é isto: Que deve a mente fazer quando está cônscia de sua inércia e de como se criou? Pode fazer alguma coisa? Sabendo que qualquer atividade de sua parte é sempre o resultado dessa inércia que constitui a consciência, como pode a mente tornar-se totalmente quieta e, ao mesmo tempo, totalmente desperta? Compreendeis esta pergunta? Isto é, encontramos, profundamente jacente em nós mesmos, esse campo de inércia. E percebemos que toda atividade por parte do cérebro — toda atividade, todo movimento, em qualquer direção — está sempre compreendida no campo da consciência e, por conseguinte, fortalece a inércia. Reconhecemos, também, que, para evitar o fortalecimento da inércia, não podemos observar certas práticas, não podemos dizer: "Não serei mais inerte"; tudo isso

faz parte do mesmo e velho jogo. Percebe-se então o que é necessário: Uma total inação que se torna ação, no silêncio.

Ora, como pode a mente quietar-se? Quando emprego a palavra "como", não se trata de nenhum método ou sistema. Estou simplesmente perguntando: É possível a mente, o cérebro, manter-se totalmente desperto, totalmente quieto? O cérebro, com toda a sua acumulação de conhecimentos, informações, reações e condicionamento, resulta do tempo. E o cérebro reagirá sempre com tanta rapidez que não é possível controlá-lo, porquanto há séculos vem sendo exercitado para reagir. Percebeis a dificuldade do problema? Não digais, simplesmente: "Forçar-me-ei a controlar os meus pensamentos" — isso é pura ingenuidade, falta de madureza; não tem significação nenhuma.

Estamos vendo, pois, que todo movimento em qualquer direção, em qualquer nível da consciência (consciente ou inconsciente), só tem o efeito de fortalecer esse *quantum*, esse campo, essa área de inércia; por conseguinte, a mente tem de estar totalmente quieta, e bem assim o cérebro. Pois só no silêncio total há ação não motivada pela inércia. Mas, se disserdes: "Tenho de pôr em silêncio a minha mente", e começardes a recorrer a artifícios de toda ordem, a tomar drogas, a participar um sem-número de coisas, estareis então, ainda, a construir no terreno da inércia. Só quando a mente — que naturalmente inclui o cérebro e também o corpo — está totalmente quieta, só então a sua ação não provém da inércia. É bem de ver que o silêncio é exterior ao campo da consciência; esse silêncio não foi criado pela consciência, pelo pensamento, pelo desejo, pela resistência, pela prática, por artifício algum. Estais seguindo isto? Aquele silêncio, por conseguinte, é coisa de todo em todo diferente; e ele só pode tornar-se existente quando o cérebro, a mente, percebe que todo movimento interno, de sua parte, está fortalecendo a inércia.

Meditação, pois, não é tradição; nada tem em comum com essa coisa absurda. Digo "coisa absurda", porque qualquer homem adulto pode perceber o fato básico, implicado na meditação tradicional, comumente aceita, a qual é auto-hipnose, um hábito de fazer uma certa coisa vezes sobre vezes e de tornar a mente embotada, estúpida, sem beleza. Não é dela que estamos falando. Estamos falando da meditação como coisa

totalmente diferente. Nesta meditação encontra-se muito aprazimento, imenso júbilo, um novo estado. Esse estado tem de *acontecer*, sem ser procurado. Não podeis buscá-lo, persegui-lo, não podeis perguntar: "Como posso alcançá-lo?" nada disso tem significação. Assim, meditação é compreender, é estar cônscio do processo total da consciência, e nada fazer em relação a ele; quer dizer, morrer instantaneamente para o passado.

Permiti-me umas poucas considerações a respeito da morte. O homem jamais compreendeu a morte; fez dela um objeto de devoção. O homem tem vivido para morrer, fez da morte uma coisa muito mais importante do que o viver. É o que têm feito as civilizações, o que vêm fazendo as sociedades. E têm-se encontrado várias maneiras de fugir à morte: reencarnação, ressurreição, imortalidade, etc, etc. Os que crêem na reencarnação, os que nela crêem de fato, deverão decerto preocupar-se com a espécie de vida que estão levando *agora*, e não como viverão amanhã. Se viveis *agora* virtuosamente, como plenitude, não existe amanhã. O fato é que não cremos na reencarnação nem noutra coisa qualquer. Porque, se nela cremos realmente, tudo tem de ser *agora*: cada palavra, cada pensamento, cada ação. O homem, pois, jamais compreendeu esse portentoso fenômeno que é a morte. Não a morte física. Não é a esta que me refiro. A morte física é um fato óbvio, embora os cientistas estejam procurando prolongar a vida e dizendo que talvez se possa prolongar indefinidamente a vida humana; quer dizer, poderemos prosseguir indefinidamente com nossas aflições, nossa mediocridade, nossas ambições impreenchidas, e freqüentar o escritório por mais cem anos!

E temos vários meios e modos de encarar a morte: racionalização, fuga, crença, dogma, esperança, etc, etc. Entretanto, nunca sentimos o que significa morrer. A menos que compreendemos este fenômeno — psicologicamente, e não fisiologicamente — jamais alcançaremos aquela consciência de uma ação nova nascida do silêncio total. Estais compreendendo? Eis por que temos de morrer para tudo o que conhecemos: a consciência, o passado, o resultado acumulado do tempo. Porque só na morte, na morte total, pode haver uma coisa nova, um silêncio total em que se poderá viver uma vida diferente. Eu

não vos estou hipnotizando. Tende a bondade de escutar atentamente. Falando de "morte total", quero dizer: Pode uma pessoa morrer — não para aquilo que acumulou, o que é relativamente fácil — porém de uma maneira tal, que nada possa penetrar aquele silêncio? Entendeis?

Vede, senhor! Existe a questão do perdão. Penso que perdoar é uma coisa essencialmente falsa. Escutai-me até ao fim. Recebeis uma ofensa, um insulto. Considerais o caso, e depois dizeis: "Perdôo aquele homem". Mas, se, de modo nenhum, vos deixais ofender, não há necessidade de perdão. Compreendeis? Isso não significa que erguestes em torno de vós uma barreira intransponível — como o faz a maioria das pessoas. Significa, sim, que tendes de manter-vos tão *vivo,* tão sensível, tão esclarecido que nada penetre, para ser guardado, considerado, e tomado por base da ação, na forma de perdão, compaixão etc. Estais-me seguindo?

Assim, morrer para o passado significa não só que o passado deixa de existir, mas também que o presente não assume nenhuma função de acumular, e criar, assim, uma consciência — e inércia. Não sei se estais seguindo isto. Vede, senhor! Que há luz intensa, não há sombras, porém só claridade. Dessa claridade nasce uma ação totalmente diferente da ação oriunda da confusão, da acumulação, etc. Estamos, pois, falando sobre o morrermos para tudo o que conhecemos, para vivermos na luz, exercendo nossos empregos, etc. — funcionando com base naquele estado livre do *conhecido.*

Senhores: Podeis morrer para um prazer — sem discuti-lo, controlá-lo ou reprimi-lo — porém simplesmente morrer para ele? Gostais de uma certa coisa: podeis morrer para ela, abandoná-la, simplesmente, sem discussão, sem nenhuma atividade mental, nenhum arrazoado? Ora, se se faz isso, nasce uma nova mente. Eu não sei se o fizestes. Isto não é tão fantasticamente difícil: abandonar uma coisa sem nenhum motivo. Quando se vê uma coisa muito distintamente, o vê-la, o examiná-la cria luz e esta luz atua; não sois *vós* que "decidis" ou "não decidis". Ao ver-se muito claramente uma coisa, ocorre uma ação totalmente diversa da ação elaborada pelo pensamento.

Estamos, pois, falando acerca do morrer para as coisas que temos experimentado, conhecido, acumulado, de modo que

a mente se torne vigorosa, juvenil. Porque só a mente juvenil é capaz de silêncio — e não a velha mente, a mente morta. Andam dizendo os cientistas que a criança já nasce condicionada etc. e tal; mas eu estou dando à palavra "juvenil" um sentido diferente.

Assim, pois, o silêncio, a meditação e a morte estão intimamente relacionados. Se não há morte para o ontem, torna-se impossível o silêncio. E o silêncio é necessário, absolutamente necessário, para haver uma ação que não seja acumuladora e, portanto, fautora de inércia. A morte se torna uma coisa horrorosa, aterradora, quando temos de perder tudo o que acumulamos. Mas, não havendo acumulação de espécie alguma, em todo o curso da vida (de agora em diante), não há então isto que chamais "morte"; viver é então morrer — duas coisas inseparáveis.

O viver que conhecemos é aflição, confusão, agitação, tortura, esforço, com ocasionais lampejos de beleza, amor, alegria. E tal viver é o resultado dessa consciência inerte, incapaz de qualquer ação nova. O homem que deseje descobrir uma vida nova, uma nova maneira de viver, deve investigar, apreender esse mirífico poder do silêncio. E o silêncio só é possível quando há a morte para o passado — sem argumentos, sem motivos, sem dizer-se "Alcançarei uma recompensa". — Esse mesmo processo é meditação, a qual torna a mente sobremodo alertada, sem um só ponto obscuro, um só recesso contaminado — quer dizer, um só recesso que não tenha sido examinado.

A meditação, pois, é em si uma coisa maravilhosa, uma alegria inefável. Porque, nela, há o silêncio que é, em si, ação; silêncio inerente a si próprio — ação. Então a vida, o viver de cada dia provém do silêncio e não do conhecimento (excetuado o conhecimento técnico). E essa é a única mutação que o homem poderá alcançar. De outro modo, prosseguirá uma existência sem outra significação senão sofrimento, aflição, e confusão.

5 de janeiro de 1966.

MADRASTA:
Silêncio criador

Creio que esta é a última palestra desta temporada. O homem sempre andou buscando alguma coisa fora de seus conflitos, aflições, fora de sua diária existência de monotonia e solidão. Certas pessoas disseram que existe algo que excede as limitações do homem, e nós as adoramos ou seguimos e, dessa maneira, as destruímos. Ou, vendo-nos em tamanha aflição e confusão, agarramo-nos a alguma esperança que qualquer um nos oferece — quanto mais abstrata, quanto mais imaginosa, quanto mais satisfatória, melhor! Mas é bem evidente que bem poucos dentre nós descobriram, por si próprios, alguma coisa original, realmente verdadeira.

A palavra "verdadeiro" suscita dificuldades, porque cada um a interpreta conforme seu próprio temperamento, seus conhecimentos, sua experiência. E filósofos e instrutores a têm torcido à vontade, dando-lhe inúmeros significados: verdade matemática, verdade abstrata etc, etc. E, em nossa confusão, em nossa aflição, em nosso extremo desespero, empenhamo-nos em descobrir algo que seja duradouro, verdadeiro, algo não criado pela imaginação, pela mente. Não conseguindo descobri-lo, recorremos a outras autoridades, outros instrutores, outros livros etc.

Nesta tarde, seria bom se pudéssemos comunicar-nos a respeito de uma certa coisa que não se pode transmitir por meio de palavras apenas — o que não significa que tenhamos de

mergulhar numa certa fantasia, mitologia ou ilusão. Mas, se pudéssemos participar, comungar (e tal é a verdadeira comunicação) num exame não só verbal, mas também além dos limites da palavra, teríamos a possibilidade de descobrir, cada um por si, algo de intacto, imaculado, original. Tal é a intenção deste orador nesta tarde.

Mas, intenção é uma coisa, e realidade outra coisa. Porque cada um de nós é uma entidade complexa, impedida por pressões inúmeras, forçada por tantas tensões, que não sabemos o que fazer, o que pensar, como pensar, o que sentir. Assim, torna-se dificílimo participar numa coisa que requer exame muito atento, que requer uma mente vigorosa, sã — e não uma mente deformada, uma mente medrosa e ansiosa. Sem dúvida, a mente medrosa, confusa, que se satisfaz com uma mera explicação, é completamente incapaz de exame.

E temos de perceber claramente, logo de início, que a palavra e a explicação não têm significação alguma quando há realmente a sede, a fome de descobrir. Deveis, pois, rejeitar as explicações de qualquer instrutor, qualquer livro, qualquer psicólogo, qualquer apologista de uma vida nova. Deveis rejeitar mesmo o que este orador está dizendo, para descobrirdes, claramente, por vós mesmo. Isto é muito importante.

A maioria dos que, dentre nós, têm refletido sobre a vida, vivido neste mundo sanguinário e brutal, neste mundo totalmente empedernido, provavelmente nunca fizeram a si próprios perguntas conducentes a respostas corretas. Podemos perguntar — e de fato perguntamos: "Qual a finalidade da vida?" Esta é uma de nossas perguntas favoritas. "Existe Deus?", "Existe a Verdade?", "Qual a maneira de meditar?", etc., são, a meu ver, perguntas totalmente inanes. Mas, uma pergunta correta requer uma mente de certa qualidade. O fazer uma pergunta correta requer, em vós mesmo, uma clara compreensão das palavras que empregais e do *motivo* da pergunta. Porque o motivo e a palavra ditarão a resposta. Se sentis medo e perguntais "Como libertar-me do medo?", o vosso motivo é apenas o interesse de vos libertardes do medo e não o de compreender, por inteiro, a estrutura do medo. Se vos interessais por compreender a estrutura do medo (e a compreensão põe fim à estrutura do medo), vossa pergunta será então muito diferente, vosso

exame já se não baseará num motivo pessoal, num motivo que impele a lutar para dominal tal ou tal coisa.

Assim, é um tanto difícil fazer uma pergunta correta. Para fazer uma pergunta correta, a pessoa deve estar plenamente amadurecida — não em anos, porém interiormente. Maturidade não significa desenvolvimento espiritual. Tal coisa não existe: desenvolvimento espiritual. Maturidade implica — não achais? — compreensão total da existência — não de apenas uma seção dela, mas percepção total: escutar, ver, compreender o amor, a verdadeira essência de um viver total. Só essa mente amadurecida pode fazer a pergunta correta, e esta pergunta correta não requer uma resposta de fora, porém a resposta estará contida nela própria.

Nesta tarde, portanto, vamos examinar. E não podeis examinar se não prestais atenção. Atenção não é uma coisa que se cultiva; não digais "Exercitar-me-ei para estar atento" — pois isso será uma ação mecânica. Uma entidade mecânica não pode jamais estar atenta. Mesmo o computador, o mecanismo mais perfeito, ainda que repleto de "informações", não pode ser original. Assim, o examinar requer atenção. A atenção não é mecânica. Tem-se de prestar atenção completa. Quando prestais atenção àquele pôr-do-sol, com todo o vosso ser, sem emoção alguma, sem nenhum sentimento, nenhuma exigência, então a vossa mente, o vosso cérebro, o vosso corpo, os vossos nervos — tudo funciona em perfeita união, e esse estado é atenção. Não podeis de modo nenhum praticá-la dia por dia, olhando diariamente o ocaso, a uma certa hora, e dizendo: "Devo desfazer-me de meus sentimentos, de minhas emoções, para concentrar-me"; isso nunca acontecerá.

A atenção, pois, torna-se existente quando há a urgência, a necessidade imediata de compreender a vida. E não se pode compreender esse extraordinário movimento da vida, intelectualmente, ou sentimentalmente, ou em conformidade com um certo padrão de pensamento —idéias, dogmas, sistemas.

Para se compreender qualquer coisa, é necessário dar-lhe atenção. E a compreensão não decorre de uma asserção verbal, ou do sentimento de que, emocionalmente, intelectualmente, a coisa foi compreendida. A compreensão é imediata e é, em si própria, ação; quer dizer, não se compreende primeiro,

para depois agir — ou, não se presta primeiro atenção, para em seguida agir.

Como dissemos, nós vamos examinar. E, para examinar, cumpre observar — não consoante o nosso temperamento, nossa fantasia, nossa teologia, nem tampouco em conformidade com a cultura em que fomos criados; é necessário ver, escutar, sem preconceito e sem tendência de espécie alguma. Assim, vamos não só examinar *o que é,* mas também, examinando-o, ultrapassá-lo.

Nossa vida diária, tal como é, é um fenômeno de relações. Viver é um estado de relação. Estar em relação significa contato, não só físico, mas também psicológico, emocional, intelectual. Mas só é possível haver relação quando há uma grande afeição. Eu não estou em relação convosco, e vós não estais em relação comigo se entre nós só existe uma mera relação intelectual, verbal; este não é o verdadeiro estado de relação. Só há esse estado de relação quando há o sentimento de contato, de comunicação, de comunhão; tudo isso implica uma grande afeição.

Nossas relações atuais são realmente muito confusas, desditosas, contraditórias, isoladas; nelas, cada um trata de estabelecer para si, em torno de si, e dentro de si, uma muralha inacessível. Examinai-vos — não o que deveríeis ser, mas o que realmente sois. Como sois inacessíveis, cada um de vós! — pois tendes tantas barreiras, idéias, temperamentos, experiências, aflições, cuidados, preocupações! E vossa atividade de cada dia está sempre a isolar-vos; ainda que casado, com filhos, estais sempre a funcionar, a atuar egocentricamente. De modo que, na realidade, quase não existe relação alguma entre o pai e a mãe, entre a filha e seu marido etc. — numa comunidade social.

A menos que se estabeleça um correto estado de relação, toda a nossa vida será uma batalha constante, individual e coletivamente. Podeis, como comunista, obreiro social, socialista, dizer que estais trabalhando para a comunidade, esquecido de vós mesmo; mas, em verdade, não estais esquecido de vós mesmo. Não podeis esquecer a vós mesmo, identificando-vos com o que é maior, ou seja a comunidade! Não se trata de um ato de dissolução do EU, do EGO. Pelo contrário, trata-se da iden-

tificação do EU com o que é maior e, por conseguinte, a batalha prossegue, como se pode claramente observar nos países em que mais se fala de comunidade, de coletividade. O comunista fala incessantemente em coletividade, mas ele próprio está identificado com a coletividade. A coletividade se torna então seu EGO, e por ela estará disposto a lutar, a suportar todas as torturas e disciplinas, uma vez que está identificado com ela, assim como o religioso se identifica com uma idéia a que chama "Deus". Essa identificação é sempre EGO.

Estamos, pois, observando que a vida são relações e está baseada na ação dessas relações, não é verdade? Estou em relação convosco, como esposa, como marido, como uma parte da sociedade. Minhas relações convosco ou com meu patrão produzem uma ação vantajosa não só para mim, em primeiro lugar, mas também para a comunidade; e o motivo de minha identificação com a comunidade é igualmente vantajosa *para mim!* Prestai atenção a isto: Nós temos de compreender o motivo de nossa atuação.

E a vida diária, tal como a conhecemos, é uma batalha constante, uma aflição, uma confusão interminável, com ocasionais lampejos de alegria, de íntimo prazer. Assim, a menos que ocorra uma revolução fundamental em nossas relações, a batalha prosseguirá e, por esse caminho, nunca se achará solução alguma. Compreendei isto, por favor! Não há saída alguma, através desta batalha das relações. E, entretanto, estamos tentando achá-la! Nunca dizemos: "As relações precisam alterar-se, a base de nossas relações deve mudar". Mas, vendo-nos em conflito, tratamos de fugir-lhe mediante vários sistemas de filosofia, de bebidas, do sexo, de toda espécie de entretenimento intelectual ou emocional. Assim, a menos que, interiormente, haja uma revolução radical nas nossas relações (as quais significam "vida", "minha mulher", "minha comunidade", "meu patrão", "meus parentes") — a menos que haja uma radical mutação nas relações, tudo o que se fizer (podemos ter as mais nobres idéias, falar e discursar infinitamente acerca de Deus etc.) será sem significação alguma, porque é mera fuga.

Apresenta-se, assim, o problema: Como posso eu, que vivo em relação, operar uma mutação radical nas minhas relações? Eu não posso fugir das relações. Posso hipnotizar-me, reco-

lher-me a um mosteiro, retirar-me do mundo e tornar-me *sanyasi*, fazer isto e aquilo; mas continuo a existir como um ente humano em relação. Viver é estar em relação. Assim, tenho de compreender e de alterar as relações. Tenho de descobrir um meio de operar uma transformação total de minhas relações; porque, afinal de contas, elas estão produzindo guerras — como estamos vendo acontecer neste país, entre os paquistanis e os hindus, entre os muçulmanos e os hinduístas, entre os alemães e os russos. Assim, não há saída nenhuma através dos templos, nem das mesquitas, nem das igrejas cristãs, nem pelo estudo dos Vedas e dos diferentes sistemas de filosofia. Não há solução alguma, a menos que, como ente humano, modifiqueis radicalmente as vossas relações.

E temos agora o problema: Como posso alterar, não abstratamente, essas relações ora baseadas em atividades e prazeres egocêntricos? Esta é a questão real, não achais?

Isso significa, com efeito, compreender o desejo e o prazer. *Compreender*, e *não* dizer: "Preciso reprimir o desejo, preciso livrar-me do prazer" — como há séculos se vem tentando. "Trabalhar sem desejo" — não sei o que isto significa. "Ser sem desejos" — é uma frase oca, porque todos nós estamos cheios de desejos, ardendo em desejos. Nada adianta reprimir o desejo, disciplinar-vos contra ele, engarrafá-lo e arrolhá-lo: ele continua existente. E qual é o resultado? O resultado é que vos tornais endurecido, sem compaixão.

Cumpre, pois, compreender o desejo e compreender o prazer. Porque os nossos valores e juízos interiores estão baseados no prazer — não em princípios magníficos, superiores, porém simplesmente no prazer. Aspirais a Deus porque vos dá um prazer maior o fugir desta vida monótona, feia, estúpida, e sem muita significação! Assim, o princípio ativo de nossa vida é o prazer. Não podemos rejeitar o prazer. Olhar para aquele pôr-do-sol, para as folhas contra a luz, e ver sua beleza e delicadeza — isso proporciona um sentimento de extraordinário deleite. Não há beleza em nossa vida, não há sequer bom gosto. O bom gosto pode ser aprendido, mas a beleza não se pode aprender. E, para compreender a beleza, é necessário compreender o prazer.

Tendes, pois, de compreender o prazer, o seu significado, como ele aparece, sua natureza e estrutura — em vez de rejeitá-lo. Não enganemos a nós mesmos com o dizer: "Meus valores são valores divinos. Tenho ideais nobres". Se vos examinardes profundamente, vereis que vossos valores, vossas idéias, vossa perspectiva da vida, vossa maneira de agir — que tudo se baseia no prazer. Por conseguinte, tratemos de examiná-lo, não apenas verbal ou intelectualmente. Vamos, com efeito, descobrir o que é preciso fazer em relação ao prazer, onde ele tem cabimento, onde não tem cabimento, seu valor ou desvalor; isso requer um exame muito atento.

Para compreender o prazer, temos de examinar o desejo. Temos de averiguar o que é o desejo, como nasce, o que lhe dá duração e se o desejo pode ter fim, como deve ter. A menos que o compreendamos, o aparentar ausência de desejo, o lutar para ser sem desejo é contra-senso, porque vos perverte e destrói a mente, deforma todo o vosso ser. E, para compreenderdes o que quer que haja para compreender, precisais de uma mente muito vigorosa, sã, clara — e não de uma mente pervertida, deformada, controlada, moldada, posta na escuridão.

Vamos, pois, verificar como nasce o desejo. Peço-vos atenção para isto, porque vamos depois examinar uma outra questão. Não espereis pela outra, antes de compreender esta! Temos de começar do começo, para compreendermos aquilo a que nos levará o presente exame. Se não fordes capaz de examinar esta, não sereis capaz de examinar ou compreender aquela. Portanto não digais: "Vou saltar por cima desta".

Em verdade, é muito simples compreender como nasce o desejo. Vejo aquele belo pôr-do-sol: ato de ver. E vendo sua beleza, suas cores, a delicadeza das folhas, o ramo escuro, desenhados contra o céu — desperta-se em mim o desejo de continuar olhando. Temos, pois: percepção, sensação, contato e desejo. Exato? Isto não é nada de complicado. Vejo um belo carro, todo reluzente, de linhas impecáveis: percepção. Apalpo-o: sensação. E, em seguida, o desejo. Vejo um belo rosto, e logo se põe em movimento todo o mecanismo do desejo, da concupiscência, da paixão. Uma coisa simples.

A outra questão, um pouco mais complicada, é esta: Que

é que dá ao desejo duração, continuidade? Se eu compreender isso, saberei o que fazer em relação ao desejo. Estais-me seguindo? A inquietação começa com a continuidade do desejo. Luto, então, para preenchê-lo, desejo repetição. Se eu pudesse descobrir o elemento-tempo do desejo, saberia o que fazer em relação a ele. Nós vamos examinar isto; eu vo-lo mostrarei.

Sabemos como nasce o desejo, ao ver-se um carro, o pôr-do-sol, um rosto bonito, um ideal da beleza, do "homem *perfeito*" (esta palavra nega o homem). Sabemos como nasce o desejo. Vamos investigar o que é que dá ao desejo a energia, a força que o faz durar. Que é que faz o desejo durar? Evidentemente, o pensamento. Vejo o carro, sinto um forte desejo e digo: "Quero-o!" O pensamento, ocupando-se com o desejo, dá-lhe duração. A duração resulta do prazer que me vem do pensar naquele desejo. Certo? Vejo uma bela casa, uma casa excelente tanto por suas qualidades arquitetônicas como por sua serventia para morada, e apresenta-se o desejo. Entra então em cena o pensamento "Gostaria de possuí-la". Começo a lutar. Não posso adquiri-la, porque sou pobre; daí me vem um sentimento de frustração, de ódio. Assim começa o problema. Como vemos, tão logo o pensamento intervém no desejo, surge o problema. No mesmo instante em que o pensamento, que se baseia no prazer, interfere no desejo, tem início o conflito, a frustração, a batalha.

Assim, se a mente puder compreender a estrutura do desejo e a estrutura do pensamento, saberá o que fazer em relação ao desejo. Isto é, desde que o pensamento deixe de interferir no desejo, este desaparece. Compreendeis? Prestai atenção! Vejo uma bela casa, e posso chamá-la "bela". Que mal há nisto? A casa tem belas proporções, é limpa. Mas, no momento em que intervém o pensamento "Como seria bom possuí-la e morar nela!", começa o problema. O desejo, por conseguinte, não é mau, nunca o é; mas o pensamento, nele interferindo, cria o problema. E nós, em vez de procurarmos compreender o desejo e compreender o pensamento, tratamos de reprimir, de controlar, de disciplinar o desejo. Não é exato?

Espero que estejais seguindo, não a escutar meramente, porém, trabalhando tão diligentemente como o orador; de outra maneira, não estais cooperando: estais meramente a escutar, as

palavras a entrarem por um ouvido e a saírem pelo outro; é o que geralmente fazemos! Escutar significa: estar atento. Se escutardes realmente, com toda a alma, percebereis o que estou dizendo e sabereis o que é a vida, descobrireis uma maneira de viver totalmente nova.

Bem; estamos examinando o mecanismo do pensar. Esse mecanismo está baseado essencialmente no prazer; é "gostar" e "não gostar". E, no prazer, encontra-se sempre a dor — é claro! Não desejo a dor, mas quero o prazer constante, continuado. Desejo livrar-me da dor. Mas, para livrar-me da dor tenho de livrar-me também do prazer; os dois não podem separar-se, são uma unidade. Assim, pela compreensão do pensamento, vou descobrir se o "princípio do prazer" pode ser quebrado. Entendeis?

Nosso pensar se baseia no prazer. Embora tenhamos sofrido muito, não só física mas também moralmente; embora haja em nossa vida tanta tristeza, tanta ansiedade, tanto medo e terror e desespero — isso tudo é o resultado de nosso desejo de viver e de estabelecer os nossos valores na base do prazer. Não estamos dizendo que se deva viver sem prazer, nem que a ele nos devamos entregar livremente. Mas, pela compreensão da estrutura da mente e do cérebro, fundamente baseada no prazer, saberemos como olhar o desejo e abster-nos de nele interferir e, por conseguinte, saberemos como pôr fim à confusão e ao sofrimento que podem resultar de seu prolongamento.

O pensamento é mecânico. Um bom computador! Aprendeu uma infinidade de coisas, acumulou experiências inúmeras, não só individuais e coletivas, senão também humanas. Ele existe, tanto no consciente como no inconsciente. O todo da consciência é a sede, a maquinaria do nosso pensar. E esse pensar baseia-se não só na imitação e no ajustamento, mas também, sempre, no prazer. Ajusto-me, porque isso me dá prazer; sigo alguém porque me dá prazer; digo "Ele não tem razão" porque me dá prazer dizê-lo. Quando digo: "Esta é minha pátria e por ela estou disposto a morrer" — digo-o porque me dá prazer — prazer este baseado num prazer maior, proveniente da segurança etc.

O pensamento, pois, é mecânico, não importa de quem seja ele, mesmo o de vossos *gurus*, e instrutores, e filósofos. O pen-

samento é a reação da memória acumulada; e esta memória, se a examinardes mais profundamente, está baseada naquele princípio do prazer. Vós credes no *Atman,* na alma, no que quer que seja; se a penetrardes profundamente, vereis que essa crença é prazer! Porque esta vida é tão incerta, porque existe a morte, porque existe o medo, credes que existe uma coisa muito mais profunda, à qual dais um nome; isso vos proporciona um imenso conforto, e este conforto é prazer. Assim, o pensamento, o mecanismo do pensar — por mais complexo e sutil e original que o concebais — fundamenta-se nesse princípio.

Tendes, pois, de compreender isto. E só podeis compreendê-lo, se estais totalmente atento. Ora, se escutardes com toda a atenção o que se está dizendo, vereis imediatamente a sua verdade ou falsidade. Mas não há nada de falso no que se está dizendo, porque se trata de fatos, e não de idéias que podem ser discutidas ou a respeito das quais podeis formar vossa opinião ou adotar a opinião de outrem. Tudo isso são fatos, feios ou belos — como quer que sejam. E é dessa maneira que vimos funcionando há séculos e séculos. Temos pensado, dito a nós mesmos: "O pensamento pode alterar todas as coisas". O pensamento se baseia no prazer, e a vontade é o resultado do prazer; e, assim, dizemos: "Desta base alteraremos todas as coisas". Mas, se examinardes bem, vereis que não podeis alterar coisa alguma, se não compreendeis esse princípio do prazer.

Assim, ao compreenderdes tudo isso, cessará o conflito — o que não significa tornar-se um "vegetal"! Mas vós tendes de compreender o desejo, de observar dia por dia o seu funcionamento, e observar a interferência do pensamento, o qual acrescenta ao desejo o elemento-tempo. Ao exame e à compreensão está inerente a disciplina. Vede, senhor! O escutar o que se está dizendo requer disciplina — escutar, não só verbalmente, mas também interiormente, profundamente, e sem ser de acordo com nenhum padrão. O próprio ato de escutar é disciplina, muito certamente. Não achais?

Assim, quando a mente compreende a natureza do prazer, do pensamento, do desejo, esse próprio exame acompanha-se de disciplina. Por conseguinte, não há nenhum problema de ceder, de não-ceder, de dever, de não-dever — tudo isso desaparece. Por exemplo: uma certa comida vos causa "dor de barriga"; se

o prazer do paladar é maior do que a dor de barriga, continuais a comê-la, e constantemente dizeis: "Não devo comê-la" — o que é uma maneira de tapear a vós mesmo, pois continuais a comê-la. Mas, quando a dor se torna mais intensa, começais então a prestar atenção ao que comeis. Mas, se tivésseis prestado atenção desde a primeira vez que sentistes a dor, não teria havido a necessidade de passardes por esse conflito entre a dor e o prazer.

O que estivemos dizendo leva-nos a um certo ponto, ou seja: cada um de nós deve ser a luz de si próprio. Nós não o somos, porque dependemos de outros. Enquanto escutais, estais contando que o orador vos diga o que deveis fazer. Mas — se estais escutando com atenção — o orador não vos está dizendo o que deveis fazer; ele vos está pedindo que examineis, vos está mostrando como examinar e o que o exame implica. Mediante cuidadoso exame vos libertais de toda dependência e sois a luz de vós mesmo. E isso significa que estais completamente *só*.

Nós não estamos sós. Estamos aprisionados, isolados. Sois o resultado de tantos séculos de cultura, propaganda, influência, clima, alimentação, trajos, o que outros disseram, o que não disseram etc, etc.; por conseguinte, não estais só. Sois um resultado. E, para serdes a luz de vós mesmo, tendes de estar só. Uma vez tenhais rejeitado toda a estrutura psicológica da sociedade, do prazer, do conflito — estais só!

E essa solidão não é uma coisa temível, uma coisa dolorosa. Só quando há isolamento, há dor, há ansiedade, há medo. A solidão é coisa totalmente diversa, porque só a mente que está *só* não é influenciável. Isso significa que ela compreendeu o princípio do prazer e, por conseguinte, nada pode atingi-la — *nada.* Nem lisonja, nem fama, nem capacidade, nem talento, nada pode atingi-la. E essa solidão é essencial.

Quando olhais atentamente o pôr-do-sol, estais *só,* não? A beleza está sempre *só* (não no estúpido sentido de isolamento). Tal é a excelência da mente que sobrelevou a propaganda, os gostos e aversões pessoais, e deixou de funcionar na base do prazer. Só na solidão pode a mente perceber a beleza. Ela alcança esse extraordinário estado quando deixou de ser influenciada e, por conseguinte, se libertou do condicionamento ambiente, do condicionamento da tradição etc. Só então, nessa

solidão, pode a mente aplicar-se a observar o silêncio. Porque só no silêncio podeis ouvir o piar daquelas corujas. Se ficardes a palrar com os vossos problemas, nunca o ouvireis. Em virtude do silêncio, ouvis. Em virtude do silêncio, agis. E — ação é vida.

Compreendendo o desejo, o prazer e o pensamento, vos livrastes de toda autoridade; porque a autoridade, de qualquer espécie (interior ou exterior), nunca vos conduziu a parte alguma. Abandonaste completamente a fé na autoridade — interiormente — e, por conseguinte, não dependeis de ninguém. E assim, graças ao exame do pensamento e do prazer, *estais só.* E "estar só" implica silêncio; não podeis estar só, se não estais em silêncio. Desse silêncio procede a ação. Isso requer mais exame.

A ação, para nós, funda-se em idéia, ou seja num ideal, princípio, crença, dogma. Em conformidade com tal idéia, atuo. Se posso regular minhas ações pela idéia que adotei, considero-me um homem muito sincero e nobre! Mas, como há sempre diferença entre a idéia e a ação, há sempre conflito. E, havendo conflito, de qualquer natureza, não há claridade. Exteriormente, podeis mostrar-vos muito piedoso, levar o que se chama uma vida muito simples — quer dizer, andar de tanga e tomar uma só refeição por dia. Isso não é vida simples. Uma vida simples exige muito mais e está num nível muito mais profundo do que esse. Vida simples é a vida sem conflito.

O silêncio, pois, nasce da solidão. Esse silêncio está além da consciência. Consciência é prazer, pensamento, é o maquinismo (consciente ou inconsciente) do prazer e do pensamento. Nesse campo nunca é possível o silêncio, e qualquer ação que nele se verifique terá sempre confusão, trará sempre sofrimento, criará sempre aflição.

Só quando a ação procede do silêncio termina o sofrimento. A menos que a mente esteja completamente liberta do sofrimento — pessoal ou de outra natureza —, estará vivendo na escuridão, no medo, na ansiedade e, por conseguinte, qualquer que seja a sua ação, haverá sempre confusão, qualquer que seja a sua escolha, esta criará sempre conflito. Assim, uma vez compreendido tudo isso, vem o silêncio. O silêncio, em si, é ação — não, primeiro silêncio, e depois ação. Provavelmente, isto nunca vos aconteceu: estar completamente em silêncio. Se estais em silên-

cio, podeis falar de dentro desse silêncio, embora tenhais vossas lembranças, experiências e conhecimentos. Se não possuísseis conhecimentos, não teríeis nenhuma possibilidade de falar! Mas, quando há silêncio, desse silêncio procede a ação, ação que nunca é complicada, nem confusa, nem contraditória.

E, quando se compreendeu esse princípio do prazer, do pensamento, da solidão, e o vazio do silêncio; quando se alcançou este ponto — não no fim de certo tempo, porém realmente — então, por haver atenção total, há uma ação proveniente do silêncio (no qual há inação total — e esta inação é ação); e, em virtude dessa total inatividade do silêncio, dá-se uma explosão. Só ao ocorrer essa explosão total pode aparecer algo totalmente novo — um "novo" não reconhecível e, portanto, não experimentável; conseqüentemente, não há dizer: "Eu estou experimentando, vinde a mim para aprender a experimentar".

Tudo isso, pois, vem natural e espontaneamente, ao compreendermos o fenômeno da existência, que é um estado de relação. Relações, para a maioria de nós, significam confusão e aflição; e para nelas operarmos uma tremenda e profunda mutação, uma mudança radical, temos de compreender o desejo, o prazer, o pensamento, e também a natureza da solidão. Porque, então, daí nasce o silêncio. E esse silêncio, por ser totalmente inativo, atua quando dele se requer ação; e, sendo ele totalmente inativo e, por conseguinte, totalmente imóvel, ocorre uma explosão. Os cientistas andam dizendo que as galáxias se formam quando a matéria se imobiliza e sobrevém uma explosão.

E só em virtude de uma explosão poderá tornar-se existente uma mente nova, uma mente verdadeiramente religiosa. Só a mente religiosa pode resolver os problemas humanos.

9 de janeiro de 1966.

BOMBAIM:
A relação entre imagens

Convém definir uma vez por todas o que entendemos por "comunicação". Nós — vós e eu — temos de compreender esta questão, porque uma das coisas mais difíceis é o comunicar-nos uns com os outros.

Em geral, não escutamos nada; temos naturalmente nossas idéias — opiniões, preconceitos, conclusões — as quais se tornam uma barreira, impedindo-nos de escutar. Afinal, para escutar, a pessoa tem de estar atenta. E não pode haver atenção se estamos ocupados com os nossos pensamentos, conclusões, opiniões e juízos; cessa então qualquer espécie de comunicação. Isso é um fato óbvio; infelizmente embora se trate de um fato, raramente estamos cônscios dele. Cumpre pôr de lado todos os nossos pensamentos, conclusões e opiniões, para escutar; só então se torna possível a comunicação.

A comunicação envolve responsabilidade, tanto por parte do ouvinte como por parte do orador. O orador deseja transmitir uma certa coisa, e ao ouvinte cabe participar, compartilhar com ele o que se está dizendo. Não é uma ação unilateral. Tanto vós como o orador deveis estar em comunicação um com o outro; isto é, as palavras do orador devem ter para vós a mesma significação que têm para ele. Deve haver não só uma comunicação verbal, mas ainda uma compreensão intelectual das palavras e bem assim do significado das palavras e das sentenças. E pre-

cisa haver também contato emocional. Intelectualmente, podeis ficar bem cônscios de estar concordando ou discordando, rejeitando ou aceitando; mas isso não nos levará longe. Já se houver um percebimento intelectual do que se está dizendo, e do seu conteúdo, e ao mesmo tempo um contato emocional, tornar-se-á então possível a comunicação entre nós.

O limitar-se a ouvir intelectualmente uma palestra desta natureza pouco significa. Mas, se fordes capaz de escutar intelectual, emocional e fisicamente — isto é, de dispensar toda a vossa atenção ao que se está dizendo — a comunicação se tornará então uma coisa altamente interessante. Raramente há comunicação direta entre nós. Vós tendes vossas conclusões, vossas experiências, vossos conhecimentos e informações, vossa tradição, a sociedade, a cultura em que vos formastes; e se o orador não pertence à mesma categoria, à mesma tradição, à mesma cultura, e nega toda a estrutura dessa cultura, dessa mentalidade estreita e limitada, será então nula a comunicação entre vós e o orador. Assim, para estarmos em comunicação, requer-se não só um pensar intelectual, racional, claro, mas também franca atenção; só então é possível compreender profundamente o que se diz; não concordar ou discordar, porém *ver* a validade e a verdade do que se está dizendo. Por conseguinte, cabe-vos tanta responsabilidade quanto ao orador.

Nós vamos trabalhar em comum, e isso naturalmente é comunicação. Se vos limitais a escutar o que se diz, sem o compartilhar com o orador nesse caso é impossível a comunicação. Conseqüentemente, a comunicação só tem valor quando ambas as partes estão em relação e compartilham o mesmo problema, procurando cada uma não só a solução, senão o pleno significado de seu próprio problema. Só então, a meu ver, podem a "comunicação" e estas palestras ter alguma significação; isto significa, com efeito, *escutar.*

Para escutar, há vários requisitos. Primeiro, a mente deve estar quieta; do contrário, não pode escutar. Se vossa mente está a palrar, a opor-se, a concordar ou discordar, nesse caso não estais escutando. Mas, se estais quieto, se estais em silêncio, e se nesse silêncio há atenção, há então o ato de aprender. Toda comunicação é *aprender* (que não é repetir o que se diz) para aquele que deseje compreender, que deseje escutar, que deseje

realmente resolver os vários problemas da vida que vamos examinar.

Nós temos de escutar, temos de estar em comunhão com problema. Mas não podemos estar em comunhão com o problema se não o *escutamos,* se não compreendemos o seu inteiro significado; e nada se pode compreender se não há quietude, se não há atenção. E é também necessário estabelecer, mais ou menos, um estado de relação entre vós e o orador: não uma relação baseada em palavras, em conclusões ideológicas, porém uma relação decidida a investigar em comum o problema da existência; não ficareis, portanto, a escutar, e o orador a investigar ou a explicar, porém, ambas as partes, o orador e vós, estarão fazendo juntas uma viagem, uma viagem de exploração, de investigação, com o fim de compreender essa coisa extraordinária que se chama vida. Isso implica uma participação ativa de vossa parte; não uma atenção superficial, indiferente, mas a participação ativa de um ouvinte que está viajando junto com o orador.

Observa-se, em todo o mundo, um declínio, uma deterioração geral. Tecnicamente, pode estar havendo um progresso tremendo: cérebros eletrônicos, computadores, automação, viagens à Lua etc, etc. Há, também, o chamado progresso científico E o homem vem dependendo da ciência, da política, das chamadas religiões, das crenças organizadas etc., para resolver os seus numerosos problemas. Permanece ele mais ou menos o que era há mais de 2 milhões de anos: atormentado, infeliz, em conflito, em confusão; vive ainda num estado de desespero, de ansiedade, de sentimento de culpa, sem dar nenhum significado à existência, ou dando-lhe significado conforme seu temperamento, seus conhecimentos, seu desespero etc. Em verdade, o homem — os entes humanos, vós e eu — não mudou essencialmente; continua a ser ávido, invejoso, confuso, aflito, e sempre em guerra. Todos sabemos disso. O homem que lê a história de nossos dias, que lê jornais e revistas, que ouve rádio etc. etc., sabe muito bem o que está acontecendo em sua própria cidade, nas suas vizinhanças, no seu país e nos outros países. Sabe também que há deterioração (mais *ou* menos, conforme o lugar), intelectualmente e também na chamada vida espiritual. A religião já nada significa a não ser para os velhos porque estão perto da morte e a religião lhes proporciona uma certa esperança.

A religião nada significa para o homem ativo, o homem que reflete, o homem racional, esclarecido. Há decadência moral, como se pode observar neste país. Há decadência religiosa, embora possa haver mais *swamis*, iogues e seitas — sendo isso um indício de declínio, porquanto visa a restabelecer o passado, restabelecer tradições mortas e sem nenhuma significação.

Para quem observa o mundo, as aflições, as guerras, o interminável sofrimento do ente humano — para esse, as escrituras, a autoridade, as crenças, os ritos, os inúmeros discursos políticos, os movimentos ideológicos e políticos — o movimento comunista, o socialista, o parlamentarista, o democrata, o republicano — nada mais significam. E seria verdadeiramente absurdo, infantil, esperar que essas ideologias possam produzir uma transformação no mundo, criar uma boa sociedade, não uma grande sociedade; uma grande sociedade não é necessariamente uma boa sociedade.

Vendo-se tudo isso, como deveis vê-lo, pergunta-se naturalmente: Podem os entes humanos mudar? Podeis vós, posso eu mudar? Temos alguma possibilidade de operar em nós mesmos uma mutação tão profunda que, como entes humanos, nossas relações não fiquem baseadas em atividades temporárias, convenientes, egocêntricas? Porque o que tem a máxima importância são as relações. A menos que se opere uma revolução radical nas relações entre dois entes humanos, é puro contra-senso falar acerca de Deus ou das Escrituras, ou reverter aos Vedas, à Bíblia etc. Nada disso tem significação, se não se estabeleceram as relações corretas entre os entes humanos.

E será este o assunto de nossa palestra: como operar uma revolução fundamental em nossas relações, de modo que não haja mais guerras, que as nações não fiquem divididas pelas nacionalidades e fronteiras, pelas diferenças de classe etc. A menos que nós, vós e eu, estabeleçamos essas relações, não teórica, nem ideológica, nem hipoteticamente, porém de fato, realmente, teremos inevitavelmente o declínio e a deterioração em escala cada vez maior.

Que se entende por relações? Que significa "estar em relação"? Em primeiro lugar, nós estamos em relação? Relações significam contato, estar junto — estar relacionado, em contato direto com outro ente humano, conhecer-lhe todas as dificuldades, seus problemas, sua aflição, sua ansiedade que é também nossa.

E, compreendendo a vós mesmos, compreendeis o ente humano e, conseqüentemente, podeis operar uma transformação radical na sociedade. O "indivíduo" tem muito pouca significação; mas o ente humano é de tremenda significação. O indivíduo pode alterar-se, conforme as pressões, as tensões, as circunstâncias, mas essa alteração não atingirá radicalmente a sociedade. Por outro lado, se os problemas do homem, não do indivíduo, porém do ente humano que vive há 2 milhões de anos, ou há muito mais tempo, com seus conceitos, suas ansiedades, seus temores, sua sagacidade, e tendo de enfrentar a morte (e tudo isso constitui o problema humano) — não forem compreendidos, não haverá possibilidade de criar-se uma diferente cultura, uma nova sociedade.

Assim, torna-se de essencial necessidade a radical transformação do ente humano. Porque quase todos nós ainda somos animais. Se observardes os animais, vereis que somos parentes muito próximos. Observai um cachorro, um animal de estimação! Como são ciumentos! Como gostam de adulação, de afagos etc., exatamente como os entes humanos! Há, pois, uma relação muito estreita entre o animal e o ente humano. A menos que seja totalmente transformado o animal em nós existente, por mais que nos esforcemos, ainda que nos liguemos às mais extravagantes ideologias ou a um certo grupo político, religioso ou econômico — nunca resolveremos este problema.

Importa, pois, compreender o que significam as relações. Estamos em relação? Algum ente humano está em relação com outro? Por "relações" entendemos: estar em contato, intelectual, emocional e psicologicamente. Estamos assim em contato? Ou só há contato, relação, entre a imagem que tendes de vós mesmo e a imagem que tendes de outro? A respeito de vós mesmo, tendes uma imagem, idéias, conceitos, experiência etc. Tendes vossas idiossincracias, tendências, que constituíram a vossa imagem de vós mesmos. Tende a bondade de escutar, de observar isso em vós mesmo. Não fiqueis — como disse — apenas a ouvir palavras; estas pouco significam. Mas se, ouvindo as palavras, elas vos revelam vossa própria consciência, vosso próprio estado, então as palavras têm real significação. Se observardes, vereis que tendes uma imagem de vós mesmo: que sois isto, que sois aquilo; que tivestes esta e aquela experiência; que sois feio ou belo; que desejais ser isto ou aquilo. Tendes uma imagem, uma conclusão, uma idéia sobre vós mesmo: que sois uma enti-

dade espiritual, que sois *Atman*, que sois a alma etc. etc. Tendes uma imagem talhada pela mente, ou por vossa experiência, ou pela tradição, pelas circunstâncias ou pressões externas. Existe essa imagem de vós mesmo, e a outra pessoa também tem uma imagem de si própria. E quando entram em contato as duas imagens, chamamos a isso "relações". Quer se trate da íntima relação entre esposo e esposa, quer se trate da imagem que criastes acerca da Rússia, da América, do Vietname, disto ou daquilo, o contato entre as duas imagens é o que chamamos "relações". Segui, por favor, o que estou dizendo. É só essa espécie de relação que conhecemos.

Tendes uma imagem a respeito de vós mesmo e criastes uma imagem a respeito de outro indivíduo — americano, ou russo, ou chinês. Tendes uma imagem a respeito da paquistanês, uma imagem a respeito do hindu, e a imagem de uma linha que chamais "fronteira" — e estais prontos a matar-vos mutuamente por causa de tais imagens. E essas imagens são fortalecidas pelas bandeiras, pelo espírito nacionalista, pelo ódio etc. E, assim, estais dispostos a matar-vos mutuamente por causa de uma palavra, de uma idéia, de uma imagem. Os chineses têm uma imagem de si próprios, e estão prontos a destruir qualquer outro por causa dessa imagem. Já houve na história humana, segundo me consta, quase três guerras por ano.

O homem não resolveu o problema da guerra. Muitas mães e muitos pais devem ter chorado após a primeira batalha. E continuamos a chorar. Para nós, que vivemos em Bombaim, bem longe da fronteira, a guerra tem muito pouca significação. Mas, para todo homem, como ente humano, a guerra constitui um problema, não importa onde se esteja travando: no Vietname, na Rússia, no Paquistão, ou na Índia: um problema de relações. Este país, onde muito se falou em não violência, onde por tantos anos se pregou *ahimsa* (não matar), de tudo se esqueceu da noite para o dia e está disposto a matar porque tem uma imagem a respeito de outro país, e o outro tem uma imagem sobre esta nação. E, pensando bem, é muito estranho que neste país, onde tanto se falou de paz, não violência, moralidade, espiritualidade, não aparecesse um só ente humano que ousasse dizer "Não matarei!" — não em segredo aos seus amigos, porém alto e bom som, como outros já o fizeram.

Tudo isso indica o terrível declínio que está ocorrendo. A menos que se opere uma transformação radical nas nossas relações, não teremos a paz. E a paz é absolutamente necessária — não a paz dos políticos, a paz entre duas guerras, duas contendas, nem a paz que se fruirá num certo lugar, num céu longínquo, porém a paz sobre esta Terra, entre vós e mim. Nós precisamos dela. Porque, se não tiverdes paz, se em vossa mente e em vosso coração não se encontrar essa coisa inefável, não tereis possibilidade de florescer em bondade, em beleza, não vereis o céu, não vereis a beleza da Terra. Se há conflito dentro de vós, nada podeis ver. Assim, a paz, essa coisa que o homem sempre procurou (e nunca achará por meio de um certo método de meditação, de livros etc.; trataremos disso mais tarde) é a paz nas relações, na qual dois entes humanos possam trabalhar juntos, pensar juntos, e juntos resolver os seus problemas. Poderemos deter as guerras, por medo à bomba atômica ou outras bombas que venham a criar-se, mas isso não nos assegurará aquela paz.

Essa paz só se realizará quando houver em cada um de nós a compreensão das relações e a total transformação dessas relações. Temos, pois, de compreender, realmente e não teoricamente, o que significam as relações ora existentes. São as relações de duas imagens, e nada mais; e entre duas imagens não pode haver amor. Como posso amar-vos e como podeis amar-me, se vós tendes uma imagem de mim, se tendes idéias a meu respeito? Se vos ofendi, se vos empurrei de meu caminho, se fui ambicioso e sagaz e vos tomei a frente, como podeis amar-me? Como posso amar-vos, se ameaçais a minha posição, o meu emprego, se seduzis a minha esposa? Se vós pertenceis a um país e eu a outro país, se pertenceis a uma seita — hinduísmo, budismo, catolicismo etc. — e eu sou muçulmano, como podemos amar-nos? Assim, a menos que se verifique uma transformação radical nas relações, não há possibilidade de paz. Tornando-vos monge ou *sanyasi* e retirando-vos para as montanhas, não resolvereis os vossos problemas. Porque onde quer que estejais vivendo, num mosteiro, numa caverna ou numa montanha, estareis sempre em relação. Nenhuma possibilidade tende de isolar-vos, seja da imagem que vós mesmo criastes a respeito de Deus, da Verdade, seja da imagem que tendem de vós mesmo etc.

Assim, estabelecer a correta relação significa destruir a imagem. Compreendeis o que significa destruir a imagem? Significa destruir a imagem que tendes de vós mesmo e de mim: que sois hinduísta, que eu sou paquistanês, muçulmano, católico, judeu, comunista etc. Tendes de destruir o mecanismo que fabrica a imagem — o mecanismo em vós existente e o mecanismo existente em outro. Do contrário, podeis destruir uma imagem e o mecanismo criar uma nova imagem. Por conseguinte, é necessário não só descobrir a existência da imagem — isto é, estar cônscio de vossa imagem particular — mas também conhecer a natureza do mecanismo criador da imagem.

Vejamos o que é esse mecanismo. Compreendeis esta pergunta? Isto é, primeiro temos de estar cônscios, de conhecer, de saber — sabê-lo, não verbal ou intelectualmente, porém realmente, como um fato — da existência dessa imagem. Esta é uma das coisas mais difíceis, porquanto o conhecimento da imagem requer muita atenção. Podeis conhecer, podeis observar este microfone — um fato. Podeis chamá-lo por diferentes nomes; mas, se sabemos o que é que chamamos por tais nomes, percebemos o fato — o microfone. Portanto, não há necessidade de interpretações: tanto vós como eu sabemos que se trata de um microfone. Mas, coisa diferente é compreender a imagem sem a interpretação, perceber a existência dessa imagem sem o observador, porquanto o observador é o fabricante da imagem — a imagem é o pensamento do observador. Esta é uma questão muito complexa. Não se pode simplesmente dizer: "Destruirei a imagem" — e ficar meditando sobre isso, ou praticando algum artifício, hipnotizando-vos, sugestionando-vos que podeis destruir a imagem. Não podeis! Isso requer muita compreensão. Requer intensa atenção e exploração, e nenhuma conclusão em tempo algum; o homem que está explorando nunca chega a uma conclusão. A vida é um rio imenso, que corre, que se move incessantemente. Se não acompanhamos livremente o seu movimento, com deleite, com sensibilidade, com júbilo, não podemos ver, em sua plenitude, a beleza, o volume, a "qualidade" desse rio. Cabe-nos pois, compreender este problema.

Quando empregamos a palavra "compreender", por ela entendemos "não intelectualmente". Talvez tenhais compreendido a palavra "imagem", como a imagem é criada pelo conhe-

cimento, pela experiência, pela tradição, pelas diferentes tensões e pressões a que estamos sujeitos na vida em família, na vida profissional etc. Qual o mecanismo que fabrica essa imagem? Compreendeis? A imagem precisa de ser formada e precisa ser sustentada, para não desfazer-se. Impende-vos, assim, descobrir por vós mesmo como funciona esse mecanismo. E quando se compreende a natureza do mecanismo, o significado do mecanismo, a imagem deixa de existir; não só a imagem consciente, aquela que tendes de vós mesmo conscientemente, que superficialmente conheceis, mas também a imagem existente nas profundezas da consciência: a imagem total. Espero esteja claro isso.

É necessário examinar e descobrir como a imagem se torna existente e se é possível deter o mecanismo que a cria. Só então se tornará possível a correta relação entre os entes humanos; tal relação não pode existir entre duas imagens, duas entidades mortas. Isto é muito simples. Vós me lisonjeais, me respeitais; e eu tenho de vós uma imagem, criada pela lisonja ou pelo insulto. Tenho experiências — sofrimento, morte, aflição, conflito, fome, solidão. Tudo isso cria em mim uma imagem: eu sou essa imagem. Mas a imagem e eu não somos diferentes: o EU é a imagem, o "pensador" é a imagem. É o pensador que cria a imagem. Com suas "respostas", com suas reações — físicas, psicológicas, intelectuais etc. — o pensador, o observador, o experimentador cria aquela imagem, com a ajuda da memória, do pensamento. O mecanismo, portanto, é o pensar, vem a existência por meio do pensamento. Entretanto, o pensamento é necessário, pois sem ele não podemos existir.

Assim, em primeiro lugar temos de ver o problema. O pensamento cria o pensador. O pensador começa a criar a imagem relativa a si próprio: Ele é *Atman*, é Deus, é alma, é brâmane, não-brâmane, muçulmano, hinduísta etc. Cria a imagem, e nela fica vivendo. O pensar, pois, é o começo do mecanismo. Direis: "Como posso parar de pensar?" Não podeis. Mas podeis pensar sem criar imagem nenhuma. Uma pessoa pode observar que é comunista ou muçulmano. Podeis observar isso; mas, por que criar uma imagem a respeito de vós mesmo? Só criais uma imagem a respeito de mim, como muçulmano, comunista etc., porque tendes uma imagem a respeito de vós mesmo,

a qual me está julgando. Mas, se nenhuma imagem tivésseis de vós mesmo, então poderíeis olhar-me, observar-me, sem criar nenhuma imagem a meu respeito. Eis por que esta questão requer intensa atenção, uma grande soma de observação de vossos próprios pensamentos e sentimentos.

Começamos, pois, a perceber que, com efeito, as nossas relações se baseiam, pela maior parte, nessa formação de imagens; tendo formado a imagem, a pessoa estabelece ou espera estabelecer relações entre duas imagens. E, naturalmente, entre duas imagens não pode haver relações. Se vós tendes uma opinião de mim, e eu tenho uma opinião de vós, que relação pode haver entre nós? As relações só podem existir livres — quando estamos livres dessa atividade formadora de imagens (trataremos desta matéria nas palestras vindouras). Só quando quebrada a imagem e cessada a formação de imagens, teremos a terminação do conflito, sua total extinção. Só então haverá paz, não só interiormente, mas também exteriormente. E só depois de estabelecerdes aquela paz interior, a mente será livre e poderá ir muito longe.

Vede, senhor, que a liberdade só pode existir quando a mente não está em conflito. Quase todos nós estamos em conflito — a menos que estejamos mortos. Podeis hipnotizar-vos, identificar-vos com uma certa causa, um certo compromisso, uma certa filosofia, seita ou crença; mas, nesse estado de identificação, estais simplesmente hipnotizado, vivendo num estado de sono. A maioria de nós está em conflito; o findar desse conflito é liberdade. Com o conflito, não podeis ter liberdade. Podeis buscá-la, desejá-la, porém jamais a tereis.

A relações, pois, requerem a extinção do mecanismo formador de imagens; uma vez extinto esse mecanismo, estabelecer-se-ão as relações corretas e, por conseguinte, estará terminado o conflito. Quando o conflito cessa, há liberdade, naturalmente — liberdade real; não liberdade como idéia, porém o estado real, o fato. Então, nesse estado de liberdade, a mente — que já não está sendo torcida, torturada, influenciada, que já não está à mercê de fantasias, de ilusões, de concepções ou visões místicas — poderá ir muito longe. "Longe", não no tempo ou no espaço porque, quando há liberdade, não há espaço nem tempo. Emprego as palavras "muito longe" — palavras que realmente não

têm significação nenhuma — para dizer que podemos então descobrir que naquela liberdade se encontra um estado de vazio, um estado de alegria, de bem-aventurança, que nenhum Deus, nenhuma religião, nenhum livro, pode dar-nos.

Eis por que, a menos que se estabeleçam relações corretas entre vós e vossa esposa, vosso vizinho, vossa sociedade, entre vós e os outros, jamais tereis paz e, portanto, jamais tereis liberdade. Tendes, pois, de estabelecê-las. Então, como ente humano, não como indivíduo, podereis transformar a sociedade. Nem o socialista, nem o comunista, nem outra qualquer pessoa o fará. Só o homem que compreendeu o significado das relações corretas poderá criar uma sociedade na qual o ente humano viverá livre de conflito.

13 de fevereiro de 1966.

BOMBAIM:
Viver em paz

Na última reunião dissemos quanto era importante que se realizasse uma revolução radical — não apenas na estrutura externa da sociedade, mas também nas profundezas da mente e do coração humanos; uma revolução não planejada, não idealizada, não provocada pelas circunstâncias.

Este é, com efeito, um problema sobremodo complexo, porquanto envolve muitas coisas. Primeiro, temos de examinar a questão e de compreender o mais profunda e amplamente possível o que essa mudança implica. Todos nós desejamos certas reformas — exteriormente, socialmente. Desejamos uma sociedade mais capaz de atender aos interesses humanos; política e economicamente, desejamos mais eficiência. Por outro lado, em nosso íntimo, percebemos que as coisas superficiais — por mais necessárias e melhores que sejam — não parecem atender a todas as necessidades do homem.

Necessitamos de alguma coisa muito mais profunda, muito mais relevante. E o homem sempre esteve a perseguir, a buscar essa coisa, nos templos, nas reformas, por meio de toda uma variedade de editos sociais e sanções religiosas. Temos percorrido todas as galerias desse labirinto. Prestando atenção a esta situação, percebemos claramente que não chegamos a parte alguma, e, assim, caímos invariavelmente numa espécie de desespero; e nesse estado ficamos vivendo, a racionalizar o nosso desespero, a dar-lhe um significado intelectual. Ou, ainda, aceitamos crenças tradicionais, retrocedemos ao passado e, nesse re-

fúgio, ficamos vivendo como cegos, sem pensar, sem duvidar, a aceitar, porque isso nos proporciona consolo e aquieta a mente indagadora. Mas, uma mente inteligente e capaz de investigar rejeita tudo isso, porque sabe que não existe nenhuma verdade no passado, nem no futuro. A verdade se encontra além da esfera do tempo; assim, se retornamos às coisas ditas pelos antigos — por mais sábias e verdadeiras — isso nenhum valor tem, porquanto essas coisas nada significam no presente. Entretanto, a mente a elas se apega, porque exercem um certo fascínio, proporcionam uma certa esperança. A maioria de nós precisa de um arrimo, de alguma coisa a que apegar-se, coisa criada pela mente ou imagem feita pela mão, uma filosofia que nos satisfaça. Mas, depois de atravessarmos tudo isso, percebemos que o problema central continua existente.

Está-se vendo que se necessita de ordem na sociedade, e de liberdade, no mais amplo sentido da palavra. E também necessitamos de ordem dentro de nós mesmos. Não se obtém a ordem mediante compulsão, porque nesse caso ela é meramente uma operação militar. Se forçais a vós mesmo, se forçais, torceis, reprimis a vossa mente, esperando alcançar a ordem, isso, decerto, só pode acarretar desordem. Assim, a força, a compulsão, a determinação, uma ânsia incoercível de mudança, não promoverão mudança nenhuma; só acarretarão uma desordem maior ainda — como qualquer observador pode ver claramente. Necessitamos de ordem social e necessitamos também de ordem interior. Mas, não se trata de duas ordens diferentes. Nós é que, infelizmente, dividimos a vida em "exterior" e "interior". E, ou desprezamos o "exterior", para concentrar-nos no "interior", ou rejeitamos o "interior" para aceitar o mundo tal como é e dele tirar o melhor proveito possível. Não percebemos que se trata de um movimento único, um movimento unitário — exterior e interior. Se não há ordem exterior não há ordem interior. E, para se promover a ordem interior, cumpre compreender o mundo exterior, em vez de considerá-lo mera ilusão, em vez de rejeitá-lo como irreligioso ou como coisa "intocável". São duas coisas inseparáveis. Não podemos divorciá-las em tempo algum.

Em vista disso, como pode uma pessoa, um ente humano, chegar a essa revolução total? E por "revolução total" não entendemos uma revolução meramente superficial, intelectual, moral,

ética, artística etc., porém *total* — em todos os pontos do nosso ser. Porque, se não há percepção da beleza e, por conseguinte, percepção do amor, por mais reformas que operemos exteriormente, em nosso comportamento, em nossos atos, atitudes e valores, tais atos, valores e comportamentos pouco significarão. Assim, a beleza e aquela coisa extraordinária que chamamos "amor" não podem ser fabricadas, formadas a força, não podem ser o resultado de nenhuma espécie de compulsão externa. E a beleza, em sua verdadeira essência, é sensibilidade; e a mente que não é sensível, alertada, vigilante, atenta, é incapaz de "responder" de maneira total.

A questão, pois, é esta: como pode um cérebro, uma mente, ou seja o ente humano total (fisiológica e neurologicamente considerado) mudar completamente? Como alterar em seu todo o ente humano? Essa mudança é necessária, evidentemente. E, a menos que ela ocorra, haverá sempre guerra — nação contra nação, nacionalidade contra nacionalidade, vossa pátria contra a pátria de outro: a aterradora brutalidade da guerra; haverá sempre diferenças lingüísticas, diferenças econômicas, diferenças sociais, diferenças morais — uma perene batalha, exterior e interior. É mister uma mudança. Mas, como operá-la?

Vede, por favor, a enorme complexidade desta questão, o que ela implica. O homem tem tentado uma infinidade de meios — retirando-se para as montanhas, renunciando ao mundo e virando *sanyasi*, entranhando-se na floresta para meditar, jejuando, tornando celibatário; tudo o homem tem feito (tudo quanto pôde inventar), hipnotizando-se, forçando-se, examinando e analisando sua consciência (consciente e inconsciente) — tudo tem feito para operar uma revolução radical dentro de si mesmo. E, essencialmente, ele tem sido cruel, não só como indivíduo, mas também como ente humano — duas coisas completamente diferentes. O indivíduo é uma entidade "local": um parsi, um budista, um muçulmano, etc. O indivíduo é condicionado pelo ambiente. Porém, o ente humano o excede; interessa-lhe o homem total, e não sua pátria, as diferenças lingüísticas, suas insignificantes guerras e contendas, seus pequeninos deuses etc. etc.; interessa-lhe a condição total do homem, seu conflito, seu desespero. Quando se vê o todo, pode-se compreender a parte. Mas a parte não pode de modo nenhum compreender o todo. Assim,

para o indivíduo empenhado em constante introspecção, a investigação não tem significação alguma, porquanto ele só está interessado no padrão de sua própria existência condicionada pela sociedade (inclusive a religião e tudo o mais). Mas o homem — o ente humano que vive há 2 milhões de anos — tem sofrido, pensado, investigado, gerado filhos, não importa se vive na Rússia, na China, na América ou aqui.

E o homem, o ente humano, tudo tem feito para promover uma mudança radical; entretanto, fundamentalmente, ele não mudou em nada. Somos os mesmos há 2 milhões de anos. É muito forte o animal em nós existente. O animal, com toda a sua avidez, inveja, ambição, violência, crueldade, subsiste ainda no fundo de nosso coração e de nossa mente. Por meio da religião, da cultura, da civilização, temos aprimorado o exterior, adquirindo (pelo menos alguns de nós) melhores maneiras, etc. Sabemos um pouco mais. Tecnicamente estamos muito adiantados. Somos capazes de discorrer sobre filosofia e literatura ocidental e oriental, de viajar o mundo inteiro. Mas, interiormente, bem no fundo, as raízes estão firmemente plantadas.

Em vista disso, como pode uma pessoa — vós como ente humano, e eu como ente humano — mudar? Naturalmente, não o conseguiremos por meio de lamentações, não o conseguiremos por meio do intelecto, pelo seguirmos uma utopia ideológica, pelo submeter-nos a uma tirania externa ou nossa própria tirania (uma tirania que impomos a nós mesmos). Portanto, tudo isso tem de ser rejeitado, e espero que o tenhais feito. Compreendeis? Rejeitar a própria nacionalidade; rejeitar os próprios deuses, as próprias tradições, as próprias crenças — todas as crenças em que fomos criados. É dificílimo rejeitar tudo isso. Intelectualmente, podemos mostrar-nos de acordo, mas muito fundo, no inconsciente, persiste a idéia da importância do passado a que estamos apegados. Bem; conheceis agora o problema. Já o examinamos suficientemente e é desnecessário entrarmos em mais detalhes a seu respeito.

A questão, pois, é esta: como pode uma pessoa, um ente humano, promover em si próprio uma mudança tão extraordinária, que possa continuar a viver neste mundo, funcionando tecnologicamente e raciocinando sãmente, lucidamente, vigorosamente? A vontade (que é desejo fortalecido) não pode pro-

duzir mudança nenhuma; porque a vontade é resultado do desejo, está baseada no desejo, e o desejo faz parte do prazer. Continuai a prestar um pouco de atenção. Como ente humano, preciso mudar. Que devo fazer? Percebo que o exercício da vontade, no sentido de controlar, de reprimir, de dar-nos um impulso numa direção positiva, não pode produzir essa mudança. Porque no próprio exercício da vontade há conflito; e onde há conflito, é óbvio, não pode haver mudança nenhuma. Conflito não produz mudança. Se vós e eu estivéssemos em conflito por uma razão qualquer (como de fato estais, como vosso país está, com outro país), em tal conflito não haveria compreensão, não haveria harmonia, nenhuma possibilidade de mútuo entendimento. Onde há conflito em quaisquer condições, em qualquer nível que seja, não pode haver mudança. Como vemos, a mudança não pode ser operada por meio de conflito, e a vontade, por sua própria natureza, não só é produto de conflito, mas também cria conflito. Tende a bondade de escutar. Tendes de compreender isto, antes de passardes adiante.

Deveis perceber que o prazer é justamente o princípio pelo qual o nosso cérebro funciona. Todos os nossos valores baseiam-se no prazer. Nossos interesses, nossos motivos, nossos princípios, tudo está essencialmente baseado no prazer. Todos os vossos deuses e vossas esperanças, toda a estrutura de vossos valores e estimativas, alicerçam-se no prazer. Por favor, não contesteis. Nós estamos explorando. Não aceiteis, mas examinai. Se disserdes: "Não, senhor, alguns dos meus valores são nobilíssimos", tratai de examiná-los. Se examinardes isso que chamais "nobre", vereis que, essencialmente, atrás desses valores está o princípio do prazer.

Assim, como vemos, a mudança operada por meio da vontade e do prazer não é mudança nenhuma. Isto é, por força de uma determinação, de uma idéia, não há possibilidade de mudança. A mudança é então uma mera reforma, um movimento dentro do mesmo campo e, por conseguinte, não é uma revolução radical. Temos, pois, de reconhecer que a aplicação da vontade nenhuma significação tem, quando estamos pensando em mudança. A vontade implica repressão, resistência, ajustamento, aceitação, obediência, a autoridade de outrem ou de nós mesmos. Assim, se examinardes isso, vereis que, se vos in-

teressa uma revolução radical na existência total do homem, a vontade não tem aí nenhum valimento. Mas a maioria de nós, a maioria dos entes humanos em todo o mundo aceitou a vontade como meio de mudança. Se rejeitardes a vontade — melhor, se compreenderdes integralmente a estrutura e a natureza da vontade, e ela, por conseguinte, tiver perdido a sua importância, que surgirá à vossa frente? Compreendeis esta pergunta?

O homem tem feito uso da energia, a qual, afinal de contas, é "vontade"; essa vontade cria conflito, que também é energia. E o homem tem vivido em conflito e tem aceito o conflito como parte necessária da vida, como padrão da vida, da existência. Quer dizer, aceitamos o conflito, como uma coisa inevitável. O homem vive em conflito há 2 milhões de anos, por conseguinte já nos acostumamos com ele e o dizemos inevitável — conflito entre esposo e esposa, entre um homem e outro homem, entre um país e outro país, etc. Dizemos que o conflito é inevitável; mas, decerto, ele é sempre ação da energia. Se não tivésseis energia não haveria conflito nenhum. Se não tivésseis energia para disputar, para lutar, para discutir, não haveria conflito. Assim, como descobrir o meio de libertar a energia de modo que ela não crie conflito? Compreendeis? Está claro?

Vede, senhor! Energia é vida. Tudo o que fazemos, que pensamos, que sentimos, faz parte daquela energia. Privados de energia, estaríamos mortos. Mas aquela energia está a criar conflito a todas as horas. É dessa maneira que vivemos. Nossos pensamentos, nossos sentimentos, nossas ambições, e tudo o que fazemos, geram conflito. É possível libertar essa energia, de modo que nesse próprio ato cesse o conflito?

Tomemos um simples exemplo. Se olhais para uma árvore, há duas maneiras de fazê-lo. Ou olhais para ela com pensamento; ou a olhais sem pensamento, mas ao mesmo tempo intensamente cônscio da árvore. Isto é, ao olhardes uma árvore, que sucede? Há a percepção visual e em seguida o dar nome à árvore, generalizá-la; por conseguinte, não a estais olhando realmente. Experimentai olhar aquela árvore. Ao fazê-lo, dizeis imediatamente que é uma mangueira, que é isto ou aquilo. Essa própria atividade de dar nome à árvore constitui o "processo" de criar conflito. Mas se, ao contrário, não lhe désseis nome,

porém a observásseis realmente, não haveria conflito entre vós e ela. Procurai fazer isso numa ocasião em que estiverdes sossegado em vosso quarto. Olhai uma flor. Olhai-a! Em primeiro lugar, descobrireis por vós mesmo quanto é difícil olhar qualquer coisa. Olhando uma coisa, deveis dar-lhe vossa atenção total. E para se dar atenção total, não pode haver verbalização, porque esta se torna desatenção. Quando, olhando para aquela flor, digo "É uma rosa, gosto dela" ou "Não gosto dela, prefiro outra flor", etc., estou desatento. Para *olhar* ou *escutar* tenho de estar completamente atento. Escutai os corvos. Vós os escutais ou desatentamente ou com atenção completa. Se escutais com atenção completa, não há irritação, não há conflito, não dizeis "Seria bom se eles se fossem embora". Só quando estais desatento — isto é, quando desejais escutar o orador e repelir o barulho dos corvos — é só então, nesse estado de desatenção, que há conflito. Isto é simples, como podeis verificar por vós mesmo.

Assim, o conflito só se torna existente quando há desatenção. Escutai, por favor. Vós não podeis exercitar-vos para estar atento. Mas podeis ficar cônscio de estar desatento. E quando estais cônscio de estar desatento, estais atento. Assim o que nos interessa é promover a mudança sem conflito nenhum — conflito na mente consciente ou nos níveis inferiores da consciência — em todos os pontos do nosso ser. A mudança fundamental não pode, em circunstância alguma, ser produzida pelo conflito. Por conseguinte, se perceberdes isso, vereis que nenhuma significação tem a vontade, a disciplina, o controle, a subjugação e o ajustamento. Se compreenderdes muito claramente que não há revolução radical no ajustar-se, no obedecer, no reprimir ou no aceitar, descobrireis então por vós mesmo se estais real e profundamente interessado nessa radical revolução do ser humano. Tereis então de descobrir se é possível um homem viver neste mundo fazendo uso pleno de seu cérebro, viver racional e sãmente sem ter conflito em nível nenhum. Vou examinar este ponto.

Deveis saber que há muito pouca beleza em nossa vida. Lentamente nos temos tornado insensíveis à natureza; por andarmos muito ocupados com os nossos problemas e interesses, nossa mente, nosso coração e nosso cérebro se tornaram insensíveis.

Aceitamos o conflito como a norma da vida. Mas onde há conflito não há sensibilidade. O conflito e o amor não podem andar juntos. E, no entanto, a norma de nossa vida — no emprego, no templo, na igreja, na rua — é uma série de conflitos, superficiais ou importantes. E, se queremos mudar tudo isso, devemos aprender não só a olhar uma árvore, a escutar o silêncio do anoitecer, mas também a viver numa sociedade tão corrupta, cuja verdadeira essência é a desordem.

Para compreender tudo isso, devemos compreender a natureza do nosso pensar. Nosso cérebro é o mecanismo do pensamento, e esse pensamento o resultado de um sem-número de experiências. Antes de examinar este ponto, peço-vos que escuteis, sem concordar, porque nesta matéria não há concordar. Eu não estou fazendo nenhuma propaganda. Não estou tentando fazer que vos transformeis noutra coisa. Se sois capaz de observar, vós mesmo opereis essa mudança. Escutai, por favor. Assim como estais escutando, assim como vedes à noite a beleza do céu e a tranqüilidade de um soberbo rio, assim também escutai — não intelectualmente, não apenas as palavras, mas também o conteúdo delas. Bem poucos de nós somos capazes de escutar, porque já temos nossos preconceitos, nossas conclusões. Pensamos que sabemos. Nunca estamos aprendendo.

Para aprender, requer-se o escutar, e quando escutais há atenção. Estamos vendo, pois, que, para aprender, necessita-se de silêncio, atenção e observação. Esse processo, em seu todo, é *aprender* — não, acumular — é *ir* aprendendo, aprender agindo; não, "*ter aprendido*" e agir. São dois processos completamente diversos. Nós estamos aprendendo quando estamos examinando, quando estamos observando — e isso não é o mesmo que ter aprendido e, depois, observar. Os dois movimentos são inteiramente diferentes.

O que agora estamos fazendo é "aprender agindo", porque vós não estais sendo ensinados. Aqui não há instrutor nem discípulo. Não há *guru* de espécie alguma. Porque cada um tem de alumiar seu caminho com sua própria luz e não com a luz de outrem. Se caminhardes com a luz de outrem, ela vos levará à escuridão. E muito importa compreender isto: Que estais aprendendo. Para aprender, requer-se silêncio. Como podeis aprender, se vossa mente está a palrar — como olhar, como

prestar atenção? Observai um colegial! Se está realmente interessado na matéria que tem de estudar, ele se conserva essencialmente tranqüilo, prestando atenção; em virtude dessa atenção está aprendendo. Ainda que deseje olhar pela janela, esse próprio ato, esse olhar, faz parte daquele aprender.

Estamos, pois, aprendendo. Para aprender, não se necessita de nenhum instrutor; o que se requer é só atenção, aquele silêncio simples e tranqüilo, então, aprende-se. E, nesse aprender, nenhum livro, nenhum instrutor, ninguém está a guiar-nos; a coisa está simplesmente *acontecendo.*

Ora, interessa-nos uma maneira de vida em que tenha cessado todo conflito. Vamos *aprender.* Não temos de dizer: "Que devo fazer para viver sem conflito?" Esta é a pergunta mais imatura, mais infantil, e no mesmo instante em que a formulais estais criando o homem que vos ensinará o que deveis fazer, e, por conseguinte caístes numa rede. Portanto, tendes de ver que o aprender está no agir; se se comete algum erro ou nenhum erro — isso não importa.

O aprender está no agir e não ser ensinado (exceto tecnologicamente; tecnologicamente, tenho de ser ajudado a compreender o cérebro eletrônico, etc.). Ninguém pode ensinar-vos, e vós mesmo é que tendes de iniciar esse aprender. O que outrem ensina não é a verdade. O seguidor destrói a verdade, tanto quanto o *guru* a destrói. Por conseguinte, vós tendes de aprender; e o aprender está no agir. Eis a beleza do aprender. Esse aprender torna-se uma alegria, um deleite, e não uma coisa tediosa, uma coisa que *tem* de ser feita.

Assim, para entrarmos nesta questão de como viver sem conflito, em todos os níveis de nosso ser, intelectualmente, em nossas emoções, em nossos sentimentos, em nosso comportamento externo, temos de aprender. Ainda que seja o orador quem faz a investigação, vós tendes de aprender; e isso, por conseguinte, significa que estais investigando junto com ele. Conseqüentemente, o aprender é sempre cooperativo; quer dizer, é sempre um processo de relação. Compreendei a beleza disso, por favor! Não podeis aprender sozinho. O aprender está no agir, e o agir — nas relações. Não temos de isolar-nos, para examinar, analisar e, afinal, aprender. Aprender é um ato de relação, e relação é vida. A vida é esse estupendo movimento das relações

de cada dia. E descobrir uma maneira de viver sem conflito é fazer o maior dos descobrimentos, é a maneira suprema de agir.

Assim, antes de começarmos a examinar — o que provavelmente faremos na próxima reunião — a primeira coisa que se precisa perceber é que o conflito, embora constitua uma parte considerável de nossa vida, não pode, de modo nenhum e em circunstância alguma, produzir uma vida de profundo percebimento, silêncio e beleza. Um homem em conflito não tem possibilidade de amar. Como o poderia? Ele se acha em conflito, frustrado, deseja preencher-se e todo esforço que faz é nesse sentido. Por conseguinte, não há beleza, não há afeição, não há ternura. Poderá ter sentimentalidade, emotividade, mas isso não é amor.

Assim, urge compreender profundamente que o conflito, em todas as suas formas e em todas as circunstâncias, e por mais que a ele estejamos habituados, que nele tenhamos vivido — destrói, perverte. A mente que compreendeu isso, que percebeu todas as implicações do conflito e começa a aprender uma maneira de vida inteiramente isenta de conflito e, todavia, intensamente ativa — essa mente não se deixará adormentar, não se tornará letárgica, inerte, embotada, entorpecida. O homem em conflito é que leva uma vida monótona e estúpida — e não aquele que vive livre de conflito.

Mas, para se compreender e alcançar esse extraordinário estado mental isento de conflito, tem-se de compreender a estrutura e a natureza do conflito, de ver, real e objetivamente, todos os seus movimentos. Assim, percebido isso, pode-se passar adiante. Mas, se o não perceberdes, jamais ireis além. Isso é como um homem falar das belezas da vida, ouvir música, freqüentar os teatros, observar à tarde a beleza das árvores contra o sol poente — e nunca notar a sordidez das ruas. Tendo-se habituado às imundícies, à miséria e à pobreza das ruas, esse homem não é um verdadeiro amante da beleza. Para serdes capaz de amar, tendes de notar também toda a sordidez e miséria e as desumanas condições que a vida vos depara.

16 de fevereiro de 1970.

BOMBAIM:
O campo da consciência

Como dissemos em nossa última reunião, aprender é um fator importante na vida. O aprender, como ação, só pode verificar-se quando há silêncio e atenção: nesse estado, a mente aprende. Mas a palavra "aprender" implica geralmente adquirir conhecimentos baseados na experiência ou no estudo, em memorizar certas idéias, princípios ou conceitos e atuar de acordo com essa memorização, esse conhecimento. De modo geral, é isso o que a palavra "aprender" implica. Mas não estamos tratando dessa espécie de aprender, porém de coisa completamente diferente, ou seja do aprender ao mesmo tempo que exercemos nossas atividades — aprender *agindo;* não é "primeiro aprender e depois agir."

O aprender a que nos referimos exige atenção. Quando se presta atenção, seriamente, há nessa atenção um estado de silêncio. Se prestardes atenção aos ruídos que se estão ouvindo aqui — o barulho dos corvos, dos ônibus, das pessoas que vos rodeiam — se prestardes atenção às cores, aos semblantes etc., vereis (se estiverdes observando por vós mesmo) que há nessa atenção um estado de silêncio. Nesse silêncio, nessa atenção, existe um processo de aprender. Isso implica, naturalmente, uma certa seriedade.

Cumpre explicar mais uma vez o que entendemos pela palavra "sério". Em geral consideramos muito sério aquele que

segue determinado princípio, crença, idéia ou fórmula; ou o que tem um certo ideal e procura viver de acordo com esse ideal ou princípio, ou conforme uma certa finalidade ou objetivo. Quando uma pessoa faz tais coisas, consideramo-la *séria*. No meu entender, essas pessoas não são sérias. Porque seriedade supõe aplicação, não consoante uma dada idéia ou fórmula, porém aplicação ao *aprender*, quer dizer, aplicar toda a atenção a estudar não apenas uma determinada matéria, uma particularidade da vida, porém o todo da vida, que é um campo imenso. Se nos devotamos a uma particularidade da vida e a ela aplicamos nossa atenção, isso decerto não constitui uma ação muito séria. Mas o aprender a respeito da totalidade da vida — que é a totalidade da consciência — requer muita atenção. Aquele que escolhe unicamente uma parte desse vasto campo que chamamos "a consciência", e a essa parte aplica toda a atenção — não posso considerar séria tal pessoa. Sério, ardoroso, apaixonado, "intenso", é aquele que procura compreender o inteiro processo da consciência, ou seja o todo da vida.

Assim, o que nesta tarde vamos fazer, se possível, é estudar essa coisa chamada "consciência". Para estudar a consciência, é claro que a ela devemos aplicar-nos de maneira nova. Podeis ter lido livros, ter idéias e opiniões, mas o que lestes, as vossas opiniões, os vossos conhecimentos adquiridos de outrem, nada disso é *o que é* — o fato. Para se compreender um fato não há necessidade de opiniões; estas, pelo contrário, constituem um obstáculo. E, para podermos investigar essa consciência, temos de estar livres, não estar ligados a nenhuma teoria ou conhecimento.

Por conseguinte, para o homem sério, que deseja aprender, o primeiro requisito é que esteja livre para investigar — isso significa não ter medo; que esteja livre para olhar, observar, criticar; que seja inteligentemente cético, não aceite opiniões. Nós vamos investigar um assunto que exige toda a vossa atenção; e não podeis dispensar-lhe atenção se tendes uma opinião, uma idéia, uma fórmula, ou conhecimento de coisas ditas por outra pessoa. Como antes dissemos, quando caminhamos com a luz de outrem, essa luz nos levará à escuridão — não importa quem seja o que nos oferece a luz. Mas, para podermos caminhar com a luz de nossa própria compreensão, requer-se atenção e silêncio e, por conseguinte, muita seriedade.

Estão-se verificando importantes mudanças no mundo, no campo científico e no campo da medicina. Temos o computador, a automação, que irão proporcionar ao homem muito lazer. Ainda não chegou talvez a hora de fruirmos esse lazer, mas está por chegar. O homem vai ter liberdade e lazer em abundância, para fazer o que quiser. A ciência está também investigando a questão de prolongar indefinidamente a vida, de gerar filhos por diferentes métodos, etc. Tudo isso está acontecendo e irá revolucionar toda a sociedade. A família, as relações entre marido e mulher — tudo vai ser revolucionado. Na hora atual, ocorre uma extraordinária mudança no mundo, no terreno econômico, social, científico, médico.

Que irá acontecer ao homem — a vós e a mim — nesta tremenda revolução? Qual a finalidade do homem? Por que existe ele? Agora que as máquinas, a tecnologia, vão proporcionar-lhe tantos lazeres e a medicina vai prolongar-lhe a vida indefinidamente — por que e para que existe o homem? O trabalho cansativo e rotineiro lhe será retirado. Já se fala em dar ao homem, ao nascer, uma certa quantia de dinheiro e deixá-lo ser livre. Isso está a vir. Tudo é possível agora. Que há de fazer o homem? Eis uma pergunta muito séria. Que iremos fazer neste mundo, como entes humanos, quando houver desaparecido de todo a idéia de alma, de reencarnação, da existência contínua de um dado indivíduo?

Temos, pois, de aprender de maneira nova e de descobrir uma nova maneira de viver. Para isso, temos de investigar o atual estado da mente, da consciência, e ver se é possível operar uma mutação fundamental e radical dessa consciência. Por consciência entendemos, não é verdade?, o pensamento, o sentimento e a ação, conscientes ou inconscientes. É isso o que geralmente se entende por "consciência" — o processo total do pensar. Os sentidos, que criam o sentimento, e as fórmulas, os conceitos, as idéias, a opinião, a crença positiva ou negativa — tudo isso está compreendido no campo da consciência. E essa consciência é resultado do tempo, de tempo entendido como duração, anos, como processo evolutivo. Da ausência de pensamento ao pensar mais profundo, do sentimento superficial às grandes profundezas do sentir, tudo isso implica um largo espaço de tempo, não só do tempo medido pelo relógio, mas

também do tempo considerado psicologicamente, interiormente. O pensamento é consciência, o pensamento é tempo. E foram precisos séculos de acumulação de experiência e conhecimento, de dores, de sofrimentos, para se formar esse processo e nos tornarmos capazes de pensar.

Existe o pensar — pensar consciente ou pensar inconsciente. E tanto o inconsciente como o consciente estão compreendidos no campo da consciência; nós os dividimos por conveniência, porém, na realidade, tal divisão não existe. Pois bem, isso tudo é o resultado de séculos de experiência, de conhecimento, de instrução, de tradição — tradição milenar ou tradição de alguns anos ou dias — da influência tecnológica ou do conhecimento tecnológico. Isso tudo está no campo da consciência, que compreende o consciente e o inconsciente. Dentro desse campo nós atuamos. E dentro dele se encontra sofrimento, prazer, dor — o sofrimento consciente ou o sofrimento profundo, não revelado, latente.

A mudança radical tem de operar-se fora dessa consciência, fora do tempo, pois todo pensamento que se verifica no campo da consciência faz parte do tempo. É por essa razão que dizemos que necessitamos do tempo, de um processo gradual, para podermos promover uma transformação radical. Ou dizemos que amanhã nos transformaremos, e nesse caso estamos ainda no campo da consciência; ou dizemos que a mutação ocorrerá em nossa próxima vida, na vida futura, e aqui também estamos ainda no campo da consciência. Assim, enquanto o pensamento, que é tempo, estiver funcionando naquele campo, não poderá operar qualquer mudança. Poderá promover modificação — uma atividade continuamente modificada, um ajustamento. Mas nesse campo não há nenhuma possibilidade de mudança radical. Isto precisa ficar bem claramente entendido entre nós. Porque, naquele campo, toda ação resulta do pensamento — consciente ou inconsciente; esse pensamento cria certos valores e tais valores se baseiam no prazer. Os valores morais, éticos, os chamados valores nobres, baseiam-se essencialmente no prazer. Enquanto estivermos em atividade, efetuando ou tentando efetuar, por meio do pensamento, qualquer mudança dentro desse campo, não haverá mudança alguma, porque o pensamento só é capaz de criar conflito.

Peço-os ouvir o que se está dizendo, sem aceitar, nem discordar, nem rejeitar. Examinai-o, olhai-o, se possível, como se o estivésseis olhando pela primeira vez. Esta é, com efeito, a arte de escutar. Em geral, nós não escutamos nada. Sois capazes de ouvir, mas o escutar exige atenção. E para se prestar atenção têm de ser postos à margem todos os valores, opiniões, juízos, avaliações, interpretações. Só então sois capaz de escutar o vosso amigo, a vossa esposa, qualquer coisa. Da mesma maneira temos de descobrir o meio de promover na mente humana, no coração humano, uma revolução total, não subordinada ao tempo, à evolução.

O pensamento é todo esse mecanismo de acumular memória, através da experiência, do conhecimento, das variadas pressões e tensões e influências. Esse pensamento não pode, em circunstância alguma, operar uma revolução radical. Por quê? Porque o pensamento se baseia essencialmente no prazer, e onde há prazer há sempre dor. Todos os nossos valores sociais, morais e éticos baseiam-se no prazer. E nossa crença (que é um processo de pensamento) em Deus ou na inexistência de Deus, é sempre uma busca de conforto, de segurança psicológica, e isso também se fundamenta no prazer. Por conseguinte, há sempre conflito e esforço. Uma vez que a consciência é tempo, toda ação exercida nesse campo acarretará necessariamente conflito e sofrimento. Assim, para se efetuar, no ente humano, uma revolução radical, essa revolução deve ocorrer fora do campo da consciência.

O homem vive há 2 milhões de anos, ou mais, mas ainda não resolveu o problema do sofrimento. Está sempre sujeito ao sofrimento, que o acompanha com sua sombra — o sofrimento causado pela perda de alguém, pela impossibilidade de preencher suas ambições, sua avidez, de aplicar suas capacidades, pela dor física, pela ansiedade psicológica, pelas esperanças frustradas e o desespero; foi sempre essa a sina do homem, de cada ente humano. E ele sempre lutou para resolver esse problema, pôr fim ao sofrimento existente no campo da consciência, esforçando-se por evitá-lo, reprimi-lo, identificando-se com alguma coisa maior do que ele, entregando-se à bebida, ao sexo, tudo fazendo para evitar essa ansiedade, essa dor, esse desespero, a imensa solidão e tédio de sua vida; e todos esses esforços

são sempre feitos dentro do campo da consciência, a qual é resultado do tempo.

Assim, como vemos, o homem sempre exerceu o pensamento como meio de libertar-se do sofrimento, procurando agir corretamente, pensar corretamente, viver moralmente etc. O exercício do pensamento foi sempre o seu modo de ação — pensamento com o intelecto, etc. Mas o pensamento é resultado do tempo, e tempo é consciência. Não importa o que o homem faça no campo da consciência, seu sofrimento nunca terminará. Tanto faz procurar o templo como beber — é tudo a mesma coisa. Quando pois, um homem *aprende*, pode ver que, por meio do pensamento, não há nenhuma possibilidade de mudança radical; o que há é só a continuação do sofrimento.

Ver esse fato é passar a uma dimensão diferente. Não estou empregando a palavra "ver" no sentido de perceber intelectual ou verbalmente, porém no de compreender totalmente este fato: que o sofrimento não pode ser extinto pelo pensamento. Mas isso não significa que temos de suprimir o pensamento. Se negamos o pensamento, isso significa apenas que o pensamento está negando a si próprio, mas continua existente.

Ver um fato é uma das coisas mais difíceis deste mundo. É muito simples ver o fato constituído por este microfone. Ele existe; vós e eu demos um certo nome a este objeto, e dizemos ambos que o estamos vendo, que ele é bom ou ruim. Já o olhar para aquela árvore se torna um pouco mais complexo. Porque, quando o fazeis, é o pensamento que olha a árvore e não os vossos olhos. Observai, e vereis por vós mesmo que assim é. Olhai uma flor! Quem é que está olhando? Os vossos olhos? Ver com os olhos significa que não há opinião, não há pensamento, não há julgamento, não há dar nome; só há *olhar*. Quando dizeis que estais olhando uma flor, é vossa mente que está a olhar; isto é, o pensamento é que está a olhar, a funcionar. Por conseguinte, nunca *vedes* a flor. A flor é uma coisa objetiva. Mas penetrar em si mesmo para olhar um fato interior, isso é quase impossível, porque os preconceitos, as lembranças, as experiências, o prazer, a dor — tudo isso interfere e prejudica a observação. O pensamento, por conseguinte, não pode em tempo algum terminar pela sua própria ação. Uma vez que o pensamento constitui a totalidade de nosso pensar-sen-

tir, por mais que nos esforcemos, não há possibilidade nenhuma de pormos fim ao sofrimento nessa área da consciência. Isso é um fato, pois o homem jamais conseguiu libertar-se do sofrimento.

Vemos, pois, que o tempo, o pensamento, não pode operar mudança alguma. E a mudança, no sentido mais profundo da palavra, é absolutamente necessária, porquanto não podemos continuar como estamos indo, com nosso separatismo, nosso estreito nacionalismo e tantos outros absurdos que acumulamos através dos séculos; com nossos deuses, nossas crenças, nossos ritos etc., tudo puro contra-senso. Pois não sabemos o que significa amor. Como podemos amar se há aflição em nosso coração, em nossa mente? Como podemos amar quando há competição, avidez, inveja? Temos vivido com a violência, e com ela continuaremos a viver, a não ser que ocorra uma mudança radical, independente do tempo. Assim, se vedes fato de que o tempo não pode produzir nenhuma revolução radical, nem exterior nem interiormente, que sucede então?

Necessitamos de mudança social, de uma revolução completa em nossas relações, que geraram esta sociedade monstruosa. Existe a violência em nossos corações e em nossas relações. Cada um só se ocupa de si próprio e de ninguém mais. E a ação, invariavelmente, gera conflito; nossa vida, não importa o que estejamos fazendo, só produz confusão, aflição, conflito. Isto também é um fato. Quer conscientes, quer inconscientes, todas as nossas ações produzem conflito em nossa existência. O consciente é racional, sua atividade deliberada. O inconsciente é muito mais forte que o consciente. Olhai para dentro de vós mesmo, profundamente, não de acordo com Freud ou outro — olhai-vos *realmente*. E para vos olhardes, deveis estar livre para olhar. Se dizeis: "Isto é correto" ou "Isto é errado", "Isto é bom" ou "Isto é mau", "Tenho de fazer isto", "Não devo fazer isto", neste caso não estais livre para olhar, para observar, para penetrar neste imenso campo da consciência. O inconsciente, como já disse, é muito forte. Ele é o repositório racial, coletivo, e nos governa muito mais do que a mente consciente. E, também, tem seus próprios motivos, impulsos, alvos. Envia-nos mensagens através de sonhos etc. — mas não vamos tratar disso agora. Assim, a menos que se opere aquela revolução radical,

fundamental, o conflito humano durará infinitamente. Ainda que venhamos a prolongar indefinidamente a nossa existência física, ainda que disponhamos de lazeres graças à automação e ao cérebro eletrônico, a aflição e o conflito existirão sempre.

Assim, que se deve fazer? Entendeis esta pergunta? Está o homem condenado para sempre a viver em conflito, na aflição, ignorando o que significa ser totalmente livre e, por conseguinte, ignorando o que é amar? Quando se percebe que o tempo, o pensamento, não é o meio de terminar o sofrimento, que sucede então? Entendeis o que queremos dizer com a palavra "perceber"? Quando percebeis que um determinado caminho não vos leva a casa, abandonai esse caminho e segui outro. Não continuai a seguir obstinadamente tal caminho. Se o fazeis, então, mentalmente, existe algum desequilíbrio; não estais mentalmente são; estais surdo, estais cego, teimando em que aquele caminho vos levará a casa. É isso, exatamente, o que estamos fazendo. Estamos a teimar que o pensamento, o tempo, a evolução nos tirará deste caos, desta aflição.

Dessarte, sabendo-se que a ação gera, inevitavelmente, sofrimento (como o faz em nossa vida), e que a inação, por sua vez, também gera tribulações, que deve o ente humano fazer? Ou há alguma coisa para fazer? Entendeis esta pergunta? Temos freqüentado os templos, temos meditado, temos descoberto novos métodos de prolongar a vida, temos feito todo o possível, aplicado nossa inteligência, segundo uma determinada linha de ação — comunista, religiosa, ou de outra espécie. Entretanto, ainda não temos liberdade, ainda não se acabou o sofrimento, temos conflito e vivemos empenhados num esforço constante. Percebendo isso, o homem são, racional, diria: "Este não é o caminho certo, não continuarei a segui-lo".

Só quando vedes com toda a clareza que o caminho não vos leva a casa, é só então que não continuais a segui-lo. Mas, percebê-lo significa compreender a totalidade do pensamento e do sentimento — da consciência. Isto é, por meio das atividades criadas pelo pensar, pelas idéias, pelos sentimentos, não há possibilidade de se pôr fim ao conflito e, por conseguinte, ao sofrimento. Ver esse fato, como se pode ver o fato constituído por este microfone, por aquelas árvores, requer atenção. E quando se presta atenção, a consciência está totalmente em silêncio;

não há interferência do pensamento. É dessa maneira que se pode descobrir, aprender.

Ora, além e acima da consciência, existe uma outra dimensão? Não salteis logo à conclusão de que essa dimensão é Deus; isso é falta de bom senso. A mente que conscientemente pensa em Deus está ainda entre os limites de sua própria consciência. Compreendeis? Se pensais em Deus, esse Deus é uma criação de vosso pensar; e, uma vez que vosso pensar é resultado do tempo, vosso Deus é temporal; isso não tem sentido nenhum. Perguntamos se existe uma dimensão diferente. Tal pergunta só pode ser uma pergunta válida, fundamental, não teórica, quando se compreendeu a natureza do tempo. Percebeis?

Vede, senhor! O mundo está "estourando" de população. Observai as multidões que enchem as ruas — incultas, atrasadas, supersticiosas, etc. E a comiseração, a compaixão vos faz dizer: "Ser-lhes-á dada nova oportunidade na próxima vida; eles hão de evoluir como nós outros". Todos cremos nisso. Não gostamos de pensar que passamos nossa vida na confusão e que poderíamos ter sido atirados à sarjeta, como tantos outros, como peixes podres. Dizemos que só uns poucos conhecerão aquela incomparável liberdade que se alcança fora da consciência. Por isso, inventamos a evolução, esperamos que, gradualmente, o homèm se irá tornando mais livre, mais amorável, mais benevolente, não violento etc. etc. No momento em que se admite o tempo, admite-se a continuidade do sofrimento. Sem o tempo, que esperanças vos restam, se já estais velho, fortemente condicionado e dificilmente podeis quebrar os vossos hábitos, mesmo os mais triviais? Temos de quebrar os nossos hábitos instantaneamente, e não amanhã; não só os hábitos superficiais, mas também os mais profundos, as rotinas de nosso pensar, de nossas crenças e dogmas. Temos de quebrar hábitos profundamente enraizados e, por isso, dizemos: "Eles não podem ser quebrados imediatamente, necessitamos de tempo para quebrá-los". Por conseguinte, dizemos que o faremos na próxima vida, ou na próxima semana — que é a mesma coisa, pois é admitir o tempo.

Em vista disso, pergunta-se, inevitavelmente: "Existe uma ação fora do tempo — uma ação que nos possibilite viver, dia a dia, neste mundo, fora desta confusão, deste caos, livres destas aflições, disputas, sordidez, superstição, deuses grotescos? Pode-

mos, vós e eu, aprisionados que estamos no tempo, libertar-nos das redes do tempo? Isso tem de ser feito imediatamente, instantaneamente. De contrário, conservaremos a esperança na evolução, na gradualidade, que a pouco e pouco nos libertará do sofrimento. Mas, não poderemos, nunca, livrar-nos do sofrimento, pô-lo à margem, por meio do tempo. Portanto, requer se uma ação instantânea. E, decerto, existe essa ação instantânea, capaz de romper a rede do tempo. Direis: "Que devo fazer? Dizei-mo! Que devo praticar? Que método seguir? Como devo pensar, para alijar esse peso tremendo do tempo?" Tais perguntas indicam que ainda estais pensando dentro dos limites do tempo. Toda prática exige tempo. Todo método exige tempo. Esperar que alguém vos diga o que deveis fazer também exige tempo. E o fazê-lo em conformidade com as instruções dadas se verifica no campo do tempo. Por conseguinte, não há esperanças no campo do tempo: só desespero e crescente sofrimento.

Tendes, pois, de ver a verdade a esse respeito. Isso é meditação — da qual trataremos noutra oportunidade. Mas só se pode ver essa verdade se estais completamente atento, com todo o vosso ser. E não se pode estar atento quando não há silêncio. É só nesse silêncio — que não se alcança por meio do tempo — é só com essa atenção que o sofrimento pode terminar. Pode-se então ver que existe uma dimensão totalmente diferente — não a dimensão dos deuses e demais futilidades que o homem inventou com seu medo e seu desespero. Há uma dimensão onde a ação não cria conflito e contradição e onde, portanto, não existe esforço. Mas a mente, por mais que se esforce, não poderá alcançá-la se não compreender todo o campo da consciência. Esse campo não pode ser compreendido por meio do tempo nem por meio do pensamento, porém pelo percebimento instantâneo.

Senhor, tendes de ser bastante sério e ardoroso para poderdes observar, em seu todo, o movimento do pensamento, que é consciência, que é como o fluir de um rio; observar o enorme peso de conhecimento, tradição, esperança, desespero, ansiedade e aflição que impulsiona o pensamento. Tendes de varrer tudo isso — não como observador e coisa observada. O pensador é o pensamento; o observador é a coisa observada. Quando olhais uma árvore, quando contemplais a beleza do céu e o

encantamento de uma noite tranqüila, *vós* — o centro — permaneceis e, por conseguinte, sois o observador. O observador cria espaço ao redor de si e nesse espaço experimenta o que pode ser experimentado. Isto é, se observais na qualidade de observador, estais então sempre criando a coisa observada. Se não há observador, o centro de onde se está olhando, só há então o fato.

Escutai aqueles corvos. Escutai! Se escutais integralmente, existe um centro de onde estais escutando? Vossos ouvidos estão ouvindo o barulho, a vibração etc., mas não há nenhum centro de onde estais escutando. Está havendo atenção. Por conseguinte, quando escutais integralmente, não há entidade que escuta, só há o fato — o barulho. Para escutar integralmente, necessitais de silêncio, e esse silêncio não é uma coisa existente no pensamento, criada pelo pensamento. Escutando aquele corvo que está a fazer barulho antes de dormir, escutando tão integralmente que desapareça o sujeito que escuta, vereis que não há então nenhuma entidade a dizer "Estou escutando".

Vê-se pois, que o pensador e o pensamento são um só todo; sem pensamento não há pensador. E quando não há pensador e só há pensamento, há então um estado de percebimento sem pensamento; o pensamento desaparece. Por favor, não pratiqueis essas coisas. Não vos senteis numa certa atitude, respirando corretamente, segurando o nariz, não vos ponhais de cabeça para baixo, não façais nenhuma dessas infantilidades. O de que estamos falando exige muita madureza. Madureza significa sensibilidade, inteligência. Não podeis estar atento, se não sois inteiramente sensível, se vosso corpo, vossos nervos, vossa mente, vosso coração, se todo o vosso ser não está plenamente desperto, vigilante. Então... não vou dizer que descobrireis alguma coisa, porque *vós* não podeis descobrir nada; o pensador, que sois *vós*, jamais encontrará a realidade.

É preciso ver este fato: que existe uma dimensão onde a ação não gera conflito ou sofrimento. E para descobri-la, encontrá-la de maneira não sabida, misteriosa, sem pensar, necessita-se de liberdade desde o começo, e não no fim — liberdade para investigar, olhar, observar, sem medo.

20 de fevereiro de 1966.

BOMBAIM:
O medo

Nesta tarde examinaremos a questão do medo. Mas, antes disso, temos de compreender que o símbolo não é a realidade. A palavra não é o fato. A palavra "medo" não é o estado real, o medo. Entretanto, a maioria de nós vive de palavras. Consideramo-las muito importantes. As palavras têm, com efeito, um certo valor como meio de comunicação, mas, em si mesmas, não têm muita importância. O importante é o fato que a palavra representa.

Assim, ao examinarmos a questão do medo e a que depois dela virá, devemos perceber muito claramente que a realidade não pode ser experimentada por meio de palavras e que a palavra não é a coisa. A palavra "árvore", a palavra "mulher", a palavra "homem", não constituem a realidade árvore, mulher, homem. E com a maioria de nós acontece que o símbolo prejudica a percepção real do fato. A palavra, o símbolo, desperta o medo; isto é, ela provoca o medo, ou impede a compreensão do medo. Temos de compreender não só o significado da palavra, mas também que ela não deve interferir no fato.

Por conseguinte, uma das coisas mais relevantes parece-me ser esta que devemos primeiramente libertar-nos da palavra — por exemplo, da palavra "paquistani", ou "hindu", ou "parsi", ou "comunista" — porquanto a palavra encobre o fato. A palavra, com as lembranças que evoca, com seu conteúdo, sua

influência, impede o percebimento da realidade. E, também, ela agita a realidade; a palavra "morte", por exemplo, desperta imediatamente uma quantidade de imagens, cenas, fantasias, esperanças, desespero. Mas a palavra não é o fato. Importa não só compreendermos esse fato, esse "processo" — ou seja que a palavra não é a coisa e freqüentemente impede o percebimento da realidade — mas também que devemos libertar-nos da palavra para observar o fato.

Porque a liberdade é essencial para podermos ver, observar, ouvir, sentir, pensar claramente, examinar. A liberdade é absolutamente necessária exatamente no começo e não quando se está chegando ao fim. Isto é, se desejo examinar aquela árvore, ou uma idéia, ou um sentimento, ou um fato, preciso estar livre para examiná-lo, não devo estar preso a minhas opiniões, meu julgamento, minhas avaliações, meus preconceitos, às influências de meu ambiente. A liberdade, pois, é imprescindível ao exame, desde o começo. E a palavra "liberdade" não é o fato. O fato é inteiramente diferente. No momento em que temos liberdade para examinar, a palavra se torna sem valor; pode-se ver, então, quanto é difícil ser livre para examinar.

Para a maioria de nós a liberdade não tem importância nenhuma. Não a desejamos. Preferimos depender, preferimos viver no velho padrão, numa dada sociedade ou cultura, a exigir que o ente humano se liberte completamente. E claro é que essa liberdade não nos pode ser dada. Não podemos comprá-la. Podemos ler livros a seu respeito. Ler livros, perguntar a outros o que ela é significa ocupar-se com um mero símbolo, uma idéia, uma palavra; e através de palavra não podemos entrar em contato com o fato. Assim, quando nos pomos a examinar esse assunto do medo, temos de perceber claramente, logo no começo, que a liberdade é necessária a todo exame; não deve haver aceitação de nada, porém, ao contrário, devemos ser capazes de dizer "Não". Para se poder descobrir alguma coisa, é sempre preferível dizer "Não" a dizer "Sim". Um dos principais fatores ou causas da decadência deste país, da deterioração a que estamos assistindo, é o de estarmos sempre aceitando e, depois, vivendo no estado que aceitamos. Nunca dizemos "Não". "Não" significa revolta. Sois capazes de revoltar-vos como reação — mas isso não leva a parte alguma. Ora, no dizer "Não" ao ver-

mos uma rua suja, coberta de lixo, nesse próprio protesto há ação. A ação não vem depois de dizermos "Não", porém é simultânea com o dizê-lo.

Tende a bondade de prestar toda a atenção a isto, porque, para compreendermos o medo consciente ou inconsciente — e este é um dos principais problemas de nossa vida — precisamos de liberdade para dizer "não" em relação a ele, em vez de tentarmos achar meios e modos de fugir-lhes. Através dos séculos construímos uma verdadeira rede de vias de fuga. Somos obviamente incapazes de enfrentar um fato — o fato da guerra e tudo o que ele implica, ou outro fato qualquer. O enfrentar o fato exige ação; mas, se fugimos à ação, se fugimos ao fato, o fato se torna então problema.

Existe o medo; dele trataremos mais adiante, pois temos primeiramente de perceber o que ele implica. Existe o medo. Nunca entramos diretamente em contato com esse fato. Se o fazemos, então, ou sabemos verdadeiramente que somos incapazes de enfrentá-lo, ou sabemos de que maneira enfrentá-lo. Mas, se fugimos ao fato, a fuga se torna o problema e não o fato. Enfrentar um fato é uma das coisas mais difíceis porque à nossa mente repugna olhar qualquer coisa diretamente. Observai isso como uma realidade existente em vós mesmo; não fiqueis meramente a ouvir palavras.

O medo, que é o percebimento de um perigo, assume muitas formas. Não há medo abstrato. O medo não é uma abstração, porém uma realidade. Conhecemos a gênese do medo. Ela existe sempre em relação com alguma coisa. Não pode existir sozinho. E só há uma única forma de medo, o medo relacionado com a sobrevivência física. Se vedes uma serpente, todo o metabolismo do organismo se altera e agis: fugis ou fazeis alguma coisa: agis. Esta é uma coisa. Aquela reação física é necessária; sem ela, seríeis destruído. Isto é, toda a estrutura do cérebro se baseia na sobrevivência, na sobrevivência física. Mas o ente humano transfere esse fato para o psique e diz que precisa sobreviver psicologicamente. Está claro o que eu disse? Vamos agora examinar a questão.

O que nos assusta não é a dor física, o perigo físico, porém o medo psicológico — o que pensarão de nós os outros, o medo de perdermos o emprego, de não sobrevivermos após a morte

etc. Quanto mais desperto e vigilante o indivíduo, tanto mais premente e, portanto, tanto maior é o empenho de sobreviver fisicamente. De outra maneira, não podemos pensar e sentir, como é bem óbvio. Mas, psicologicamente, essa sobrevivência física é negada ao homem por causa de seu nacionalismo, de suas divergências religiosas, suas diferenças de classe; tudo isso gera a guerra e, por essa razão, a sobrevivência física é negada ao homem. Compreendei, por favor, este fato óbvio. Assim sendo, o homem que deseja compreender o medo deve libertar-se do nacionalismo, de todas as crenças e dogmas religiosos: de contrário, não terá possibilidade de examinar o medo. Uma vez totalmente libertado do medo psicológico, estará ele apto a observar, olhar, escutar e — nessa claridade — agir.

Como dissemos, o que nos interessa não é a sobrevivência física, porém a sobrevivência psicológica. Queremos ser hindus, ser uma nação, com fronteiras, com uma linha divisória, geográfica. Disso fazemos questão fechada, porque nos proporciona uma enorme satisfação. E o nosso semelhante que vive do outro lado daquilo que chamamos "a fronteira", faz exatamente a mesma coisa. Ele com seus peculiares dogmas e crenças religiosas, seus costumes, seus hábitos e tradições, e nós, do lado de cá, com nossas idiossincrasias, nossos temperamentos, tradições, dogmas; de maneira que a sobrevivência física nos é negada por causa de nossas exigências e necessidades psicológicas, nosso aferro a fatos que absolutamente não são fatos.

Nós vamos investigar o medo, a fim de compreendermos a sua natureza e vermos se temos alguma possibilidade de libertar-nos dele. Porque o medo obscurece a mente, impossibilitando-nos de pensar com clareza. Ficamos confusos, quase paralisados, ao manifestar-se o medo.

Para nos livrarmos totalmente do medo não há necessidade de esforço algum. Peço-vos compreender isso bem claramente. Para compreendermos uma coisa, temos de olhá-la, observá-la, temos de observar sua natureza, sua estrutura e de que maneira ela começa a existir: temos de *ver*. Quando vedes com muita clareza uma certa coisa, estais sem dúvida nenhuma livre. Ao verdes que uma coisa é venenosa, ao compreenderdes a sua natureza e significação, nesse momento, evidentemente, estais completamente livre.

Portanto, não há necessidade de esforço para nos livrarmos do medo. O esforço só é necessário para fugirmos do medo — reprimi-lo, resistir a ele, ou sublimá-lo. Mas, no mesmo instante em que compreendeis a natureza e a estrutura do medo, ele está acabado. Mas não podeis compreendê-lo, a menos que entreis em contato com o fato, diretamente e não através do símbolo ou da palavra.

Ora, para compreendermos o medo, temos de compreender o prazer. Isso porque todos os nossos valores, todas as nossas relações, alicerçam-se no prazer. Compreendei isso, por favor. Nós não estamos condenando o prazer. Não estamos dizendo que ele é bom ou mau. Estamos a examiná-lo. E, para compreendermos o prazer, temos de examinar a questão do desejo. Porque desejo e prazer estão intimamente relacionados entre si. O desejo se torna existente por reação. Vedes um belo carro, uma bela mulher, uma bela casa; dá-se uma reação, em seguida o contato e depois a sensação; essa sensação põe em funcionamento o desejo. Podeis observar isso na vida real de cada dia — o ver, o contato, a sensação e, por fim, o desejo. E que é que dá força e vitalidade ao desejo? Atenção! Está clara esta pergunta?

Há a percepção daquela casa — sua simetria, seu estilo e beleza: o ver, o contato, a sensação, o desejo; depois, o pensamento "Eu tenho de possuí-la" ou "Tenho de possuir aquele homem, aquela mulher" — o que quer que seja. E que é que dá força ao desejo? Peço-vos seguir o que estou dizendo. Qualquer espécie de repressão, de controle ou satisfação do desejo, nega a liberdade. Mas, se compreendo integralmente a estrutura do desejo, não tratarei de reprimi-lo, saberei o que fazer com ele, e o farei. Há a percepção de uma casa bonita, de um automóvel, de uma mulher; manifesta-se o desejo: uma reação normal, saudável. É licito olhar uma bela casa; ver a sua beleza é essencial. Mas, o que é que introduz nisso o conflito, tornando-o um problema? Vejamos.

Tenho de averiguar o que é que dá vitalidade, vigor, continuidade ao desejo. Se eu o descobrir, o desejo terá então muito pouca importância. Posso fazer alguma coisa em relação a ele ou nada fazer; não se criará problema algum. Vejamos, pois, o que lhe dá vitalidade, continuidade. É o pensamento, sem dúvida nenhuma. Penso naquela casa, desejo a casa; esse pensa-

mento está formando o desejo, dando-lhe força e determinação. Começa o conflito. Aquela casa me proporcionará prazer, e o prazer é criado pelo pensamento: possuindo-a, viverei mais confortavelmente, serei uma pessoa importante etc. etc. O desejo em si não lícito nem ilícito: é um fato. Mas, quando o pensamento interfere nesse desejo e lhe dá continuidade, como prazer, começa o problema. Quando vemos uma bela mulher — se não estamos paralisados, cegos, não podemos deixar de vê-la — logo entra em cena um pensamento, o qual cria diferentes imagens de prazer e, em seguida, o problema.

Temos, pois, de compreender a natureza do pensamento. Sabemos que há primeiro o desejo, depois o prazer, e precisamos saber *por que* o pensamento interfere. Se consigo descobrir a relação existente entre os três, o desejo se torna então uma coisa muito insignificante. Posso ver uma casa e esquecê-la, ver uma bela mulher sem que se produzam as costumeiras reações. O pensamento se constituiu através do tempo. O pensamento é tempo. Se deixais de pensar, não há mais amanhã. Nós temos de pensar; mas, se o pensamento se baseia no prazer, no desejo, ele se torna um problema, um perigo.

Assim, é possível vermos uma casa, uma mulher, e não deixarmos o pensamento interferir? Não de caso pensado, deliberadamente, dizendo-se que o pensamento não deve interferir porque é um fator de sofrimento, de aflição etc. — porém vendo-se o fato e não a explicação; vendo-se o fato real de que se o pensamento interfere no desejo ou lhe atribui importância, ele se torna prazer, e onde há prazer há sempre dor. As duas coisas, o prazer e a dor, não são separadas; prazer é dor. Este é um fato óbvio. A maioria dos nossos valores, conceitos, ideais, de nossas relações com homens, mulheres, vizinhos — tudo se baseia no prazer e daí advêm todos os nossos problemas. Funcionamos segundo o "princípio do prazer".

Ora, há uma vasta diferença entre prazer e amor. Considerai isso por um minuto. Todas as nossas relações, como acabamos de dizer, se baseiam no prazer; e o prazer sempre traz a dor. Isto é um fato. E onde há prazer não há amor. O amor não é um "processo" de pensamento. Não é resultado de um pensamento, ao passo que o prazer é. Se compreenderdes isso — não como efeito de raciocínio intelectual, verbal — se per-

ceberdes o fato que o prazer destrói o amor e que onde há prazer não há alegria; se virdes muito claramente que estais funcionando com base no prazer, que todas as vossas atividades e pensamentos, todo o vosso ser, vossos deuses, tudo se baseia no prazer, o qual é resultado do pensamento; se virdes que é o pensamento que dá continuidade ao prazer, ao desejo — se virdes toda essa estrutura, que lugar há para o medo?

Examinemos o medo. A maioria de nós teme a morte. Há também outras formas de medo — medo do escuro, da opinião dos outros, de perder o emprego; há dúzias de outras formas de medo. É ele sempre o mesmo, ainda que sob formas diferentes. Tomemos uma só dessas formas (o medo da morte) e a examinemos de maneira completa.

A maioria de nós teme a morte. Não sabemos o que é a morte e já lhe temos medo. E porque tememos esse fato formidável, procuramos fugir dele. Se sois hinduísta, credes na reencarnação; se sois cristão, credes na ressurreição. Mas com isso não resolvestes o problema do temor, nem a questão da morte. Apenas fugistes. Está certo isso? Não o rejeiteis. Não digais: "Então não há rencarnação?". O homem que não teme a morte não espera nem desespera. Ora bem, se seguirdes o que se está dizendo — seguirdes, não intelectual ou verbalmente, porém realmente — se aplicardes toda a vossa atenção a este ou a outro qualquer assunto, cessa o conflito; por conseguinte, estais habilitado a enfrentar o fato. Isto é, temeis a morte, mas na realidade não conheceis essa experiência. Tendes visto a morte. Tendes na mente a imagem da morte, mas estais apegado às coisas conhecidas — vossa casa, vossa família, vosso nome, vosso depósito no banco. A isso estais apegado, porque é tudo o que possuís. E a vida, tal como a estamos vivendo, é um conflito, uma aflição, um desespero, uma agonia, uma ansiedade, uma batalha constante, como todos nós sabemos muito bem. O freqüentar um escritório por quarenta anos, tédio, estupidez — tal é a vida que conhecemos: e apegamo-nos com todas forças a nossos pesares, nossa aflições, nossa confusão, nossa insignificância. Tudo isso preferimos a uma coisa que desconhecemos.

O que tememos não é o desconhecido, porém a perda do conhecido. Esse conhecido é nossa aflita existência. Não im-

porta se somos milionários ou pobres, nossa existência é uma aflição. A vida de um santo ou a de um pecador é a mesma vida de aflição, conflito, batalha. A essa vida estamos apegados, ao mesmo tempo que nos prometemos uma "próxima vida", uma "vida futura" — para a qual levaremos tudo o que conhecemos: pelo menos assim esperamos. O que conhecemos é esta aflição, este sofrimento, esperando que depois virá coisa melhor. Os cientistas andam investigando a possibilidade de prolongar a vida indefinidamente, por meio de corações artificiais, de rins artificiais, de implantações, de congelamento do corpo por um certo número de anos. Onde está a vossa alma? Entendeis esta pergunta? Existe uma alma que nos sobreviverá?

O pensamento é resultado do tempo, constituindo-se de memória, experiência etc. Apresenta-se-lhe o fato de que possivelmente ele terá fim — um fato perturbador em extremo. Assim sendo, o pensamento inventa todos os meios possíveis de fuga a esse fato; desse modo ele adia [1] a morte, afasta-a, põe-na a distância. Isso é perfeitamente compreensível, senhores. Aos vinte anos, temos mais uns quarenta anos para viver, e no fim deles, inevitavelmente, a morte. Ainda que possamos viver mil anos, o fim é certo. Assim, pois, criamos com o pensamento uma distância entre o fato — a morte — e a realidade do viver. Essa realidade do viver é a nossa aflição e um ou outro momento de alegria e prazer. O que nos faz medo é perdermos o conhecido, perdermos nossos prazeres.

Ora, para compreender a morte, é claro que temos de compreender o viver. Porque, se não soubermos o que é o viver, como saberemos o que é a morte — um fenômeno tão extraordinário como o viver? É possível vivermos de maneira diferente? Porque, se se operar uma mutação em nosso viver, a morte terá, nessa mutação, um significado.

Nosso problema, portanto, é este: Pode-se operar uma mudança na vida que estou atualmente vivendo, a qual se constitui de desespero, medo, ansiedade, fugas ardilosas? É isso que chamamos "viver". Se essa mudança for uma coisa que já conheço, não será mudança nenhuma. Espero esteja isso claro. Porque esta é uma pergunta muito complexa: Tenho alguma possibili-

---

(1) I.e., adia *a questão da morte* (*não se pode adiar a morte*). N. do T.

dade de mudar totalmente, de modo que, nesse próprio ato de mudar, ocorra a morte?

Porque o que tem continuidade supõe o tempo. Isto é, estou vivendo uma vida lastimável. Espero alterá-la no tempo e, portanto, digo: "Dai-me tempo". Por conseguinte, prefiro adiar a morte. Como não sei o que me irá acontecer, alego que o tempo é necessário para a mudança e evito a morte. Mas, se sei como posso mudar imediatamente, então não tenho medo nenhum da morte. Compreendestes a minha pergunta? Se sei perfeitamente como posso efetuar uma revolução na minha vida, a morte já não tem então significação alguma como coisa temível.

O problema, portanto, não é a morte, nem o medo, nem o prazer, mas, sim, descobrir se podemos mudar, operar imediatamente, instantaneamente, uma mutação total. Ora, para descobrir isso, temos de estar livres da idéia do tempo. Isto é, todo esforço implica tempo. Isto é evidentemente muito simples. É possível mudarmos? Tomemos para exemplo uma coisa muito sem importância como o hábito de fumar; é possível abandoná-lo imediatamente? Se sois capaz de abandoná-lo instantaneamente, não há então esforço, nem tempo, nem conflito: há mutação. Ora, só sois capaz de abandoná-lo instantaneamente se ficardes completamente atento ao fato de estardes fumando — quer dizer, se não estiverdes resistindo nem cedendo ao prazer de fumar, porém atento a tudo o que fumar implica. E não podeis estar atento, se estais procurando razões para continuar ou não continuar a fumar, se estais pensando nas conseqüências desse hábito ou com medo delas. Só podeis ficar livre dele, estando completamente atento a cada movimento que executais — o levar a mão ao bolso, tirar um cigarro, pô-lo na boca, acender um fósforo, chegá-lo ao cigarro, aspirar-lhe a fumaça — todos os atos que constituem esse hábito.

Havendo atenção não há esforço. Compreendei este fato tão simples. Uma vez compreendido, tudo mais se esclarecerá. Onde há atenção, aí não há esforço. Só a falta de atenção produz esforço. Só a falta de atenção produz conflito. Assim, quando estais totalmente atento à vossa vida — a vossas aflições, conflitos, desejos, prazeres, lembranças, pensamentos, atividades — quando estais totalmente vigilante, podeis ver cada fato como fato, em vez de traduzi-lo em prazer ou dor, de dar-lhe continuidade como prazer.

Assim, o homem que deseja compreender a morte tem de compreender a vida. E o viver não é isso que chamamos "viver", esse campo de batalha existente tanto em nosso interior como exteriormente. O viver é coisa inteiramente diferente, na qual nenhum medo existe. E para nos livrarmos do medo temos de estar livres desde o começo, para podermos examiná-lo, investigá-lo, penetrá-lo. Vê-se então que viver é morrer, porque o viver é de momento em momento. O que tem continuidade é o desespero e não o viver; e quando há desespero, é claro que há pensamento. É desse modo que se cria o círculo vicioso do pensamento. O problema da vida consiste unicamente em operar-se uma mutação, não numa data futura, porém imediatamente, instantaneamente; e essa mutação instantânea só pode verificar-se quando estais completamente atento.

Há ainda uma coisa para examinar, ou seja a questão do amor. A maioria de nós tem diferentes conceitos, idéias, opiniões a esse respeito — amor divino e amor profano; amor a um só e amor a todos; pode-se amar a todos se se ama a um só? E só conhecemos o amor porque somos ciumentos. Para nós o ciúme faz parte do amor. Vós amais vossa esposa, vossos filhos, a família; nesse amor há ciúme, inveja, ambição, avidez. A família não representa para vós um fator de comodidade, mas assume uma enorme importância e se torna anti-social. E onde há ciúme, inveja, avidez, ambição, competição, é bem óbvio que não há amor. Sabemos também que a palavra "amor" não é o fato. E se não há amor em nosso coração, em nosso ser, por mais que nos esforcemos haverá sempre aflição e conflito.

Sendo assim, como pode a mente ou o coração alcançar essa coisa extraordinária chamada "amor"? Todos falam a respeito dela, o político, o ladrão, o explorador, o sacerdote, o *guru*. Todo o mundo traz nos lábios a palavra "amor". Mas descobrir o que ele é, isso é outra coisa. Saber o que ele significa é coisa muito diferente. Não tendes nenhuma possibilidade de sabê-lo quando tendes ciúme, inveja de outrem, quando vossa mulher olha para outro homem, quando estais em busca de poder, posição, prestígio. Não há amor quando um *guru* diz que sabe e que vós não sabeis, ainda que esse *guru* fale em amor e pronuncie sermões sobre o amor. No momento em que qualquer pessoa diz "Eu sei, e vós não sabeis", essa pessoa que diz "Sei" não conhece o amor.

O amor, por conseguinte, não é uma coisa facilmente adquirível. Temos de estar cônscios, o mais profundamente possível, das diferentes características, dos diferentes conflitos — estar simplesmente cônscios, observar, escutar. E não pode haver amor quando a mente está embotada. A mente da maioria de nós está embotada porque a qualidade de educação que recebemos embota-nos a mente. A fim de preparar-vos para exercer determinada profissão técnica, concentrais nessa matéria toda a vossa energia. Que acontece quando vos concentrais numa única coisa? As outras partes definham, ficais insensível, incapaz de perceber a beleza.

As religiões sempre negaram a beleza. A beleza é considerada pecado, porquanto excita os sentidos. Por conseguinte, deveis repeli-la; não podeis olhar uma árvore e ver a sua beleza. A beleza do céu, de um rio em plena cheia — tudo isso é negado porque, dessa maneira, podeis tornar-vos sensual, e isso por sua vez é prazer. Por conseguinte, para as pessoas ditas religiosas, a beleza está relacionada com o prazer. Tais pessoas não são, absolutamente, religiosas; são autênticos mundanos que não compreenderam a vida.

Para compreenderdes a vida, não podeis negar a vida. Para compreendê-la, tendes de vivê-la. E não podeis vivê-la se não sois livre, livre desde o começo, desde a infância mesmo, para olhar, observar, escutar, sentir. Em virtude desse observar, escutar, olhar, a pessoa se torna delicada, afetuosa, atenciosa, cortês: Há então um próximo. Onde há consideração há afeição, e esta não é produto do intelecto. E, quando tendes tal afeição, talvez então daí provenha o amor — não no tempo, não amanhã.

E, por certo, quando o violência deixou de existir (não por meio da não violência, pois a violência só pode cessar quando enfrentamos o fato da violência); quando a mente está quieta e o coração compreendeu real e profundamente o viver (não esta constante aflição, desespero e sofrimento), então, em virtude dessa compreensão, conhecereis o amor. E quando esse amor existe, podeis fazer o que quiserdes. O céu está então aberto, não um céu místico e longínquo, porém aqui neste mundo, nesta vida.

23 de fevereiro de 1966.

BOMBAIM:
O conflito da dualidade

Nas últimas vezes que nos reunimos aqui, estivemos falando acerca de vários assuntos, inclusive sobre o quanto importa se realize uma mutação radical na mente e no coração humanos. Examinamos a questão do tempo e dissemos que o pensamento é produto do tempo e não pode em circunstância alguma operar uma revolução, sendo apenas capaz de efetuar modificações e não aquela revolução radical de todo necessária. Falamos também sobre as questões do medo, do sofrimento e da morte.

E agora, nesta tarde, pretendo falar-vos, se o permitis, sobre uma questão muito complexa, cujo exame requer uma mente nova, uma mente disposta a examinar, a investigar, a descobrir por si própria, uma mente capaz de indagar. Mui poucos de nós são capazes de indagar. O que em geral fazemos é indagar e querer achar uma resposta. Ora, decerto, a indagação que exige resposta deixa de ser indagação, porquanto nesse caso só estamos interessados na resposta e não na própria questão. O que vamos fazer nesta tarde, se possível, é indagar sem nos pormos a esperar pela resposta.

Para indagarmos, necessitamos de liberdade. Mas se indagamos com o intuito de achar uma resposta conveniente, confortante, satisfatória, acabou-se a indagação. Uma das coisas mais importantes da vida é o questionar, o nunca aceitar, porém sempre dizer "não". Assim é que se começa a descobrir. De-

vemos ser sempre capazes de dizer "não", em vez de dizermos sempre "sim". Desse modo começamos a descobrir por nós mesmos, sem perguntar nada a ninguém.

Vamos tratar de um assunto sumamente importante. Emprego a palavra "sumamente" sem exageração; o assunto é de fato importantíssimo. Porque, se a pessoa não sabe meditar, se desconhece o significado da meditação, isso é o mesmo que estar cego. Nunca verá a beleza do céu, nunca verá as cores, nunca verá os movimentos das árvores, os morros, a beleza da Terra. E o descobrimento do que significa meditar — não do "como" meditar — exige uma mente apaixonada. Mui poucos dentre nós são capazes de apaixonar-se profundamente. Andamos atrás do prazer e tomamos o prazer por paixão. A paixão não se encontra no campo do tempo, mas o prazer está sempre dentro desse campo. E nós necessitamos de paixão para indagar e prosseguir indagando até o fim. E quando tendes paixão, tendes necessariamente energia; a energia não é produto do pensamento, de nenhuma operação mental. Vamos, pois, investigar juntos o que significa meditar.

Andamos sempre em busca de uma certa coisa de misterioso em nossa vida, porque nossa existência é bastante tediosa, cheia de solidão e fealdade, sem valor nem significação. Temos de freqüentar diariamente um escritório, de trabalhar em vão... em nossa existência há tanto tédio, tanta solidão, toda ela é tão pouco significativa que precisamos de algum mistério, do sentimento de alguma coisa de romântico, de místico. E por meio da meditação esperamos alcançar essa experiência romântica, mítica. A mente indagadora nunca está em busca de experiência. Peço-vos prestar toda a atenção a isto. Porque, se o não fizerdes, no fim de tudo vos vereis de mãos vazias e direis: "Ele nunca nos disse como devemos meditar". O "como meditar" não nos interessa; muito mais importante é saber-se o que é meditação. A pessoa que pergunta como deve meditar está desejando alguma experiência. Porque o mundo é tão superficial e vazio, e tão entediante, nossa vida pouco significa. Por isso, desejamos mais e mais experiências, e por meio das drogas, de várias formas de meditação e auto-hipnose, etc., esperamos ter experiências mais profundas.

Temos pois, de compreender o significado da experiência.

Necessitamos de experiência para adquirirmos proficiência. Para uma pessoa se tornar um bom médico necessita de experiência, isto é, de prática. Um bom cirurgião faz numerosas operações e sabe que suas mãos trabalham com muita precisão. Essa precisão e segurança das mãos resultam de longa experiência. Mas, como dissemos, queremos experiência numa diferente dimensão, num nível diferente, e por isso perguntamos como se deve meditar, o que se deve fazer. Esse desejo do "como" é determinado pelo prazer que estamos buscando numa experiência mais significativa. Eis por que buscamos um método, um sistema, um modo de nos exercitarmos; por isso é que se tomam dessas drogas modernas que exaltam a sensibilidade da pessoa, dando-lhe uma experiência, experiência sempre dependente das suas condições de espírito, de coração, de cultura, de conduta, de crença. De modo que as experiências, as visões, os métodos suscitam a "resposta" ditada pelas condições da pessoa. Assim, toda e qualquer experiência, visão, exigência de mais sensações, de uma percepção mais ampla, está sempre na dependência do prazer que a pessoa está buscando.

Assim, todo aquele que realmente pretende investigar esta questão da meditação — e vós deveis investigá-la — deve livrar-se completamente do método e do desejo de experimentar. Porque, se desejardes uma experiência, "projetareis" aquilo que desejardes experimentar. Portanto, deveis pôr tudo isso à margem, para poderdes começar a investigar. Porque, se estiverdes investigando com o fim de experimentar uma certa e fantástica visão de vosso deus insignificante, criado por vossa mente insignificante ou pela cultura na qual fostes educado, experimentareis tal visão, porém ela será o resultado de vossa própria estreiteza e insignificância: não estará, absolutamente, em nenhuma relação com a realidade. Está visto, pois, que não há nenhum método ou sistema de meditação. Outrossim, meditação não é oração, não é dirigir rogos e súplicas a uma certa divindade, pelo fato de estardes doente, de desejardes um emprego melhor etc. Se já pusestes tudo isso à margem, podeis começar a investigar o que é meditação. Porque, como já disse, se não fordes capaz de meditar não conhecereis o valor da meditação; jamais sabereis o que é a beleza; qual um cego, qual um homem morto, não ouvireis o ciciar da brisa entre as folhas, não vereis o pás-

saro nos ares, não apreciareis a beleza dos morros, não ouvireis o grito solitário de um animal no meio da noite. Portanto, todo ente humano deve compreender o que é a meditação.

Em primeiro lugar, como dissemos, toda investigação exige paixão. Pode-se investigar acidentalmente ou por curiosidade ou, ainda, investigar com um motivo. Se investigais com um motivo, ou por curiosidade, ou acidental e passageiramente, jamais tereis a paixão necessária para indagar e prosseguir indagando até o fim. E, para terdes paixão, necessitais de energia. Como temos dito, o prazer e o entusiasmo não significam paixão. A paixão implica uma energia constante, persistente, não limitada ao campo de vossa mente insignificante. Se desejais conhecer alguma coisa — o que quer que seja — precisais de abundante energia para descobri-la. É isso que vamos fazer nesta tarde.

Em primeiro lugar, como libertar essa energia? — uma energia não deturpada, não resultante de tortura; uma energia livre; uma energia não encerrada no espaço de nosso pensamento, de nosso desejo, de nosso prazer. E o libertar dessa energia não contaminada pelo pensamento requer muita atenção, total autoconhecimento. A energia é dissipada pelo conflito, tanto exterior como interior. Para acumular essa energia diz-se que é preciso fazer umas certas coisas: a pessoa tem de ser celibatária, tem de conter, de controlar, de regular, de treinar a energia. Fazer isso é moldar a energia, é confiná-la numa fórmula e imprimir-lhe uma determinada direção conforme o motivo.

Por conseguinte, nós consumimos nossa energia por meio do conflito. Se, conforme dizem os santos, a pessoa tem de ser celibatária para possuir essa tremenda energia, que sucede? Observá-lo em nós mesmos. O que há é só repressão, controle, e por todo o resto da vida uma batalha com vós mesmo — com vosso organismo, vossa mente, vossos sentimentos. Ao olhardes outras pessoas, desaguçais os vossos sentidos a fim de preservardes essa energia, de transmutá-la ou transfundi-la. Dessa maneira banis toda a sensibilidade à beleza — não olhais sequer uma árvore — uma vez que a sensibilidade requinta os sentidos, fazendo-vos sentir um grande deleite em olhar uma árvore, um homem, uma mulher. E o sexo é tabu para o homem que deseja achar Deus (o que quer que isso signifique).

Tudo isso implica repressão, deformação, controle, é como pordes uma tampa em vós mesmo; por dentro ficais em efervescência. Tal processo constitui uma perversão da energia.

Como o sexo faz parte da vida, tendes de compreendê-lo, e não de reprimi-lo, de negá-lo ou ceder às suas exigências. Ele assume uma importância tremenda em nossa vida. Quando não se encontra nenhuma possibilidade de descarga (da energia) por meio do intelecto, das emoções, da sensibilidade, é ele a coisa única que nos resta e que pode proporcionar-nos satisfação, prazer. Não estamos advogando a incontinência. Como disse, precisamos compreender o sexo.

Estais, pois, percebendo que para termos paixão precisamos de energia; e essa energia deve ser inteiramente livre e não devemos pervertê-la. A mente torturada pelo conflito não é, decerto, uma mente livre; sua energia está sendo sempre deformada, pervertida, condicionada, reprimida. E, em tais condições, como pode a mente investigar? Qualquer investigação exige muita vitalidade, vigor, energia. E desperdiçamos toda a energia em conflito: o conflito da dualidade; o bom e o mau, isto é certo e aquilo é errado, isto tem de ser feito e a idéia, a fórmula segundo a qual estais atuando. Tendes, pois, como agora estais fazendo, de descobrir uma maneira de compreender essa dualidade e nunca mais vos achardes em conflito por causa dela.

Que é dualidade? Existe a dualidade — homem e mulher, preto e branco, manhã e tarde, EU e NÃO EU, desejo ter muito sucesso e com esse objetivo estou trabalhando, etc. Vivemos nessa dualidade. Ontem, hoje e amanhã; odiar e querer alcançar o amor; ser violento e desejam um estado de não violência; ação e inação. Sabemos o que é a dualidade e nesse beco vivemos aprisionados. O pensamento está sendo constantemente batido, a oscilar entre os dois opostos e a criar aflição para si próprio. Temos, pois, de compreender a dualidade, a fim de a transcendermos. Não podemos transcendê-la se não a compreendemos.

Assim, cumpre indagar como surge a dualidade. Isso não quer dizer que não exista dualidade, que não exista este mundo e uma certa coisa muito além dele, que não exista brutalidade e amor, porém, sim, que temos de compreender a realidade des-

se conflito existente na dualidade. Se não o compreenderdes e dele não vos livrardes, a energia que tendes de despender no conflito se deforma, se perverte e, por conseguinte, ficais sem energia para indagar, para investigar com paixão como surge a dualidade e como caís na armadilha dos opostos.

Que é que torna a mente escrava da dualidade? Tende a bondade de prestar atenção. Esta não é uma pergunta superficial. Ela exige vossa atenção. Exige vossa capacidade de penetração. Porque existe essa divisão em hinduísta e muçulmano, entre católico e não católico — por quê? Vossa pátria e a pátria de outro, vosso Deus e o Deus de outro, céu e inferno — por quê? Para o sabermos, temos de investigar o processo do pensar. Objetivamente, qualquer um pode analisar com muita clareza. Pode-se ver muito claramente quais são as causas da guerra; para isso não se necessita de uma inteligência muito atilada e penetrante. Há muitas causas da guerra. O descobrimento dessas causas não vos habilitará a sentir que a guerra e o ódio destroem a humanidade. Não há quantidade de análise que possa dar-vos tal sentimento. Portanto, é necessário não só analisarmos muito claramente, objetivamente, impiedosamente, sãmente, mas também termos aquele sentimento. Porque por meio da análise nunca se alcançará tal sentimento, o sentimento de "ver uma coisa completamente". Para isso, necessita-se de paixão.

Vamos, pois, examinar juntos a questão da dualidade. Vede, por favor, que não estais meramente escutando as palavras do orador: estais, em verdade, observando, através das palavras do orador, os fatos no meio dos quais estais vivendo em cada dia. De contrário, visto que vamos investigar profundamente a questão da meditação, não tereis possibilidade de acompanhar essa investigação a qual, do começo até o fim, é meditação; é o estado de atenção que nada tem em comum com a concentração. Qualquer criança, qualquer colegial é capaz de concentrar-se. Mas, para se examinar a questão do começo até o fim, pondo-se à margem todos os desejos, ambições e prazeres pessoais e tratando-se de descobrir tudo o que diz respeito à questão da dualidade, para isso a atenção é necessária. Porque, como disse, se assim não fizerdes, o conflito, em todas as suas formas, irá perverter a energia, isto é, esperdiça-se a energia. Só quando a mente não deixa desperdiçar-se a sua energia e é capaz de

funcionar plena e vigorosamente, sem esforço algum, só então essa energia terá um extraordinário alcance. E nós vamos fazer essa investigação nesta tarde, não só para que compreendais a questão da dualidade, mas também para que dela vos liberteis. Não podereis libertar-vos por meio da análise, porém unicamente com o percebimento da verdade que só pode ser percebida quando temos o sentimento de que a guerra e o ódio não resolvem problema algum. E essa verdade não pode ser percebida, se tratamos da questão apenas intelectualmente.

Por que é que nossa mente, que todo o nosso ser se acha envolvido neste conflito da dualidade? Por outras palavras, por que é que as próprias raízes de nosso ser geram conflito? Posso olhar para uma mulher, para um automóvel, para qualquer pessoa; porque ficar em conflito? Posso perceber que há coisas belas e coisas feias; mas, por que o conflito? Posso ver a beleza de um rosto, o horrível comportamento dos entes humanos, mas por que deixar-me envolver em qualquer espécie de conflito? Examinemos isto. Para fazê-lo, temos de atacar a própria raiz, e não os ramos, os sintomas.

Enquanto houver pensador e pensamento, haverá inevitavelmente dualidade. Enquanto houver um sujeito a buscar alguma coisa, tem de haver dualidade. Enquanto existir um experimentador e uma coisa para ser experimentada, tem de haver dualidade. Há, pois, dualidade quando existem o observador e a coisa observada. Isto é, enquanto houver um centro, o censor, o observador, o pensador, o sujeito que busca, o experimentador — haverá necessariamente o oposto.

Ora, é possível pôr-se fim a todo o buscar? Tende a bondade de escutar com total atenção. Porque no momento em que começais a buscar está criado o objeto que ides buscar. Enquanto existir um experimentador a desejar experimentar, estará criado o oposto com o qual ele entrará em conflito. Enquanto houver censor, juiz, uma entidade julga, avalia, critica, condena, existirá necessariamente o oposto e, por conseguinte, o conflito: Ora, pode o pensador, o observador, terminar sem fazer esforço algum? Se o observador faz algum esforço para pôr fim a si próprio, esse esforço representa uma perversão, um desperdício de energia, e redunda sempre em conflito.

Pois bem; é possível olhar sem o observador? Espero estar

tornando claro o assunto. Tenho a possibilidade de olhar para aquela casa sem o observador, de modo que o observador seja a coisa observada e, por conseguinte, não haja conflito nenhum? Espero que enquanto falo estejais observando a vossa mente, o vosso coração. Porque, se o não fizerdes, não sabereis dar o próximo passo.

Podeis olhar para uma coisa sem pensamento? Isso não significa ficar dormindo, num estado de vacuidade. Podeis olhar aquela árvore, aquela flor, aquela mulher, ou aquele céu do sol poente, sem que nisso o observador esteja a tomar parte e a julgar? Isto é, quando olhais uma flor, um homem, uma mulher, uma criança, estais olhando a flor ou a pessoa, ou estais olhando a imagem que dela tendes? Ao olhardes vossa esposa, vosso filho, vosso vizinho, tendes imagens deles, constituídas de lembranças. A imagem que tendes de vossa esposa e a imagem que ela tem de vós estão a olhar-se. Ao olhardes aquela flor, não a estais olhando com os vossos olhos, porém a estais olhando através da palavra, do conhecimento botânico que tendes da flor, do nome que lhe dais; por conseguinte, não estais olhando.

Mas, se puderdes olhar uma coisa sem lhe dar nome nem avaliá-la, porém observando-a realmente, não há então nenhum observador. Isto é, se sois capaz de olhar vossa ambição, vosso ódio ou vossa cólera — que acontece? Justificais o que estais vendo. Digamos que tendes avidez — que é uma outra forma de ambição. Ao olhardes a avidez, que sucede? Ou a justificais, dizendo que todo o mundo a tem, ou condenais, porque tendes certos conceitos morais relativos à avidez. Conseqüentemente, nunca entrais em contato com o fato — a avidez. Sois sempre a entidade que diz "Eu sou ávido": "Eu" e a avidez somos duas coisas diferentes. Mas é o próprio observador que é a avidez. Se fordes capaz de olhar o fato — avidez, violência etc. — diretamente e não por meio de palavras, de fórmulas, conceitos, imagens, não há então observador nenhum e, por conseguinte, nenhuma dualidade: só há o fato e, assim, não existe conflito.

Dessarte, quando olhais o fato, quando só há a observação desse fato, então, por não haver conflito, tendes a energia necessária para olhar, observar, agir. Quando, pois, o observador é a coisa observada e começais a perceber a dualidade com seu

cortejo de dores, ânsias, conflitos, tormentos, a dualidade perde toda a sua significação e vitalidade. E vós tendes de ver isso e não dizer simplesmente "Como vê-lo?". Já explicamos o que é que impede a mente de ver o fato de que o observador é a coisa observada. Quando o vedes, já não estais em conflito, já não estais na armadilha da dualidade; por conseguinte, há uma libertação de energia — energia que não está sendo dirigida e, portanto, é livre.

E agora, depois de terdes percorrido todo este caminho, que sucedeu? Para compreenderdes que o conflito e o esforço consciente ou inconsciente pervertem a energia, em qualquer nível e em qualquer momento, tivestes de prestar total atenção; estivestes "escutando", vigiando, observando a vós mesmo. Nesse processo gerou-se naturalmente uma certa disciplina. No escutar destas palestras — se de fato as escutais — esse próprio ato de escutar é um ato de disciplina. Tal disciplina não é imposta à força, não é "imitativa", não se ajusta por medo a nenhum padrão. Estivestes escutando porque estáveis interessado e esse próprio interesse criou sua peculiar disciplina. Por conseguinte, a energia que se consumia na repressão no ajustamento etc., é agora uma energia altamente disciplinada — não por efeito do desejo, do prazer ou da experiência — e é altamente proficiente.

Tudo isto — a presente palestra e as anteriores — constituiu um desenrolar, um desdobrar do processo do pensar, do processo da consciência. E agora — se chegastes a esse ponto, não verbalmente, mas realmente — podeis começar a investigar a questão do espaço e do vazio. Há necessidade de espaço, pois, de contrário, não pode haver liberdade. Na mente limitada não há espaço nenhum. A mente respeitável, "burguesa", educada com muito esmero e, portanto, cheia de problemas, ansiedades, temores, desesperos — não contém espaço nenhum. Portanto, cumpre-nos examinar a questão do espaço.

Que é espaço? O espaço é criado pelo objeto. Tende a bondade de escutar e compreender. Aqui está este microfone — o objeto. Por causa do objeto existe espaço ao redor dele; e o objeto existe por causa desse espaço. Ali está uma casa e naquela casa há uma sala. A sala, por causa das quatro paredes, cria o espaço existente entre as quatro paredes; e há espaço ao redor da casa, do lado de fora. Dentro de nós há

espaço porque existe um centro. Este centro é o observador, o censor, o sujeito que busca, a entidade que diz "Eu fui", "Eu sou", "Eu serei". Esse centro cria espaço em redor de si; do contrário, ele não poderia existir.

Ora, pode haver espaço sem aquele centro? Só se pode responder a esta pergunta sem "verbalização", sem argumentação, sem se apresentar tal ou tal opinião. Só há possibilidade de resposta sem o centro. E, se o centro existe e está a criar espaço, não há nesse espaço liberdade nenhuma; a pessoa está para sempre escravizada.

A libertação, por conseguinte, requer que cada um descubra por si próprio o que é o "espaço sem centro". Onde existe o centro, o objeto, este está criando espaço em redor de si; e, visto que ele existe e só pode existir no espaço que o cerca, não tem liberdade de espécie alguma. Conseqüentemente, enquanto existir um centro — isto é, o observador, a entidade que busca — não há liberdade, pois só pode haver liberdade quando há espaço absoluto e não um espaço encerrado entre os limites da mente.

E temos também de investigar a questão do vazio, uma questão da mais alta importância. Porque, se não houvesse vazio, nenhuma coisa nova poderia existir. Se só existe uma continuidade — que é tempo — então nenhuma atividade, nenhuma ação decorrente dessa atividade, pode produzir coisa nova. O que pode é só produzir uma "continuidade modificada". Não há mais tempo para examinarmos isto. Só a mente que compreendeu o espaço, a mente que conhece esse vazio, dele está perfeitamente cônscia, só ela é capaz de completa quietação.

A quietação, o silêncio, não é produto do pensamento. O silêncio existe fora do campo da consciência. Não se pode dizer: "Experimentei um estado de silêncio". Se o tendes experimentado, isso não é silêncio. Se disserdes: "Quero descobrir o que é o silêncio e vou praticar o silêncio ficando calado" — se disserdes isso ou coisa semelhante, não tereis o silêncio. Já se compreendestes a consciência, a dualidade, o tempo, e a questão da disciplina, da ordem, isso significa que investigastes e descobristes por vós mesmo o que é *espaço* e o que é *vazio*. Na realidade, não podeis descobri-lo: ele desce sobre vós, torna-se presente. Do mesmo modo, assim como não se pode experi-

mentar o espaço e o vazio, não se pode experimentar o silêncio. Mas, trata-se de um estado absolutamente essencial. Porque só nele pode haver uma energia completamente livre, incontaminada, não dirigida pelo prazer.

E agora — se a mente percorreu toda esta distância (e isso faz parte da meditação) — apresenta-se um fato que não se pode expressar por meio de palavras. Porque as palavras têm sempre um significado limitado. Toda palavra é "carregada". Por exemplo, a palavra "amor" — que enorme "carga" ela contém, que peso ela tem! Ou a palavra "virtude". Ora, nem a palavra "amor" nem a palavra "virtude" constituem o fato. O fato "amor" não é a palavra. Mas, para podermos viver nesse estado de amor e de beleza, necessitamos de espaço, de vazio e de silêncio. Do silêncio vem a ação; isso não é "aprender primeiro e depois agir". Nenhuma ação é então geradora de conflito. Então, a vida, o viver neste mundo, o freqüentar diariamente um escritório, o fazer coisas de todo gênero — se torna uma alegria, uma bem-aventurança que não é prazer, um êxtase não oriundo do tempo. E, sem isso, não importa o que façamos, nem ordem nem desordem social, nem guerras nem conflitos produzirão um ente humano feliz.

O que traz a bem-aventurança é o percebimento total desse intenso silêncio de onde emana a ação. Aí, sabereis o que é bem-aventurança.

27 de fevereiro de 1966.

BOMBAIM:
Que é ação

Esta é a última palestra deste ano. A meu ver, quanto mais se observam as condições do mundo, tanto mais evidente se torna a necessidade de uma ação diferente. Observa-se no mundo, inclusive na Índia, tanta confusão, sofrimento, aflição, fome, um declínio geral. Estamos bem cônscios desse fato e também o conhecemos pela leitura dos jornais, revistas e livros. Mas tudo fica no nível intelectual, porque não parecemos capazes de fazer coisa alguma em relação a ele. Os entes humanos se vêem no desespero, há neles muito sofrimento e frustração e ao redor deles, caos. Quanto mais se observa e penetra esse fato — não intelectual nem verbalmente, porém estudando, observando, agindo, investigando, examinando — tanto melhor se pode ver como estão confusos os entes humanos. Estão completamente desorientados. Muitos julgam que não estão desorientados porque pertencem a determinado grupo ou círculo. Quanto mais se preparam, quanto mais executam certas coisas, quanto mais se entregam a atividades sociais, a isto ou àquilo, tanto maior a sua certeza de que o mundo será transformado graças à sua insignificante ação.

O mundo se acha em guerra; e acredita-se que, pelo poder de uma certa prece, uns poucos indivíduos, reunidos e pronunciando determinadas palavras, serão capazes de resolver esta imensa questão que há mais de 5 mil anos permanece sem solução. E continuam a repetir-se tais palavras, embora se saiba

que jamais se porá fim à guerra dessa maneira. Cada um, pois, pertence a um certo grupo, a um certo partido político, a uma seita religiosa, etc., e aí se deixa ficar, aferrado ao passado, ao que *foi;* nessa rede fica aprisionado. Podemos admitir — quando no-lo mostram — existe caos, declínio geral, deterioração, exterior e exteriormente, e perceber que, com efeito, o homem está desorientado. E sem procurarmos descobrir por que ele se acha nesse estado, por que há tanto caos e aflição, sem nos darmos ao trabalho de examinar profundamente esta questão, respondemos superficialmente, alegando que não estamos seguindo os mandamentos de Deus, ou que não amamos; damos respostas superficiais, perfeitamente banais, sem valor nenhum.

E, no decorrer destas palestras — se as estivestes escutando verdadeira — deve ter-vos ocorrido a pergunta: Por que tanta desordem, por que tanta confusão? Se investigardes bem profundamente, verificareis que o homem é indolente. O caos se originou da preguiça, da indiferença, da inércia do homem, do seu espírito de aceitação. Esta é a maneira mais fácil de viver: aceitar tudo, ajustar-se ao ambiente, às condições, à cultura em que se está vivendo; aceitar, pura e simplesmente. Essa aceitação gera uma tremenda indolência. Muito importa compreendermos que, como entes humanos, somos bem indolentes. Pensamos ter resolvido o problema do viver quando temos uma crença e dizemos: eu creio nisto ou naquilo. Tal crença se baseia essencialmente no medo e na incapacidade de resolvermos o problema do medo, fato esse indicativo de uma uma indolência de raízes muito profundas.

Observai-vos. Caímos num padrão de pensamento e de ação, onde nos deixamos ficar por ser muito mais cômodo, pois já não temos necessidade de pensar; antes, talvez tenhamos refletido um pouco, mas agora não há mais necessidade de fazê-lo. Isso proporciona ao indivíduo uma enorme satisfação como fazê-lo pensar que está realizando um ótimo trabalho; ele não ousa questionar nada, porque isso é muito incômodo e perturbador. Não ousais questionar vossa religião, vossa comunidade, vossa crença, a estrutura social, o nacionalismo, a guerra; aceitais tudo. Observai-vos interiormente. Vede como sois indolente. O caos atual é devido a vossa indolência, porque desististes de questionar, desististes de duvidar; porque aceitais.

Conscientes da terrível desordem existente tanto externa como internamente, esperamos que algum acontecimento exterior venha estabelecer a ordem, ou que algum líder ou *guru* possa ajudar-nos a sair dela (da desordem). Dessa maneira vivemos há séculos e séculos, sempre a contar que outro resolva os nossos problemas. Seguir outra pessoa é a essência da indolência. Chega uma certa pessoa que provavelmente refletiu um pouco, teve tais visões, e sabe fazer isto ou aquilo. Essa pessoa vos ensina o que deveis fazer e ficais plenamente satisfeito. O que desejamos verdadeiramente, neste mundo, é conforto, satisfação; queremos que outro nos mostre o que devemos fazer. Tudo isso revela a nossa indolência; não queremos pensar a fundo em nossos problemas, olhá-los, dissipar todas as dificuldades. Esta indolência não só nos impede de questionar, de investigar e examinar, mas também de aplicar-nos a uma questão muito mais profunda: descobrir o que é ação. O mundo se acha num estado de caos, e nós numa grande aflição. Nenhuma das soluções, das doutrinas, das crenças, das "exibições" conhecidas pelo nome de meditação — nenhuma dessas coisas resolveu nada. E se tivéssemos a possibilidade de descobrir por nós mesmos o que é ação, trataríamos de agir, de fazer alguma coisa de vital, de enérgico, de dinâmico, para instituir uma mentalidade diferente, uma existência de diferente natureza.

Cumpre-nos, pois, examinar a questão da ação, não do que é ação correta e ação incorreta, porque se nos abeiramos da ação com essas idéias de "correto" e "incorreto", já estamos no caminho errado. Dir-nos-ão que isto é ação correta, aquilo ação incorreta, e nós, já inclinados à indolência, não trataremos de investigar a fundo a questão. Por exemplo, aceitamos como correta uma dada maneira de agir, porque a pessoa que a preconiza é um brilhante advogado; e portanto a adotamos. Mas o que nós vamos fazer nesta tarde é descobrir o que é ação. Tende em mente que não estamos discriminando entre ação correta e ação incorreta. Só há ação — nem correta, nem incorreta; nem ação em conformidade com a Bíblia, o Gîtâ ou o Alcorão, ou em conformidade com o comunismo o socialismo, etc. Há só ação, ou seja, viver. Temos de descobrir a maneira de viver, o como viver — mas não um método; porque se seguimos um método, um sistema, uma norma, estamos dando mais alento à nossa inata indolência. Portanto, precisamos de uma mente muito

esperta para não sermos apanhados nesta armadilha da indolência, na qual de muito bom grado nos deixamos cair.

Tende a bondade de escutar o que se está dizendo. Como o escutais? Quando estais escutando verdadeiramente, vós o fazeis a fim de compreender o que o orador está tentando transmitir; compreender, e não discordar ou concordar. Para compreenderdes por vós mesmos uma coisa, tendes de escutar, de investigar, de examinar; não podeis aceitar nem dizer: "Espero que ele confirme o meu ponto de vista, que é correto". Tendes de escutar; e, evidentemente, esta é uma das coisas mais difíceis. A maioria de nós gosta de falar, de expressar-se. Andamos cheios de opiniões e idéias que não são nossas, porém de outrem. Aceitamos uma enorme quantidade de frases banais, as quais papagueamos e pensamos ter compreendido a vida. Estais, pois, escutando — não uma explicação, nem vossos preconceitos e idiossincrasias, nem as coisas que já sabeis; estais escutando a fim de compreender.

Para compreender, a mente deve estar perfeitamente quieta. Como já dissemos, para se compreender qualquer coisa dois estados são essenciais: tranqüilidade mental e atenção. Só dessa maneira podemos escutar seja nossa esposa, nossos filhos, nosso patrão, seja o grasnido dos corvos ou o grito de uma ave. É necessária a tranqüilidade, é necessária a atenção; nesse estado podemos escutar. Estamos então ativos, já não somos indolentes, libertamo-nos do hábito de escutar parcialmente, de parcialmente concordar, de estar só parcialmente *sérios* e, portanto, nunca penetrando profundamente o que estamos escutando. Assim, se desejardes escutar verdadeiramente, escutai não só o que diz o orador, mas também os barulhos do mundo; escutai os clamores do coração humano, escutai o caos, escutai vossa própria aflição, vossa incerteza, vosso desespero. Se soubésseis escutar, seríeis então capaz de resolver o problema. Se escutardes vossas agonias — se as tendes, como a maioria dos entes humanos — encontrareis a solução, estareis livre delas. Mas não sereis capaz de escutar nada, se disserdes: "A solução deve corresponder ao meu prazer, ao meu desejo" — pois nesse caso só estareis escutando a voz de vossos próprios desejos e de vosso prazer.

Aqui, pelo menos nesta tarde, tratai de escutar para compreender. Porque vamos examinar uma questão que requer abundante atenção, calma investigação, detido exame. Não é caso

para dizerdes: "Mostrai-me o que devo fazer, e eu o farei". Visto que em torno de nós tudo está a desmoronar-se, faz-se necessária uma ação de espécie totalmente diferente — não ação em concordância com fulano ou sicrano ou mesmo este orador. Vamos averiguar por nós mesmos o que é ação, como viver — porque viver é agir. Tornamos o nosso viver terrivelmente caótico, cheio de aflições, e tão inane.

Para se descobrir o que é ação necessita-se de um alto grau de maturidade — maturidade independente do tempo e não como o amadurecer de um fruto na árvore, em seis meses. Se precisais de seis meses para amadurecer, já lançastes as sementes da desgraça, já plantastes a árvore do ódio e da violência, que conduzem à guerra. Portanto, tendes de amadurecer imediatamente; e isso acontecerá se fordes capaz de escutar e, por conseguinte, aprender. O aprender não constitui um processo de adição. Aprender e adicionar para constituir conhecimento e agir com base nesse conhecimento — é isso o que estamos sempre fazendo. Temos experiências, crenças, pensamentos; e essas experiências e pensamentos e idéias se convertem em conhecimento, o qual nos serve de base para a ação. Por conseguinte, não estamos aprendendo realmente: estamos apenas a adicionar, e adicionar, a adicionar. Temos adicionado a nós mesmos uma enorme soma de conhecimento nestes 2 milhões de anos; todavia, continuamos a fazer a guerra, a odiar; nunca um momento de paz e tranqüilidade; nunca um findar do sofrimento. O conhecimento é necessário no terreno da tecnologia, da capacidade profissional. Mas, quando agis com base no conhecimento, que é idéia, já não estais aprendendo. A maturidade, portanto, nada tem que ver com o tempo e a evolução; vem ela quando há o ato de aprender. Só uma mente amadurecida é capaz de escutar, de estar muito atenta a tranqüila. A mente sem madureza é que crê, que diz: "Isto é certo e aquilo errado" e age sem lógica.

Vamos, portanto, aprender juntos a respeito da ação. Vós ides pensar, escutar. Vamos fazê-lo juntos, pois trata-se de vossa vida, e não da minha; trata-se de vossa vida, de vossa aflição, de vossa confusão. Tendes de descobrir o que é ação.

Que é ação? É fazer alguma coisa. Toda ação implica uma relação. Não há ação isolada. A ação, como ora a conhecemos, está em relação com a idéia. Decerto, a idéia e a execução

dessa idéia é uma coisa excelente no domínio da tecnologia, mas se torna um empecilho quando se trata de compreender as relações. As relações se alteram constantemente. Vossa esposa ou vosso marido não é sempre a mesma pessoa. Mas, por causa de vossa indolência, de vosso desejo de conforto, segurança, dizeis: "Eu o conheço bem ou a conheço bem; ele ou ela é *assim*". Desse modo "fixastes" a pobre mulher ou o pobre homem. Vossas relações, pois, são de acordo com uma imagem ou idéia. Dessa imagem ou idéia do estado de relação provém a ação. Prestai atenção a isto, por favor. Não conhecemos outra espécie de ação: "Eu creio", "Eu tenho princípios", "Isto é correto", "Aquilo é errado", "Assim é que deveria ser" — e agimos nesta conformidade. O homem é violento; sua violência se mostra na ambição, na competição, em brutal agressividade — reações próprias do animal — e também na chamada disciplina, que é repressão, etc. Dessa base é que agimos, e por isso há sempre conflito na ação.

Dizemos que ação deve obedecer a um padrão, distinguir o certo do errado, em conformidade com certos princípios e crenças, com a tradição, as influências do ambiente e a cultura em que somos criados. A ação, portanto, conforme a vemos, e no que respeita à nossa vida, é regulada por uma determinada imagem, padrão ou fórmula. E tal fórmula, imagem ou idéia até hoje não resolveu nada, neste mundo, nem política, nem religiosa, nem economicamente. Não resolveu nenhum de nossos problemas fundamentais. Entretanto, continuamos a insistir em que essa é a única maneira certa de agir. Dizemos: "Como podemos agir sem pensar, sem ter uma idéia, sem seguir, dia por dia, uma certa rotina?". E, assim, aceitamos o conflito como a norma da vida — o conflito resultante de nossas ações, de nossa maneira de vida, de nossas relações, de nossas idéias, de nossos pensamentos. Eis um fato incontestável: Tendes uma idéia, um princípio, vossa crença no hinduísmo, etc., e estais agindo em conformidade com essa tradição, dentro dessa estrutura; desse modo, não pode deixar de haver conflito. A idéia, "o que deveria ser", difere do fato, *o que é*. Isto é muito simples. Dessa maneira temos vivido há milênios. Ora, existe outra maneira de vida — uma vida de ação e de relações, porém sem conflito, ou seja, sem idéia?

Prestai atenção. Vede primeiramente o problema. "Pro-

blema" — que significa esta palavra? Um desafio. Todos os desafios se tornam problemas, porque não sabemos "responder". Aqui está um problema, o problema do mundo, um desafio que vos é lançado, e não conheceis nenhuma outra maneira de "responder" a esse problema, senão a velha maneira: ajustamento, imitação, repetição, firmação de hábitos; e consoante essa maneira de vida repetente, imitativa, habitual, agis. Essa maneira "habitual" de vida é o que chamais "ação", e essa ação tem causado caos e sofrimentos inenarráveis na mente e no coração humanos.

Tal é o fato óbvio. Daí podemos prosseguir. Não digais depois que isto não é um fato, não vos iludais a este respeito. Se o analisardes, penetrando bem fundo em vós mesmo, vereis que ele pode ser formulado muito simplesmente: Tendes um prazer e desejais a repetição desse prazer (um prazer sexual ou de outra espécie qualquer) e ides levando pela vida esse prazer, na memória ou no pensamento; e tal prazer, tal pensamento, vos impele à ação; e nessa ação há conflito, há dor, há aflição; estabeleceu-se o hábito e de acordo com ele agis.

Ora, existe outra maneira de viver, totalmente diferente, ou seja o viver que é ação? Quer dizer, "escutastes" muito cuidadosa e atentamente a maneira como tendes vivido até hoje e sabeis de tudo o que ela envolve. Escutar integralmente significa ver, ouvir, examinar o problema em seu todo e não apenas em suas linhas gerais. Quando escutais o barulho daqueles corvos com a mente quieta, atenta, sem interpretar, sem condenar, sem resistir, isso significa estardes escutando integralmente. Estais escutando o som total: não o som produzido por um corvo. Do mesmo modo, se souberdes "escutar" integralmente o problema da ação, esse problema com que já estais bem familiarizado; se souberdes "escutar" a maneira como estais vivendo (procedendo da idéia para a ação), tereis então a energia necessária para escutar outras coisas. Mas, se não "escutastes" integralmente vossa atual maneira de agir, não tereis a energia necessária para seguir o que agora se vai dizer.

Afinal, para se compreender qualquer coisa necessita-se de energia, e para investigar uma coisa totalmente nova é necessária uma grande abundância de energia. Mas para terdes essa energia é preciso que tenhais "escutado" — sem condenar nem aprovar — o velho padrão de vida. Precisais tê-lo "escutado"

totalmente, quer dizer, tê-lo compreendido, ter compreendido a futilidade de viver dessa maneira. Após terdes "escutado" a futilidade de tal padrão, estareis livre dele. Tereis então percebido, não intelectualmente, porém profundamente, a inutilidade de viver daquela forma; tereis então a energia necessária ao investigar. Se não tiverdes tal energia, não podereis investigar. Isto é, negando aquilo que causou a presente aflição e conflito, a cujo respeito já falamos, essa própria negação é ação positiva.

A este respeito, vou estender-me um pouco mais. Perguntamos: "Existe outra espécie de ação na qual não haja conflito, ação não iterativa, uma forma sempre repetida de prazer?" — Para averiguá-lo, temos de examinar esta questão: Que é o amor? Não vos ponhais num estado sentimental, emocional ou extático! Nós vamos investigar. O amor é, necessariamente, negativo. Ele não é pensamento. O amor nunca é contraditório — mas o pensamento é. O pensamento, que é uma reação da memória, baseada nos instintos animais — pois esse é o mecanismo do pensar — é sempre contraditório. E sempre que há uma ação oriunda do pensamento, tal ação, que é contraditória, acarreta conflito e aflição. E, ao investigardes, ao examinardes se existe alguma outra atividade não produtiva de dor, de ansiedade, de conflito, deveis achar-vos num estado de negação. Compreendeis? Para investigar, examinar, cumpre achar-vos num estado de negação; de contrário, não podeis examinar. Deveis achar-vos num estado de "não saber"; de contrário, como examinar?

O modo de vida a que estamos habituados é o que se chama o "modo positivo", porque podemos experimentá-lo, praticá-lo dia após dia, repetidamente, baseados na imitação, no hábito, no seguir, no obedecer, no sermos treinados pela sociedade ou por nós mesmos. Tudo isso é atividade positiva, onde há conflito e aflição. Continuai a escutar, por favor. E quando o negais (o modo de vida positivo), esse mesmo processo de negá-lo, o mesmo "processo" de lhe voltardes as costas, é um estado de negação, porquanto não sabeis o que vem depois. Isso, decerto, não é complicado. Intelectualmente, parecerá complicado; mas não é. Quando voltais as costas a uma coisa, o caso está liquidado.

Dizemos agora que o amor é negação total. Nós não sabemos o que ele significa. Não sabemos o que significa o amor. Sabemos o que é o prazer, o qual confundimos com o amor.

Onde está o amor, aí não está o prazer. O prazer, é óbvio, resulta do pensamento. Olho uma coisa bela; o pensamento entra em cena e começa a ocupar-se com ela, criando uma imagem. Observai isso em vós mesmo. Essa imagem vos proporciona um enorme prazer, a propósito daquele espetáculo e do sentimento que provocou; e o pensamento dá a esse prazer nutrição e continuidade. E na vida familiar isso se chama "amor", mas nada tem que ver com o amor. Só se está interessado no prazer; e onde está o desejo de prazer, encontra-se a continuidade no tempo. "Escutai" bem isso. O amor, ao contrário, não tem continuidade, porque o amor não é prazer. E, para se compreender o que é o amor, para nos acharmos nesse estado, a negação é necessária — a rejeição do positivo. Certo? Podemos prosseguir?

Vede, senhores! quando dizeis que amais alguém — vossa esposa, vosso marido, vossos filhos, isso implica o quê? Despojai-o de todas as palavras e sentimentos e emocionalismos e considerai objetivamente esse amor. Quando dizeis: "amo minha mulher, meu marido, meus filhos" — que é que isso implica? Essencialmente, prazer e segurança. Isto não é cinismo. São fatos. Se amásseis deveras vossas esposas e vossos filhos (deveras, e não apenas para fruirdes o prazer de serdes membro de uma família, de um grupo restrito, insignificante, e terdes a possibilidade de vos satisfazerdes sexualmente e de dar largas ao vosso egotismo) — teríeis uma educação diferente; não faríeis vosso filho interessar-se unicamente na aquisição de aptidões técnicas, não o ajudaríeis apenas a passar nuns exames estúpidos, de pouca valia, a fim de obter um bom emprego; haveríeis de educá-lo para compreender o processo do viver em seu todo — não apenas uma parte, um segmento, um fragmento desta imensidade que é a vida. Se amásseis verdadeiramente o vosso filho, nunca haveria guerra; faríeis o necessário a esse respeito. Quer dizer, não teríeis nacionalidades, nem religiões separativas, nem castas — todos esses absurdos deixariam de existir.

Está visto, pois, que o pensamento não pode, em circunstância alguma, criar um "estado de amor". O pensamento só é capaz de compreender o que é positivo, e não o que é negativo. Isto é, como se pode, por meio do pensamento, descobrir o que é o amor? Impossível. Não se pode cultivar o amor. Não podeis dizer: "Exercito-me todos os dias em ser generoso, bondoso,

delicado, cortês, em ter consideração para com outrem". Isso não cria amor, pois é ainda ação positiva ditada pelo pensamento. Por conseguinte, só com a ausência do pensamento é possível compreender-se o que é "ser negativo"; nunca por meio do pensamento. O pensamento só é capaz de criar um padrão e de agir em conformidade com esse padrão ou fórmula. Por isso, há conflito. E para se descobrir uma maneira de viver isenta de todo e qualquer conflito, a todas as horas, deveis compreender esse amor que é negação total.

Senhores, como se pode amar, como pode haver amor, quando há atividade egocêntrica, seja na forma de virtude, de complacente respeitabilidade, seja na forma de ambição, de avidez, inveja, competição — tudo isso "processos" positivos de pensamento? Como amar, em tais condições? Impossível. Podeis afetar amor, empregar a palavra "amor", mostrar-vos muito emocional e sentimental, podeis ser muito leal; mas nada disso tem alguma coisa que ver com o amor. Para compreenderdes o que é o amor, tendes de compreender essa coisa positiva que se chama "pensar". Assim, em virtude dessa negação chamada "amor", vem uma ação da mais alta positividade porque não cria conflito. Afinal de contas, é isto o que todos desejamos: Viver num mundo onde não haja conflito, onde haja realmente paz, externa e internamente. Precisais de ter paz, senão sereis destruído. Só na paz pode a bondade florescer. Só na paz se mostra a Beleza. Se vossa mente está sendo torturada, se está ansiosa, se é invejosa, se é um campo de batalha, como podeis ver o que é belo? A beleza não é pensamento. Nenhuma coisa criada pelo pensamento é Beleza.

Para descobrirdes uma ação não baseada em idéia, conceito, fórmula, deveis "escutar" toda aquela estrutura, vê-la, compreendê-la integralmente; pois por essa própria compreensão ficareis livre dela. Estará então a vossa mente num estado de negação, que não significa acrimônia ou cinismo; ela estará vendo a futilidade de viver daquela maneira e, portanto, porá fim a ela. Quando se põe fim a uma coisa, começa a surgir o novo. Mas nós temos medo de pôr fim ao velho, porque desejamos traduzir o novo em termos do velho. Percebeis? Se verifico que não amo realmente minha família — e isso significa não ser responsável por ela — estou então livre para conquistar outra

mulher ou outro homem; isso, mais uma vez, é "processo" do pensamento. Por conseguinte, o pensamento não é a solução.

A pessoa pode ser muito inteligente e erudita; mas, para descobrir uma maneira de agir totalmente diferente, que traga felicidade à sua vida, ela deve compreender o inteiro mecanismo do pensar. E, pela própria compreensão do que é positivo — o pensamento — a pessoa entra numa dimensão diferente, de ação, a qual é, essencialmente, amor. Quer dizer: Para investigar, a pessoa deve ser livre; de contrário, não pode investigar, não pode examinar. E o caos e a confusão atualmente reinantes no mundo requerem um reexame completo, não segundo as vossas condições, as vossas fantasias, prazeres, idiossincrasias, ou os compromissos que assumistes. Tendes de pensar na questão de maneira inteiramente nova.

E o novo só pode surgir da negação e não da asserção positiva do que *foi*. E só pode tornar-se existente o novo quando há aquele vazio total, que é o amor real. Descobrireis então, por vós mesmo, o que é a ação isenta de conflito em todo e qualquer momento; essa é a renovação de que a mente necessita. Só quando a mente se tiver renovado por meio do amor, o qual é a total negação (isenta de sentimentalismo, devoção ou obediência) da maneira de vida ditada pelo pensamento positivo, só então poderá ela construir um novo mundo, um novo estado de relação. E só então estará capacitada para ultrapassar todas as limitações e ingressar numa dimensão totalmente diferente.

Essa dimensão é uma coisa que não há palavra, nem pensamento, nem experiência que seja capaz de descobrir. Só quando se nega totalmente o passado, que é pensamento, só quando o negais totalmente em cada dia de vossa vida de modo que nunca haja um só momento de acumulação — só então podeis descobrir por vós mesmo uma dimensão onde se encontra a suprema felicidade, uma dimensão independente do tempo — uma coisa inatingível pelo pensamento humano.

2 de março de 1966.

NOVA DELHI:
Inclinações, temperamento, circunstâncias.

Considero necessário refletirmos sobre o que está acontecendo em todo o mundo e não unicamente neste país. Verificam-se graves incidentes. Questões profundas estão surgindo e parece-me que devemos, antes de mais nada, considerar esses acontecimentos com objetividade. Observa-se uma geral deterioração — um fato incontestável. Moral e religiosamente, os velhos padrões desapareceram. Há perturbação e descontentamento, em larga escala em todas as partes do mundo. Questiona-se a finalidade da educação, a finalidade do próprio homem, não apenas de maneira limitada, como neste país, mas também em extensão e profundidade.

E pode-se ver que, tanto no Ocidente como neste país, esse questionar, esse desafio não está sendo enfrentado adequadamente. Em nosso país, sabeis tão bem quanto eu (provavelmente melhor, pois eu resido no estrangeiro e só esporadicamente, em cada ano, venho passar uns poucos meses aqui e tenho oportunidade de observar), está havendo um rápido declínio: homens dispostos a se deixarem queimar por causa de questões tão fúteis como esta de decidir se se deve ter um ou dois governadores etc.; dispostos a jejuar a propósito de insignificâncias; "santos" dispostos a agredir os demais, etc. etc. Tudo isso é uma maneira primitiva, uma maneira "tribal" de atender um problema da mais alta importância. E não me parece que este-

jamos verdadeiramente conscientes deste imenso problema. Este povo tem dissipado suas energias em trivialidades, reagindo conforme as circunstâncias, sem uma visão mais larga das coisas, tratando de cada problema, inclusive o problema da fome, do ponto de vista nacionalista. Não se leva em consideração o homem como um todo, porém tão só a limitada esfera de uma dada tribo, de um certo e estreito ponto de vista religioso, sectário. Todos nós sabemos dessas coisas e é bem evidente que tanto o governo como o povo são incapazes de lhes pôr fim. Todos se mostram totalmente ineficientes, profundamente desconfiados e impossibilitados de "responder" integral e profundamente ao problema total. E pode-se observar tanto na Europa e na América como na Rússia e na China um enorme descontentamento, a que se está "respondendo" de maneira muito estreita.

Há guerra; e as guerras são consideradas com favor ou desfavor, guerras justas ou politicamente injustas. Vós tomais partidos e, tendo pregado a não violência durante quarenta e mais anos, estais prontos a batalhar e a matar, a tornar-vos violentos num abrir e fechar de olhos. E, à vista de tudo isso e considerando-se o que está sucedendo tanto no Ocidente como na Índia, o problema se torna imenso. E não julgueis que qualquer dos políticos ou dos guias religiosos, por todo o mundo, esteja vendo o problema como um todo. Vêem-no de acordo com seu limitado ponto de vista político ou religioso, ou conforme suas particulares necessidades econômicas ou sociais. Evidentemente, ninguém quer considerar o problema como um todo, para tratar dele de maneira total e não fragmentariamente, como hinduísta, como muçulmano, como cristão católico, comunista ou socialista. E, já que ninguém trata do problema como um todo, todos procuram fugir de diferentes maneiras, tomando a droga L.S.D., proporcionadora de extraordinárias experiências, saindo por tangentes. Dessa mesma maneira infantil, imatura, reagem a qualquer desafio secundário e igualmente infantil.

O problema, por conseguinte, interessa a todos nós, nem pode deixar de interessar. Há fome, há guerra; a religião falhou totalmente e nada mais significa, exceto para umas poucas pessoas. A crença organizada está perdendo a sua força, a despeito

da espetaculosa propaganda que se faz, nos jornais e em toda a parte, em nome de Deus, em nome da paz. Vemos, assim, que nem a educação, nem a religião, nem a política resolveu o problema, e tampouco a ciência o resolveu. É inútil continuarmos a contar com essas coisas ou com qualquer guia ou instrutor, pois ninguém mais tem fé. E, tendo perdido a fé, o homem sente medo e, conseqüentemente, torna-se violento. Há violência, não só neste país, mas pelo mundo todo — arruaças na América entre pretos e brancos e os horríveis acontecimentos que se estão desenrolando neste país. Essencialmente, o homem não só perdeu a fé nas religiões, nos ideais, nos valores estabelecidos, mas também em si próprio. Perdeu de todo a fé. Não sabe para onde se voltar, que direção tomar, em busca de um pouco de luz. Perdida a fé, o homem teme; e sua única reação ao medo é a violência. É o que está acontecendo.

Assim, nós temos de ser sérios, verdadeiramente ardorosos — não em conformidade com alguma crença ou padrão — para podermos redescobrir a fonte que secou.

Não sei se já observastes isso em vós mesmo — como ente humano e não como um fragmento, num mundo fragmentado. Um ente humano — não importa se indiano, hinduísta, muçulmano, cristão, comunista, socialista — um ente humano não tem nacionalidade. Como ente humano, vós não pertenceis a nenhuma religião, a nenhum partido político ou ideologia. Se já vos observastes, podeis ver em vós mesmo e, portanto, nos outros, que a fonte de nosso ser, de nossa existência, o significado de nossa vida, a luta em que nos vemos empenhados da manhã à noite — podeis ver que nada disso tem ainda alguma significação. Por conseguinte, temos de achar por nós mesmos aquela fonte que secou e, também, redescobrir as águas da Realidade imensurável e, com base nessa Realidade, agir. É o que vamos investigar, por nós mesmos, durante estas palestras.

Compreendeis o problema, senhores? As religiões, os guias, políticos ou religiosos, os livros, a propaganda, as crenças, as doutrinas, os salvadores, perderam toda a significação. Qualquer homem inteligente, realmente sério e perfeitamente cônscio desses problemas pode ver que todas as coisas em que confiávamos perderam seu significado. Já não sois a gente religiosa que afetais

ser. Já não sois entes humanos, porque perdestes o sentido, o significado de vossa existência. Podeis freqüentar o vosso emprego por mais quarenta anos, mas isso não é solução.

Assim, para fazermos aquele descobrimento, compreendermos este imenso problema, temos de considerá-lo de maneira nova, não com olhos de cristão, de hinduísta, muçulmano ou comunista. Temos de olhá-lo de maneira inteiramente nova. Isso, em primeiro lugar, significa que não devemos deixar-nos impelir pelas circunstâncias; temos de agir em face dos problemas imediatos, mas não como se fossem a única coisa importante da vida: devemos estar cônscios das circunstâncias, sem nos deixarmos impelir por elas.

Entendeis o problema? Neste país, estamos disputando por causa de pedaços de terra e dispostos a queimar-nos e matar-nos mutuamente, porque por acaso sois muçulmano, hinduísta, ou sabe Deus que mais. E tão forte é a compulsão do ambiente, das circunstâncias, que sois obrigado a reagir.

Por conseguinte, deveis estar cônscios das circunstâncias e de tudo o que elas implicam, agir o menos possível na dependência das circunstâncias. Cada um deve conhecer o próprio temperamento, para não se deixar guiar por ele. E tampouco deve deixar-se guiar por suas inclinações. Essas três coisas são essenciais, quando se está em presença de um problema imenso. Não se deixar guiar pelas próprias inclinações, por mais agradáveis e por mais imperiosas que sejam — eis a primeira coisa que se precisa compreender claramente. Em segundo lugar, não permitir que vossas atividades, vossa vida sejam moldadas por vosso temperamento, como quer que ele seja, intelectual ou emotivo, e quaisquer que sejam as vossas idiossincrasias. E, em terceiro lugar, não vos deixardes impelir pelas circunstâncias. Se pudermos compreender estas três coisas, estaremos aptos a enfrentar este imenso desafio, este imenso problema que envolve o destino do ente humano. Compreendeis? Dar importância a simples questões de terras, de governo, é falta de madureza, pura infantilidade, uma coisa lamentável.

Assim, o que nos cumpre fazer, se somos realmente sérios — e é absolutamente necessário que sejamos sérios, porque a casa está em chamas; não só esta casa chamada "Índia", mas o mundo inteiro está a arder — o que nos cumpre fazer é

"responder" totalmente e não procurarmos apagar o incêndio com um balde de areia. Temos de ser imensamente sérios. Mas, infelizmente, não parecemos sérios; temos dissipado, esperdiçado nossas energias, em todos os sentidos, reagindo a circunstâncias triviais. Vós vos tornastes seguidores de Gandhiji [1], seguidores de outro e mais outro. Tendo assim dissipado a vossa energia, ao ver-vos em presença de um problema imenso, sois incapazes de "responder" de maneira total.

Portanto, temos de compreender este enorme problema, ou seja que está em jogo o destino do homem, a sorte do ente humano e não a de algum indivíduo em particular. E para o compreenderdes, deveis, em primeiro lugar, não vos deixar guiar por vossas inclinações, nem por vossos gostos e aversões. Tendes de olhar o problema. Mas não podeis olhá-lo se estais na dependência de vossas inclinações pessoais ou sendo guiados por vosso temperamento. Somos em geral muito competentes, porque lemos muitos livros e passamos em muitos exames. Nossa mente, nosso intelecto é muito astucioso, solerte, hipócrita, e nosso temperamento tem seu jeito de enganar a si próprio, de impor-se, de funcionar por determinada norma, conforme suas próprias exigências. E, naturalmente, quando sois impelido pelas circunstâncias, compelido a agir segundo as circunstâncias, não tendes nenhuma possibilidade de interessar-vos pelo ente humano total.

São, pois, estas as primeiras coisas de que precisamos ficar bem conscientes: as inclinações, o temperamento e as circunstâncias. Uma vez compreendidas, estareis apto a enfrentar o imenso problema do homem. Vossas inclinações pessoais, vossa crença ou descrença em Deus, nada mais são do que um preconceito pessoal: não têm valor algum. Quando começais a considerar um problema intelectualmente, ou emocionalmente, ou sentimentalmente, está em ação o vosso particular temperamento. Poderíamos examinar muito mais profundamente esta questão do temperamento, mas isso não é importante agora. Assim a maneira como considerais este momentoso problema indica sempre que estais sendo guiado por vossas inclinações ou

(1) Mahatma Gandhi.

impelido pelas circunstâncias, ou que estais agindo sob as ordens de vosso estreito e insignificante temperamento.

Assim, se está bem claro isso — que não devemos de modo nenhum agir de acordo com essas três coisas — estamos habilitados a considerar o problema de uma maneira completamente diferente. Vemo-nos em presença de um imenso problema, porque o homem, isto é, o ente humano perdeu — se alguma vez a teve — a fonte, o manancial, a profundeza, a vitalidade da renovação; ele se tornou um ente isolado, assustado, ansioso, desesperado, descontente, infeliz, aflito. Podeis não estar cônscio disso, já que ninguém gosta de olhar bem claramente a si próprio; isso é dificílimo, porque desejamos fugir de nós mesmos. E quando nos olhamos, não sabemos o que fazer de nós mesmos.

Nosso problema, portanto, é este: Uma vez que a fonte de nosso ser, de nossa existência, está a secar e a perder sua significação, precisamos tratar imediatamente de descobrir por nós mesmos a razão disso. Sabeis o que está sucedendo no Ocidente. Moços que passaram brilhantemente nos exames e vêm à guerra perguntaram: "Qual a finalidade desta luta, a finalidade da guerra, de uma pessoa preparar-se, ganhar muito dinheiro, quando a vida já nada significa?" E começam a tomar drogas que lhes proporcionam experiências novas e extraordinárias. E não são estúpidos os que assim procedem: são pessoas inteligentes, sensíveis, competentes.

Já que a vida não significa mais nada inventa-se uma significação, inventa-se uma finalidade. Mas tais invenções são meros produtos de uma mente intelectual e, portanto, sem validade. A fé, por sua vez, já não tem validade alguma; pouco importa crer ou não crer, porque vossa crença dependerá sempre das circunstâncias. Se nascestes neste país, sereis hinduísta, *sikh*, muçulmano, cristão etc. Conforme as circunstâncias, sois forçado a crer ou a não crer. Assim, a crença, uma finalidade da vida inventada, uma significação caprichosamente elaborada pelo intelecto — nada disso significa ainda alguma coisa.

Não me parece que estais vendo quanto isso é grave. O homem deixou de inventar, de ter crenças, dogmas, deuses, esperanças, temores — tudo isso acabou definitivamente. Podeis não estar consciente deste fato, podeis estar ainda escondido

atrás dos muros de vossa crença, de vossas esperanças. Mas tudo são ilusões, sem validade alguma, ante a crise atual.

Assim, percebido o fato — se sois capazes de percebê-lo — temos de tratar imediatamente de descobrir o meio de renovar nossa mente e toda a nossa existência. Percebeis? Espero esteja claro isto. Vede, senhor, por mais de 5 mil anos os entes humanos lutaram, enfrentaram sua própria e imensa desdita, suas guerras e desilusões, as irremediáveis condições desta vida sem significação, sempre a inventar deuses, sempre a inventar um céu e um inferno, para se conservarem virtuosos, sempre rodeados de idéias, de ideais, de esperanças. Mas tudo isso são coisas passadas. Vossos Ramas e Sitas, vosso Upanishades, vossos deuses magníficos — tudo se desfêz em fumo, e vos vedes frente-a-frente com vós mesmos e tendes de "responder" (reagir). Torna-se, por conseguinte, enorme a vossa responsabilidade, como ente humano.

Perguntamos, pois: Como pôde uma mente que por tantos séculos foi fortemente condicionada e tantas agonias atravessou, tornar-se nova e capaz de funcionar, de pensar, de maneira completamente diferente? Entendeis esta pergunta? Os comunistas e os totalitários dizem: "Nós moldaremos a mente. Nós faremos a mente; quebrá-la-emos e tornaremos a condicioná-la". Estais vendo? Os católicos, os protestantes, os hinduístas, os muçulmanos e muita gente por este mundo assim tem feito, repetidamente. E cada ente humano está sendo fortemente condicionado — condicionado de uma maneira e recondicionado de outra maneira pelos políticos, pela propaganda, pelos sacerdotes, pelos comissários, pelos socialistas, pelos comunistas; a ser e tornar a ser reformado, infinitamente. E ao perceberdes este fato, esta verdade absoluta — não depende do meu nem do vosso ponto de vista — deveis perguntar-vos se existe alguma possibilidade de quebrar este condicionamento sem se entrar noutro condicionamento; isto é, se temos possibilidade de ser livres, para que a mente se torne uma coisa nova, sensível, ativa, desperta, "intensa", eficiente. Eis o nosso problema. Não há outro problema. Porque, uma vez renovada, a mente é capaz de resolver qualquer problema, quer se trate de um problema

científico, quer do problema da fome ou da corrupção. Está apta a enfrentar quaisquer circunstâncias.

Este é, pois, nosso principal problema: Se a mente, que há tantos séculos tem sido fortemente condicionada, é capaz de descondicionar-se sem cair noutra espécie de condicionamento, e tornar-se, por conseguinte, livre, proficiente, intensamente ativa, nova, vigorosa, apta a enfrentar qualquer problema. Como disse, esta é a única questão que, como entes humanos, temos de enfrentar e resolver. Não deveis depender de ninguém para saberdes *como* podeis descondicionar-vos; porque, se dependerdes de outra pessoa, estareis condicionando a vós mesmo em conformidade com suas idéias e, por conseguinte, vos achareis de novo numa armadilha.

Vede, pois, o imenso problema que tendes de enfrentar. Não há mais guias, nem salvadores, nem *gurus,* nem autoridades. Porque o que todos eles têm feito é condicionar-vos como hinduísta, muçulmano, cristão ou comunista. Não resolveram o problema. Não encontraram nenhuma solução para a aflição, a ansiedade, o desespero do homem. Só vos têm proporcionado meios de fuga; e fuga não é solução. Uma pessoa atacada de câncer não pode fugir do seu mal; tem de enfrentá-lo.

Portanto, esta é a primeira coisa que se deve perceber: Que não podeis contar com ninguém para vos descondicionardes. Ao percebê-la, ou vos assustareis, vendo que não podeis contar com ninguém, mas só e unicamente com vós mesmo (e isso é deveras aterrador); ou, reconhecendo que ninguém pode valer-nos e, portanto, vós mesmos tendes de trabalhar, já não sentireis medo e tereis vitalidade, energia, entusiasmo. Só podeis ter esse entusiasmo, essa energia, essa vitalidade, quando não dependeis de mais ninguém, nem tendes medo. Então, a ninguém mais seguireis. Sereis vosso próprio mestre, vosso próprio discípulo; estareis aprendendo, estareis descobrindo.

Assim, estando bem clara a questão, como devemos começar? Entendeis esta pergunta? O problema tem de estar bem claro, pois de contrário não podereis resolvê-lo. A questão pode ser formulada de uma dúzia de maneiras diferentes, mas a essência do problema permanece a mesma: A mente humana está sendo moldada, condicionada, pelas circunstâncias, pelas

influências ambientes, pelo temperamento e inclinações pessoais de cada um. E a mente que está condicionada, que foi moldada segundo determinada crença, determinado dogma, determinada experiência ou tendência, não pode de modo nenhum responder àquela pergunta. A mente, que se tornou tão embotada, pesada, entorpecida, tão fortemente condicionada, pelas circunstâncias, pelo ambiente etc. — tem alguma possibilidade de libertar-se e, portanto, de enfrentar de maneira nova todos os problemas da vida?

Digo que tem, conforme vou mostrar-vos. Mas eu não sou vosso instrutor, nem vós tampouco sois meus discípulos: Deus nos livre disso! Porque, no momento em que começamos a seguir outra pessoa, está destruída a Verdade. Quando tendes um guia, estais destruindo a Verdade. Só uma coisa podemos fazer: refletir juntos, viajar juntos. Não irei levar-vos por um certo caminho ou mostrar-vos esse caminho: estaremos viajando juntos, participando todos juntos no exame desta questão, descobrindo as dificuldades e as respectivas soluções.

Assim, "participar" não significa simplesmente estender a mão para receber alguma coisa. Significa que deveis ser capazes de compartilhar, que deveis mostrar-vos verdadeiramente despertos e empenhados em compreender; do contrário, é impossível a participação. Se ganhais uma belíssima jóia e não sabeis quanto ela é preciosa, podeis jogá-la fora; sois incapaz de apreciá-la em companhia de outros. E para viajardes juntos, deveis ser capazes de marchar juntos. A capacidade de marchar, de compartilhar, de observar, depende de vosso próprio empenho. Esse empenho, essa *seriedade,* se torna existente ao perceber-se a imensidade do problema. O problema é que vos põe sério; não sois vós que vos fazeis sério. Compreendeis a diferença? Dizemos que atacamos o problema porque somos sérios, mas não é tal. O próprio problema é tão grande que, com sua grandeza, nos torna sérios. Essa seriedade tem flexibilidade, tem força e vitalidade extraordinárias, que nos possibilitam examinar o problema até o fim. Estamos, pois, viajando juntos e, portanto, *compartilhando.* Por conseguinte, já não sois simples ouvintes, não estais meramente a ouvir palavras e idéias e acei-

tando-as ou rejeitando-as, dizendo: "Gosto desta, não gosto daquela". Porque já ultrapassastes tudo quanto é mera inclinação.

Assim, nossa primeira questão é: tem a mente humana, tão fortemente condicionada que está, alguma possibilidade de quebrar as cadeias de seu condicionamento? Não tendes nenhuma possibilidade de fazê-lo, se não estais cônscio de vosso condicionamento. Este é um fato bem óbvio, não achais? Não podeis dizer: "Estou condicionado e devo libertar-me desse condicionamento". Isto não significa nada. Entretanto, se percebeis o quanto estais condicionado e quais são os fatores de vosso condicionamento, as circunstâncias que o determinaram, então, graças a esse percebimento, podeis fazer alguma coisa. Mas, se não o estais percebendo, nada podeis fazer. A primeira coisa, portanto, é estardes consciente de vosso condicionamento — como pensais, como sentis, quais os motivos determinantes desse pensar e sentir.

Podeis dizer: "Ora, isto é complicado demais; dai-me uma pílula fácil de tomar, que resolva inteiramente o problema". Não existe essa pílula. A vida é um processo muito complexo, que não podeis resolver por meio de meros artifícios. Tendes de ver-lhe a complexidade, e só a vereis se fordes completamente simples. Entendeis, senhores? Se fordes realmente simples, vereis o quanto sois complexo, vereis todo o vosso condicionamento. Mas, ser simples é uma das coisas mais difíceis do mundo. Simplicidade não é andar de tanga ou tomar só uma refeição por dia, ou dar a volta ao mundo a pregar uma idiotice qualquer. Simplicidade não é obediência. Tende a bondade de prestar atenção. Simplicidade não é seguir um ideal. Simplicidade não é imitação, tornar-se simples apenas "a fim de olhar." Só podeis olhar uma árvore, uma flor, a beleza de uma tarde, quando vossos olhos não estão empanados, quando vossa mente não está noutra parte, quando não estais sendo torturado por vosso próprio problemazinho. Então, podeis olhar a árvore; então a tarde tem beleza; então, em virtude dessa simplicidade, sois capaz de observar.

E, como já disse, ser simples é uma coisa das mais difíceis e árduas: *ser simples*. Mas, como deveis saber, aquela palavra (simplicidade) está fortemente "carregada", por obra dos "san-

tos", com suas ostentações e seus dogmas. Por isso mesmo, eles, os "santos", não são, em absoluto, homens simples. Mente simples significa a mente capaz de ver com muita clareza. E, quando se pode ver com clareza um problema, ele está acabado. Eis por que, para olhardes vosso condicionamento, necessitais de clareza. E só podeis ter clareza quando não dizeis "Gosto" ou "Não gosto". Entendeis, senhores? Desejo ver-me, a mim mesmo, como ente humano, ver o que realmente *é*, e não o que ostento, o que afeto ser etc. Para ver muito claramente, necessito de luz, e não há luz se traduzo o que vejo em "gosto" ou "desgosto". Estais compreendendo?

A coisa é simples, senhor: quando a aprofundamos, podemos ver quanto ela é simples. Isto é, para vermos qualquer coisa, necessitamos de luz, precisamos de zelo. Então, com claridade e zelo, estamos aptos a observar. Mas nega-se esse claridade e esse zelo ao condenardes o que vedes ou justificais o que sois. Por conseguinte, quando desejardes ver bem claro, não há mais gostar e não gostar, julgar e condenar. Entendeis? Isto é muito sério. Vereis então que sois vosso próprio guia, vossa própria luz — luz que ninguém pode extinguir. Dessa maneira, podeis descobrir a fonte de toda a vida, a fonte que secou e que os homens têm buscado incessantemente.

Pode haver grande prosperidade, como existe no Ocidente e na América; pode haver miséria, fome e aflição; mas a simples solução desses problemas não constitui a resposta, porque o que está em jogo é nossa existência, a existência do ente humano. Vossa casa — que sois vós mesmo — está em chamas. E para achardes uma resposta, deveis ser capaz de olhar claramente. Por conseguinte, quando olhais com clareza, podeis raciocinar com clareza. A razão se torna demência quando há escuridão. Compreendeis, senhores? Os políticos, porque se acham na escuridão, estão suscitando a inépcia, o ódio, a discórdia entre os homens. E também os sacerdotes, seja no Ocidente, seja no Oriente, estão contribuindo para essa escuridão. A religião, afinal, não é uma questão de crença, não é o que cremos ou o que não cremos. Religião é o movimento da vida. Não depende de nenhuma crença, de nenhum dogma, de nenhum

ritual. Só a mente religiosa, a mente que vive em paz, pode descobrir a realidade final.

Talvez alguns de vós desejem fazer perguntas e, se a ocasião é oportuna para fazê-las, a elas responderemos. Se não, talvez na próxima reunião haja tempo para se fazerem perguntas. Quando se faz uma pergunta correta, nesta própria pergunta está contida a resposta. Mas o fazer a pergunta correta existe alta inteligência, não mera habilidade de erudição. Fazer a pergunta correta exige uma grande sensibilidade, inteligência, claro percebimento do problema que nos interessa. E então, quando se faz a pergunta correta, vem a correta resposta. Se tiverdes sido deveras inteligente e sensível, percebendo claramente o vosso problema, então, graças a esse percebimento, fareis a pergunta correta, e essa pergunta correta será a correta resposta.

15 de dezembro de 1966.

NOVA DELHI:
A peregrinação do homem

Continuemos com o assunto de que estávamos tratando na ultima reunião. Falamos então sobre a importância e a urgência de uma revolução total na consciência. E assinalamos que, em todo o mundo, se observa um geral declínio e deterioração — declínio moral, ético, religioso. Trata-se de um fato observável e não de simples opinião pessoal, minha, porquanto não estamos interessados em opiniões, porém em fatos. E não há possibilidade de se compreenderem tais fatos, se nos pomos a considerá-los com nossas inclinações ou temperamentos pessoais ou a reagir diretamente às influências ambientes.

Dissemos que se faz necessária uma transformação radical, uma mutação da mente, porque o homem já experimentou todos os métodos, tanto exterior como interiormente, para transformar-se. Freqüentou templos, igrejas e mesquitas, tentou vários sistemas políticos, vários métodos de organização econômica. No entanto, continua a haver grande prosperidade ao lado de extrema pobreza. Por todos os meios — a educação, a ciência, a religião — tentou o homem promover em si próprio uma mutação radical — recolhendo-se a mosteiros, renunciando ao mundo, meditando interminavelmente, recitando orações, praticando sacrifícios, seguindo ideais e instrutores, pertencendo a seitas diversas. De todas as maneiras possíveis — como se pode

observar através da História — tentou o homem descobrir uma solução para esta confusão, esta aflição, este sofrer, este infindável conflito. Inventou um céu. E, a fim de evitar o inferno, ou seja, o castigo, praticou também várias formas de ginástica mental, várias formas de controle; experimentou drogas, sexo, tudo quanto uma mente muito hábil é capaz de inventar. Todavia, em todo o mundo, o homem continua a ser o mesmo de antes. O homem herdou instintos animais, e a maioria de nós conserva ainda essa herança de avidez, direitos de propriedade, direitos sexuais, etc., etc. Somos o resultado do animal. E, consciente ou inconscientemente, temos procurado fugir desse fato. Entretanto, continuamos tais como éramos, ligeiramente modificados por efeito de pressões, das influências ambientes, de ameaças, da necessidade; mudamos superficialmente aqui e ali, mas essencialmente continuamos como dantes. No fundo, somos agressivos, violentos, ávidos, invejosos, brutais, como se pode observar em todo o mundo. E o que está acontecendo neste país após tantos anos de pregação da filosofia da não violência? O homem é violento, e o ideal da não violência, é uma maneira imatura de resolver o problema da violência. O importante é que sejamos capazes de enfrentar a violência, de compreendê-la e transcendê-la, em vez de inventarmos um meio de fuga, um ideal chamado "não violência", uma coisa completamente irreal, como o demonstram os fatos ocorrentes neste país e noutras partes.

Estamos, pois, vendo objetivamente, claramente, a necessidade da total mutação do homem. Intelectualmente com certeza, todos estão de acordo a este respeito. Todo homem *sério,* sinceramente intencionado, ardoroso, honesto, e que não se deixa iludir por teorias ou dogmas, está interessado nesta questão: é possível aos entes humanos, não importa se vivem na Rússia, na América, aqui ou noutra parte, operar uma mutação total, para que comecem a viver diferentemente e não fiquem, quais animais, a lutar incessantemente, a destruir-se mutuamente, sempre em conflito, aflitos, a sofrer, cheios de medo e incerteza e à espera da morte, com as penas, a ansiedade, o "sentimento de culpa", etc., inerentes à idéia da morte? Inventaram-se filosofias; os psicanalistas têm remediado alguma coisa, aqui e ali.

Entretanto, o problema subsiste: é possível descondicionar o homem totalmente, para que ele viva feliz, na claridade, livre de toda confusão e conflito?

Agora, formulado o problema básico — o qual espero vos esteja claro — que se pode fazer? Está-se vendo o problema: o conflito do homem, sua brutalidade, suas ânsias, seus ciúmes, suas ambições, seu desejo de ferir os outros, de fomentar ódios. É possível transformar essa consciência numa coisa totalmente diferente, que não seja um ideal, que não se possa prever, que não seja um resultado premeditado? Entendeis? Porque, se essa mente que está confusa, que é brutal, violenta, "projetar" um ideal, um futuro, essa "projeção" será de acordo com seu próprio padrão, apenas modificado; por conseguinte, o ideal, o objetivo, a mudança final condicionada pelo que *é*, continua a ser o que *é*. Não é verdade isso?

O problema é claro: se estou confuso e, nessa confusão, imagino a clareza ou crio um ideal da clareza, esse ideal é ainda o resultado da confusão e, por conseguinte, essa chamada clareza, esse chamado ideal, esse chamado "objetivo final", será o produto de uma mente confusa e, portanto, também confusão. Vede, por favor, quanto isso é importante. Porque, vendo-nos aprisionados nesta gaiola, nesta armadilha da chamada civilização, estamos sempre a projetar uma idéia do que "deveria ser", uma filosofia, uma doutrina, a qual ficamos seguindo, cada um conforme o seu condicionamento, sua crença, sua religião, consoante o clima, as circunstâncias, as inclinações, etc. Dessa maneira cria-se o futuro, um futuro radicado no presente, que é o passado. Assim, enquanto a mente for capaz de criar para si própria uma fórmula para o futuro, tal fórmula será o resultado do passado — experiências do passado, conhecimentos do passado, cultura do passado. Por conseguinte, o futuro, o ideal será ainda um resultado que *foi*. Conseqüentemente, a mudança do que *é* para o que *"deveria ser"* é ainda o que *é*, embora modificado.

Tende a bondade de ver e de compreender isto com toda a clareza, não verbalmente apenas, mas realmente. E aqui se apresenta a questão do *escutar*. Porque, verbalmente, podemos comunicar-nos uns com os outros, como agora estamos fazendo.

Presumo que todos vós compreendeis o inglês; portanto, verbalmente, estamos em comunicação. Estais a traduzir o que estou dizendo em vossa linguagem própria, estais ouvindo as minhas palavras. Mas, ouvir palavras não é escutar realmente. E quando aplicais toda a vossa atenção a qualquer problema, há não só eficiência, clareza, uma visão racional, mas também transcendeis o problema. É o que estamos fazendo agora. Estamos, não apenas em comunicação verbal, mas também *escutando* juntos o que é verdadeiro — não, o verdadeiro segundo outra pessoa. A verdade não é cristã, hinduísta, vossa ou minha. Ela é o fato. E para observardes esse fato, não só tendes de *escutá-lo* atentamente, mas também de evitar qualquer tradução desse fato. Porque, se o traduzirdes, o fareis de acordo com vosso condicionamento, vossas lembranças, vossas inclinações ou tendências, e conforme a pressão das circunstâncias. Nesse estado, por conseguinte, não estareis escutando. Mas, nesta tarde, espero que estejais escutando fatos, e não opiniões, nem conclusões.

Como já dissemos, faz-se necessária uma revolução radical, uma mutação da mente, porque, de acordo com os biologistas e os arqueólogos, os homens já viveram dois milhões de anos, ou mais, na aflição, no sofrimento, a se matarem e destruírem uns aos outros, a fomentarem a inimizade. As religiões preceituam: "Não matarás". As religiões preceituam: "Amai-vos uns aos outros", "Sede bondosos", "Sede generosos". E elas, as religiões, têm cultivado a crença e a propaganda organizada da crença, do dogma, do ritual; não lhes interessa o comportamento do homem. Mas, para nós, muito importa o comportamento do homem, dia a dia, porque o homem precisa viver em paz; de contrário, não poderá fazer coisa alguma. O cientista, em seu laboratório, está completamente em paz e, portanto, tem a possibilidade de inventar, de observar. O homem poderá ir à Lua, mas não tem paz, nem no lar, nem no emprego, nem exterior, nem interiormente. Por conseguinte, está confuso, com medo. É, portanto, bem evidente a necessidade daquela transformação radical que como já dissemos, não se deve operar em conformidade com nenhum padrão, nenhum ideal ou utopia do futuro — invenções de uma mente que está sendo condicionada e, desejando libertar-se, inventa uma filosofia, um ideal, um

alvo, nascidos de sua própria confusão e condicionamento. Isto é bem óbvio. E, também, a transformação radical deve realizar-se imediatamente.

Dividimos o tempo em presente e futuro. Não entrarei em minúcias a este respeito, porque o assunto é por demais complexo e não me sobra tempo para isso. Mas qualquer um pode ver o que temos feito. Todos percebemos a necessidade de mudança imediata. Percebemo-la e dizemos que não é possível mudarmos imediatamente, que necessitamos de tempo, de dias, para operar a mudança. Por outras palavras, conhecemos os problemas imediatos deste país: fome, desordem, inépcia, corrupção, disputas infantis por causa de pedaços de terra, homens que queimam uns aos outros e a si próprios, etc. E às circunstâncias presentes todos reagem. Dizemos: "Precisamos fazer alguma coisa em relação a elas. É muito bom falar em problemas fundamentais, mas o "fundamental" não é tão importante como o "imediato". E com essa concepção, essa fórmula de que o "imediato" é muito mais importante do que o "fundamental", vamos vivendo. Não é verdade isso? Podeis dizê-lo de maneira diferente, mas é isso o que está acontecendo. O político está todo interessado no "imediato", e bem assim o reformador e o chamado obreiro social. A todos interessa o "imediato"; acham que o "fundamental" pode "estar certo", mas o importante é o "imediato". E assim dividiu-se o tempo em presente e futuro. Mas o "fundamental" contém o "imediato". O imediato não contém o fundamental. E o homem que se preocupa com o imediato — esse é que é o verdadeiro malfeitor, como político, como religioso ou como reformador. Mas, se se compreender o "fundamental", nele estará a ação imediata.

Assim, se dividimos o tempo em ontem, hoje e amanhã, se pensamos sob a influência do imediato — que é o ambiente, as circunstâncias a que devemos reagir *imediatamente* (tal como o fazem os políticos e toda gente neste mundo) — que sucede? Espero me estejais acompanhando.

Como bem sabeis, não estamos acostumados a prestar atenção durante um longo período. A pessoa é capaz de prestar atenção por dois ou três minutos, mas depois, no resto do tempo, fica ouvindo apenas superficialmente. Desse modo, não é pos-

sível absorver o que se está dizendo. E nós estamos tratando de um problema muito sério. Para o compreenderdes, acompanhardes o seu movimento, tendes de dispensar-lhe vossa inteira atenção durante todo o tempo que estiverdes aqui, e não apenas por um período de dois ou três minutos e depois sairdes a divagar. Estamos tratando de uma matéria que exige total receptividade, atenção total.

Se divides o tempo em presente e futuro, não só estais criando conflito entre "o que é" e o que "deveria ser", mas também criando um ambiente, circunstâncias que estarão em contradição com o que "deveria ser". O tempo é um movimento que o homem dividiu em ontem, hoje e amanhã. Sendo um movimento, se o dividirdes vos vereis necessariamente em conflito.

Vede, por favor, que isto é importante e precisa ser compreendido. Porque, se o não compreenderdes, certamente não compreendereis o que virá depois. Interessa-nos a mudança, a total mutação da consciência, mas a consciência está condicionada para pensar em mudança com relação ao que *é* e ao que *deveria ser;* por conseguinte, o que deveria ser exige tempo futuro. Desse modo, nunca se verifica mudança nenhuma. Entendeis, senhores? Quando pensamos que estamos mudando *disto* para *aquilo,* trata-se de um "movimento estático", vale dizer, movimento nenhum. "Quero mudar disto para aquilo"; *aquilo* é projetado por minha mente, aprisionada em o que *é,* a qual, em virtude de sua confusão, sua aflição, seu pensar, criou o futuro. O futuro, portanto, já é conhecido. Por conseguinte, quando a mente passa de o que *é* para o que *deveria ser,* esse movimento é estático, não é movimento nenhum; portanto, não há mudança.

O homem é violento, incontestavelmente. É violento em várias e diferentes maneiras. Isto é um fato. Poderá, ocasionalmente, mostrar-se não violento, mas toda a sua estrutura psicológica baseia-se na violência, na ambição, no desejo de poder, de posição, domínio, autoridade, no apego àquilo a que ele chama "propriedade", ao sexo, etc. Sua total estrutura apoia-se na violência. Isto é um fato. Inventa, pois, a não violência, uma idéia, uma teoria, e tal coisa não é um fato. Diz ele: "Sou vio-

lento e me mudarei para a não violência. Passarei *disto* para *aquilo*". Essa mudança, esse movimento para o ideal, não é movimento nenhum; é puramente estática, uma mera idéia. O fato é a violência. Por conseguinte, buscando o ideal, o homem está evitando o real. E o que ele chama "ideal", "exercício", "disciplina", é mera atividade de uma mente que se tornou estática, embotada, uma mente que não está viva. O que está vivo é a violência, em diferentes formas.

O ideal, por conseguinte, não tem importância alguma. Para a maioria das pessoas, esta é uma pílula muito difícil de engolir, porque estamos acostumados a viver de ideais, a ser nutridos de ideais; fomos condicionados para pensar em ideais, finalidade, significado da vida, etc., etc. — Há, pois, somente o fato; e a não violência não é um fato. Quando um homem diz que "com o tempo" se tornará não violento, o que está fazendo é lançando as sementes da violência, pensando que, no fim, se tornará um ente pacífico. Isto é bastante claro, bastante óbvio. Assim, enquanto o homem pensar em futuro, em operar a mudança segundo um ideal, o que *deveria ser,* continuará com sua violência; esse movimento, por conseguinte, não tem valor nenhum.

Conseqüentemente, surge o problema: Como pode a mente, que é violenta, ávida, etc., mudar totalmente? Avidez, inveja, competição, agressividade, e também a chamada disciplina, que nos é imposta e que é ajustamento — tudo isso faz parte daquela violência; e como pode a violência ser alterada totalmente, de modo que deixe de ser violência — independentemente do tempo, independentemente de um ideal do futuro? Compreendeis agora a questão? Minha mente já não está sendo distraída, já não está a desperdiçar sua energia com ideais — o que deveria ser, o que não deveria ser. Está totalmente atenta ao problema, que envolve muitos outros problemas. Não há "fundamental", nem "imediato": Só há o problema. Certo? Como o homem atacado de câncer, ele tem de decidir imediatamente, e a decisão imediata não depende de sua fantasia, de seu ambiente, de sua família, do que outros dizem ou não dizem. Trata-se de uma necessidade imediata e, portanto, a decisão tem

de ser imediata e não uma decisão ditada pela mente que quer atuar sobre o fato.

Assim, o tempo, como meio de vencer, ou destruir, ou ultrapassar o fato, deixou de existir. Entendeis? O tempo, como meio de mudança, terminou. Por conseguinte, o tempo, como vontade, terminou. A vontade é tempo, não? "Eu farei isto". Esse "farei" é o resultado de determinação, inclinação, desejo; é o que a palavra implica. E quando digo "eu me tornarei pacífico", essa própria asserção "me tornarei" implica o tempo. E quando digo "Eu me tornarei...", esse movimento para me tornar alguma coisa é estático, sem vida — coisa morta. Assim, a vontade e o tempo têm de ser postos à margem. Vede, por favor, quanto isto é importante. Estamos habituados a fazer asserções, a dizer "Farei isto", "Devo fazer isto", "Deveria fazer isto" — e tudo isso implica o tempo. Não é verdade? Evidentemente, "será", "deveria ser", "deve ser" representam o futuro de "ser". Mas, "ser" é sempre presente ativo. Por conseguinte, quando um homem afirma que "fará tal coisa", o que está sucedendo é que ele está empregando o tempo como meio de realizá-la; o meio e o fim estão sendo projetados pela mente condicionada e, por conseguinte, o fim é ainda o que *é*. Se isto vos está dando dor de cabeça, sinto muito, pois, com efeito, é muito simples.

O homem viveu até agora pela vontade e pelo tempo, e pode-se ver que a vontade e o tempo não operaram mudança nenhuma no homem. Esse foi sempre o seu modo favorito de fugir; inventa o futuro, etc., e continua na mesma. A maioria de vós, talvez, crê na reencarnação. E, se credes na reencarnação, o que importa é como viveis agora e não o que ides fazer amanhã. Mas não credes a tal ponto na reencarnação: trata-se de uma simples teoria, de uma esperança confortante, uma idéia agradável, por conseguinte, sem valor nenhum. Assim, eliminados o tempo e a vontade, ficais apenas com este problema. Estais então cheio de energia para atacar o problema, "atracar-vos" com ele; isso é uma revolução total na mente — a revolução que não é um resultado final, porém imediata. E quando não existe o tempo como meio de realização, nem a vontade como o instrumento dessa realização, resta então apenas o problema central: Como pode a mente, que tão condicionada

está, mudar, promover uma completa mutação? — isto é, se já não está lutando para tornar-se alguma coisa. A mente é o que é: ávida, invejosa, ambiciosa, cheia de ódio e das demais qualidades animais, cultivadas e prolongadas através dos séculos. Isto é o que existe realmente; e todo esforço para efetuar uma mudança nessa estrutura da mente humana faz ainda parte do tempo e, portanto, de todo ineficaz.

Assim, que acontece quando vossa mente já não está pensando de modo relativo ao tempo e à vontade? O orador pode explicar-vos o que acontece, mas tal explicação será meras palavras. Mas, se vós mesmos o descobrirdes, vereis que se torna existente uma ação extraordinária quando o tempo foi abolido; já não tereis de ceder às circunstâncias, às inclinações ou tendências pessoais, e não mais vos servireis da vontade como instrumento. Se o descobrirdes, de fato e não teoricamente, agireis então imediatamente, assim como agis sob a premência de uma doença ou de um perigo. A ação não dependerá então da vontade nem do tempo. Será uma ação total e não a ação fragmentária da vontade e do tempo; a ação total contém a ação imediata, exigida pelas circunstâncias.

Vede, senhor, há fome, neste país superpovoado, e total ineficácia do governo. E cada político, cada grupo, quer resolver o problema da fome por meio de sua teoria predileta. Os comunistas, os socialistas, os congressistas, etc., têm teorias para a solução desse problema. Uns indivíduos tomam este ou aquele partido, visitam a América ou a Rússia, conforme as respectivas teorias; e, no ínterim, o povo continua passando fome. Vós podeis não estar nessas condições, mas há muita gente passando fome. Todos nós, sem dúvida, já tivemos ocasião de saber o que significa falta de alimento. O problema da fome não pode ser resolvido pelos políticos; isso nunca aconteceu. É um problema mundial, e o mundo foi dividido pelos políticos e pelas tribos que eles representam — a tribo americana, a tribo hindu, a tribo muçulmana, a tribo africana. Todos nós constituímos tribos, todos pertencemos a tribos; isto também é um fato. Por conseguinte, enquanto a mente pensar de modo relativo a tribos e fórmulas, o problema da fome continuará existente. Vede este fato tão simples, senhor. Enquanto fordes hindu, com vos-

sa nacionalidade, vosso governo separado, etc., haverá fome, porque cada grupo deseja resolver este problema a seu modo e se recusa a cooperar com os outros. O comunista pouco se importa com a fome do povo, nem tampouco o congressista, o democrata ou o republicano — porque o que eles querem é manter-se no poder, ocupar posições. Para resolver-se o problema da fome, o que nos deve interessar é, tão-só, alimentar o povo, e não quem é que vai alimentá-lo, qual o sistema que o fará, etc. Mas ninguém tem interesse em resolver o problema.

Quando o que nos interessa resolver é o problema, pouco nos importa qualquer sistema de resolvê-lo. Da mesma maneira, quando o que nos interessa é o problema da mutação total, não nos interessa saber *como* efetuá-la. Nunca perguntaremos "como?", porque o "como" é o método, e método implica tempo, prática, e conhecimento prévio do resultado final; portanto, esse resultado final não é mudança nenhuma. Assim, o que podemos fazer é, tão-só, nos tornarmos totalmente cônscios da função da vontade e completamente indiferentes a ela; não temos de batalhar contra ela, mas devemos ver a sua falsidade. Então, só nos interessará o problema central: promover a revolução total. E quando essa revolução vos interessar no mais alto grau, vereis que ela se realizará, independentemente de vossa vontade.

Agora, se houver tempo, podeis fazer perguntas, pôr em discussão o assunto. E peço-vos fazer perguntas concisas, porque eu terei de repeti-las. Não façais longos discursos...

INTERROGANTE: Senhor, aquele estado é possível?

KRISHNAMURTI: Um cavalheiro pergunta: "Aquele estado é possível?". O estado acerca do qual estive falando, não é isso? Ao indagardes "é possível?", fazeis esta pergunta por curiosidade.

INTERROGANTE: Não.

KRISHNAMURTI: Tende a bondade de escutar. Fazeis esta pergunta por curiosidade ou a fazeis por terdes dúvida, por haver em vosso espírito um sentimento da impossibilidade de tal estado? Se dizeis "não é possível", estais fechando o caminho a vós mesmo, estais impedindo a investigação. Se dizeis

"é possível", isso também, naturalmente, impedirá a investigação, pois significa que já formastes um conceito antecipado. Assim, para verdes se é possível ou impossível, tendes de trabalhar, tendes de investigar, tendes de examinar; e para examinar, deveis estar livre. Se tendes algum preconceito, alguma tendência, etc., não estais livre para investigar, para penetrar o assunto. Mas o penetrá-lo não depende do tempo. Tendes de aplicar-lhe toda a vossa mente e coração, vossos nervos, tudo o que tendes. Mas o fato é que nos falta o ardor, a intensidade necessária. Para penetrar fundo, necessitais de uma tremenda energia; e só podeis ter tamanha energia quando não há distrações, das que a mente inventa para eximir-se de enfrentar o fato — e o fato é o *que realmente sois*. Vossa violência, vossa avidez, vossa inveja, vossa competição, vossa brutalidade, vosso desejo de sucesso, de serdes *alguém* na vida, tudo isso e mais o resto — eis o fato; e o enfrentar esse fato exige *toda a vossa energia*. E, também, para enfrentá-lo, tendes de pôr de lado o tempo e a vontade; tendes de *olhar*.

Eis porque, senhor, é tão importante saber olhar, saber observar. Talvez nunca tenhais olhado uma árvore. Talvez nunca tenhais observado vossa esposa, vosso marido ou vossa filha. Tendes observado vossa esposa através da imagem que dela formastes, e vossa esposa vos observa através da imagem que formou de vós — sendo a imagem memória. Quando ambos vos olhais através da imagem que cada um criou a respeito do outro, não há observação nenhuma. Ao olhardes uma árvore, tendes uma idéia, uma imagem, um símbolo, uma certa definição da árvore; por conseguinte, a definição, o símbolo, a idéia, impedem a observação da árvore. Para olhar, tendes de estar livre da imagem. E, quando sois livre, não olhais com o intelecto, nem com a emoção, porém com amor, com clareza, com uma "certa coisa" totalmente nova. Olhando vossos filhos, vossa esposa, vosso marido, sem imagem nenhuma, estareis no verdadeiro estado de relação. O verdadeiro estado de relação é afeição, amor. Sem estes, não importa o que façais, haverá sempre aflição e sofrimento.

INTERROGANTE: Senhor, qual a função da memória, e que estado é esse a que vos referis?

KRISHNAMURTI: Qual a função da memória, e que estado é esse a que nos referimos? Aqui está outro problema bastante complexo. Todos os problemas humanos são complexos; não são problemas mecânicos. Por conseguinte, neles temos de pensar de maneira nova.

Qual a função da memória? E como se torna existente a memória? Antes de podermos investigar a função da memória, temos de descobrir como se forma ela. Já notastes alguma vez que, quando reagimos totalmente a uma coisa, fica muito pouca memória? Já? Quando reagis com vosso coração, vossa mente, todo o vosso ser, fica muito pouca memória. Não o tendes notado? É só quando não reagis completamente a um desafio, que há dor, confusão, luta. A luta, a confusão, a dor ou o prazer, constituem a memória. Isto é simples. É um fato diariamente observável em vossa vida. Desenvolveis a memória aprendendo uma técnica. Entrais para um colégio a fim de aprenderdes determinada técnica, porque essa técnica vos dará um emprego. Esse aprendizado desenvolve a memória, porque precisais dessa memória para poderdes desempenhar satisfatoriamente uma dada função. Desta espécie de memória necessitais, é claro, pois, do contrário, não podeis ser eficiente. Mas eu temo a memória psicológica: as coisas que me dissestes, as ofensas, as lisonjas, os insultos que me dirigistes. E vós tendes vossa memória psicológica. Há, por conseguinte, as imagens que eu formei acerca de vós e as imagens que a meu respeito formastes. Essas memórias se conservam e se acrescentam continuamente. Essas memórias é que irão reagir. Por conseguinte, o pensamento, sendo resultado da memória, é sempre velho; nunca é novo e, portanto, nunca é livre. Não existe isso a que chamam liberdade de pensamento — um puro disparate.

Vossa memória tem seu lugar próprio, para poderdes funcionar proficientemente, e a proficiência é necessária. A memória, num certo nível, é necessária. Mas, quando se torna uma mera ação mecânica, nas relações humanas, a memória é perigosa, nociva. Todos os instintos tribais fazem parte da memória. Vós sois hinduísta, aquele maometano, aqueloutro cristão: o mecanismo do condicionamento. A memória, aí, é mortal. Porque a vida é um movimento e não uma coisa que talhais para vós mesmo, em vossa pequena oficina. A vida é um mo-

vimento total, um movimento infinito, e não um movimento evolutivo. Uma de vossas teorias favoritas é esta, que, com o tempo, o homem se tornará perfeito e, no ínterim, pode semear o ódio e a destruição. A memória, pois, tem seu lugar próprio e, nesse lugar, quando funcionamos naturalmente, ela tem de ser eficiente, racional, impessoal, clara, etc. Mas, há um estado mental onde a memória tem muito pouco que fazer. Nesta palestra estamos usando a língua inglesa. Este emprego da língua inglesa representa, naturalmente, memória. Mas a mente que a está empregando se acha num estado de silêncio, não está sendo tolhida pela memória; esta é que é a verdadeira liberdade.

INTERROGANTE: Senhor, para onde vai a alma após a morte?

KRISHNAMURTI: Um momento, senhor.

INTERROGANTE: Falastes sobre a mente descondicionada e acerca da simplicidade da mente. Eu tenho minhas dúvidas sobre se existe alguma maneira de alcançarmos essa simplicidade mental e uma mente descondicionada.

KRISHNAMURTI: Pergunta este senhor: Falastes sobre a mente condicionada; existe alguma maneira ou método de alcançar essa mente descondicionada?

INTERROGANTE: Sem se falar a respeito dela.

KRISHNAMURTI: Sem se falar a respeito dela. Não sei o que isto significa. Existe alguma maneira de descondicionar a mente?

Ora, há dois estados. Em primeiro lugar, temos de ser muito sensíveis às palavras — sensíveis, vivos — temos de *sentir* as palavras. Se o não fazeis, nenhuma palavra que usardes terá significação. Ao empregardes a palavra "descondicionar" e a palavra "maneira", compreendestes a palavra "descondicionar"? Trata-se apenas de uma compreensão verbal e, por conseguinte, irreal? A mera compreensão intelectual dessa palavra, que significa "libertar a mente de seu condicionamento", é apenas uma definição do dicionário. E se empregais a palavra, dando-lhe apenas a significação lexicológica, ela não tem profundidade nenhuma. Mas, se dizeis: "Descobri que estou condicionado. Eu

mesmo o descobri. Estou vendo este fato. Hoje de manhã percebi claramente, por um minuto, o quanto estou condicionado. Eu penso como hinduísta; tenho pensamentos de ódio, de ciúme". — Então, ao empregardes a palavra "descondicionar", ela tem vitalidade, profundidade, tem perfume, "qualidade". E, ao empregardes a palavra "maneira", que está implicado em tal palavra? Um movimento *disto* para *aquilo*; um caminho, um método, um sistema, cuja observância me habilitará a descondicionar-me, a alcançar um estado de "não condicionamento". Atenção a esta pergunta: Um método pode descondicionar-vos? Nenhum método pode fazê-lo. Tendes brincado com essas palavras, tendes praticado tantas coisas, há séculos — *gurus*, mosteiros, Zen, este e aquele método — e o resultado é que vos vedes preso numa armadilha, escravizado ao método, não é verdade? Não sois livre. O método produzirá seu resultado mas tal resultado provém de vossa confusão, de vosso condicionamento e, por conseguinte, estará também condicionado. Assim, quando fazeis aquela pergunta (um método pode descondicionar-vos?), já tendes a resposta.

Foi por isso que eu disse na última reunião: Fazer uma pergunta é muito simples, mas fazer a pergunta correta é uma das coisas mais difíceis. E vós tendes de fazer perguntas, em todo o curso de vossa vida, mas têm de ser sempre perguntas corretas. Fazendo a pergunta correta, tendes a resposta correta e não precisais de pedi-la a ninguém.

INTERROGANTE: Uma pergunta, senhor. A não violência, que Gandhi, por si próprio, tentou praticar, é também condenável?

KRISHNAMURTI: Senhor, lembrai-vos do que estive dizendo? Qualquer prática de não violência é violência.

INTERROGANTE: Isso precisa ser provado.

KRISHNAMURTI: Provado por quem?
Senhor, fizestes uma pergunta, e deveis ter também a gentileza de ouvir a resposta.

INTERROGANTE: Eu fiz uma pergunta. . .

KRISHNAMURTI: Sim, senhor, nós todos somos muito impacientes.

INTERROGANTE: E falta o resto da pergunta.

KRISHNAMURTI: Sim, senhor, já sei. Podeis praticar a não violência quando sois violento? Violência significa não só violência física, mas também violência psicológica. Quando me disciplino em conformidade com um padrão, que estabeleci como "o ideal", sou violento. Não levais nada disso em conta. A disciplina, conforme praticada pela maioria das pessoas, é repressão, é ajustamento, é controle exercido por uma idéia, um padrão; isso é violência, é "torcer" a mente. Mas isso não significa que não exista uma disciplina que nenhuma semelhança tem com controle, repressão, ajustamento. Essa disciplina verdadeira nasce quando estais frente-a-frente com o problema e interessado unicamente no problema.

Vede, senhor. A disciplina, a disciplina correta, a verdadeira disciplina, a única disciplina importante — pois nenhuma das outras é importante — é a que acompanha o próprio ato de aprender. Quando estais aprendendo — não, adquirindo! — quando estais aprendendo, esse próprio ato de aprender é disciplina. Por exemplo, estou aprendendo uma língua; é-me sumamente interessante aprender uma língua, e esse próprio interesse é disciplina. Ora, o homem é violento. Quando há interesse em compreender o problema da violência, compreendê-lo realmente, "acompanhá-lo" do começo ao fim, investigá-lo profundamente — essa própria investigação é o começo da disciplina. Não precisais de nenhuma das chamadas disciplinas que o homem tem praticado, destruindo a si próprio, torturando sua mente pela imitação, pelo ajustar-se a uma forma, a um padrão.

INTERROGANTE: Para onde vai a alma após a morte?

KRISHNAMURTI: Pra onde vai a alma após a morte? Senhor, esta é uma questão momentosa. Dela poderemos tratar na próxima reunião, porquanto exige muito exame — já que a palavra "alma" ou "*atman*" ou não importa que palavra, faz também parte de vossa tradição. Repetis incessantemente tal palavra. Nunca investigastes se existe de fato essa tal coisa que chamais "alma" — uma entidade permanente em vós existente, a qual, depois de morrerdes, irá para um certo lugar. Existe al-

guma coisa permanente em vós? Descobristes, em vós, alguma coisa permanente?

INTERROGANTE: Sim, senhor.

KRISHNAMURTI: Sim? Senhor, vede com clareza. Existe em vós alguma coisa permanente? Vós estais sempre a mudar, vosso corpo muda — a menos que estejais morto. Tudo está em movimento, mas vos recusais a aceitar esse movimento. E dizer que existe uma alma, um *atman*, significa que o pensamento a pensou ou inventou. Se o pensamento pode pensá-la, ela se acha ainda no campo do pensamento e, por conseguinte, faz parte do "velho", não é nada de novo. Como já disse, o pensamento é sempre velho. Portanto, a palavra "alma" é uma palavra que usais sem compreendê-la ou examiná-la. Ela é produto do pensamento, porque o homem teme a morte. Assim como tem medo da vida, ele tem medo da morte. Por favor, senhor, deixai de lado esta questão, pois não estais prestando atenção.

INTERROGANTE: O condicionamento...

KRISHNAMURTI: Um momento, senhor. Um momento! Acho que por hoje basta. Vede, senhor. Vós fizestes perguntas; cada um só está interessado em sua própria pergunta e não presta atenção às outras. Quando respondo a uma pergunta, se lhe prestais atenção, vossas perguntas ficarão também respondidas. Mas, nós somos muito impacientes. E que significa isso? Que cada um só está interessado em seu problema pessoal; e o problema pessoal não contém o problema geral. Quando se compreende o problema geral, nele está contido o problema pessoal, e este último estará resolvido — corretamente resolvido. Como disse, é muito fácil fazer perguntas. E devemos sempre fazer perguntas, devemos ter sempre uma ponta de ceticismo a respeito de tudo, inclusive do que diz este orador. Mas, o fazer a pergunta correta exige muita inteligência, muita sensibilidade às palavras, um percebimento claro de nosso condicionamento. Então, quando se faz uma pergunta, ela vem cheia de luz e de beleza.

18 de dezembro de 1966

NOVA DELHI:
Da insignificância do nosso viver

Vamos continuar com o assunto de que estávamos tratando outro dia? Dizíamos ser absolutamente necessária uma revolução radical na nossa maneira de viver, em nossa visão das coisas, em nossas atividades, em nosso estado de consciência. E mostramos as razões dessa necessidade. Considerando-se o atual estado do mundo — extrema confusão, aflição, guerras, corrupção, uma vida sem nada de novo, uma mente que não se renova totalmente, todos os dias, tornando-se vigorosa, juvenil, inocente — considerando-se tudo isso, torna-se evidente a necessidade de uma mutação total da mente. Nossa mente é o resultado de séculos e séculos de propaganda. Temos sido moldados pelas circunstâncias, por nossas inclinações e tendências. Somos o resultado do tempo, pois foi no tempo que a mente amadureceu, desenvolveu-se, evoluiu (se preferis este termo) do animal para o seu estado atual. Nossa vida presente, tal como é (realmente e não teórica ou idealisticamente, não como desejaríamos que fosse; o fato real, o que ela é hoje) é uma vida de sofrimento, uma vida de frustração, de profunda ansiedade, de "sentimento de culpa", um tatear, em busca de alguma coisa diferente do que *é*, uma batalha constante, não só exterior, mas também interiormente. Nossa vida é um campo de batalha, uma luta interminável e fútil. Luta-se para alcançar poderio — como a maioria de nós o faz. O poder dá-nos

um certo sentido à existência, política, econômica ou interiormente. Por meio da propaganda pode-se dominar os demais; podeis dominar vosso vizinho, vossa esposa, vosso marido. Tudo isso implica poder. E implica também, normalmente, uma vida de constante competição, com certas melhorias das condições, etc., porém uma vida de ambição e rivalidade, de inútil busca, vida de terrível solidão, de desesperança — ainda que de nada disso estejamos cônscios. Em geral não estamos cônscios desse estado, porque temos muito medo de observá-lo. Mas o fato é este.

Assim é a nossa vida de cada dia, na qual não há afeição nem amor. Só há sentimento de insegurança e constante busca da segurança, e sempre o fim: a morte. Eis o que chamamos "viver". Sentindo medo, inventamos deuses, inventamos teorias, intelectualmente, teologicamente, religiosamente. Temos idéias, fórmulas relativas ao que deveríamos ser. E funcionamos em conformidade com tais fórmulas: a isso chamamos "viver inteligentemente". Temos grande orgulho de nosso intelecto. Quanto mais intelectual a pessoa, tanto mais impiedosa e brutal. O intelecto, em geral, é assim. Tal a nossa vida. Quer nos agrade, quer não, este é um fato que parecemos incapazes de alterar. E, principalmente no mundo moderno, a vida se está tornando mais e mais mecânica: freqüentar o emprego todos os dias, por quarenta ou cinqüenta anos, suportar ameaças e insultos dos superiores, etc., etc. E perguntamos: "Há alguma possibilidade de efetuarmos uma revolução radical em nossa vida?". É claro que sempre mudamos um pouco aqui e ali, porém impelidos pelas circunstâncias; uma invenção nova pode alterar, exteriormente, nossa maneira de vida, etc. Estamos vendo, pois, o que de fato se está passando em nossa consciência, em nossa vida diária. Creio que qualquer um que esteja cônscio, por pouco que seja, não só de si próprio, mas também da situação do mundo, pode ver que isto está acontecendo, que somos o resultado de uma formidável propaganda religiosa, política, comercial, etc. Não sei se ouvistes dizer ou se lestes que um certo general russo, da mais alta graduação, um marechal de campo, declarou, em relatório às autoridades superiores, que os soldados estavam sendo instruídos por meio do hipnotismo.

Comprendeis? Por meio do hipnotismo estão ensinando aos soldados novas técnicas, quer dizer, ensinando-os a matar mais habilmente, a proteger a si próprios matando outros. Não sei se percebeis o que isso implica, pois por meio da hipnose podem-se aprender muitas coisas — uma nova língua, uma nova maneira de pensar, etc. Afinal de contas, hipnose é propaganda. Sugere-se-vos, em cada dia de vossa vida, que deveis crer em Deus, e credes em Deus. Ou, se vos dizem que não há Deus, também nisso credes. Credes em *atman*, porque é uma idéia geralmente sancionada, transmitida, através dos séculos, pela tradição; e, também, porque gostais de crer que em vós existe uma certa coisa muito superior, permanente, divina, etc. Mas, isso é apenas um conceito intelectual que em nada altera a vossa maneira de vida. E, politicamente, é tão óbvio o que está sucedendo neste país! Religiosa, política e interiormente somos o resultado do que *foi* e do que outros disseram. E quanto mais hábil, quanto mais sagaz, quanto mais capaz a pessoa é de persuadir-vos psicologicamente, tanto mais facilmente credes nela. E tal é a vossa vida. Sois hinduísta, porque vos disseram que o sois e as circunstâncias vos forçaram a sê-lo; ou sois muçulmano, cristão, etc., pelas mesmas razões.

Nesse campo o ente humano está vivendo, na América, na Rússia, onde quer que seja. E nós estamos perguntando se o ente humano tem possibilidade de jogar fora tudo aquilo, para efetuar uma mutação total, não intelectualmente, porém realmente. Este, a meu ver, é o problema que cada ente humano tem de enfrentar. Porque podemos continuar por mais mil anos exatamente como estamos, a guerrear-nos, a viver na mais profunda aflição, a dar-nos este ou aquele título, a pertencer a tal ou tal nacionalidade, tal ou tal religião — coisas tão pueris! E tudo isso é o resultado da propaganda, propaganda do Gîtâ, da Bíblia, do Alcorão ou das teorias de Marx e de Lenine. Entendeis? Eis o que somos, sem nada de original, nada de verdadeiro: entes humanos de "segunda mão". Isso também é um fato: é a nossa vida. E, em meio a tudo isso, o sentimento de um medo profundo, renitente, que produz a violência, nos obriga a imaginar meios de fuga. Já criamos uma verdadeira rede de vias de fuga a esse medo invencível dos entes humanos. Como já disse, a maioria de nós está bem cônscia desse fato.

Ora bem, que se pode fazer no sentido de operar uma mutação radical desse estado? Entendeis esta pergunta? Quando acabarmos de falar, espero tenhais a bondade de fazer perguntas, tal como na última reunião.

Eis, pois, o nosso problema: Como posso eu, que sou resultado do tempo, de uma infinita série de circunstâncias que me têm compelido a agir, a pensar, a sentir de uma maneira que tanto condicionou a minha mente — como posso operar uma revolução total? Estamos empregando a palavra "mente" num sentido que abrange o ente total — o ente físico, emocional, nervoso, cerebral, etc. — a totalidade da consciência, que constitui a mente. E que possibilidade tem um ente humano de operar, aí, uma revolução total? Não sei se alguma vez vós fizestes esta pergunta; talvez não. Podeis ser levado a mudar um pouco aqui e ali, conforme vosso desejo de prazer e vosso medo à dor. Principalmente quando a mudança dá prazer, quando vos promete satisfação ou desejais a continuação de um dado deleite ou prazer, tentais mudar um pouco. Mas o que estamos perguntando a nós mesmos é coisa muito diferente.

Como ente humano, tenho possibilidade de mudar completamente? — não: "mudar para alguma coisa", porque esse "alguma coisa" é uma fórmula, um ideal adquirido de Marx, de Lenine, ou por mim mesmo concebido. Compreendeis? A mudança de o que *é* para o que *deveria ser* não é mudança verdadeira, conforme explicamos da última vez; e nós somos enganados por esse movimento. O que *é* é o fato, e o que *deveria ser* não é o fato. Porque, no intervalo de tempo entre o que *é* e o que *deveria ser,* apresentam-se influências várias, pressões e tensões do ambiente, e as coisas estão sempre mudando. Mas, se formulamos "o que deveria ser" e procuramos mudar segundo essa fórmula, essa mudança proporciona-nos uma certa sensação. A simples sensação de movimento para "o que deveria ser" confere à pessoa uma certa vitalidade. Mas o que de fato sucedeu, psicologicamente, foi que a mente formulou um padrão, em conformidade com o qual irá viver, padrão esse "projetado" do passado. Trata-se, portanto, de movimento do passado e, por conseguinte, movimento de uma coisa morta; não é um movi-

mento vivo, absolutamente. Se observardes isso em vós mesmos, percebereis claramente o que estou dizendo.

Assim, que possibilidade tem um ente humano, vós e eu, de tornar a mente nova, vigorosa, inocente, *viva?* Nossa vida é toda um "processo" de desafio e reação; do contrário, a vida será como uma coisa morta; a maioria de nós, a bem dizer, está morta. A vida, com efeito, é um processo de desafio, uma exigência e uma "resposta" — não importa se tal exigência, ou desafio, é exterior ou interior. E enquanto a resposta não for totalmente adequada ao desafio, haverá atrito, batalha, tensão, sofrimento. Isto é bem óbvio. Enquanto eu não "responder" totalmente a qualquer problema, terei de viver em conflito. Compreendeis, senhor?

A vida atual exige (a menos que queiramos viver muito superficialmente e, portanto, viver uma vida sem significação alguma) que façamos uma revolução em nós mesmos. Cabe-nos, pois, descobrir, por nós mesmos, se tal mutação é possível. Quer dizer, é possível morrermos totalmente para o passado, morrermos totalmente para o que *foi*, para que nossa mente se renove e revigore? Porque, como dissemos outro dia, o pensamento é sempre velho. Entendeis? O pensamento é reação da memória. Se não tivesseis memória serieis incapazes de pensar. E essa memória é o resultado de experiência acumulada. Quer se trate do acervo de experiência de vossa comunidade ou sociedade, quer de vosso acervo individual — isso é sempre memória.

Assim, o todo da consciência, embora o chameis "superior" ou "inferior", é memória. Percebeis? E nesse campo, que é a consciência, não existe nada novo. Direis: "Ora, existe Deus, que é totalmente novo, existe o *atman* que é sempre novo" — mas isso está ainda no campo da consciência e, portanto, na esfera do pensamento. E o pensamento é memória, não importa se vossa própria memória ou memória acumulada, de um milênio de propaganda. Estais entendendo? O pensamento jamais poderá promover aquela revolução.

E, se aprofundais a questão, apresenta-se-vos o problema: Se o pensamento não pode efetuar essa mutação, qual é então a função do pensamento? — Eu tenho de me servir do pensamento em minhas ocupações; quando estamos fazendo coisas,

cozinhando, lavando pratos, falando uma língua, como agora estamos fazendo, o pensamento tem de existir. Se vos perguntam onde morais, podeis responder imediatamente, porque estais bem familiarizados com o lugar onde residis. Por conseguinte, há um intervalo insignificante, quase nenhum intervalo, entre a pergunta e a resposta. Isto é bem óbvio. E, se fazemos uma pergunta mais profunda, será necessário um intervalo maior entre a pergunta e a resposta. Nesse intervelo, ficais a olhar, a buscar, a indagar, a esperar que alguém vos informe. Tudo isso se passa no campo da consciência, ou seja na memória. E com essa memória é que esperamos efetuar a mutação. Não é verdade? Essa memória, de onde brota o pensamento, será sempre velha; por conseguinte, não há nada novo no pensamento. O pensamento poderá inventar coisas novas, idéias novas, novos alvos, novos métodos eleitorais, novas orientações na política, etc. — mas tudo estará baseado na memória, no conhecimento, na experiência, ou seja no passado. Assim, o pensamento, por mais habilidoso e sagaz, e por erudito que seja, jamais operará a revolução completa na mente. E essa revolução, essa mutação é absolutamente necessária, para que possamos viver uma vida diferente. Assim, é possível morrermos para o pensamento? Compreendeis o problema? Embora necessitemos do pensamento e dele possamos fazer uso eficaz, independente de quaisquer inclinações ou tendências pessoais, embora possamos servir-nos dele criteriosamente, racionalmente, com honestidade e sem automistificação, o pensamento não tem nenhuma possibilidade de criar o novo.

Daí surge o problema: Que é a morte? Para a maioria de nós, a morte é uma coisa vitanda, uma coisa temerosa, que devemos afastar para bem longe. Sabemos que existe a morte — a morte do organismo físico; mas pensamos também na morte como *o fim*. Se credes na reencarnação, não estais enfrentando o fato: estais evitando a questão. Há o desafio: "Tu morrerás". Não o eviteis; olhai-o, penetrai-o, descobri tudo o que nele puderdes descobrir. Mas, para fazê-lo, não pode haver medo de espécie alguma. O medo é criado pelo pensamento, como deveis saber. Esse pensamento se projeta no tempo: "Amanhã ou daqui a cinqüenta anos morrerei", ou "Serei feliz", ou "Irei

para o céu", ou qualquer outra coisa, e o pensamento gera medo. Já deveis ter notado isso, não? E esse medo vos impede de olhar, de observar. É ele, por conseguinte, o observador, não achais? O medo é a entidade, o observador, o pensador, o "experimentador", o centro de onde olhais, pensais, agis. O medo é o observador, o pensador que, como observador, cria tempo entre si próprio e a coisa observada.

Estais entendendo, senhores? Alguma vez já olhastes para uma árvore? Duvido muito que o tenhais feito. Não temos nenhum sentimento da beleza. Vemos o céu, a flor, o reflexo do sol na água, um pássaro a voar, um belo rosto, um lindo sorriso, mas nada observamos. E quando observamos, há espaço entre o observador e a coisa observada. Exato? Há espaço entre vós e a árvore. Nesse espaço tendes vossos pensamentos acerca da árvore, a imagem relativa à árvore. Tendes também vossas idéias, vossas esperanças, vossos temores, e ainda a imagem relativa a vós mesmos. Tendes a imagem de vós mesmos e de vossos temores. Essas imagens estão observando a árvore. Por conseguinte, nunca observais a árvore. Mas, quando nenhuma imagem tendes da árvore ou de vós mesmos, não existe então distância alguma entre o observador e a coisa observada: o observador é a coisa observada. Vede, por favor, se se compreender isso, esta compreensão, em si, será uma tremenda revolução: a compreensão de que não existe observador separado da coisa observada.

Consideremos a coisa num nível mais familiar para vós: Já olhastes alguma vez vossa esposa ou vosso marido, ou vossos filhos, ou vosso vizinho, ou vosso patrão, ou qualquer dos vossos políticos? Duvido que o tenhais feito. Em todo o mundo, os políticos estão causando males, porque estão interessados no "imediato". E a pessoa que só se ocupa com o "imediato", está fomentando a confusão, a aflição, a guerra. Já olhastes para aquelas pessoas (i.e. esposa, marido, etc.)? Se já o fizestes, que se vê? A imagem que tendes da pessoa, a imagem que tendes de vossos políticos, do Primeiro Ministro, de vosso Deus, de vossa esposa, de vosso filho. O que se vê é essa imagem. Tal imagem foi criada pelas vossas relações, vossos temores, ou vossas esperanças. Os prazeres, sexuais e outros,

que tivestes com vossa esposa, com vosso marido, as contrariedades, as adulações, os confortos e demais coisas que a vida doméstica proporciona (e essa é uma vida "de morte") criaram uma imagem relativa a vossa esposa ou marido. Com essa imagem é que olhais. De modo idêntico, vossa esposa ou marido têm uma imagem de vós. Assim, a relação entre vós e vossa esposa ou marido, entre vós e o político, é com efeito a relação existente entre tais imagens. Certo? Isto é um fato. Como podem duas imagens produzidas pelo pensamento, pelo prazer, etc., possuir qualquer afeição ou amor?

Assim, a relação entre dois indivíduos que vivem intimamente ou mui distanciados um do outro, é uma relação entre imagens, símbolos, lembranças. E como pode haver nisso, amor verdadeiro? Compreendeis esta pergunta? Assim, nós nunca olhamos, nem para a vida, nem para a morte. Nunca olhamos para a vida. Temo-la olhado como uma coisa feia, horrível, ou como uma vida de constante batalha — esta vida que levamos, de luta e mais luta — luta financeira, luta emocional, luta intelectual etc. etc. Aceitâmo-la como inevitável. E, tendo-a aceitado, inventamos uma teoria de que, talvez numa vida futura, na próxima vida, ou seja lá o que for, seremos recompensados. É dessa maneira que vivemos; e cada religião, por este mundo fora, inventou uma certa esperança: reencarnação, ressurreição, etc.; não entraremos em pormenores a este respeito, porque a ocasião não é oportuna e porque não há mais tempo para tal. Assim, para se compreender qualquer coisa, até mesmo vossa esposa, vosso marido ou vossos políticos, deveis observar. E para se poder observar, não deve existir barreira nenhuma entre o observador e a coisa observada. Certo? De contrário, não se pode ver nada. Se desejo compreender a vós, como ente humano, preciso livrar-me de todos os meus preconceitos, minhas impressões, minhas tendências, das pressões circunstantes, etc.; devo livrar-me de tudo isso, totalmente, para então olhar. Começo então a compreender a coisa, porque me libertei do medo. Enquanto existir observador e coisa observada, pensador e coisa pensada, tem de haver medo, incerteza, confusão.

Observar a morte é observar a vida. Percebeis? Nós não observamos o viver, nem somos capazes de observar a morte.

Quando sabeis observar o viver, com todas as suas complexidades, com todos os seus temores, desesperos, agonias, dolorosa aflição, solidão, tédio, quando sabeis olhar o viver (independentemente de se dele gostais ou não gostais, se ele vos dá prazer ou desprazer; trata-se simplesmente de observar), sereis então capazes de observar a morte. Porque então não haverá medo. Então, morrer é viver. Mas, nós não sabemos morrer para tudo, todos os dias, — para tudo o que aprendemos, para todas as coisas que acumulamos, tais como caráter, etc. Em qualquer coisa que existe continuamente no tempo, não há nada novo. Só quando há um fim, surge alguma coisa nova. Mas, vede, nós temos medo de pôr fim a tudo o que conhecemos. Já tentastes alguma vez morrer para qualquer dos vossos prazeres? Isto já é suficiente. Findar, sem arrazoados, sem discussão (tal como acontecerá quando a morte chegar para vós, pois com a morte não se discute). Do mesmo modo, se souberdes morrer para qualquer dos vossos prazeres — o mais insignificante ou o maior deles — sabereis então o que significa morrer. Porque a morte é uma coisa maravilhosa. Morte significa renovação, mutação total na qual o pensamento não tem interferência, porque o pensamento é o "velho". Mas, quando há morte, há uma coisa totalmente nova. Sabei, senhores, que quando a mente está vazia, está em silêncio, não está mais a tagarelar a respeito disto ou daquilo. Quando a mente está totalmente vazia, e portanto em silêncio, é capaz de renovar-se inteiramente, independentemente de quaisquer pressões exteriores, de quaisquer circunstâncias; ela é então uma coisa luminosa, incorruptível, e há nela uma alegria que não é prazer.

Talvez desejeis agora fazer perguntas.

INTERROGANTE: Senhor, permiti-me repetir minha última pergunta, da reunião passada. Para onde vai a alma após a morte?

KRISHNAMURTI: Este senhor está repetindo a pergunta que apresentou na última reunião. Deseja saber o que acontecerá a sua alma quando ele morrer. Como sabeis que existe alma? Vós o sabeis mesmo, ou trata-se de uma idéia que vos foi transmitida pela tradição — tal como na Rússia se transmite a idéia de que a alma não existe? Compreendeis, senhores? Estais repe-

tindo uma pergunta acerca de uma coisa de que vos falaram. Não descobristes por vós mesmos se a alma existe. — Existe? E que significa isso? Primeiramente, olhai bem isto, não com vossos temores, com vossas esperanças; olhai, simplesmente! Que se entende por "alma"? Uma coisa permanente, contínua, transcendente ao pensamento, não criada pelo pensamento. Não é isto? É o que em geral chamamos *atman*, alma, etc. — uma coisa não compreendida na esfera do tempo e do pensamento. Mas, se o pensamento pode pensá-la, ela está na esfera do pensamento e, por conseguinte, não é permanente. Está certo, senhores?

Não estou argumentando logicamente; a lógica pode enganar-nos muito facilmente. Quando se observa com muita atenção, não se necessita da lógica; observa-se, simplesmente, e vêem-se os fatos, um a um.

Não há nenhuma permanência em nossa vida. Senhor, já observastes que não há nada permanente? Mesmo o vosso governo, os vossos ministros, vossa própria pessoa, vossas idéias, vossas ânsias — nada na vida é permanente. Mas o pensamento, o observador, diz: "Existe uma certa coisa que é permanente. Necessito dessa permanência, pois, do contrário, minha vida é um movimento sim significação". É assim que se inventa a teoria marxista-leninista, inventa-se Deus, alma, etc.; cria-se uma permanência, porque há medo; é a maneira intelectual de enganarmos a nós mesmos. Não há, pois, nada de permanente, nem mesmo vossa casa, vossa família, vossas relações. E descobrir que nada é permanente é uma das coisas mais importantes. Só então a vossa mente está livre; podeis então olhar, podeis ver o pôr do sol e encontrar nisso uma grande alegria.

Sabeis a diferença entre prazer e alegria? O prazer é um resultado do pensamento. Senti prazer vendo o ocaso, olhando um rosto, etc. No momento de olhar não há prazer nem desprazer. Observo apenas o pôr do sol. Um segundo após o pensamento entra em cena e diz "Que belo espetáculo!" — e fica a pensar mais e mais naquela beleza; daí advém o prazer. Se observardes isso por vós mesmos, percebereis o fato. Experimentastes prazeres sensuais e neles pensais, e quanto mais pensais tanto mais vos deleitais — e por aí além. Mas, a alegria

é uma coisa imediata; e essa alegria, se nela pensarmos pode-se converter em prazer.

A maioria das pessoas teme a morte. Por conseguinte, um dos nossos problemas é este: Como nos libertarmos totalmente do medo, e não da morte? Porque a morte deve ser uma coisa tão extraordinária como a vida. Quando sabeis viver, a vida é maravilhosa. Mas, como não sabemos viver, não sabemos o que é a morte. Tememos o viver e temos medo de morrer, e por causa desse medo inventamos tantas teorias. A questão, pois é esta: Temos possibilidade de nos libertarmos totalmente do medo? Isso significa que temos de investigar o problema do pensar. Porque é o pensamento que cria o medo, e é o pensamento que cria o prazer. Pode-se observar o medo em silêncio, sem nenhuma imagem — observar o medo e não a palavra que cria o medo? Porque a morte é uma palavra, e essa palavra é que cria o temor. Portanto, não só temos de ficar bem cônscios da palavra, mas também cônscios de uma morte que nos pode suceder por doença, acidente, ou de maneira natural, para vermos o que há de fato e observarmos sem nenhuma imagem de medo. Isso exige uma enorme atenção, mas não concentração. Concentração é um ato imaturo, e qualquer menino, qualquer pessoa é capaz de concentrar-se. Em vosso trabalho, estais concentrados. Concentrar-se não é nada, é falta de madureza. O que se tem de fazer é ficar atento. E não se pode estar atento quando existe o observador, com suas imagens, as próprias e as criadas pelas circunstâncias, pelas tendências, inclinações, etc. Enquanto existirem tais imagens, das quais emana o pensamento, o pensamento haverá sempre de criar medo.

INTERROGANTE: Como se formam as emoções e qual a sua função, no estado mental a que vos referis?

KRISHNAMURTI: Como nascem as emoções? Muito simplesmente. Elas se tornam existentes por meio de estímulos, por meio dos nervos. Se me espetais com um alfinete, dou um salto; se me lisonjeais, sinto deleite; se me insultais, sinto desgosto. Por meio dos sentidos nascem as emoções. E' quase todos nós somos acionados pela emoção chamada "prazer"; isto é bem óbvio. Gostais de ser reconhecidos como hinduístas. Como tal, pertenceis a uma comunidade, a um grupo, a uma tradição muito

antiga. Gostais de pertencer a esse grupo, com seu Gîtâ, seus Upanishads e venerandas tradições, acumuladas através dos séculos. E o muçulmano gosta do seu grupo, etc. Nossas emoções se tornam existentes por meio de estímulos, por meio do ambiente, etc. Isso é bem óbvio.

Qual a função das emoções na vida? Emoção é vida? Prazer é amor? Se emoção é amor, este então é uma coisa que está a alterar-se a toda hora. Certo? Não sabeis de tudo isso?

INTERROGANTE: Senhor, só um minuto...

KRISHNAMURTI: Senhor, ainda não acabei de responder àquele cavalheiro. Como disse outro dia, tão interessados estamos em nossas próprias perguntas, que não damos ouvidos a nada mais; deixamo-nos guiar por nossas emoções ou por idéias intelectuais, destrutivas umas e outras. Se somos guiados pelas emoções ou pelo intelecto, somos levados ao desespero, porque as emoções e o intelecto não nos levam a parte alguma. Mas, percebei que o amor não é prazer, percebei que o amor não é desejo.

Sabeis o que é o prazer, senhor? Quando olhais uma coisa ou quando tendes um sentimento, dá-vos prazer pensar nesse sentimento, deter-vos nesse sentimento, e desejais repetir esse prazer indefinidamente. Quando um homem é muito ambicioso ou pouco ambicioso, isso lhe dá prazer. Quando busca poder, posição, prestígio, em nome da pátria, em nome de uma idéia, etc., isso lhe dá prazer. Esse homem não tem amor e, por isso, causa malefícios no mundo. Causa a guerra, externa e interna.

Temos, pois, de perceber que as emoções, os sentimentos, o entusiasmo, o sentimento de ser bom, etc., nada têm em comum com a verdadeira afeição, a verdadeira compaixão. Todos os sentimentos e emoções estão ligados ao pensamento e, por conseguinte, conduzem ao prazer e à dor. O amor não conhece dor, nem sofrimento, porque o amor não é produto do prazer ou do desejo.

INTERROGANTE: Dissestes há pouco que na observação total não há observador, nem pensamento, nem medo, e que nessa observação o observador é a coisa observada. Pergunto: Quem é o observador que observa, no estado de observação total?

KRISHNAMURTI: Vou explanar a pergunta; se eu não a repetir corretamente, peço-vos corrigir-me.

O interrogante quer saber: Quem é o observador, quando não há observador e coisa observada? — O orador disse que, quando há atenção completa, total, não há observador nem coisa observada. Portanto, é preciso compreender o que ele entende pela palavra "atenção". Não há atenção quando há qualquer espécie de luta, de esforço. Certo? Se me esforço para prestar atenção, minha energia se gasta nesse esforço. Assim, o que preciso compreender, em primeiro lugar, é o que significa "prestar atenção". Não há atenção quando de alguma maneira se tenta moldar a atenção, restringi-la, forçá-la a tomar uma determinada direção. E não há atenção quando o pensamento está funcionando de acordo com as inclinações, o prazer, o desejo ou o temperamento da pessoa, ou é impelido pelas circunstâncias; vale dizer, se há qualquer espécie de imagem, não pode haver atenção.

Senhor, tudo isso significa "meditação" — não a meditação que alguns de vós praticais e que consiste em repetir "Ram, Ram", "Sita" ou sei lá que nome. Tal repetição de palavras embota a mente. E a mente que se embota pode tornar-se muito silenciosa, mas continua a ser uma mente embotada.

Assim, só há atenção quando não há imagem nenhuma, quando não existe o tempo. O tempo é um processo de pensamento dentro do campo da consciência, e a consciência é, toda ela, resultado do tempo e do pensamento; portanto, entre os limites da consciência não é possível a atenção. Tal atenção é facílima. Atenção é percebimento de cada ação, de cada sentimento, de cada pensamento. Quer dizer, a atenção se torna existente quando há auto-conhecimento, não em conformidade com uma certa filosofia, um certo psicólogo, etc., porém conhecimento real de vós mesmos, tal como sois, de vossos pensamentos, de vossos gestos, da maneira como falais a vossa esposa, a vosso marido, a vosso patrão; simples conhecimento de vossas reações, sem condená-las, sem justificá-las, sem traduzi-las; simples observação, pelo percebimento em escolha. Daí procede essa atenção extraordinária, na qual não existe imagem, nem tempo, nem pensamento. E nesse estado de atenção — que é

meditação — não há observador nem coisa observada. Senhor, experimentai-o, fazei-o! Não me pergunteis quem é o observador quando não há observador e coisa observada. Fazei-o!

INTERROGANTE: Senhor...

KRISHNAMURTI: Esperai um pouco, só um minuto. É bom fazer perguntas, mas é necessário fazer a pergunta correta. Entretanto, a pergunta correta exige uma mente excelente, uma mente realmente séria, deveras interessada, desejosa de descobrir — e não uma mente que faz uma pergunta trivial e nem sequer presta atenção à resposta. A maioria de nós...

INTERROGANTE: Eu queria perguntar...

KRISHNAMURTI: Senhor, aquele amigo fez uma pergunta: Quando não há observador, existe a coisa observada? Esta é a primeira coisa que se pergunta: Quando não há observador existe a coisa observada? Claro que existe, tal como *é* e não como desejaríeis que fosse. Observai, por exemplo, uma árvore: observai-a! Se não tendes nenhum símbolo relativo a essa árvore — sendo "símbolo" a imagem, o conhecimento botânico, a espécie, etc. — olhai-a simplesmente, com toda a vossa atenção. Olhar com atenção significa olhar com os nervos, com o corpo, os ouvidos, os olhos, o coração, com tudo o que tendes. Significa, portanto, energia. Essa energia se dissipa quando tendes uma imagem relativa ao objeto. Mas, se olhardes daquela maneira, vereis por vós mesmos que quando a mente está completamente atenta, está vazia. E desse vazio, desse silêncio, provém a ação, mesmo quando se trata da coisa mais corriqueira.

INTERROGANTE: O pensamento e o medo são imanentes a todos os seres vivos, ou provêm de outra fonte?

KRISHNAMURTI: O medo é imanente ao ser humano?

Senhor, que é o medo? O medo não pode existir por si, mas só em relação com alguma coisa. Eu tenho medo de minha mulher, de meu patrão, tenho medo da morte, tenho medo de adoecer; o patrão pode me botar na rua, se tem força para tanto — e os patrões, em geral, têm força, hoje em dia — e, psicologicamente, isso me infunde medo. O medo, pois, está em relação com a realidade — o perigo. E também psicológicamente, interiormente, há medo em mim. Temo adoecer, por-

que padeci dores e estas dores constituem uma lembrança. Esta lembrança me diz que devo ter cuidado para não adoecer. Posso também ter medo do escuro, etc. O medo, pois, existe sempre em relação com alguma coisa; não existe sozinho. Tenho possibilidade de alterar essa relação, mas se essa alteração se basear no prazer e na dor, criará sempre medo. Por conseguinte, não há nada imanente aos entes humanos. Nós somos o resultado do tempo, oriundos do animal, ainda vivo em nós.

INTERROGANTE: Com licença, senhor.

KRISHNAMURTI: Pois não, senhor.

INTERROGANTE: Quanto à mutação total da mente, como iremos alcançar essa total...

KRISHNAMURTI: Como? Tende a bondade de repetir.

INTERAROGANTE: Se admitimos que a mutação total da mente é suficiente para resolvermos todos os nossos problemas, como conseguiremos essa total mutação?

KRISHNAMURTI: Tende a bondade de me corrigir se eu não repetir corretamente a vossa pergunta. Nosso amigo pergunta: Se admitimos a mutação como uma necessidade, como a conseguiremos? Está certo, senhor?

Pois bem, por que admiti-la, aceitá-la? Se vós a aceitais, podeis também rejeitá-la, não é verdade? Portanto, pergunto-vos: Por que aceitar tais coisas? Não percebeis, vós mesmos, essa necessidade, quando observais toda a aflição em vós existente e no mundo? Não preferis *mudar* a aceitar qualquer idéia idiota que outro vos apresente? Assim, não se trata de aceitação, porém, em primeiro lugar de uma questão de fato. Podeis rejeitar o fato, alegando que o homem não pode mudar, que o homem é estúpido há dez mil anos e será sempre estúpido. Mas, no momento em que observardes o que se está passando em vós mesmos e o extremo desespero do homem, do qual deveis estar bem cônscios, nesse momento não deixareis de inquirir, de fazer a pergunta correta: Pode o homem mudar totalmente? Compreendeis o que quero dizer?

Ali está um senhor que já se levantou três vezes para fazer uma pergunta. Senhor, podeis fazer vossa pergunta logo que eu terminar esta resposta.

O interrogante perguntou: Como conseguir a mutação? Ora,

quando se pergunta "como", deseja-se conhecer o método. Não é isso que desejais? "Como" implica método, sistema, maneira. Certo? "Como" significa sempre isso. Não sei matemática e pergunto "Como aprendê-la?". E respondem-me que há uma maneira, um método, um sistema, uma fórmula que devo seguir para aprender matemática. Pois bem, *escutai* simplesmente a palavra, *senti* a palavra. Existe um sistema por meio do qual podereis mudar? Se há algum sistema, nesse caso vos tornareis escravo dele e daquilo que promete. Por conseguinte, não há mutação. Há gente que diz que há um método de meditar com o qual se pode alcançar o Sublime; ora, há método até na loucura, mas loucura é sempre loucura. Percebeis? Não se requer método nenhum, senhor, para se alcançar a mutação. Só se requer atenção, observação, a começar por vós mesmos, porque vós mesmos sois o resultado de todo o esforço humano, de toda a aflição humana, de todo o sofrimento humano: sois o resultado do passado — o passado da comunidade ou o passado da raça. E' se meramente perguntais "como", estais interessado no passado, no processo mecânico do pensamento. Portanto, não há "como"; tendes de observar a vós mesmos, observar o que dizeis, observar e conhecer o que pensais e os *motivos* desse pensar; observar vossa maneira de tratar os outros, de comer, de andar, de olhar para uma mulher ou um homem, de olhar as estrelas ou a beleza do ocaso; observar, estar cônscio de tudo isso, sem escolha. Em virtude dessa observação — se fordes capazes de levá-la até ao fim — vereis que a mutação vem sem o sentirdes.

INTERROGANTE: Senhor, há um dito de Sankaracharya...

KRISHNAMURTI: A pergunta desse senhor é que, segundo um dito de Sankaracharya, o mundo é ilusão. E vós que dizeis?

Pessoalmente, não leio nenhum desses divros — Sankaracharya, Gîtâ, Upanishads — nenhum livro religioso, nenhum livro filosófico ou psicológico. E' se repetis o que diz Sankaracharya ou outro, eu vos digo: Não lhes deis ouvidos. Não sigais ninguém. Não aceiteis nenhuma autoridade. Porque todos podem estar errados, e geralmente estão quando se lhes atribui autoridade. Tecnologicamente, a autoridade é necessária, para aprendermos a operar uma máquina, um computador, etc. Mas,

se tendes alguma autoridade psicológica, isso significa morte, escuridão. Este país está cheio de autoridades dessa espécie — a autoridade do chefe de família, a autoridade do instrutor, de Sankaracharya, de Buda, etc. No Ocidente, a autoridade é o Cristo, etc. E há os professores, os filósofos, os Sankaracharyas que se queimam ou jejuam, os "santos", etc. Não sigais ninguém, nem mesmo a este orador. Senhor, estou falando com toda a seriedade. Não riais. Não sois capazes de ver por vós mesmos ou de pensar por vós mesmos, de maneira original; foi sempre este o veneno. Pensar por si mesmo significa revoltar-se. Não sois capazes de revoltar-vos, tendes medo de perder vosso emprego, de que as coisas vos saiam erradas. E, assim, aceitais a tradição. A tradição é sempre morta, e porque estais seguindo coisas mortas, estais a morrer.

O homem sensato, o homem realmente honesto, sério, não segue autoridade alguma.

INTERROGANTE: Senhor, uma pergunta. Explicastes o que é atenção, mas...

KRISHNAMURTI: Vou simplificar a pergunta, senhor. O interrogante indaga: Dissestes que no estado de atenção não há memória; como posso libertar-me da memória? Não é isto, senhor?

Senhor, quando se conhece o mecanismo, a estrutura, o significado de uma coisa, começa-se a compreendê-la. Pode-se, então, pô-la à margem.

Tenho de parar, senhor. Já são dezenove horas. Esta é a última pergunta.

Diz o interrogante que o ente humano leva uma pesada carga de memória. Para compreenderdes essa memória, tendes primeiramente de ver a sua estrutura, como nasce ela, qual a sua função, e também onde ela não deve interferir. Sabeis como se origina a memória, senhor? Conheceis o começo da memória? Vejo um belo rosto: há percepção, contato, desejo. Percebeis, senhor? É este o processo, não? Vejo uma certa coisa — o pôr do sol, um rosto, uma árvore: percepção visual; em seguida há o contato: sensação; então entra em cena o pensamento: "Isto me dá prazer, quero repeti-lo". Certo?

Assim, o pensamento, gerado pela sensação e o desejo, prolonga o prazer. Onde há prazer, há dor; a batalha está desencadeada. E, assim, a memória se vai adensando cada vez mais; quanto mais antiga e tradicional, tanto mais pesada ela se torna. E, então, perguntais: "Como libertar-me da memória?" — Não podeis libertar-vos dela. O que podeis fazer é só observar minuciosamente como surge ela, como se inicia. Para descobrirdes como se origina a memória, vossa mente deve observar em silêncio. Percebeis? Para descobrirdes qualquer coisa, tendes de olhar; e para poderdes olhar, deveis estar em silêncio. Se, quando olhais vossa esposa, vosso marido, vosso filho, tendes idéias ou imagens relativas a esse filho, à esposa ou ao marido, não estais olhando em silêncio; vossa mente está repleta dessas coisas e, por conseguinte, não podeis olhar. Assim, para olhar, a vossa mente deve estar em silêncio, e a própria urgência de olhar torna a mente silenciosa. Não tendes primeiro uma mente silenciosa e depois olhais; ao contrário, a própria urgência de olhar o problema mundial, e por conseguinte o vosso problema, torna a mente quieta, silenciosa. Esse próprio ato de olhar põe a mente em silêncio. Pode-se então observar a fonte de cada movimento da memória.

22 de dezembro de 1966.

NOVA DELHI:
Da energia

Creio que esta é a última palestra, pelo menos deste ano. Nunca cessamos de acumular idéias, amontoar palavras, adquirir conhecimentos e cultura. Mas, *agir* parece-nos uma das coisas mais difíceis do mundo: agir racional e saudavelmente, sem conflito algum; agir com nossa mente integral, isto é, não deformada por condicionamento, pelo ambiente em que vivemos, pelas tensões e pressões a que estão sujeitos os entes humanos. Muito mais fácil se nos afigura discutir idéias e teorias, do que vivermos com plenitude os nossos dias, inteiramente livres de problemas, de perturbações, de aflições e de sofrimento. Parece que uma das coisas mais difíceis da vida é vivermos completamente, integralmente, e não fragmentariamente: sermos entes humanos totais, quer em nosso trabalho, quer no lar, quer quando estamos a passear numa floresta. Só a ação integral cria inteligência. Ação integral é inteligência. O ente humano vive, em geral, fragmentariamente, como membro de uma família em oposição ao resto do mundo, como homem religioso (se somos mesmo religiosos), com teorias e idéias próprias, crenças e dogmas separados. E cada um está sempre a lutar pela conquista de posição, prestígio, renome (não importa se renome de santidade ou mundano). Estamos sempre a lutar, a lutar. Nunca há um momento em que nossa mente esteja completamente vazia e, por conseguinte, em silêncio. Já não somos originais. Somos,

como temos dito e redito, produtos de nossos ambientes, das circunstâncias, da cultura, da tradição em que vivemos. Mas a mutação requer sempre uma grande abundância de energia.

É muito fácil discutir idéias, pois não exige muita energia. Formular teorias, citar este ou aquele, nada disso exige muita energia, interesse, ardor. Mas o operar em si próprio uma revolução total, isso exige uma energia tremenda. E, para possuir essa energia, o homem já tentou uma porção de coisas: fez-se monge, fechou-se às tentações do mundo, retirou-se, isolou-se do mundo. Mas, interiormente, ele continuou torturado, interiormente continuou a arder em desejos, continuou com suas idéias e opiniões, próprias ou de outrem. Assim, exteriormente, o indivíduo pode retirar-se, porém interiormente há sempre conflito, luta. E essa luta, naturalmente, causa desperdício de energia. Mas, para mudarmos, é óbvio que necessitamos de tremenda energia. Até para se deixar de fumar — se se tem vontade de fazê-lo — necessita-se de uma certa energia. O observar porque fumais, o processo desse hábito, etc., exige uma boa dose de energia. O abandonar o hábito de fumar requer energia, tanto quanto o adquiri-lo. Talvez seja preciso mais energia para abandoná-lo.

Mas nós temos de comprender o processo de viver, que é muito complexo. Vivemos muito superficialmente; exteriormente, talvez sejamos capazes de levar uma vida bem simples, mas interiormente somos entes humanos mui complexos. Os motivos, as ambições, os temores, a competição, medo e sofrimento perpétuos — tudo isso está em ação interiormente. Ora, para se efetuar uma transformação radical desse estado, é óbvio que se requer muita energia. Pois bem, é possível termos essa energia, sem conflito algum? Por que pensamos que a acumulação de energia se efetua mediante esforço, isto é, pensamos que quanto mais nos esforçamos, mais energia adquirimos. Não é exato?

Peço-vos, mais uma vez, não vos limiteis a ouvir palavras ou idéias. Escutai com vosso coração e vossa mente, sem parcialidade, sem oposição, sem contrapordes vossa opinião pessoal; escutai, tão-somente! O orador está fazendo todo o tra-

balho, e só tendes de escutar. Quando sabeis escutar, estais trabalhando com o orador. Mas, se vos limitais a ouvir palavras, a traduzir essas palavras em opiniões, e a essas opiniões opor as vossas idéias, ou a comparar aquelas palavras com o que foi dito pelo instrutores precedentes, etc. — nesse caso não estais cooperando: estais desperdiçando energia. Mas, vós tendes de escutar, assim como se escuta o canto matutino de uma ave, assim como se escuta música: sem rejeição, sem oposição, porém com intensidade, com afeição, com júbilo. Porque só quando escutamos com o coração e a mente, só quando escutamos totalmente, o escutar é um fim em si. Então, não tendes necessidade de fazer nada. Porque então a semente se instalou em vós, e essa semente, se tem vitalidade, frutificará. Mas, se meramente vos opondes ao que ouvis dizer, porque sois *sikh*, hinduísta, muçulmano ou sabe Deus que mais, ou se estais sendo torturado por um dado problema e desejais que esse problema seja resolvido, estais então escutando com uma mente fragmentada, estais escutando parcialmente. Esse escutar parcial, essa falta de atenção é a essência mesma do desperdício de energia. Ou se escuta totalmente, ou é melhor não escutar.

Tendes de prestar toda a atenção ao vosso sofrimeno e a tudo o que ele implica: solidão, falta de companhia, frustração, aflição, tédio infinito.

Não podeis prestar inteira atenção ao vosso sofrimento se desejais que ele seja resolvido de uma certa maneira, em conformidade com um certo padrão; então, essa exigência de que ele seja resolvido de determinada maneira é um desperdício de energia. Mas, se ficardes simplesmente escutando, com zelo, acompanhando cada movimento do pensamento, observando-o atenta e minuciosamente, vereis então, por vós mesmos, que o problema, antes tão formidável, se tornará insignificante. Porque essa própria atenção é a energia que resolve o problema.

Nesta tarde, se o permitis, vamos considerar como se acumula essa energia que é necessária para resolver os problemas humanos. Temos muitos problemas, e não um problema apenas. E cada problema está relacionado com outro problema. Se puderdes resolver completamente um só problema, de qualquer espécie que seja, vereis que sereis capaz de enfrentar outros pro-

blemas e de resolvê-los facilmente. A falta de atenção é que é nociva e não a atenção. E quando sabeis que estais desatento, isto é estar atento. Compreendeis? Saber que sou preguiçoso, perceber que sou preguiçoso, já é estar ativo. Mas, quando não percebo que sou preguiçoso, quando não percebo que sou desatento, começam as tribulações e as aflições inerentes ao problema. Escutar o que estou dizendo, porquanto estamos falando de vossa vida, de vossa diária ansiedade, vossa diária aflição, vosso diário conflito, os insultos que recebeis, etc. E para resolver-se tudo isso, não parcial, porém totalmente, requer-se muita energia.

Vamos averiguar nesta tarde se podemos comunicar uns aos outros essa energia. Para a comunicação de qualquer coisa é necessário o contato. Para estarmos em comunicação sobre qualquer problema, temos de estar em contato com a palavra e o significado da palavra; não devemos traduzir a palavra conforme os nossos desejos. Em outros termos, para que haja comunicação, ambas as partes devem achar-se num estado de atenção. Se vos estou dizendo alguma coisa, deveis estar atentos, deveis estar interessados, deveis escutar com zelo. Mas, se não estais atentos, se ficais meramente à espera de ser estimulado ou de que vos digam o que deveis fazer, torna-se impossível a comunicação. Não vamos dizer-vos o que deveis fazer. Há milênios vos dizem o que deveis fazer. Vossos instrutores, vossos *gurus*, vossos políticos, vossos livros, etc., vos têm ensinado o que deveis fazer, o que deveis pensar; não vos têm ensinado a pensar, porém *o que* pensar. Foi assim que se estabeleceu esse padrão, essa tradição. Estais esperando que vos digam o que deveis fazer. Mas, nós não estamos interessados numa banalidade dessas — "o que deveis fazer" ou "o que não deveis fazer". Isso *virá* quando prestardes atenção. Descobri-lo-eis, então, por vós mesmos, com vossa própria mente e vosso próprio coração.

Vamos, pois, considerar como se faz a acumulação dessa energia que não é gerada por meio de estímulo. Tende a bondade de escutar atentamente. A maioria de nós depende de estímulos. Toma-se haxixe, ou L.S.D., isto ou aquilo, como estimulante. Há várias formas de estimulação, tanto externas como internas. As externas, conhecemo-las bem e são bastante simples: um ritual, a recitação de uma frase, a leitura de um livro,

um certo agente ou incentivante. Interiormente, recebemos estímulo por meio do desejo, por meio do prazer, por meio de uma idéia. Mas, estamo-nos referindo à energia que não depende de estímulo nenhum. Porque, no momento em que dependemos de alguma coisa, já estamos desperdiçando energia. Compreendeis bem isto, senhores? Todos nós dependemos — e não podemos deixar de depender — de alimentos, de roupas e de moradia. Isto é bem óbvio. Não confundamos as duas coisas (1). Vós tendes necessidade de alimento, tendes necessidade de roupas, e tendes necessidade de teto. Dependemos do carteiro, do leiteiro, da estrada de ferro, de nossa burocracia, etc. Mas, também dependemos de outros interiormente. Interiormente nos vemos em extrema solidão. E, por causa do medo que temos dessa solidão, desse vazio, dependemos, interiormente, das pessoas, e estas se tornam o estímulo de que necessitamos. E, no momento em que existe um estimulante, seja psicológico, seja exterior, esse estimulante nos embota a mente. Percebeis? Vós bebeis café, chá ou álcool. Se continuardes a bebê-lo, necessitareis desse estimulante em doses cada vez maiores, a vossa mente se tornará cada vez mais embotada, em vez de sensível, vigilante, desperta. Assim, quando se percebe que qualquer forma de estímulo, externo ou interno, produz inevitavelmente uma espécie de indiferença e embrutecimento, quando se percebe isso como um fato verdadeiro, desaparece a necessidade do estímulo. Nisso não há conflito; o conflito é que dissipa energia. Entendeis, senhores?

Nossa vida é conflito desde os dias escolares, quando competimos uns com os outros e nos esforçamos para conquistar notas melhores no exame, até os dias do colégio e da universidade. E, mais tarde, quando se tem de arranjar emprego, há conflito para se obter um emprego melhor, competição para se alcançar uma certa posição, e, depois, para melhorar cada vez mais essa posição. Do começo ao fim, andamos em constante conflito, a lutar e lutar, tanto emocional como intelectualmente. Tal esforço, que, como todo esforço, representa atrito, não torna a mente sutil e capaz de funcionar livremente. Todo esforço deforma a mente. Espero estejais percebendo bem isto.

---

(1) I. e., a dependência exterior e a dependência interior. (N. do T.)

Só quando cessa o esforço, tendes ilimitada energia interior, tornando-se vossa mente límpida como cristal e capaz de enfrentar e resolver qualquer problema humano. Assim, para que essa energia se torne existente, tem-se de compreender o esforço, sem se perguntar ao orador: "Como posso viver sem esforço?" Tal pergunta seria verdadeiramente absurda, porque, se eu fosse tão desassisado que vos dissesse como se pode viver sem esforço, trataríeis de seguir o meu sistema, mas, na própria observância do sistema, estaríeis fazendo um esforço e, por conseguinte, destruindo justamente aquilo que desejais. Mas, se compreenderdes a natureza e a estrutura do esforço, possuireis então a energia necessária para enfrentar o problema, ou para fazer muito mais proficientemente o que tendes de fazer. Compreendeis, senhores?

Socialmente, o mundo está dividido: uns no alto, outros no meio, e outros em baixo. Não é verdade? Os do alto têm todo o prestígio, posição, riqueza, detêm o poder e desejam conservá-lo. É o que está acontecendo neste país: um partido político tem o poder, a posição, o prestígio, etc., e quer conservar tudo isso; e, para conservá-lo, tem de fazer um esforço tremendo. Os do meio querem chegar ao alto e de lá expulsar os que lá estão. Isso se chama "revolução". Os do meio se tornam os do alto e aferram-se ao poder até que, novamente, vêm os de baixo e os expulsam. É um padrão que se repete continuamente. E, na sociedade, o homem ambiciona prestígio e posição, por meio da função. Certo? Fazeis uma enorme distinção entre o Primeiro Ministro e o cozinheiro. Não só exteriormente, mas também psicologicamente, interiormente, a posição tem muito mais importância do que a função. Isso porque com a função identificastes a posição. Conseqüentemente, atribuindo-se à posição exagerada importância — como se está fazendo em todo o mundo — a função se torna cada vez menos eficiente. Porque, então, o indivíduo não está atento à função; está com os olhos na posição. Certo? E, assim, o conflito entre a função e a posição — a luta para alcançar posição por meio da função — se torna a finalidade da existência. Isto está acontecendo realmente. Assim, estamos constantemente a aumentar o conflito. O mesmo estão fazendo os "santos"; só que

o fazem a seu modo, porque querem ganhar o céu, quebrando recordes de jejum, deixando-se queimar, etc. Para eles a posição tem desmedida importância, e não aquilo que eles realmente são. Como são fúteis e desassisados os entes humanos!

Assim, temos de operar uma mudança na nossa mente superficial. É muito superficial a mente da maioria de nós — a do "santo", a do Primeiro Ministro, a de outro qualquer. E a mente está perenemente empenhada em tornar-se coisa diferente. Estais-me seguindo? Mas, no momento em que prestardes atenção à vossa mente superficial, no momento em que percebertes que sois estreito, limitado, fútil, vereis que, nesse estado de atenção, já não sois fútil. Uma vez compreendido este princípio — compreendido, e não repetido, citado — torna-se sem importância o que está dizendo este orador. O orador é completamente sem importância. O importante é que escuteis, que vejais se é verdadeiro o que estais ouvindo e trateis de pô-lo em prática com todo o vosso coração e vossa mente.

Como disse, necessitamos de energia, e essa energia se desperdiça quando há conflito. Peço-vos escuteis muito atentamente o que se vai dizer a seguir. O conflito continuará existente enquanto andardes em busca do prazer. A maioria de nós deseja prazer. É para isto que vivemos: para termos prazer sexual, satisfazermos nossos diferentes apetites, fruirmos o prazer derivado da posição, do prestígio, da capacidade, da erudição. O prazer é fabricado pelo pensamento. Isto é bem simples, não? O pensamento cria o prazer. Penso numa certa coisa que me proporcionou prazer; e quanto mais penso nessa coisa, mais fortaleço aquele prazer. É muito fácil ver como nasce o prazer. E enquanto a mente andar em busca do prazer, haverá sempre o medo de não consegui-lo. E enquanto houver medo, haverá esforço para fugir a esse medo, para dissolvê-lo de alguma maneira. Tal esforço é desperdício de energia. Percebeis? Temos de ver a estrutura, o significado do prazer, temos de compreendê-lo — mas não intelectualmente.

Muito se abusa da palavra "compreensão". Dizemos que compreendemos intelectualmente, e isso é puro disparate. Não se compreende nada intelectualmente. O que realmente quereis dizer quando afirmais: "Compreendo intelectualmente", é isto:

"Comprendo as palavras que estais usando e compreendo o significado dessas palavras, mas não compreendo a essência da coisa". Só se pode compreender totalmente uma coisa, escutando em silêncio e de maneira completa. Entendeis? Isto se dá com todos nós. Compreendemos integralmente uma coisa quando estamos quietos. Do silêncio vem a compreensão, e não do nosso tagarelar.

Tendes, pois, de compreender a natureza do prazer, sua estrutura, como ele começa a existir, imprevistamente, lentamente, insensivelmente. Vedes um belo pôr-do-sol, um lindo rosto, ou tendes uma certa experiência, sexual ou de outra natureza, e desejais sua repetição. A repetição é um "processo" de pensar nessa experiência. E quanto mais a repetis, tanto mais mecânica se torna a repetição. Podeis ir todas as tardes assistir ao pôr-do-sol, mas nunca o vereis porque dele quereis extrair prazer. Não estais olhando o ocaso. Desejais o prazer que ele vos deu há dois dias. Assim, enquanto houver qualquer exigência de prazer, haverá inevitavelmente conflito. Mas não estamos falando em abolição do prazer à maneira puritana. Pelo contrário, se compreenderdes a estrutura integral do prazer, encontrareis imensa alegria na vida. A alegria é muito diferente do prazer. Não se pode pensar na alegria, mas pode-se pensar no prazer. Já o notastes?

Temos, pois, de compreender, não só o esforço, mas também o significado e o valor do prazer, em vez de suprimi-lo, como tentam fazer os monges em seus mosteiros, e também os *sanyasis,* que têm tanto medo de olhar para uma mulher, porque para eles o prazer é erro, é pecado. Com isso destruiriam a vitalidade da compreensão. Tendo-o declarado uma coisa má, nunca examinaram a estrutura do prazer. Cumpre-nos, pois, compreender não só o esforço, mas ainda o prazer, porque no prazer existe o medo e, por conseguinte, a dor. Entendeis? Onde há busca de prazer, há medo; e o medo cria a dor. Se desejais continuar a "viver com o prazer, o medo e a dor", continuais, mas procurai conhecer todas as conseqüências; não vos deixeis simplesmente cair na armadilha. Porém, se aplicardes a esta questão toda a atenção, vereis que se pode olhar o pôr-do-sol sem se permitir a intromissão do prazer, quer dizer, do pensa-

mento, do desejo de repetição. Por conseguinte, se olhardes, sem pensamento, o poente, um rosto, qualquer coisa — um pássaro, a beleza do rio, uma extensão d'água coruscando ao sol — encontrareis uma alegria extraordinária; conseqüentemente, não haverá nem dor, nem medo, e todo esforço estará acabado.

Fazemos também esforço quando queremos "vir a ser" alguma coisa. O estudante que quer passar nos exames quer "vir a ser", e isso lhe custa esforço. (Esta ocasião não é própria para falarmos a respeito da educação, e isso foi apenas uma alusão ao assunto). Interiormente, desejamos ser alguma coisa. Não sei se já notastes como, dentro em vós mesmos, ansiais por ser *alguém*, ser famoso, grande sabedor. Sabeis quantas coisas imaginamos. Por que procedemos assim? Por que desejamos ser pessoas importantes? Por que desejamos ser heróis, como outros o foram? A maioria de nós o deseja: por quê?

Repito que é preciso compreender isso. Porque, interiormente, somos entes humanos vazios, superficiais, presumidos, insignificantes. Já deveis ter visto alguma vez um cavalo em disparada, com um homem às costas; o cavalo é muito mais útil, mais belo, todo pujança e alegria. E seu dono é apenas um homenzinho inexpressivo, de mente limitada, medrosa. É o que somos. Queremos ter muita importância, exteriormente, enquanto interiormente estamos inteiramente vazios — embora repletos de lembranças, de conhecimentos — tudo do passado, cinzas frias de vivências ou experiências pretéritas. E porque estamos vazios, tememos esse vazio e andamos perpetuamente empenhados em "vir a ser alguma coisa". Mas, se dispensardes total atenção ao vosso vazio, vereis que sois capaz de transcendê-lo. E, então, não haverá mais esforço para ser alguma coisa. Sabereis então o que significa viver sem exigência alguma. Esse viver iluminará a si próprio.

Como vimos, desperdiçamos energia pelo esforço constante e de toda espécie — interiormente, é claro. Em geral somos indolentes, preguiçosos e nos esforçamos por não ser preguiçosos. Algumas pessoas disciplinam-se para levantar-se todos os dias a uma certa hora, pontualmente, o que lhes custa um esforço enorme, pois são visceralmente preguiçosas. Entendeis?

Concentradas, que estão, em "vir a ser" — i.e. deixaram de ser preguiçosas — nunca investigam a estrutura, o significado da preguiça.

Por que sente preguiça uma pessoa? Provavelmente por falta de alimentação adequada, por excesso de trabalho, ou por ter andado demais, falado demais, feito uma porção de coisas. Assim, naturalmente, de manhã, à hora de levantar-se, o corpo está cheio de preguiça. Quando não passais inteligentemente o vosso dia, no dia imediato o corpo se acha fatigado. E nada adianta disciplinar esse corpo. Mas se, ao contrário, estiverdes atento no momento em que estais falando, ou quando estais trabalhando no escritório — se ficardes atentos, ainda que apenas cinco minutos, tanto basta. Quando estais a comer, prestai atenção a esse ato: não deveis comer apressadamente, nem empanturrar-vos de comida. Vereis que, então, o vosso corpo se torna, por si mesmo, inteligente. Não tendes de forçá-lo a ser inteligente; ele próprio se torna inteligente, e essa inteligência o faz erguer-se ou não erguer-se do leito. Descobrireis então que se pode passar a vida freqüentando um escritório, etc., livre daquela batalha constante, porque a energia não foi desperdiçada e está sendo usada a todas as horas. Isso é meditação.

Estais entendendo? Meditação não é aquela coisa que se pratica por este mundo afora: repetição de palavras, adoção de posturas, respirando-se de uma certa maneira e repetindo, vezes sobre vezes, um certo *sloka* ou *mantram*. Isso, é natural, entorpece a mente; e, como nesse estado de torpor, de embotamento, a mente se torna silenciosa, pensais ter alcançado o silêncio. Essa espécie de meditação é apenas auto-hipnose. Não é meditação. É a maneira mais destrutiva de meditar. Mas, há uma meditação que vos exige atenção — atenção ao que dizeis a vossa esposa, a vosso marido, a vosso patrão, a vossos filhos; atenção a vossa maneira de falar aos empregados (se os tendes): prestar atenção, mas sem vos concentrardes. Porque a concentração é uma coisa horrível. Qualquer escolar é capaz de concentrar-se, porque é obrigado a fazê-lo. E pensais que, obrigando-vos a concentrar-vos, tereis um pouco de paz. Não tereis isso que chamais "paz de espírito"; tereis um "frag-

mento de mente" e isso não é "paz de espírito". Concentração é exclusão. Quando desejais concentrar-vos numa coisa, estais excluindo, resistindo, afastando as coisas que não desejais. Já se estais atento, podeis olhar cada pensamento, cada movimento; não há então isso que se chama "distração" e, conseqüentemente, podeis meditar. A meditação é então uma coisa maravilhosa, porque traz claridade. Meditação é claridade. Meditação, pois, é silêncio, e esse silêncio é o processo disciplinador, na vida; não precisais de disciplinar-vos, a fim de terdes silêncio. Mas, quando estais atento a cada palavra, a cada gesto, a tudo o que dizeis e sentis, e a vossos "motivos", sem corrigi-los, daí procede o silêncio e, desse silêncio, a disciplina. Então, não há esforço algum; há um movimento completamente independente do tempo. O ente humano é então feliz, não fomenta a inimizade, não causa infelicidade.

INTERROGANTE: Quem deve governar, o filósofo ou o político?

KRISHNAMURTI: Espero que nem um nem outro. Não riais, pois não podeis apreender o alcance de uma asserção se vos rides tão prontamente. Por que deve alguém governar o mundo? Tanto o filósofo como o político causaram uma pavorosa desordem. Por que devem eles governar-vos? Por que desejais ser governado por alguém? Por que não vos governais a vós mesmo? Afinal que somos nós — macacos? Por que é preciso que alguém nos diga o que devemos fazer? Sabeis o que está para vir: os computadores irão tomar o lugar dos filósofos e dos políticos. A era destes está a findar, espero eu. Os computadores, que são totalmente impessoais, irão mostrar-vos o que cumpre fazer. Disseram-me que, durante a guerra coreana, foram eles que decidiram sobre se convinha ou não atacar a China; a decisão não foi dos generais, porém dos computadores. "Conhecendo" a força de cada facção, decidiram: Não ataqueis! Os computadores são incorruptíveis, mas os filósofos e os políticos podem ser e muitas vezes são corrompidos. Por conseguinte, o importante não é saberdes se o mundo deve ser governado por eles (os filósofos e políticos), porém, sim, se sois capaz de governar-vos. Assim, não necessitareis de governos. Disponde-vos a isto: Governar a vós mesmo. Esta é

uma das coisas mais difíceis, porque, para poderdes governar-vos, tendes de conhecer-vos, em vez de inventardes que sois *atman*, isto ou aquilo. Tendes de conhecer-vos, tendes de olhar-vos assim como olhais o vosso rosto num espelho, sem nada deformar. Tendes de observar-vos: vossa maneira de andar, de falar, de pensar — tudo. Então, em virtude dessa atenção, dessa observação, sabereis como agir. Por conseguinte, sabereis governar a vós mesmo e sabereis governar. Como deveis saber, segundo uma das teorias do comunismo, dever-se-ia acabar com qualquer espécie de governo; mas, "lá", isso nunca acontecerá, porque os comunistas querem a repetição continuada de um certo padrão, de uma certa ideologia, e os que estão no alto não soltarão das mãos o poder. Assim, o homem sensato, aquele que tem a verdadeira humildade, afeição, amor, não precisa de ninguém para guiá-lo ou governá-lo.

INTERROGANTE: Senhor, desejo fazer duas perguntas: É possível comunicar a alegria, e é possível termos essa alegria?

KRISHNAMURTI: É possível comunicar a alegria, e é possível termos essa alegria? Podemos ter alegria e comunicá-la a outros?

Antes de mais nada, para se compreender o que é alegria, precisa-se compreender o que é prazer. Já falei há pouco a esse respeito. Quando tendes alegria, porque desejais comunicá-la? Para que fim? Para mostrar que a temos, expressamo-la num livro ou num quadro. Sim, senhor, temos tanta preocupação em "comunicar" quando nada temos para comunicar! Ao homem que está todo entranhado de uma coisa, pouco importa "comunicá-la" ou "não comunicá-la".

INTERROGANTE: Tenho duas perguntas, uma sobre o amor, a outra sobre a meditação. Peço-vos, senhor, explicar o que é aquele amor de que tendes falado? Esta é a pergunta relativa ao amor. A outra é acerca da meditação. A meditação, conforme a definistes hoje, é atenção completa. O que é que se deve rejeitar ou aceitar . . .

KRISHNAMURTI: Senhor, sede breve.

INTERROGANTE: Deixai-me terminar, senhor. Se é essencial o vosso conceito da meditação, por que empregais palavras já usadas por tantos outros?

KRISHNAMURTI: Muito bem, senhor.

Pede-me o interrogante que defina o que é o amor. Sugere também o não emprego da palavra "meditação", porque é uma palavra "carregada" demais. Pois bem, digamos "atenção".

Mas eu não penso que as palavras têm tanta importância, desde que conheçamos o seu significado. Se se retirar o peso, a "carga" que foi posta na palavra "meditação", pode-se então empregar tanto a palavra "meditação" como a palavra "atenção". E, também, nós não damos definições. Um dicionário vos dará definições muito boas de "meditação", "atenção", "amor". É isto o que nos interessa — definir, ter uma fórmula do amor, para depois irmos comparar essa fórmula com o que disse Sankara, Buda, fulano e beltrano. E, no fim, ficareis sabendo o que é amor, tereis então amor? Pode-se saber, dialeticamente ou por meio de explicações, o que é o amor? Senhor, como se pode conhecer o amor? Decerto, não podemos conhecê-lo por meio de nenhum conceito. Até aqui temos repetido, nesta palestra, que não nos interessam conceitos. Os conceitos são meros produtos do pensamento, são pensamentos reunidos em conceitos, fórmulas. O homem que vive segundo fórmulas é um ente humano morto. É isso que está sucedendo neste país. Tendes fórmulas às dúzias — de Sankara, de Buda e sabe Deus de quem mais — e, em que ficastes? Portanto, não queremos falar sobre conceitos. Dissemos que o amor não é prazer, o amor não é desejo, o amor não é ciúme, o amor não é posse ou domínio. Se fordes capaz de eliminar essas coisas, descobrireis o que é o amor. Eliminando-as — corretamente e não à força — descobrireis por vós mesmos o que é benevolência, o que é afabilidade, o que é delicadeza. E, então, talvez venhais a conhecer aquela flor peregrina a que o homem tão ardentemente aspira.

INTERROGANTE: Falastes outro dia sobre o problema das relações. Em frente de duas pessoas de idéias diferentes, que ambas sustentam serem corretas, se temos de transigir com essas, pessoas, não existe um problema de relação com elas?

KRISHNAMURTI: Se se tem de transigir com uma pessoa que "pensa que tem razão", pergunta o interrogante que espécie de

relação devemos ter com essa pessoa. Ora, todo aquele que sustenta que tem sempre razão é evidentemente um neurótico. E qual deve ser a vossa relação com uma pessoa desequilibrada que diz "Eu tenho razão em tudo"?

Senhor, criastes logo um problema, sem terdes examinado a questão relativa aos que dizem "Tenho razão". Ora, senhor, a verdade é uma coisa totalmente diferente do "ter razão". A verdade é impessoal, não tem ligação com nenhuma religião, nenhum grupo, nenhum indivíduo; não pode ser achada em nenhuma igreja, em nenhuma religião organizada. O "certo" e o "errado" são produtos do pensamento. Se se não compreende todo o mecanismo do pensamento, nenhum sentido tem nos sujeitarmos a quem se considera "com razão" — como aqueles que estão prontos a lançar-se ao fogo por causa de nada; esses homens acham que têm "toda a razão" e irão causar devastações e desgraças. Isso naturalmente nada tem que ver com a Verdade. Ser livre significa ser sem medo e, portanto, capaz de investigar, olhar, observar.

INTERROGANTE: Não é necessário um certo esforço para se estar atento?

KRISHNAMURTI: Não se tem de fazer um esforço consciente para se estar atento? Não é necessário um certo esforço para prestarmos atenção ao que estamos fazendo? [1]

Em primeiro lugar, quase todos nós somos educados para fazer coisas que detestamos. A maioria terá de freqüentar um escritório durante os próximos quarenta anos, e ninguém gosta disso. É horrível estar-se perpetuamente condenado a saltar da cama todas as manhãs e correr para o escritório; uma "corrida de ratos" em que se é obrigado a tomar parte. Assim, que fazer? Vede: Uma certa pessoa me diz: "Não faças esforço porque todo esforço é vão". Essa pessoa me explica a natureza do esforço e penso ter apreendido o seu significado. Chega a manhã seguinte e tenho de fazer uma coisa de que não gosto. Que farei? Ou me conformo e trato de fazer a coisa da melhor maneira possível, ou me liberto dessa rotina. Mas não posso libertar-me, porque sou um homem casado, com filhos e res-

---

(1) K. está apenas repetindo a pergunta. (N. do T.)

ponsabilidades; portanto, não há escapar. E por que não posso escapar, que acontece? Sinto-me envelhecido, tenho compaixão de mim mesmo, comparo-me com outro que tem um emprego melhor, passo o tempo a resmungar. Tenho uma perna doente que nenhum médico consegue curar; ei-la! — Ou digo que preciso conformar-me, deixar de queixar-me. Ora, a maneira de me conformar exige atenção. Se me conformo porque compreendo inteiramente a situação, ela deixa de ser um problema para mim. Mas, se sinto ressentimento, se sou incapaz de resolvê-la ou se desejo resolvê-la de maneira vantajosa, nesse caso crio uma multiplicidade de problemas, por meio da autocompaixão, da comparação, da ambição, em várias formas. Mas, se me torno bem cônscio de tudo, sou então capaz de suportar a situação e de transcendê-la.

INTERROGANTE: Senhor, só desejo fazer-vos uma simples pergunta: Que lugar compete ao altruísmo, na definição da vida humana.

KRISHNAMURTI: Que lugar tem o altruísmo na vida? Entendeis por altruísmo "ausência de egoísmo"?

INTERROGANTE: Sim, senhor.

KRISHNAMURTI: Ausência de egoísmo na prática de trabalhos sociais, não é isso, senhor? Que lugar tem essa ausência de egoísmo na vida — não é isso o que quereis saber?

INTERROGANTE: Sim, senhor.

KRISHNAMURTI: Que pensais *vós?* Por que mo perguntais? Se isso se torna um ideal, isto é, que devo ser isento de egoísmo para socorrer a outrem — isso já não é "ser isento de egoísmo". Quando renunciais... melhor, quando prestais serviços sociais, trata-se de uma fuga a vós mesmos. Compreendeis? Porque vos achais num lastimável estado de frustração (dele podeis não estar cônscio), saís a praticar obras sociais, a ajudar o povo. Mas isso irá acarretar males, porque toda reforma exige novas reformas. A revolução total nunca exige reformas. São esses "santos" que bem conhecemos, com suas coisinhas sem importância, suas resoluções e planos — são eles os verdadeiros malfeitores. Já quando há total compreensão do processo da vida, daí, dessa compreensão, vem a mutação. Tal compreensão está

muito acima de todas essas falas de altruísmo, assistência social, etc.

INTERROGANTE: Em toda parte, patrões e empregados acham-se em conflito — tanto nas repartições do governo como nos empreendimentos públicos e particulares. Todos estão submetidos a um terrível conflito.

KRISHNAMURTI: As discórdias entre empregadores e empregados, as divergências que os vêm separando, tornam cada vez piores as relações entre uns e outros.

INTERROGANTE: E existe conflito entre eles. Não há possibilidade de um mútuo entendimento?

KRISHNAMURTI: Senhor, o nacionalismo (não me compete falar sobre tais assuntos) às vezes tem êxito, às vezes não tem. Isso tem sido demonstrado em todas as partes do mundo. Experiências realizaram-se na Rússia, na China e em diferentes partes dos estados sob ditadura totalitária, onde não há greves, onde o Estado é o patrão; e diz-se que a diferença entre o Estado (que é a parte dirigente, composta dos "de cima", dos graudões) e a plebe, é a mesma diferença existente entre empregadores e empregados, havendo uma batalha constante entre ambas as partes. A mesma coisa acontece entre os capitalistas, só que, entre eles, o trabalhador pode adquirir ações de sua companhia e nela ingressar.

Ora, que se depreende de tudo isso? Há trabalho que tem de ser feito. O trabalho vai ser executado, em escala cada vez maior, pela automação. Grandes estabelecimentos fabris poderão ser operados por uma meia dúzia de pessoas. Isso está a vir, e o trabalho (i.e. a classe dos trabalhadores) terá muito pouco que fazer; vós e eu ficaremos inativos, teremos lazeres. E temos aqui o problemas das relações entre homens desocupados, sem função nenhuma. As relações se tornam conflito quando há posição e não há função. Isto é simples. Quando o empregador busca posição, etc., tudo na vida se torna conflito. Assim, o nosso problema não é este que somos incapazes de atender a problemas no âmbito do "imediato", porém, sim — como já disse antes, nestas palestras — que temos de considerá-lo (o problema) no processo total do tempo. O homem vai ter lazer

em abundância, e que irá fazer? Este é que é o problema real, que tendes de enfrentar, ao considerar as relações de empregador e empregado. Os nossos lazeres, decerto, serão explorados pelos organizadores de entretenimentos — a televisão, o rádio, o futebol, ou o sacerdote, o líder fanático, o partido político, etc. A falta de ocupação se torna, pois, um problema importantíssimo. Ides ficar inteiramente entregues a entretenimentos, sempre a ser entretidos, ou ides ingressar num mundo diferente, onde vos tornareis autênticos entes humanos, que não precisam de ser entretidos com espetáculos e pompas? Entendeis? Haverá então relações corretas entre empregador e empregado. Até lá, teremos sempre conflito.

Por hoje, já basta, senhor. Aqui está uma pergunta. Desejais que eu responda a ela, agora, que já são quase dezenove horas?

Este interrogante diz que tem acanhamento em fazer a pergunta oralmente e que por isso a fez por escrito. Ei-la: "Tenho fortes tendências sexuais. Educação, cultura, música, literatura, só puderam modificá-las ligeiramente, mas, essencialmente, elas têm raízes muito profundas. Isso me faz sofrer muito. Que devo fazer?" Está clara a pergunta?

Diz o interrogante que a música, a arte, a literatura, etc., só modificaram ligeiramente o problema central, ou seja o impulso, a compulsão, as exigências do sexo. Eis um problema complicadíssimo, como todos os demais problemas que estão infernando este mundo. Compreendeis? Este problema existe em todo o mundo. Por quê? Parece que de repente os entes humanos descobriram que o sexo é uma coisa maravilhosa, e querem fruí-lo a pleno, e dele fizeram um problema tremendo. Por quê? Examinemos a questão. Não vou dizer-vos o que deveis fazer. Dizê-lo seria completa falta de maturidade, uma infantilidade, e vos induziria a ser também imaturos, pueris. Portanto, examinemos a questão. Para fazê-lo, deveis estar livre, pois só assim podeis *olhar*. Compreendeis? Não podeis ter preconceitos: o sexo é pecado, o sexo deve ser controlado, etc. etc. Para olhar, deveis estar livre de vossos preconceitos e opiniões, não só em relação a este assunto, mas em relação a tudo o mais na vida, em relação aos políticos, aos cientistas, aos vossos

jornais, aos vossos livros sagrados. Para observar e aprender, necessita-se de liberdade.

Ora bem; por que se tornou o sexo um problema? Estais-me escutando, senhor? Estais esperando que eu vô-lo explique? Por que se tornou ele um problema para vós? Vede, em primeiro lugar, que, intelectualmente, estais funcionando dentro de um padrão. Intelectualmente, traçastes uma linha, um limite e, dentro dessa limitação, estais funcionando. Dentro dessa limitação há muito pouco espaço, não é verdade? Não ousais questionar os vossos líderes políticos ou religiosos. Intelectualmente, não duvidais, não dizeis: "Que significa isso que estais afirmando?" — mas os aceitastes (esses líderes) como autoridades; funcionais, intelectualmente, dentro dessa estrutura. Por conseguinte, que sucedeu? Bloqueastes a vós mesmos. Intelectualmente, vos isolastes, vos segregastes, não ousais pensar livremente — o que não significa que haja livre pensamento. Intelectualmente, estais paralisados. Vede o que está acontecendo pelo mundo. Aqui, neste país, a arte, a música, a literatura, estão em franco declínio, porque aceitastes a tradição e só sois capazes de repetir e repetir. Portanto, intelectualmente, vos fizestes pequenos, estreitos. Não tendes nenhuma possibilidade de "descarga" (*release*) [1]. Com a palavra "descarga" não quero dizer "descarga mediante preenchimento", porém, sim: pensar claramente; não ter medo de dizer o que desejais dizer, ainda que a sociedade vos ameace, vos mande para a prisão ou para a fogueira; defender o que pensais. Mas, nada disso fazeis.

Observastes, senhor, certas pessoas, certos santos, Sankaracharya e aqueles homens do Purjab que estão queimando a si próprios por causa de trivialidades? Entretanto, não houve uma só pessoa neste país que se queixasse quando havia guerra entre o Paquistão e vós, embora professásseis o pacifismo, embora professásseis a não violência; nunca protestastes e vos queimastes ou sequer jejuastes.

Intelectualmente, estais mortos. Isto é um fato. Podeis exercer uma certa função, após terdes aprendido uma nova técnica, tornar-vos um excelente administrador, admirável engenheiro;

---

(1) *Releases liberation, discharge, delivery* (libertação, descarga, livramento). (Dic. "Webster Collegiate") (N. do T.)

mas isso não significa estar ativo — é mera repetição. Intelectualmente, detivestes o movimento de vossa mente. E emocionalmente — que está acontecendo? Não sois sensível às árvores, à pobreza, à sordidez, à miséria, não notais, sequer, essas coisas. Não sois sensível à beleza, não parais para olhar as estrelas, tocar numa folha, olhar uma criança de ventre túmido. Sois incapazes de olhar, de sentir, de chorar, ficastes endurecidos. Este é um fato que se observa em todo o mundo, não apenas aqui. E, quando sentis alguma emoção, vos tornais sentimental, vos tornais devoto de um certo quadro ou estátua, correis para o templo se tendes dor de cabeça, vos desfazeis de vossas jóias. E, fisicamente, olhai-vos, vede o que de vós mesmos fizestes. Pelos excessos, no comer e outros prazeres, pela falta de exercício, uma pessoa se torna flácida. balofa. Quando detendes o movimento da mente, quando o sufocais, destruís, e interiormente vos endureceis, vos tornais insensíveis, desrespeitosos, descaridosos, que sucede? Só vos resta uma coisa: o sexo; nada mais. E dele abusais, embora os vossos santos tenham dito: "Não olheis para uma mulher; ela é vossa irmã, vossa mãe, etc." Seguis brincando com o sexo até ele se tornar um problema terrível. Vede isso por vós mesmos. Fareis então alguma coisa, e o sexo deixará de ser um problema. E, também, deveis ter notado que no momento do ato sexual há completa ausência de "vós mesmos" — do EU — e desejais a repetição desse estado em que a mente está livre de suas tribulações e problemas, em que ficais totalmente inconsciente de "vós mesmos". Eis o que o sexo vos dá por um momento; e, passado esse momento, eis-*vos* de volta, com vossas tribulações.

Assim, quando detendes o movimento da vida, quando sufocais a afeição, a bondade, a consideração, o gosto pela natureza, pelas árvores, pelas flores, o pensar claro; quando tudo isso vos falta, resta-vos uma única coisa — como ao camponês que mora numa aldeia. Que tem ele? Não tem a beleza, nada tem senão trabalho e um sol perene que lhe tosta o corpo e consome a alma. Que lhe resta? O sexo; por isso ele gera filhos às dúzias. É seu único prazer — e até este lhe quereis negar com vossos livros sagrados e o exemplo de vossos *sanyasis* — homens superficiais e vazios, fugitivos da vida.

Senhor, renunciar ao mundo é compreender o mundo, e, não, fugir dele. Para o compreenderdes, tendes de *olhar,* tendes de *ver* muito claramente. Quando vedes com clareza, amais. Vós não tendes amor no coração, ainda que discurseis sobre o amor. Não havendo amor no vosso coração, só vos sobra uma coisa — o prazer; e esse prazer é o sexo, que, conseqüentemente, se torna um problema formidável. Para poderdes resolver esse problema, tendes de compreendê-lo. Compreendendo-o, começareis a libertar a vossa mente. Não tenhais medo, pois sois entes humanos e não um rebanho, que vai para onde é tocado. Com essa liberdade, todas as coisas se revestem de beleza e nada se converte em problema.

25 de dezembro de 1966.